



# Dinâmica Demográfica do Nordeste

Relatório de Pesquisa

Morvan de Mello Moreira – Coordenador

Wilson Fusco – Cooordenador

Recife  
2015

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- ABEP – Associação Brasileira de Estudos Populacionais
- BNB – Banco do Nordeste do Brasil
- ETENE – Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste
- $e_0^0$  – Esperança de vida ao nascer
- $e_x$  – Esperança de vida à idade x
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IE – Índice de Envelhecimento
- OMS – Organização Mundial de Saúde
- ONU – Organização das Nações Unidas
- PIB – Produto Interno Bruto
- PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
- PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
- PPGDEM – Programa de Pós-graduação em Demografia
- REN – Revista Econômica do Nordeste
- RIPSA – Rede Interagencial de Informação para a Saúde
- RS – Razão de sexo
- SIDRA – Sistema IBGE de Recuperação Automática
- SIM – Sistema de Informações sobre Mortalidade
- SINASC – Sistema de Informações Sobre Nascidos Vivos
- SLM – Saldo Líquido Migratório
- SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
- TBM – Taxa Bruta de Mortalidade
- TBN – Taxa Bruta de Natalidade
- TC – Taxa de Crescimento
- TEF – Taxa Específica de Fecundidade
- TEM – Taxa Específica de Mortalidade
- TFT – Taxa de Fecundidade Total
- TLM – Taxa Líquida de Migração
- TMI – Taxa de Mortalidade Infantil
- UN – United Nations – (ONU)

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Brasil e Região Nordeste – População, proporção da população do Nordeste e taxa média de crescimento anual (em percentagem) – 1950/2010.....	13
Tabela 2 – Região Nordeste e Unidades da Federação – População Total – 1970/2010 .....	15
Tabela 3 – Estados do Nordeste – Taxa média de crescimento anual da população (em percentagem) – 1970/2010 .....	17
Tabela 4 – Brasil e Nordeste – População segundo situação do domicílio e grau de urbanização – 1970/2010.....	20
Tabela 5 – Região Nordeste – Cidades e população segundo tamanhos de cidades – 1970/2010.	23
Tabela 6 – Região Nordeste – Cidades e população segundo tamanhos de cidades – 2000-2010.	24
Tabela 7 – Região Nordeste – População das Regiões Metropolitanas e Capitais – 2000-2010 .....	27
Tabela 8 – Nordeste – População por sexo e grupos de idades – 1970/2010.....	29
Tabela 9 – Nordeste – Razão de sexo segundo grupos de idades – 1970/2010.....	32
Tabela 10 – Nordeste – População por sexo segundo grupos de idades (em percentagem) – 1970/2010.....	33
Tabela 11 – Nordeste – População e proporção dos grandes grupos etários segundo situação do domicílio – 1970/2010 .....	36
Tabela 12 – Nordeste – População urbana por sexo e grupos de idades – 1970/2010.....	38
Tabela 13 – Nordeste – População rural por sexo e grupos de idades – 1970/2010 .....	39
Tabela 14 – Nordeste – Razão de sexo por grupos de idade segundo situação de domicílio – 1970/2010.....	41
Tabela 15 – Nordeste – População urbana por sexo segundo grupos de idades (em percentagem) – 1970/2010 .....	44
Tabela 16 – Nordeste – População rural por sexo segundo grupos de idades (em percentagem) – 1970/2010.....	45
Tabela 17 – Nordeste – Índice de envelhecimento segundo situação do domicílio e sexo – 1970/2010.....	50
Tabela 18 – Brasil e Regiões – Taxa de Fecundidade Total – 1970/2010 .....	53
Tabela 19 – Nordeste – Taxas específicas de fecundidade segundo grupos de idades – 1970/2010 .....	54
Tabela 20 – Brasil e Regiões – Taxa de fecundidade total por situação do domicílio – 1970/2010	57
Tabela 21 – Nordeste – Taxas específicas de fecundidade por situação do domicílio segundo grupos de idade – 1970 e 2010.....	59
Tabela 22 – Nordeste e Unidades da Federação – Taxa de Fecundidade Total – 1970/2010 .....	63
Tabela 23 – Nordeste – Unidades da Federação – Taxa de fecundidade total segundo situação do domicílio – 1970/2010 .....	65
Tabela 24 – Brasil e Regiões – Esperança de vida aos nascer – 1980/2010.....	68
Tabela 25 – Brasil e regiões – Taxa de mortalidade infantil – 1970/2010 .....	69
Tabela 26 – Brasil e Regiões – Esperança de vida aos nascer segundo sexo – 1980/2010.....	70

Tabela 27 – Nordeste- Probabilidades de morte entre idades sucessivas (em mil) – 1980/2010...	71
Tabela 28 – Nordeste – Probabilidades de morte entre idades sucessivas por sexo (em mil) – 1980/2010.....	74
Tabela 29 – Nordeste – Esperança de vida aos nascer segundo unidades da federação – 1980/2010.....	76
Tabela 30 – Nordeste – Taxa de mortalidade infantil segundo unidades da federação – 1980/2010.....	81
Tabela 31 – Maranhão – Probabilidades de morte entre idades sucessivas por sexo (em mil) – 1980/2010.....	85
Tabela 32 – Piauí – Probabilidades de morte entre idades sucessivas por sexo (em mil) – 1980/2010.....	86
Tabela 33 – Ceará – Probabilidades de morte entre idades sucessivas por sexo (em mil) – 1980/2010.....	86
Tabela 34 – Rio Grande do Norte – Probabilidades de morte entre idades sucessivas por sexo (em mil) – 1980/2010.....	87
Tabela 35 – Paraíba – Probabilidades de morte entre idades sucessivas por sexo (em mil) – 1980/2010.....	88
Tabela 36 – Pernambuco – Probabilidades de morte entre idades sucessivas por sexo (em mil) – 1980/2010.....	89
Tabela 37 – Alagoas – Probabilidades de morte entre idades sucessivas por sexo (em mil) – 1980/2010.....	90
Tabela 38 – Sergipe – Probabilidades de morte entre idades sucessivas por sexo (em mil) – 1980/2010.....	91
Tabela 39 – Bahia – Probabilidades de morte entre idades sucessivas por sexo (em mil) – 1980/2010.....	91
Tabela 40 – Brasil – Distribuição absoluta e percentual de pessoas nascidas no Brasil com residência fora de sua Região de nascimento em relação ao total de naturais da respectiva Região, segundo Região de nascimento e ano do censo – 1970/2000. ....	95
Tabela 41- Brasil – Distribuição absoluta e percentual de pessoas nascidas na Região Nordeste em relação à população da Região de residência, segundo a Região de residência e ano do censo – 1970/2010.....	97
Tabela 42- Brasil – Distribuição percentual de pessoas nascidas na Região Nordeste segundo região de residência, por ano do censo – 1970/2010.....	98
Tabela 43 – Nordeste – Distribuição absoluta e percentual de imigrantes e emigrantes inter-regionais de última etapa nascidos no Nordeste e as respectivas diferenças entre imigrantes e emigrantes, segundo UF de referência e ano do censo – 1991/2010. ....	100
Tabela 44 – Brasil exceto Nordeste – Distribuição absoluta e percentual de migrantes de última etapa nascidos no Nordeste e residentes em outra Região, segundo região de residência e ano do censo – 1991/2010.....	101
Tabela 45 – Nordeste – Distribuição absoluta e percentual de imigrantes e emigrantes intrarregionais de última etapa nascidos no Nordeste e as respectivas diferenças entre imigrantes e emigrantes, segundo UF de referência e ano do censo – 1991/2010. ....	103
Tabela 46 – Nordeste – Indicadores selecionados – 2015-2030.....	105

Tabela 47 – Brasil e Regiões – População projetada – 2015-2030 .....	107
Tabela 48 – Nordeste – População projetada por sexo segundo grupos de idades – 2015-2030.	109
Tabela 49 – Nordeste – População em idade escolar – 2015-2030 .....	112
Tabela 50 – Nordeste e Unidades da Federação – População projetada – 2015-2030 .....	114
Tabela 51 – Nordeste e Unidades da Federação – População em idade escolar segundo grupos de idades – 2015-2030 .....	115
Tabela 52 – Maranhão – População por sexo segundo grupos de idades – 1970/2010 .....	138
Tabela 53 – Piauí – População por sexo segundo grupos de idades – 1970/2010 .....	139
. Tabela 54 – Ceará – População por sexo segundo grupos de idades – 1970/2010.....	139
Tabela 55 – Rio Grande do Norte – População por sexo segundo grupos de idades – 1970/2010	140
Tabela 56 – Paraíba – População por sexo segundo grupos de idades – 1970/2010.....	140
Tabela 57 – Pernambuco – População por sexo segundo grupos de idades – 1970/2010.....	141
Tabela 58 – Alagoas – População por sexo segundo grupos de idades – 1970/2010.....	141
Tabela 59 – Sergipe – População por sexo segundo grupos de idades – 1970/2010 .....	142
Tabela 60 – Bahia – População por sexo segundo grupos de idades – 1970/2010 .....	142
Tabela 61 – Nordeste e Unidades da Federação – Esperança de vida ao nascer por sexo implícitos na projeção da população – 2015-2030.....	148
Tabela 62 – Maranhão – Indicadores selecionados – 2015-2030.....	149
Tabela 63 – Piauí – Indicadores selecionados – 2015-2030.....	149
Tabela 64 – Ceará – Indicadores selecionados – 2015-2030 .....	150
Tabela 65 – Rio Grande do Norte – Indicadores selecionados – 2015-2030 .....	150
Tabela 66 – Paraíba – Indicadores selecionados – 2015-2030 .....	151
Tabela 67 – Pernambuco – Indicadores selecionados – 2015-2030 .....	151
Tabela 68 – Alagoas – Indicadores selecionados – 2015-2030 .....	152
Tabela 69 – Sergipe – Indicadores selecionados – 2015-2030.....	152
Tabela 70 – Bahia – Indicadores selecionados – 2015-2030.....	153
Tabela 71 – Nordeste – Projeção da população por sexo e grupos de idade, em 1º de julho – 2015-2030.....	155
Tabela 72 – Maranhão – Projeção da população por sexo e grupos de idade, em 1º de julho – 2015-2030 .....	156
Tabela 73 – Piauí – Projeção da população por sexo e grupos de idade, em 1º de julho – 2015-2030.....	157
Tabela 74 – Ceará – Projeção da população por sexo e grupos de idade, em 1º de julho – 2015-2030.....	158
Tabela 75 – Rio Grande do Norte – Projeção da população por sexo e grupos de idade, em 1º de julho – 2015-2030 .....	159
Tabela 76 – Paraíba – Projeção da população por sexo e grupos de idade, em 1º de julho – 2015-2030.....	160

Tabela 77 – Pernambuco – Projeção da população por sexo e grupos de idade, em 1º de julho – 2015-2030 .....	161
Tabela 78 – Alagoas – Projeção da população por sexo e grupos de idade, em 1º de julho – 2015-2030.....	162
Tabela 79 – Sergipe – Projeção da população por sexo e grupos de idade, em 1º de julho – 2015-2030.....	163
Tabela 80 – Bahia – Projeção da população por sexo e grupos de idade, em 1º de julho – 2015-2030.....	164

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Nordeste – Posição dos estados segundo as taxas de crescimento decenal da população – 1970/2010 .....	18
Gráfico 2 – Nordeste – Variação populacional absoluta e do peso populacional segundo tamanho de cidades – 2000-2010 .....	25
Gráfico 3 – Nordeste – População por sexo e grupos de idades – 1980 e 2010.....	30
Gráfico 4 –Nordeste – Pirâmide de Idades – 1970/2010.....	34
Gráfico 5 – Nordeste – Razão de sexo por grupos de idade segundo situação de domicílio – 1970/2010.....	42
Gráfico 6 – População Urbana do Nordeste – Pirâmide de Idades – 1970/2010 .....	46
Gráfico 7 – População Rural do Nordeste – Pirâmide de Idades – 1970/2010.....	47
Gráfico 8 – Nordeste – Distribuição Etária da População Urbana e Rural – 1970 e 2010 .....	48
Gráfico 9 – Índice de envelhecimento segundo situação do domicílio e sexo – 1970/2010.....	51
Gráfico 10 – Nordeste – Taxas Específicas de Fecundidade segundo Grupos de Idades – 1980/2010 .....	55
Gráfico 11 – Nordeste – Distribuição relativa (em percentagem) das Taxas Específicas de Fecundidade por Grupos de idades– 1980/2010.....	56
Gráfico 12 – Nordeste – Taxas específicas de fecundidade por situação do domicílio segundo grupos de idade (em percentagem)– 1970 e 2000-2010.....	61
Gráfico 13 – Nordeste – Unidades da Federação – Taxa de fecundidade total– 1970/2010 .....	64
Gráfico 14 – Nordeste – Logaritmos das probabilidades de morte – 1980/2010.....	73
Gráfico 15 – Nordeste – Diferenciais de probabilidades de morte entre idades sucessivas por sexo – 1980/2010 .....	75
Gráfico 16 – Nordeste – Unidades da Federação – Posição dos estados segundo os níveis de esperança de vida ao nascer – 1980/2010.....	79
Gráfico 17 – Nordeste – Taxa de mortalidade infantil segundo unidades da federação – 1980/2010 .....	82
Gráfico 18 – Nordeste – Trajetória da taxa de mortalidade infantil das unidades da federação de mortalidade infantil muito alta e de mortalidade alta – 1980-1991 e 2000-2010 .....	83
Gráfico 19 – Nordeste – Unidades da Federação – Diferenciais por sexo de probabilidades de morte entre idades sucessivas – 1980 e 2010 .....	92
Gráfico 20 – Nordeste – Pirâmide de idades – 2015-2030 .....	108
Gráfico 21 – Nordeste – Taxas de dependência e Índice de envelhecimento – 2015-2030.....	111
Gráfico 22 – Maranhão e Piauí – População em idade escolar segundo grupos de idades – 2000/2030.....	116
Gráfico 23 – Ceará e Rio Grande do Norte – População em idade escolar segundo grupos de idades – 2000/2030.....	117
Gráfico 24- Paraíba e Pernambuco – População em idade escolar segundo grupos de idades – 2000/2030.....	118

Gráfico 25 – Alagoas e Sergipe – População em idade escolar segundo grupos de idades – 2000/2030.....	119
Gráfico 26 – Bahia e Nordeste – População em idade escolar segundo grupos de idades – 2000/2030.....	120
Gráfico 27 – Maranhão – Pirâmide de Idades – 1970 e 2010.....	143
Gráfico 28 – Piauí – Pirâmide de Idades – 1970 e 2010.....	143
Gráfico 29 – Ceará – Pirâmide de Idades – 1970 e 2010.....	144
Gráfico 30 – Rio Grande do Norte – Pirâmide de Idades – 1970 e 2010.....	144
Gráfico 31 – Paraíba – Pirâmide de Idades – 1970 e 2010.....	145
Gráfico 32 – Pernambuco – Pirâmide de Idades – 1970 e 2010.....	145
Gráfico 33 – Alagoas – Pirâmide de Idades – 1970 e 2010.....	146
Gráfico 34 – Sergipe – Pirâmide de Idades – 1970 e 2010.....	146
Gráfico 35 – Bahia – Pirâmide de Idades – 1970 e 2010.....	147
Gráfico 36 – Evolução da população do Nordeste e unidades da federação – 2015/20130 – e taxas médias de crescimento populacional anual (em percentagem) – 2015/2020-2025/2030.....	154
Gráfico 37 –Nordeste – Pirâmide de Idades – 2015-2030.....	165
Gráfico 38 –Maranhão – Pirâmide de Idades – 2015-2030.....	166
Gráfico 39 – Piauí – Pirâmide de Idades – 2015-2030.....	167
Gráfico 40 – Ceará – Pirâmide de Idades – 2015-2030.....	168
Gráfico 41 – Rio Grande do Norte – Pirâmide de Idades – 2015-2030.....	169
Gráfico 42 – Paraíba – Pirâmide de Idades – 2015-2030.....	170
Gráfico 43 – Pernambuco – Pirâmide de Idades – 2015-2030.....	171
Gráfico 44 – Alagoas – Pirâmide de Idades – 2015-2030.....	172
Gráfico 45 – Sergipe – Pirâmide de Idades – 2015-2030.....	173
Gráfico 46 – Bahia – Pirâmide de Idades – 2015-2030.....	174

## SUMÁRIO

Lista de Siglas e Abreviaturas .....	i
Lista de Tabelas .....	ii
Lista de Gráficos .....	vi
Sumário .....	viii
Introdução .....	1
Breve Revisão da Literatura .....	5
A População do Nordeste no Contexto Nacional .....	12
A Evolução da População Nordestina – 1970-2010 .....	14
População das unidades da federação .....	14
População urbana e rural .....	19
Tamanho das cidades .....	22
Regiões Metropolitanas .....	25
Composição por idade e sexo .....	27
População por idade e sexo .....	27
Razão de sexo .....	31
Pirâmide de idades .....	33
Grupos etários especiais .....	36
População urbana e rural por idade e sexo .....	37
Razão de sexo urbana e rural .....	40
Pirâmide de idades urbana e rural .....	43
Envelhecimento populacional .....	49
Componentes demográficas .....	52
Fecundidade .....	52
Níveis e padrões da fecundidade .....	52
Fecundidade urbana e rural .....	57
Fecundidade urbana e rural por grupos de idades .....	59
Fecundidade nas unidades da federação .....	62
Fecundidade urbana e rural nas unidades da federação .....	64
Mortalidade .....	66
Níveis de mortalidade .....	67
Mortalidade infantil .....	69
Mortalidade por sexo e idades .....	70
Mortalidade nas unidades da federação .....	76
Mortalidade infantil nas unidades da federação .....	80
Mortalidade por sexo e idades nas unidades da federação .....	84

Migrações internas no Nordeste .....	93
Brasileiros fora de sua região de nascimento .....	94
Nordestinos pelo Brasil .....	96
Nordestinos em movimento.....	98
Em seu próprio território .....	102
Síntese dos movimentos migratórios.....	104
A Evolução da População Nordestina – 2015-2030 .....	105
Indicadores selecionados .....	105
População projetada .....	106
População em idade escolar.....	111
Populações projetadas por estados .....	113
Síntese e conclusões.....	122
Bibliografia Citada e Consultada .....	124
Anexo 1 – Definições e Conceitos .....	135
Anexo 2- Dados por Estados.....	138

## Introdução

A Região Nordeste tem vivenciado significativas mudanças no seu processo de desenvolvimento nas últimas décadas, experimentando profundas transformações econômicas, sociais e demográficas.

A região vem apresentando taxas de crescimento do Produto Interno Bruto – PIB – maiores do que a média nacional desde os anos de 1960, sendo que nos anos mais recentes – 2000-2009 – o PIB nordestino, a preços correntes, aumentou em 12,1% ao ano, enquanto o crescimento médio nacional foi da ordem de 11,2%. Como resultado deste diferencial de crescimento, a participação da região no PIB nacional expandiu-se de 12,4% para 13,6% neste período. Em termos de composição setorial, em 2009 a atividade de serviços respondeu por 68,9% do valor adicionado, crescendo em 2,1 pontos percentuais em relação a 2002. No período, a participação da indústria recuou de 24,5 para 23,7%, sendo a diminuição no peso da agropecuária mais alta do que a observada na indústria, uma vez que sua participação na composição do valor agregado passa de 8,8%, em 2002, para 7,4% em 2009. Neste intervalo de tempo, uma fração significativa da variação da participação dos serviços no valor agregado regional decorreu de aumentos observados no segmento ‘administração, saúde e educação pública e seguridade social’, qual seja, como resultado de uma forte presença de políticas públicas.<sup>1</sup>

As transformações recentes na região decorrem da conjugação de investimentos públicos e privados de grande porte, aos quais se somam programas de transferência de renda e aumento real do salário-mínimo, impactando de modo favorável o mercado de trabalho regional e o consumo das classes de menor poder aquisitivo, emprestando maior dinamismo à economia regional.

Entretanto, o Nordeste configura-se como o lócus da pobreza nacional, mesmo vivenciando um período de significativo crescimento. Isto porque 59,1% dos pobres brasileiros (9,6 milhões dos 16,3 milhões de brasileiros em situação de extrema pobreza) se localizam na região. Tal dimensão da pobreza regional se deve à sua expressividade no meio rural, onde pelo menos um em cada três residentes

---

<sup>1</sup> Vide, IBGE. <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/acervo/acervo1.asp?e=v&t=7&p=10&z=t&o=3>. Em 2009 o PIB nordestino a preços correntes somou 437,7 bilhões de reais e o PIB brasileiro 3,239 trilhões de reais.

encontra-se na condição de extrema pobreza, correspondendo a pobreza rural nordestina a 2/3 da pobreza rural brasileira.<sup>2</sup>

Visto do ponto de vista das componentes demográficas, a pobreza relativa da região muito contribui, por exemplo, para os persistentes fluxos emigratórios observados. Estas perdas populacionais permanecem, mesmo que nos períodos mais recentes se tenha observado uma drástica redução no movimento de saída dos nordestinos e uma forte corrente de migrantes de retorno, movimento esse associado à redução das oportunidades de emprego no sudeste brasileiro e sua expansão no Nordeste.

Da mesma forma, a pobreza, e as condições de vida a ela associadas, explica uma grande parte dos altos níveis de mortalidade vigentes no Nordeste. Ainda assim, no conjunto, a população nordestina continua a beneficiar-se de quedas do nível geral de mortalidade, para as quais as reduções nos níveis da mortalidade infantil têm importância maior, movimento este que, por outro lado, no agregado, é parcialmente compensado pelos altos níveis de mortalidade jovem masculina resultantes das mortes violentas.

Se a alta proporção de pobreza contribuía para a manutenção dos elevados níveis de fecundidade regional no passado recente, atualmente o que se observa é que, independente da persistência da pobreza relativa, os níveis de reprodução regional já transitaram para abaixo do nível de reposição. Esta mudança nos níveis da fecundidade confere à população regional uma nova trajetória futura, em razão de agora em diante a reprodução demográfica passar a ocorrer em números inferiores ao necessário para garantir, pelo menos, a estabilidade numérica e, em sendo a mesma o inferior à reposição, o volume demográfico regional experimentará, no futuro imediato, a atenuação de seu crescimento e, no futuro próximo, redução absoluta no tamanho da população; qual seja, taxas de crescimento negativas.

A convergência dos movimentos migratório e reprodutivo determina uma redução na taxa de crescimento da população regional que passa de uma média de 1,3% ao ano no intervalo 1991/2000, para 1,1% ao ano entre 2000 e 2010. Em sendo a taxa de crescimento populacional menor do que aquela experimentada pelo

---

<sup>2</sup> Vide MOREIRA; FUSCO, 2012.

restante do país (1,2% ao ano), a consequência é que a região perde expressão no cenário nacional, declinando a participação da população nordestina no total da população brasileira de 30,3%, em 1970, para 27,8% em 2010.

Quase uma quinta parte do território brasileiro é constituído pela região Nordeste. Com seus 1.554.291,607 Km<sup>2</sup>, representando 18,25% do território nacional, constitui-se na terceira maior região brasileira, sendo menor que a região Centro-Oeste, com 1.606.403,506 Km<sup>2</sup>, correspondendo a 18,86% do espaço brasileiro. Também é menor que a região Norte, que, com 3.853.676,948 Km<sup>2</sup>, ocupa 45,25% do mapa do Brasil. Dados de 2010 mostram que se a região Nordeste é menor que o Centro-Oeste e Norte em termos espaciais, em população as supera. Posicionando-se como segunda maior população de todo o país com seus 53.081.950 habitantes, representando 27,8% do contingente nacional, só tem população menor do que a região Sudeste com 80.364.410 habitantes, correspondendo a 42,1% da população brasileira de 190.755.799 habitantes. Na relação entre o número de habitantes e a área mensurada em quilômetros quadrados, a região Nordeste supera a Norte e Centro-Oeste, apresentando, em 2010, uma densidade demográfica de 34,15 hab./km<sup>2</sup>, inferior à região Sul com seus 48,58 hab./km<sup>2</sup> e ao Sudeste que atinge a 86,92 hab./km<sup>2</sup>.

Da mesma forma em que a região Nordeste se coloca em posição superior às regiões Norte e Centro-Oeste em termos de população e densidade demográfica, também assim se coloca em termos do valor do Produto Interno Bruto. Com PIB a preços de mercado da ordem de 507.502 milhões de reais, em 2010, contribui com 13,5% do PIB brasileiro, três pontos percentuais a menos do que a região Sul e 42 pontos percentuais abaixo da região Sudeste. Medido em termos de PIB per capita, a região Nordeste é a mais pobre do país e todos os seus nove estados ocupam as posições inferiores do *rank* nacional.

A região Nordeste, nos últimos 40 anos experimentou profundas modificações de sua população em número, composição e distribuição em consonância com as mudanças em suas componentes demográficas.

Entre o Censo Demográfico de 1970 e o de 2010, em termos numéricos, a população nordestina ampliou em 24,4 milhões de pessoas, praticamente duplicando no período, ao passar de 28,7 para 53,1 milhões. Nesse intervalo a taxa média de crescimento populacional foi da ordem de 1,54% ao ano, taxa essa menor

do que aquela observada pela população brasileira como um todo, de 1,76% ao ano. Como resultado, ocorreu uma diminuição da importância relativa da população nordestina no cenário brasileiro. O peso da população regional, que em 1970 correspondia a 30,3% da população nacional, passou para 27,8% em 2010.

Com uma relação entre 95-96 homens para cada 100 mulheres, a região apresentou uma composição por sexo relativamente estável entre 1970 e 2010. Significativa foi a variação que ocorreu na composição por idade. A população nordestina, no ano de 1970, tinha 45,3% de seus habitantes com menos de 15 anos de idade e apenas 3,1% com 65 anos e mais. Com tal composição caracterizava-se como uma população tipicamente jovem. Em 2010, a fração de população dos menores de 15 anos reduziu-se para 26,6% enquanto a parcela da população idosa aumentava para 7,6%. A região perde a feição de população jovem e assume a feição de região em franco processo de envelhecimento populacional.

No que concerne à localização espacial da população nordestina, a importância relativa do contingente populacional de cada estado praticamente não sofreu mudanças de monta entre 1970 e 2010, a não ser com a ascensão de posição do Rio Grande do Norte e Alagoas, em 2010, que ultrapassaram o Piauí em termos do tamanho da sua população. A maior transformação na distribuição espacial da população nordestina se deu com a crescente concentração da mesma em áreas urbanas, experimentando a região um forte processo de urbanização. Isto posto pelo fato de, em 1970, menos da metade da população nordestina residir em áreas definidas como urbanas (41,8%) e, nos anos de 2010, esse percentual subir para quase três quartos (73,1%). Tal movimento representou um acréscimo de 27 milhões de pessoas em áreas definidas como urbanas, em razão de crescimento próprio, como também em função do decréscimo de população rural de 2,5 milhões, com transferência de parcela da mesma para áreas urbanas.

Todos esses movimentos de variação numérica, composição por sexo e idade e distribuição espacial estão intimamente ligados às transformações nas denominadas componentes da dinâmica demográfica: fecundidade, mortalidade e migração, em um movimento imbricado de causas e efeitos.

A redução dos níveis de fecundidade regional é notória, tendo em conta os seus níveis iniciais e atuais. Tomando 1970 como ponto de partida para comparação, a fecundidade da mulher nordestina atingia 7,6 filhos por mulher de 15 a 49 anos de idade; em 2010, o número médio de nascimentos por mulher entre os

15 e 49 anos de idade desabou para 2,1 filhos por mulher. Essa expressiva queda dos níveis da fecundidade nordestina no intervalo de 40 anos fez com que a região passasse da condição de níveis de fecundidade extremamente altos para níveis nos quais não há crescimento de médio e longo prazo na população. Qual seja, o crescimento potencial resultante deste nível de fecundidade é nulo, porquanto os nascimentos gerados pelas mulheres nordestinas permitem apenas que a população seja reposta a cada momento do tempo e, eventualmente, em uma situação em que decline para abaixo desse nível, redução absoluta de população em futuro próximo.

Em relação aos níveis de mortalidade também foram bastante expressivas as reduções na mortalidade quando mensurados pelos ganhos de anos de vida experimentados pela população regional. Assim, em 1970, o número médio de anos que um recém-nascido nordestino esperava viver atingia 45,5 anos, ampliando-se para 71,6 anos em 2010, o maior ganho observado no país no período. A dimensão da queda observada na mortalidade nordestina pode ser aquilatada pelo fato de que os níveis de mortalidade que a região experimentava em 1970 eram aqueles da região Sul antes de 1940, e que os observados em 2010 foram aqueles vivenciados no Sul há menos de 10 anos.

Quanto à terceira componente da dinâmica migratória, a migração, sempre foi característica da região a supremacia da perda de população pela emigração – saída de população, sobre os ganhos advindos da imigração – entrada de população. Nos anos 2000, o que se observou foi uma redução dos fluxos de saída de população nordestina e também uma diminuição das entradas, e um aumento relativo do retorno de nordestinos no volume total dos que adentram a região.

### **Breve Revisão da Literatura**

Análises da dinâmica demográfica da população nordestina, e mesmo da população brasileira como um todo, tomando no agregado todas as suas componentes – fecundidade, mortalidade e migração – são relativamente escassas e realizadas quase sempre quando da publicação dos censos demográficos decenais. Ainda assim, constituem a maior preocupação dos estudos demográficos realizados fora do ambiente acadêmico, por se tratarem de dados de interesse de gestores e formuladores de políticas públicas.

Observe-se, inicialmente, que referências aos estudos demográficos aqui feitas restringem-se àqueles que têm como objeto de análise a região, não sendo considerados documentos em nível de estados ou unidades menores. Esses últimos são muito mais numerosos do que os que têm a região como um todo como objeto de estudo, por serem realizados pelas instituições estaduais nas quais a temática da população faz parte de suas ações.

Tendo em conta tal observação, pode-se considerar que a produção sobre a dinâmica populacional nordestina só começa, de fato, a ocorrer nos anos de 1970. Isto porque os resultados do Censo Demográfico de 1960 demoraram a ser publicados e os pesquisadores não encontraram dados e confiança suficiente naqueles dados disponíveis para análises mais desagregadas. Ademais, o censo de 1960 não apresentava quesitos, que posteriormente seriam incluídos nos recenseamentos, que permitissem estimativas dos níveis de fecundidade e mortalidade, ainda que se reconhecesse que o Nordeste era o espaço dos maiores níveis de mortalidade e fecundidade no país e se observasse e projetasse um amplo crescimento demográfico para o país e a região. Nessa “fase heroica”, caracterizada pela precariedade dos dados disponíveis e a elaboração dos trabalhos com base em “especulações sobre o comportamento das componentes fundamentais do processo demográfico” (MOURA, 1970), pode-se considerar que os estudos continham grande dose especulativa, assentados sobre tendências mostradas nos censos anteriores e baseados em suposições centradas no conhecimento das condições regionais e de experiências similares.<sup>3</sup> Assim, em verdade, os primeiros trabalhos demográficos levados a público de uma forma mais ampla só ocorrem a partir de 1970, a exemplo de MOURA (1970), em razão da instituição da Revista Econômica do Nordeste – REN, editada pelo Banco do Nordeste – BNB, porquanto a maioria daqueles trabalhos até então realizados circulavam de forma restrita no ambiente do Banco do Nordeste do Brasil – BBN, por meio do Escritório Técnico de Estudos Econômicos

---

<sup>3</sup> O primeiro trabalho, no primeiro número da Revista Econômica (vide nota de rodapé a seguir) é de autoria de Hélio Moura (1969), versando sobre o Consumo Alimentar Urbano no Nordeste, no qual sete páginas discorrem sobre a demografia urbana nordestina, nas quais ficam explícitas as condições que delineiam as análises sobre o comportamento demográfico nos trabalhos dessa “fase heroica”.

do Nordeste – ETENE e da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE.<sup>4</sup>

A quase totalidade da produção demográfica publicada sobre o Nordeste só é divulgada a partir de 1970 e a maior fração das publicações iniciais referem-se a uma visão global das transformações observadas na região, com a análise da evolução, composição e distribuição espacial da população nordestina (volume, taxa de crescimento, distribuição espacial e situação de domicílio). As componentes demográficas – fecundidade, mortalidade e migração – não eram temas de pesquisas em si mesmo, para o que muito contribuíam a carência de pesquisadores com a requerida formação e a precariedade das bases de dados que, em sua essência, restringiam-se aos censos demográficos decenais.

Com a divulgação dos resultados do Censo Demográfico de 1970, inicia-se um período de intensa análise da dinâmica populacional nordestina, inclusive em nível dos estados. O trabalho seminal é aquele de MOURA (1971b) sintetizando trabalho de igual natureza realizado para as nove unidades federativas do Nordeste, mas restrito aos resultados da Sinopse Preliminar do Censo Demográfico de 1970, o que não permitiu que fossem analisadas as componentes demográficas. Uma análise mais detalhada da composição e da estrutura da população ocorre por ocasião da disseminação das Tabulações Especiais do Censo Demográfico de 1970. Por sua vez, as estimativas dos níveis da fecundidade e da mortalidade nordestina só ocorreriam a partir da publicação do trabalho pioneiro de RIEDEL (1972), disponíveis apenas para a região como um todo, porquanto ainda não tinham sido publicados os dados necessários por unidades da federação. Da mesma forma, as estimativas dos movimentos migratórios são objeto do inicial trabalho de MOURA (1972) e que prossegue como o tema de sua maior predileção e publicação nos anos seguintes: MOURA (1975, 1979); MOURA, HOLDER, SAMPAIO, (1975a, 1975b); MOURA, COELHO (1975).

---

<sup>4</sup> A Revista Econômica, que mais tarde se transformaria na Revista Econômica do Nordeste – REN foi lançada em 1969 e na ocasião o presidente do Banco do Nordeste, Rubens Vaz da Costa, assim a apresentava: *“O Banco do Nordeste do Brasil tem a satisfação de oferecer ao público brasileiro a sua REVISTA ECONÔMICA, periódico de circulação trimestral, que tratará de questões pertinentes ao desenvolvimento econômico. Trata-se de uma publicação de natureza eclética, destinada a divulgar, com oportunidade e para um público variado, estudos de diagnóstico da economia regional elaborados pelo ETENE, outros Departamentos do Banco e por órgãos de planejamento e pesquisa da Região. ... Ao decidir-se pela publicação da REVISTA ECONÔMICA, o Banco do Nordeste, a par dos propósitos mencionados, pretende também oferecer, a quantos se preocupam com os problemas regionais, um veículo de divulgação de suas ideias, aspirações e anseios em prol do desenvolvimento do Nordeste”*.

Ao final dos anos de 1970, MOURA (1978) publica um conjunto de trabalhos apresentados no I Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Campos do Jordão, em uma sessão intitulada: “A Dinâmica Populacional do Nordeste”, voltado para “debater no I Encontro Nacional de Estudos Populacionais o Nordeste atual e suas perspectivas, sob a ótica de nosso interesse científico mais imediato – o estudo da população” (p. 476).

Neste período, os mais significativos estudos, para não dizer a quase totalidade das análises realizadas sobre a região, tiveram origem entre os pesquisadores da SUDENE e do BNB/ETENE, porquanto eram estas duas instituições de recorte regional que contavam em seus quadros pesquisadores com a formação compatível com os estudos realizados e que tinham na temática dos estudos populacionais o seu foco. Dessa forma, fica claro que é a dinâmica desses pesquisadores que determina a vitalidade das pesquisas institucionais nessa década.

Nos anos de 1980, mesmo que ainda não tão numerosas, as análises de cunho demográfico ampliaram-se notavelmente, tanto pela qualidade dos resultados do censo de 1980 como pela sua mais rápida divulgação. Apesar de apresentar um notável incremento na produção e que até o final do decênio estejam disponíveis análises da dinâmica demográfica nordestina em si mesma, tal disponibilidade estava muito restrita ao agrupamento de demógrafos na Fundação Joaquim Nabuco-Fundaj, capitaneados pelo Dr. Hélio Moura, que, ao deixar o ETENE fora convidado a ingressar no corpo de servidores da Fundaj com a missão de ali constituir um grupo de pesquisadores na temática dos estudos populacionais. Em consequência do início das atividades desse pequeno grupo de pesquisadores com capacitação formal na área de demografia, o locus da produção demográfica transfere-se da SUDENE e do BNB para esse novo espaço. Nele, os estudos que eram realizados por parte desses novos participantes atendendo às necessidades estaduais, pela feição da Fundação Joaquim Nabuco, como órgão federal instalado na região, movem-se na direção de pesquisas que têm a região como ponto de observação.

Nos anos de 1980, a queda da fecundidade já sinalizava tenuemente a sua evolução futura na região, os níveis de mortalidade ainda eram bastante elevados e os persistentes saldos líquidos migratórios negativos mantinham a feição nordestina de área de emigrações.

Nessa década permanecem as análises de caráter global, uma vez que se manteve o propósito de que a Fundação Joaquim Nabuco realizasse, a cada decênio, estudos da evolução populacional regional à luz dos dados censitários, somando-se, entretanto, a tais pesquisas documentações mais pormenorizadas das componentes demográficas, o que se tornou possível pela formação específica de pesquisadores que passaram a constituir os quadros da instituição. No que se refere à dinâmica demográfica nordestina o que se observa é a confirmação de análises com base em indicadores demográficos construídos a partir de métodos preconizados pela demografia formal com base em dados de melhor qualidade obtidos desde o Censo Demográfico de 1970 e que se mantiveram altamente confiáveis em todos os censos posteriores. Sobre a dinâmica demográfica regional veja-se: CAMARANO (1984; 1988); CAMARANO; MOREIRA (1984; 1990); MOURA (1985; 1987; 1990); MOURA; SANTOS (1990); quanto a estudos envolvendo as componentes demográficas, veja-se, especialmente, a produção do seminário ABEP; FUNDAJ; SUDENE (1984); e ARAÚJO (1987).

A temática da migração, em face do caráter permanente dos saldos migratórios regionais negativos, mantém-se como área de grande número de estudos. Assim, crescem em números significativos os estudos sobre os movimentos migratórios no Nordeste e dentre os quais se deve ter em conta: SIMÕES; VIANNA; OLIVEIRA (1980); SAMPAIO; ROCHA (1984); MOURA (1982); PINHEIRO (1988).<sup>5</sup>

Entretanto, as questões suscitadas principalmente no decênio anterior sobre a explosão demográfica brasileira fizeram com que alçasse à condição de tema relevante a análise quantitativa do fenômeno da fecundidade e as características socioeconômicas subjacentes da mesma. É bem verdade que é tão somente nos anos de 1990, com a confirmação da trajetória da fecundidade a partir dos resultados do censo demográfico de 1991 que se afirma mais categoricamente a tendência da fecundidade no Brasil e na região. São trabalhos sobre a questão da fecundidade nesse período: CAMARANO; MOREIRA (1981); ARRUDA; MORRIS;

---

<sup>5</sup> Reafirmando o exposto anteriormente, não se tem pretensão alguma de se construir um conjunto exaustivo de referências sobre estudos demográficos sobre o Nordeste. O conjunto de citações neste texto diz respeito tão somente a trabalhos que tenham a região como foco, sendo deixado de lado toda aquela produção relativa às subpopulações. Da mesma forma não são compilados autores com produção eventual sobre o Nordeste, sendo as referências aqui alinhadas tão somente de pesquisadores com persistentes contribuições às temáticas.

FERRAZ; GOLDENBERG (1988); SANTOS (1988), SILVA; OLIVEIRA; SIMÕES (1988).

No que concerne à mortalidade, em razão da precariedade do registro civil no Brasil, que era bastante pronunciada no Nordeste, as estimativas dos níveis de mortalidade são obtidas por métodos indiretos e seus padrões por idade e sexo determinados pelas tábuas-modelo que lhes serviam de referência. Vide, por exemplo, MOREIRA (1986); SIMÕES; OLIVEIRA (1988).

Nos anos de 1980, em alguns estados, na esteira dos resultados censitários de 1970 e de 1980, começam a aparecer as primeiras publicações relativas à dinâmica demográfica dos estados nordestinos e suas componentes, restritas à dimensão estadual. Nos anos 90 ampliam-se as publicações sobre a situação das populações estaduais, em grande parte pelas preocupações com políticas sociais destinadas a atenuar os graves problemas da miséria nordestina, com trabalhos conduzidos por um número reduzido de servidores públicos com formação própria da área dos estudos populacionais. Essa trajetória se aprofunda nos anos 2000 com a crescente relevância das políticas sociais, o reconhecimento do significado dos estudos populacionais na construção dos subsídios às políticas sociais e a diversificação das áreas de conhecimento dos profissionais dos estudos de população.

Nos anos de 1990, a reflexão sobre uma possível trajetória da população nordestina, contemplando os impactos da queda da fecundidade e a transição demográfica que se revelava plenamente no Censo Demográfico de 1990, foi uma das vertentes dos estudos demográficos sobre a região, na qual o nível da mortalidade ainda se apresentava alto e o fenômeno emigratório persistia. Demandas recaindo sobre temas específicos contribuem para que a análise demográfica de caráter global perca espaço relativo, sobressaindo os trabalhos voltados para questões mais específicas, em especial aquelas ligadas à queda da fecundidade, suas consequências e desdobramentos, particularmente, o comportamento reprodutivo e o envelhecimento populacional. Simultaneamente, na década de 90 emergem os primeiros trabalhos correlatos às componentes demográficas, a exemplo da temática da velhice, COELHO FILHO; RAMOS (1999) e arranjos familiares, CREMONESI (1994), ou ambas, CABRAL (1998) ampliando sobremaneira a análise demográfica regional.

São ilustrativos de trabalhos dos anos de 1990 com base nos resultados do Censo Demográfico de 1991 e os que avançam sobre temas que se consolidam nos anos seguintes: o de MOURA (1998) sobre as migrações no Nordeste; MOREIRA; SANTOS; MOURA (1990); MOREIRA; SANTOS (1991); MOREIRA (1993); MOURA; RIBEIRO (1997); TEIXEIRA (1997) sobre a dinâmica demográfica regional; BEMFAM (1992); FERREIRA; PAIVA (1992); MOREIRA (1994,1995); PERPÉTUO (1996; 1998) sobre a fecundidade e SIMÕES (1997); SANTOS (1996); SANTOS; MOURA (1998); TEIXEIRA (1998a; 1998b) sobre a mortalidade.

Nos anos 2000 a demografia regional beneficia-se com a expansão do número de profissionais com formação específica em demografia, com forte tradição em pesquisas quantitativas, passando inclusive a contar com uma variedade maior de formações profissionais, incluindo saúde, educação, trabalho, além daqueles que já se dedicavam especificamente aos estudos da migração, mortalidade e fecundidade e seus desdobramentos. Com a publicação do censo demográfico de 2000, e com a consolidação das informações derivadas do Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM- e Sistema de Informações sobre Nascimentos – SINASC- implantados pelo Ministério da Saúde, e que muito contribuíram para a maior e melhor cobertura do Registro Civil publicado pelo IBGE, os estudos demográficos ampliaram-se sobremaneira pós-2000, em termos numéricos e diversidade de temáticas. O volume da produção demográfica ampliou-se ainda mais com a constituição do Programa de Pós-graduação em Demografia – PPGDEM da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ao congregarem um número expressivo de acadêmicos com formação em demografia e áreas correlatas, o que faz com que se ampliem temas correlatos dos estudos populacionais e se introduzam novas questões, a exemplo da AIDS: BARBOSA (2002; 2003; 2004; 2010); BARBOSA; SAWYER (2003) e nupcialidade FREIRE; ARAUJO; AGUIRRE (2006); FREIRE; AGUIRRE; MONTE-NEGRO; ARAÚJO (2006); FREIRE; SPYRIDES; AGUIRE; ARAUJO (2011). Da mesma forma, tema que passou a merecer atenção mais detalhada foi a das fontes de dados relativos à região, em razão da consolidação dos sistemas de coletas de registros vitais instituídos pelo Ministério da Saúde que, utilizando os estabelecimentos hospitalares passou a ter registro próprio sobre nascimentos e mortes. Os trabalhos iniciais são dos fins de 1990, VALONGUEIRO; AGUIAR (1998) e BARBOSA (1999) e que prosseguiram nos anos 2000, BARBOSA (2000; 2005; 2007), MOREIRA (2010) no que diz respeito ao SINASC – Sistema de

Informações sobre Nascidos Vivos; PAES (2010), PAES; SANTOS; GOUVEIA (2008) sobre as estatísticas vitais de um modo geral.

Desse período os mais significativos estudos sobre a demografia da região são: OLIVEIRA (2004); MOREIRA (2012) sobre a dinâmica demográfica regional; WONG (2000; 2006); BARBOSA (2006); MOREIRA; FUSCO (2012) sobre fecundidade; CAMARGO (2006); RIBEIRO; RODRIGUES (2004) sobre mortalidade e BAENNINGER (2006); CAMPOS; FUSCO (2009); FUSCO; DUARTE (2010); FUSCO; MOREIRA (2011); GARCIA; MIRANDA-RIBEIRO (2006); MIRANDA-RIBEIRO; GARCIA (2006); MOREIRA (2011; 2012); OLIVEIRA; JANNUZZI (2005); PATARRA (2004); QUEIROZ; SANTOS (2011); SIQUEIRA; MAGALHÃES; SILVEIRA NETO (2009); sobre migração, que se torna o tema de maior produção nos anos 2000, em razão da observada mudança no volume e trajetória dos fluxos nordestinos.

Nesse período, as publicações de SANTOS (2000) e BARBOSA (2006) congregam um número significativo de trabalhos sobre a região e espaços regionais menores, assim como os Anais do seminário “Quantos Somos e Quem Somos no Nordeste?” promovido pela Fundação Gilberto Freyre e organizado por MOURA (2005).

### **A População do Nordeste no Contexto Nacional**

Data de 1970 a atual composição da região Nordeste pelos estados do Maranhão, do Piauí, do Ceará, do Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Pernambuco, de Alagoas, de Sergipe e da Bahia, porquanto em 1960 os estados da Bahia e do Sergipe faziam parte da região Leste, constituída, adicionalmente, pelos estados de Minas Gerais, do Rio de Janeiro, da Guanabara e do Espírito Santo.

Visto em um horizonte de tempo relativamente largo, a população cresce de forma expressiva, triplicando em sua dimensão no período 1970-2010, mas com tendência de perda de expressão em termos nacionais, uma vez que a população brasileira quadruplicou no intervalo. Assim, nos anos de 1950 a região abrigava mais de 1/3 da população brasileira (34,6%), perdendo desde então significância nacional. Em um movimento declinante praticamente constante, que observa apenas duas pequenas atenuações, entre 1980 e 1991 e entre 2000 e 2010, em 2010 a população nordestina passa a representar 27,8% da população brasileira, reduzindo,

em média, mais de um ponto percentual por década o seu peso na nação, conforme mostram os dados da Tabela 1.

Tabela 1 – Brasil e Região Nordeste – População, proporção da população do Nordeste e taxa média de crescimento anual (em porcentagem) – 1950/2010.

Anos	Brasil	Nordeste	NE/Brasil (%)	Taxa de Crescimento Médio Anual		
				Período	Brasil	Nordeste
1950	51.944.397	17.973.413	34,6	-	-	-
1960	70.992.343	22.428.873	31,6	1950/1960	3,12	2,21
1970	94.508.583	28.675.110	30,3	1960/1970	2,86	2,46
1980	121.150.573	35.419.156	29,2	1970/1980	2,48	2,11
1991	146.917.459	42.470.225	28,9	1980/1991	1,75	1,65
2000	169.590.693	47.693.253	28,1	1991/2000	1,59	1,29
2010	190.755.799	53.081.950	27,8	2000/2010	1,18	1,07

Fonte dos dados Básicos: IBGE. Censo Demográfico, 1950/2010.

Esse movimento declinante da importância da população da região no contexto nacional não se deu de forma homogênea ao longo do tempo, sendo fruto dos diferenciais entre as taxas de crescimento da população nordestina e brasileira. Assim, enquanto a população brasileira praticamente quadruplicou no período 1950-2010, a nordestina apenas triplicou. Observado em períodos mais curtos, constata-se que entre 1950 e 1960 ocorreu a maior diferença entre a taxa de crescimento brasileira, 3,12% ao ano, e a nordestina, 2,21% a.a., o que resultou na maior variação negativa do peso da população regional. Nos dois decênios seguintes os diferenciais das taxas foram menores e, em termos relativos, semelhantes, o que teve como consequência uma redução menos expressiva na importância da população nordestina. Entre 1980 e 1991, a região nordeste cresceu a taxas muito próximas da nacional, atenuando o decréscimo de seu papel, mas entre 1991 e 2000 a diferença voltou a ampliar, para experimentar posterior redução, mas menor do que aquela experimentada nos anos 1980-1991. A trajetória final é da redução da importância relativa da população nordestina no conjunto nacional da ordem de 8,6 pontos percentuais entre 1950 e 2010. Visto de outra perspectiva, para que a população nordestina mantivesse a sua original importância de 1950 (34,6%), o

tamanho do seu contingente demográfico teria que ser 13 milhões de pessoas a mais, qual seja atingir 66 milhões (190.755.799 X 34,6%), fração 24% maior do que a observada em 2010 (53 milhões).

## **A Evolução da População Nordestina - 1970-2010**

### **População das Unidades da Federação**

Desde a constituição da região Nordeste nos termos em que se mostra atualmente, três estados respondem por mais da metade da população regional: Bahia, Pernambuco e Ceará. Juntos, em 2010, agregam 59,7% dos nordestinos. Separadamente, o estado da Bahia sempre abrigou mais de  $\frac{1}{4}$  da população nordestina – seus 14 milhões de residentes representam 26,4% da população nordestina, enquanto Pernambuco, com seus 8,8 milhões de habitantes congrega em seu território 16,6% da população regional e o Ceará, com 8,5 milhões de pessoas, responde por 15,9% do efetivo humano da região.

O estado do Maranhão, em 2010, tem 6,6 milhões de habitantes, correspondendo a 12,4% da população do Nordeste. Paraíba com 3,8 milhões representa 7,1%, enquanto Rio Grande do Norte, cuja população é de 3,2 milhões, participa em 6,0%. Alagoas e Piauí, com 3,1 milhões, representam 5,9%, respectivamente. Sergipe, o menor dos estados nordestinos em volume de população, é habitado por 2,1 milhões que correspondem a 3,9% da população regional.

Os dados da Tabela 2 mostram a preponderância da participação do estado da Bahia que, em 1970 abrigava 26,4% do contingente regional, crescendo de importância nas décadas seguintes até atingir o auge em 1991, para voltar a declinar e, na primeira década deste século, retornar aos mesmos níveis de 1970. As participações de Pernambuco e do Ceará declinam até 1991, e Pernambuco mantém constância desde então, enquanto o Ceará volta a crescer em percentuais modestos.

Tabela 2 – Região Nordeste e Unidades da Federação – População Total – 1970/2010

Ano	1970	1980	1991	2000	2010
Nordeste	28.675.110	35.419.156	42.470.225	47.693.253	53.081.950
Maranhão	3.037.135	4.097.231	4.929.029	5.642.960	6.574.789
% Nordeste	10,6	11,6	11,6	11,8	12,4
Piauí	1.734.894	2.188.150	2.581.215	2.841.202	3.118.360
% Nordeste	6,1	6,2	6,1	6,0	5,9
Ceará	4.491.590	5.380.432	6.362.620	7.418.476	8.452.381
% Nordeste	15,7	15,2	15,0	15,6	15,9
Rio G. do Norte	1.611.606	1.933.126	2.414.121	2.771.538	3.168.027
% Nordeste	5,6	5,5	5,7	5,8	6,0
Paraíba	2.445.419	2.810.032	3.200.677	3.439.344	3.766.528
% Nordeste	8,5	7,9	7,5	7,2	7,1
Pernambuco	5.253.901	6.244.275	7.122.548	7.911.937	8.796.448
% Nordeste	18,3	17,6	16,8	16,6	16,6
Alagoas	1.606.174	2.011.875	2.512.991	2.819.172	3.120.494
% Nordeste	5,6	5,7	5,9	5,9	5,9
Sergipe	911.251	1.156.642	1.491.867	1.781.714	2.068.017
% Nordeste	3,2	3,3	3,5	3,7	3,9
Bahia	7.583.140	9.597.393	11.855.157	13.066.910	14.016.906
% Nordeste	26,4	27,1	27,9	27,4	26,4

Fonte dos dados Básicos: IBGE. Censo Demográfico, 1970/2010.

Sergipe, em que pese ser o menor estado nordestino, e só em 1980 ter população superior a um milhão de habitantes, é o estado com maior crescimento relativo de população, ao passar de 911,3 mil habitantes, em 1970, para 2.068 mil habitantes, em 2010, mais do que dobrando no período. É também o estado que liderou o processo de crescimento populacional em dois dos quatro decênios, razão pela qual, ao final do período despontou com o maior crescimento relativo. Mudança relativa de dimensão semelhante ocorreu no Maranhão que, também, mais do que duplicou sua população no quarentênio, mas em volumes absolutos completamente

distintos porquanto experimentou um acréscimo de população da ordem de 3,5 milhões de pessoas, enquanto Sergipe acrescentou 1.156,8 milhões.

A menor variação relativa de população ocorreu na Paraíba ao ter um incremento populacional de apenas 54% entre 1970 e 2010, passando de 2.445,4 mil para 3.766,5 mil de habitantes, crescimento absoluto esse que só foi maior do que o de Sergipe. Pernambuco, depois de Sergipe, foi o estado a apresentar menor crescimento relativo de população no período de 40 anos, seguido imediatamente pelo Piauí.

Na Tabela 3 são apresentadas as taxas de crescimento geométrico médio anual nos intervalos intercensitários, apontando, de início para a diversidade das mesmas tanto em termos estaduais como ao longo do tempo. Assim as mesmas variam de uma taxa máxima ocorrida entre 1970-1980 no estado do Maranhão e um mínimo de 0,7% a.a. ocorrida na Bahia no período 2000-2010.

As taxas de crescimento das populações estaduais no período 1970-1980 variavam de um máximo de 2,99% a.a. (Maranhão) a um mínimo de 1,39% a.a. (Paraíba), com cinco dos estados apresentando taxas superiores à média regional – Maranhão, Piauí, Alagoas, Sergipe e Bahia e quatro abaixo – Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Entre os censos de 1980 e 1991 as taxas máximas e mínimas declinaram, sendo a máxima observada em Sergipe (2,31% a.a.) e a mínima na Paraíba (1,18% a.a.). Nesse intervalo os estados do Maranhão, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe e Bahia apresentaram taxas maiores do que a média regional e Piauí, Ceará, Paraíba e Pernambuco abaixo. Uma feição importante desse momento é o estreitamento dos afastamentos das taxas estaduais à regional, além da redução da disparidade entre a taxa máxima e a mínima. No período 1991-2000 continua o movimento de redução das taxas máximas e mínimas, sendo a máxima encontrada em Sergipe (1,97% a.a.) e a mínima na Paraíba (0,8% a.a.). A diferença entre as taxas máxima e mínima amplia-se ligeiramente, em razão dessa última ter-se reduzido mais do que a máxima.

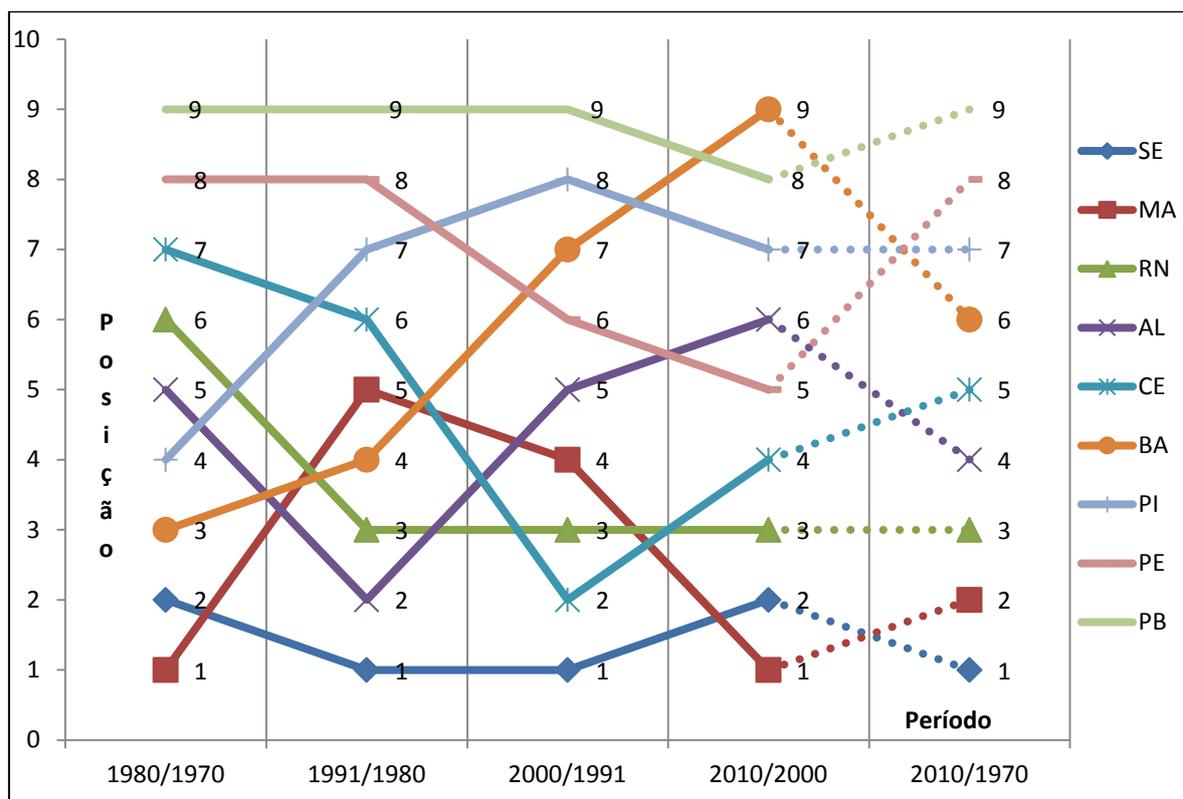
Tabela 3 – Estados do Nordeste – Taxa média de crescimento anual da população (em percentagem) – 1970/2010

Estados	1970-1980	1980-1991	1991-2000	2000-2010
Maranhão	2,99	1,68	1,50	1,53
Piauí	2,32	1,50	1,07	0,93
Ceará	1,81	1,52	1,71	1,30
Rio Grande do Norte	1,82	2,02	1,53	1,34
Paraíba	1,39	1,18	0,80	0,91
Pernambuco	1,73	1,20	1,17	1,06
Alagoas	2,25	2,02	1,28	1,02
Sergipe	2,38	2,31	1,97	1,49
Bahia	2,36	1,92	1,08	0,70
Nordeste	2,11	1,65	1,29	1,07

Fonte dos dados Básicos: IBGE. Censo Demográfico, 1950-2010.

Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte e Sergipe cresceram acima do Nordeste enquanto Piauí, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia cresceram abaixo da região. Pela primeira vez o número de estados com taxas de crescimento abaixo da média é maior do que os de acima da média. Nesse período o afastamento das taxas extremas em relação à média aumentou. No último decênio também é observada redução nas taxas máximas e mínimas, sendo a máxima observada no Maranhão (1,53% ao ano) e a mínima na Bahia (0,7% a.a.). Observe-se que essa taxa máxima encontrada no Maranhão (1,53% a.a.) é ligeiramente maior do que a taxa mínima encontrada em 1970-1980, no estado da Paraíba (1,39% a.a.). Além das amplas reduções nas taxas de crescimento populacional estadual, estreita-se a diferença entre as taxas máxima e mínima, que passa a ser menor do que um ponto percentual, o que, assim, impõe uma diminuição significativa das diferenças entre as taxas extremas e a média. Os estados com taxas superiores à regional, em 2010, são: Maranhão (1,53% ao ano), Sergipe (1,49% a.a.); Rio Grande do Norte (1,34% a.a.) e Ceará (1,30% a.a.), enquanto Piauí (0,93% a.a.), Paraíba (0,91% a.a.), Pernambuco (1,06% a.a.), Alagoas (1,02% a.a.) e Bahia (0,70% a.a.) crescem abaixo da média nordestina (1,07% ao ano).

Gráfico 1 – Nordeste – Posição dos estados segundo as taxas de crescimento decenal da população – 1970/2010



Fonte dos dados básicos: Tabela 2.

Com base nos dados do Gráfico 1 é também identificável, exceto no que respeita a Sergipe, que se manteve nas posições superiores das variações entre 1970 e 2010, que as variações no crescimento populacional dos estados ao longo do tempo não são homogêneas, apresentando oscilações no período.

Sergipe e Maranhão ocuparam as primeiras posições do crescimento populacional relativo entre 1970 e 2010, observando-se pequena oscilação por parte de Sergipe e mais ampla por parte do Maranhão. Além da referida estabilidade de crescimento populacional observado pelo estado de Sergipe, há que se observar comportamento similar apresentado pelo Rio Grande do Norte. Esse, após crescer de forma significativa entre 1970 e 1980, persistiu na posição de terceiro estado com maior variação decenal de população. Relativamente estável é também a posição da Paraíba como o de menor incremento demográfico decenal, posição que perde apenas na década de 2000, em um movimento que, entretanto, não o retira da última posição no período 1970/2010. Os estados do Ceará e de Alagoas

vivenciaram um forte crescimento populacional entre 1970-1980 – 1980-1991, melhorando suas posições na hierarquia regional.

Mesmo perdendo posições na última década, ambos os estados escalaram o *rank* no período 1970/2010 e alcançaram posições mais elevadas (Alagoas, quarto; Ceará, quinto) do que a do ponto de partida (1970/1980 – Alagoas, quinto; Ceará, sétimo). O estado do Piauí perdeu posições ao longo de todos os períodos, crescendo a taxas relativamente modestas *vis-à-vis* os demais estados nordestinos, recuperando-se apenas no último decênio. Pernambuco, mesmo apresentando significativas taxas de crescimento populacional nas últimas décadas, não conseguiu contrabalançar as baixas taxas anteriores e manteve-se entre os de menor crescimento populacional no Nordeste no período entre 1970 e 2010. O estado da Bahia, ao longo de todos os decênios experimentou taxas de crescimento populacional abaixo dos outros estados e perdeu sucessivas posições, ocupando a sexta posição no *rank* do crescimento entre 1970 e 2010.

### **População urbana e rural**

Em 1970, conforme mostram os dados da Tabela 4, a população brasileira residente em áreas definidas como urbanas era de 52,9 milhões de pessoas constituindo mais da metade (55,98%) da população nacional (94,5 milhões). Quarenta anos após, em 2010, essa população urbana cresceu para 161,0 milhões, praticamente triplicando no período, e passou a congregar 84,36% dos nacionais.

Acompanhando o que ocorre em escala nacional, a população nordestina tende a concentrar-se em áreas urbanas, em um movimento que só passa a ter significado de maior expressão na década de 1980 quando a população urbana (17.959.640 pessoas) ultrapassou a população rural (17.459.516 habitantes).

A intensidade com que a fração da população nordestina cresce em relação à população total ao longo do tempo a mantém atrasada em relação ao restante do Brasil, e, na passagem de cada decênio, a partir de 1980, o grau de urbanização regional se assemelha ao da nação de 15 a 20 anos antes. Assim, o grau de urbanização nordestino atingido no ano de 2010 (73,13%) assemelha-se àquele que o Brasil experimentou em torno do final da década de 1980 (aproximadamente 22 anos de distância), enquanto que o valor observado em 2000 (69,04%) assemelhava-se àquele vigente no Brasil nos inícios dos anos de 1980 (diferença

em torno de 18 anos) e o ocorrido em 1991 se aproximava do nacional da segunda metade de 1970 (distante cerca de 17 anos).

Ao longo do período 1970-2010 o grau de urbanização regional passou de 41,78% para 73,13% enquanto a nacional ampliou de 55,98% para 84,36%. No intervalo reduziu-se a diferença absoluta entre as taxas – de 14,2 pontos percentuais para 11,2 pontos percentuais –, e as diferenças relativas reduziram-se de valores próximos a 34%, em 1970, para 15%, em 2010.

Tabela 4 – Brasil e Nordeste – População segundo situação do domicílio e grau de urbanização – 1970/2010

	Anos	Brasil			Nordeste		
		Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
População	1970	94.508.583	52.904.744	41.603.839	28.675.110	11.980.937	16.694.173
	1980	121.150.573	82.013.375	39.137.198	35.419.156	17.959.640	17.459.516
	1991	146.917.459	110.875.826	36.041.633	42.470.225	25.753.355	16.716.870
	2000	169.590.693	137.755.550	31.835.143	47.693.253	32.929.318	14.763.935
	2010	190.755.799	160.925.792	29.830.007	53.081.950	38.821.246	14.260.704
Grau de Urbanização	1970	55,98			41,78		
	1980	67,70			50,71		
	1991	75,47			60,64		
	2000	81,23			69,04		
	2010	84,36			73,13		
Taxa de crescimento intercensitário	1970-1980	2,48	4,38	-0,61	2,11	4,05	0,45
	1980-1991	1,75	2,74	-0,75	1,65	3,28	-0,40
	1991-2000	1,59	2,41	-1,38	1,29	2,73	-1,38
	2000-2010	1,18	1,55	-0,65	1,07	1,65	-0,35
	1970-2010	1,76	2,78	-0,83	1,54	2,94	-0,39
Peso da População em relação ao Brasil	1970				30,34	22,65	40,13
	1980				29,24	21,90	44,61
	1991				28,91	23,23	46,38
	2000				28,12	23,90	46,38
	2010				27,83	24,12	47,81

Fonte dos dados Básicos: IBGE. Censo Demográfico, 1970/2010

Até os anos de 1970 as taxas de crescimento da população urbana nordestina abaixo da média nacional alimentavam as perdas de significação da população nordestina urbana no contexto brasileiro. Moura e Teixeira (1997), analisando a evolução da população nordestina no período 1940/1991 afirmam:

As tendências do crescimento da região Nordeste denotam histórica perda de posição relativa no conjunto da população brasileira. A referida perda está relacionada, principalmente, à que se observa com relação ao contingente titularmente urbano da população cuja ligeira recuperação durante os anos 80, não foi suficiente para reverter o comportamento tendencial da população ocorrida desde a década de 40. (p. 96)

A partir daquela década, a perda de expressão no contexto nacional continua a ocorrer, vez que o aumento absoluto observado no conjunto das demais regiões deprime a contribuição do Nordeste. Isto, a despeito de, em sendo as taxas de crescimento da população urbana superiores à nacional, o ano de 1991 tornar-se ponto inicial da inflexão nas perdas de participação da população urbana nordestina, que, então, retornam a crescer em importância. Ainda que crescente, o peso da população urbana regional não retorna aos níveis apontados por Moura e Teixeira (1997, p. 96), em 1950 (25,3%) e muito menos ainda ao de 1940 (26,3%), mostrando-se pouco maior do que o de 1960 (24,0%)

No que se refere à população rural, no decênio 1970-1980, a população nordestina cresceu em termos absolutos (de 16,7 milhões para 17,5 milhões) em um movimento contrário àquele da população rural brasileira que se reduziu em termos numéricos (de 41,6 milhões, em 1970, para 39,1 milhões, em 1980). Como resultado a participação relativa da população rural nordestina na população rural brasileira cresceu de 40,1%, em 1970, para 44,6%, em 1980. O movimento tendencial de redução absoluta da população rural em nível nacional persistiu na década seguinte, agora com a participação da região Nordeste, que também passou a experimentar variações negativas. Entretanto, a taxa de decréscimo do contingente demográfico nordestino passa a se dar a uma taxa inferior à média brasileira e, em resultado, cresce o peso da população rural regional no total da população rural nacional. Nas décadas que se seguem ambas as populações continuam em diminuição, mas a taxas mais altas por parte da nacional, o que amplia a participação da população rural nordestina na população rural brasileira. Assim a população rural nordestina que, em 1970, representava 40,13% da população rural do país, em 2010, aumenta para 47,81%, qual seja, quase a metade da população rural brasileira encontra-se no Nordeste.

Se de um lado, são dignas de nota as dimensões das variações relativas observadas na população rural nordestina que resultam em ampliação de seu significado em nível nacional, também merecem destaque ser a mesma cada vez menor. Em 1980 a população rural nordestina atingiu o seu ápice: 17,5 milhões de

peças, incrementado em mais de 0,8 milhões em relação a 1970, um incremento bastante modesto em razão do deslanche do processo de urbanização em curso. De 1980 em diante a população rural nordestina decresce, sendo de se notar a redução ocorrida entre 1991-2000 (quase 2 milhões de pessoas). Essa redução, em termos de volume, é maior do que o somatório das reduções observadas entre 1980-1991 e 2000-2010. A dimensão do movimento de retração rural é melhor aquilatada pela sua contração de 17,5 milhões, em 1970, para 14,3 milhões, em 2010.

### **Tamanho das cidades**

O processo de urbanização da população nordestina é basicamente o de concentração nas cidades (distritos sede dos municípios). Esse avolumar populacional tem uma característica adicional importante que é o crescente adensamento humano em cidades com mais de 20 mil habitantes. Os dados da Tabela 5 mostram que no período entre 1970 e 2010 a população residente em cidades aumentou em mais de 23 milhões de pessoas, passando de 10,7 milhões, em 1970, para 34,5 milhões, em 2010 e o número de cidades ampliou de 1.376 para 1.794.

Esse crescimento na residência em cidades ultrapassou de forma significativa o crescimento da população total, razão da ampliação do grau de urbanização no período. Para esse significativo incremento de residentes em cidades (a população mais do que triplicou no período), muito contribuíram os aumentos observados entre as cidades de 10 mil ou mais habitantes cujas classes de tamanho (de 10 a 20 mil; de 20 a 50 mil e de 50 mil e mais) experimentaram incrementos que, aproximadamente, quadruplicaram seus residentes. O maior crescimento ocorreu nas cidades entre 20 e 50 mil habitantes, seguidas pelas de 10 a 20 mil e 50 mil ou mais. Ainda que aquelas duas primeiras experimentassem os maiores incrementos, é no conjunto das cidades com mais de 50 mil habitantes que o significado é maior, dada a sua importância na composição do volume de cidadãos: em 1970, a população nas cidades com 50 mil ou mais habitantes representava 48,6% da população residente nas sedes municipais; em 2010 a mesma passou a constituir mais da metade dessa (55,5%), correspondendo a quase 2/3 da população nordestina. Ao experimentar tal variação (de 48,6% para 55,5%) são as maiores cidades nordestinas as que apresentaram mais destacado crescimento.

Tabela 5 – Região Nordeste – Cidades e população segundo tamanhos de cidades – 1970/2010

Classes de Tamanho	1970	1980	1991	2000	2010
	Número de cidades				
Até 500	73	23	6	14	3
De 501 a 1.000	215	112	46	80	46
De 1.001 a 2.000	348	287	228	213	174
<i>Até 2 mil</i>	636	422	280	307	223
Percentagem	46,2	30,7	18,6	17,2	12,4
De 2.001 a 5.000	427	480	516	574	520
De 5.001 a 10.000	168	246	352	430	472
<i>de 2 a 10 mil</i>	595	726	868	1004	992
Percentagem	43,2	52,8	57,5	56,2	55,3
De 10.001 a 20.000	79	117	200	269	319
De 20.001 a 50.000	42	73	107	135	177
<i>de 10 a 50 mil</i>	121	190	307	404	496
Percentagem	8,8	13,8	20,3	22,6	27,6
Mais de 50.000	24	37	54	72	83
Percentagem	1,7	2,7	3,6	4,0	4,6
<b>Total</b>	<b>1.376</b>	<b>1.375</b>	<b>1.509</b>	<b>1.787</b>	<b>1.794</b>
	População das cidades				
Até 500	26.626	9.175	2.716	5.915	1.144
De 501 a 1.000	163.115	85.553	36.779	61.772	38.576
De 1.001 a 2.000	510.250	425.862	347.725	320.848	265.654
<i>Até 2 mil</i>	699.991	520.590	387.220	388.535	305.374
Percentagem	6,6	3,3	1,7	1,3	0,9
De 2.001 a 5.000	1.338.969	1.560.064	1.753.122	1.915.258	1.771.369
De 5.001 a 10.000	1.139.798	1.737.711	2.482.126	3.077.399	3.326.809
<i>de 2 a 10 mil</i>	2.478.767	3.29.7775	4.235.248	4.992.657	5.098.178
Percentagem	23,3	21,0	18,6	16,9	14,8
De 10.001 a 20.000	1.098.569	1.599.707	2.787.348	3.756.280	4.443.902
De 20.001 a 50.000	1.200.365	2.163.614	3.476.999	4.203.052	5.513.165
<i>de 10 a 50 mil</i>	2298934	3763321	6264347	7959332	9957067
Percentagem	21,6	24,0	27,5	26,9	28,8
Mais de 50.000	5.183.637	8.087.043	11.874.535	16.228.432	19.178.012
Percentagem	48,6	51,6	52,2	54,9	55,5
<b>Total</b>	<b>10.661.329</b>	<b>15.668.729</b>	<b>22.761.350</b>	<b>29.568.956</b>	<b>34.538.631</b>

Fonte dos dados básicos: IBGE. Censo Demográfico, 1970/2010 – SIDRA. Tabela 1294.

Nota: Cidade = Distrito sede do município

Digno de nota é a diminuição absoluta da população das cidades com até 2 mil habitantes, que entre 1970 e 2010 sofreram perdas de quase 400 mil habitantes e tiveram a representação de 6,6% da população citadina, em 1970, reduzida para 0,9%, em 2010. Redução do peso também ocorreu em cidades com até 10 mil

habitantes, sendo tal perda relativa tanto maior quanto menor o tamanho da cidade nesse grupo.

Os dados da Tabela 6 permitem uma visão mais detalhada da evolução das populações das cidades entre 2000 e 2010.

Tabela 6 – Região Nordeste – Cidades e população segundo tamanhos de cidades – 2000-2010

Classes de Tamanho	2000				2010			
	Número	%	População	%	Número	%	População	%
Até 5.000	881	49,3	2.303.793	1,3	740	41,3	2.067.723	0,9
de 5.001 a 10.000	430	24,1	3.077.399	6,5	472	26,4	3.326.809	5,1
de 10.001 a 20.000	269	15,1	3.756.280	10,4	319	17,8	4.443.902	9,6
de 20.001 a 50.000	135	7,6	4.203.052	26,9	177	9,9	5.513.165	28,8
de 50.001 a 100.000	34	1,9	2.356.805	8,0	42	2,3	2.994.552	8,7
de 100.001 a 500.000	30	1,7	5.608.973	19,0	32	1,8	6.354.202	18,4
de 500.001 a 1.000.000	6	0,3	4.400.838	14,9	7	0,4	5.616.631	16,3
Acima de 1.000.001	2	0,1	3.861.816	13,1	2	0,1	4.212.627	12,2
Total	1787	100,0	29.568.956	100,0	1.791	100,0	34.529.611	100,0

Fonte: Censo Demográfico, 2000-2010. SIDRA Tabela 1302 e 761.

Nota: Cidade = Distrito sede do município

No último decênio, declinou de forma significativa o número de cidades com população até 5 mil habitantes, assim como se reduziu a população nelas residentes. Todas as demais experimentaram incrementos tanto no número quanto na população, sendo em número de cidades maior na faixa compreendida entre 5.001 e 10.000 habitantes e em população no conjunto de cidades da faixa 20.001 a 50.000 habitantes. As cidades de maior porte, qual seja aquelas acima de 500.000 habitantes, a despeito de terem experimentado apenas uma incorporação ao grupo entre 2000-2010, foram as que apresentaram maior crescimento absoluto de população em razão de seu porte inicial, passando a representar 28,5% da população nordestina citadina. Tal incremento deveu-se ao crescimento das cidades entre 500.001 e 1.000.000 que superaram aquele observado nas cidades acima de 1 milhão de habitantes.

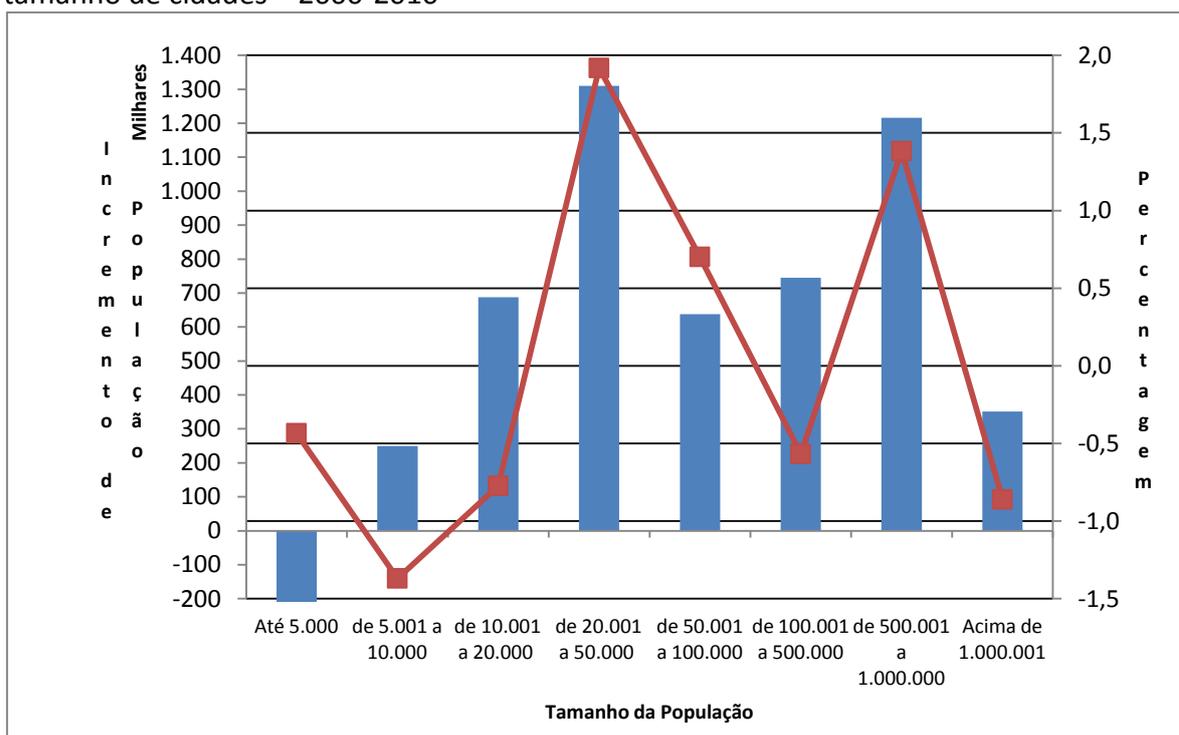
Na década, expressiva transformação ocorreu no conjunto de cidades do grupo 20.001 a 50.000 habitantes que ampliou em termos numéricos (passando de 135 para 177 no decênio) e mais especialmente no volume de população que sedia (aumentando de 3,8 para 4,4 milhões de habitantes). Em consequência, esse ramo experimentou incremento em seu número menor apenas do que o grupo anterior (de 10.001 a 20.000 moradores cuja ampliação foi da ordem de 50 novas cidades), mas,

ao contrário dessa, observou aumento em sua participação no total da população nordestina residente em cidades (ampliou de 26,9 para 28,8%, enquanto as cidades entre 10.001 e 20.000 pessoas vivenciaram perda de 10,4 para 9,6% no interstício).

Os dados representados no Gráfico 2 mostram que, ao contrário de todas as demais, as cidades até 5.000 habitantes perderam população entre 2000 e 2010 e, conseqüentemente, reduziram participação no volume total residente em cidades.

Mesmo tendo observado incrementos demográficos, as cidades de tamanhos compreendidos entre 5.001 e 20.000 residentes declinaram em importância no conjunto populacional, o mesmo ocorrendo com aquelas do intervalo de 100.001 a 500.000 e as acima de 1 milhão de habitantes. Assim, apenas as cidades de 50.001 a 100.000 e de 500.001 a 1 milhão de habitantes aumentaram os seus pesos no total da população citadina do Nordeste entre 2000 e 2010.

Gráfico 2 – Nordeste – Variação populacional absoluta e do peso populacional segundo tamanho de cidades – 2000-2010



Fonte: Tabela 6

### Regiões Metropolitanas

O ano de 1973 é o marco da criação de regiões metropolitanas no Brasil que, a partir de 1988, deixa de ser atribuição do governo federal, e passa a ser do governo estadual, a responsabilidade pela sua criação e organização. Assim, às

nove regiões metropolitanas institucionalizadas nos anos de 1970 – São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Recife, Fortaleza, Belém e Rio de Janeiro –, pela delegação do poder criatório aos legislativos estaduais, principalmente a partir de 1994, foram acrescentadas 27 novas regiões metropolitanas de tal forma que os dados censitários de 2010 são gerados para 36 delas, oficialmente reconhecidas, e outras três denominadas Regiões Integradas de Desenvolvimento<sup>6</sup>.

Na Tabela 7 são apresentadas as regiões metropolitanas e as regiões de desenvolvimento integradas do Nordeste, as capitais regionais – todas elas núcleo central das respectivas regiões e o peso das mesmas no total da população do estado.

Tomando como referência o ano de 2010, com exceção da RM do Sudoeste Maranhense; do Cariri; Campina Grande; Agreste e a RIDE do Polo Petrolina/Juazeiro que tinham populações inferiores a 1 milhão de habitantes, todas as outras oito aglomerações superavam este limiar.

Em 2010, a participação da população das regiões metropolitanas do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Sergipe no total da população estadual supera 40%. Abaixo desse percentual, mas acima de 30% é a condição observada no Piauí, Paraíba e Alagoas e no Maranhão e na Bahia os percentuais são mais modestos, mas acima de 20%. Tais percentuais apontam com clareza a ampla proporção de população estadual concentrada nessas áreas metropolitanas, movimento esse que, exceto no que se refere à região Metropolitana do Recife, que se manteve inalterado, cresce no período 2000-2010. A ampla dimensão da aglomeração de populações nas regiões metropolitanas regionais tem sua maior expressão no Ceará porquanto 42,8% dos cearenses habitam o espaço metropolitano centrado em sua capital. Seguem-se Ihe, em quase igual dimensão, Natal (42,6%) e Recife (42,0%).

---

<sup>6</sup> As Regiões Metropolitanas e as Regiões Integradas de Desenvolvimento são: São Paulo – SP; Rio de Janeiro – RJ; Belo Horizonte – MG; Porto Alegre – RS; RIDE Distrito Federal e Entorno; Recife – PE; Fortaleza – CE; Salvador – BA; Curitiba – PR; Campinas – SP; Goiânia – GO; Manaus – AM; Belém – PA; Grande Vitória – ES; Baixada Santista – SP; Natal – RN; Grande São Luís – MA; João Pessoa – PB; Maceió – AL; RIDE Grande Teresina; Norte/Nordeste Catarinense – SC; Florianópolis – SC; Aracaju – SE; Vale do Rio Cuiabá – MT; Londrina – PR; Vale do Itajaí – SC; Campina Grande – PB; RIDE Petrolina/Juazeiro; Vale do Aço – MG; Maringá – PR; Agreste – AL; Cariri – CE; Carbonífera – SC; Foz do Rio Itajaí – SC; Macapá – AP; Chapecó – SC; Tubarão – SC; Lages – SC; Sudoeste Maranhense – MA

Tabela 7 – Região Nordeste – População das Regiões Metropolitanas e Capitais – 2000-2010

UF/RM/RIDE/Capital	2000	%	2010	%
Maranhão	5.657.552	100,0	6.574.789	100,0
Grande São Luís	1.070.688	18,9	1.331.181	20,2
São Luís	868.047	15,3	1.014.837	15,4
Sudoeste Maranhense	-	-	345.873	5,3
Piauí	2.843.428	100,0	3.118.360	100,0
RIDE da Grande Teresina	-	-	1.150.959	36,9
Teresina	714.583	25,1	814.230	26,1
Ceará	7.431.597	100,0	8.452.381	100,0
Fortaleza	2.984.689	40,2	3.615.767	42,8
Fortaleza	2.138.234	28,8	2.452.185	29,0
Cariri	-	-	564.478	6,7
Rio Grande do Norte	2.777.509	100,0	3.168.027	100,0
Natal	1.043.321	37,6	1.351.004	42,6
Natal	709.536	25,5	803.739	25,4
Paraíba	3.444.794	100,0	3.766.528	100,0
João Pessoa	-	-	1.198.576	31,8
João Pessoa	595.429	17,3	723.515	19,2
Campina Grande	-	-	736.381	19,6
Pernambuco	7.929.154	100,0	8.796.448	100,0
Recife	3.337.565	42,1	3.690.547	42,0
Recife	1.421.993	17,9	1.537.704	17,5
Alagoas	2.827.856	100,0	3.120.494	100,0
Maceió	989.182	35,0	1.156.364	37,1
Maceió	796.842	28,2	932.748	29,9
Agreste	-	-	601.049	19,3
Sergipe	1.784.829	100,0	2.068.017	100,0
Aracaju	-	-	835.816	40,4
Aracaju	461.083	25,8	571.149	27,6
Bahia	13.085.769	100,0	14.016.906	100,0
Salvador	3.021.572	23,1	3.573.973	25,5
Salvador	2.440.828	18,7	2.675.656	19,1
RIDE do Polo Petrolina/Juazeiro	-	-	686.410	4,9

Fonte: IBGE. Censo Demográfico, 2000-2010. SIDRA. Tabelas 200 e 1287

## Composição por idade e sexo

### População por idade e sexo

A estrutura etária é um dado importante no atendimento das demandas sociais, em especial aquelas que dizem respeito às necessidades educacionais, de saúde, de trabalho e de assistência social na velhice. A composição da população nordestina por sexo e grupos de idade, em cada momento, é o resultado da trajetória retrospectiva desde o momento em observação até tempos passados

relativamente distantes que definiram os nascimentos, as mortes, a emigração e a imigração, por idade e sexo, que ocorreram na região e em outras regiões. Dessa forma, por exemplo, a população nordestina do sexo feminino, com idades entre 35 e 39 anos completos, em 2010, em sua fração mais expressiva, é o resultado do número de nascimentos do sexo feminino que ocorreram entre 1971 e 1975. Essa população é diminuída pela parcela dessas nascidas entre 1971 e 1975 que morreram ao longo do período entre 1971 e 2010. Também é reduzida por aquela parte dessas crianças do sexo feminino que nasceram no nordeste entre 1971 e 1975, e sobreviveram até 2010, data aqui considerada, mas deixaram a região entre 1971 e 2010. De outro lado, ela é aumentada pelas crianças do sexo feminino nascidas em outras regiões, entre 1971 e 1975, e que sobreviveram, e que adentraram no Nordeste entre 1971 e 2010 e sobreviveram até a data aqui considerada, 2010. É, assim, do balanço entre nascimentos, mortes, emigração e imigração que fica definido o tamanho do grupo de mulheres residentes no Nordeste que, em 2010, constituíram o grupo etário 35 a 39 anos.

Na Tabela 8 é apresentada a população nordestina por sexo e grupos de idade nas datas censitárias. No Gráfico 3 tal composição populacional tem formato piramidal nos anos de 1980 (área colorida), em razão das crescentes gerações nascidas ao longo do tempo, e a perda deste formato com o estreitamento progressivo da base (área traçada), em razão de menores números de nascimento a partir de então. Nesse Gráfico 3 ficam estabelecidas as mudanças ocorridas na pirâmide de idades na população nordestina em termos absolutos, tendo em conta dois pontos extremos, 1980, momento a partir do qual os nascimentos na região atingem o seu maior número e a partir do qual iniciam um processo de redução em números absolutos e, 2010, a data das informações mais recentes.

Os dados mostram que a despeito da população nordestina crescer ao longo de todo o período ela sofre uma profunda transformação na estrutura etária em razão da queda da fecundidade que experimenta desde os anos de 1970. O Censo Demográfico de 1991 recenseia uma população com menos de cinco anos menor do que aquela registrada em 1980, confirmando de forma cabal a significativa redução dos níveis de reprodução das mulheres nordestinas, vez que, conforme se pode observar nos dados da Tabela 8 o número de mulheres em idade reprodutiva estava a crescer.

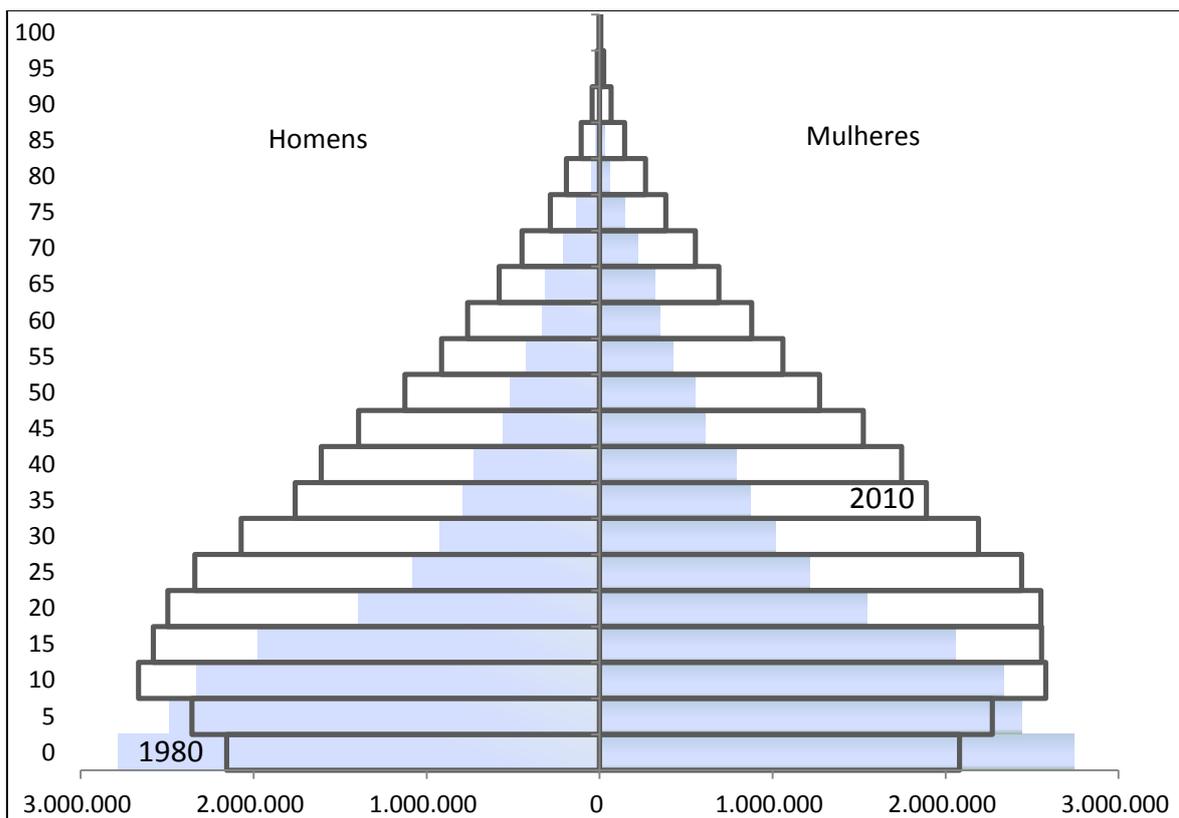
Os dados de 2000 apontam a progressiva contração do número de crianças, diminuindo ainda o primeiro grupo de idades, em razão do menor número de nascimentos na segunda metade da década precedente, somando-se ao menor tamanho do grupo de cinco a nove anos de idade, como resultado do menor número de nascimentos na primeira metade da década de 1990.

Tabela 8 – Nordeste – População por sexo e grupos de idades – 1970/2010

Sexo e Grupos de idades (em anos)	Anos									
	1970		1980		1991		2000		2010	
	Homens	Mulheres								
00 – 04	2.392.722	2.370.063	2.781.768	2.746.602	2.741.118	2.683.888	2.570.580	2.495.593	2.156.068	2.081.406
05 – 09	2.165.216	2.143.691	2.484.082	2.442.962	2.908.194	2.848.665	2.609.496	2.541.081	2.356.474	2.270.963
10 – 14	1.805.934	1.843.176	2.325.685	2.338.304	2.784.171	2.779.511	2.801.803	2.752.702	2.665.839	2.579.337
15 – 19	1.480.568	1.624.581	1.973.129	2.057.565	2.354.686	2.400.996	2.810.543	2.767.878	2.580.749	2.555.119
20 – 24	1.138.291	1.304.591	1.395.624	1.549.118	1.846.049	1.968.451	2.303.924	2.324.339	2.497.122	2.551.003
25 – 29	843.004	967.560	1.079.830	1.217.177	1.555.101	1.694.792	1.791.534	1.891.315	2.341.069	2.439.128
30 – 34	729.872	824.373	924.444	1.016.824	1.268.686	1.386.333	1.613.194	1.740.337	2.072.044	2.189.846
35 – 39	619.951	713.244	787.436	875.353	1.058.230	1.185.807	1.451.496	1.569.892	1.759.523	1.888.622
40 – 44	593.608	625.947	726.740	792.009	939.819	1.020.028	1.187.147	1.302.457	1.609.419	1.746.386
45 – 49	489.124	493.477	553.451	612.173	747.513	819.107	975.699	1.086.287	1.393.291	1.525.052
50 – 54	422.913	420.494	518.025	554.133	640.814	710.455	834.876	922.556	1.124.879	1.271.726
55 – 59	334.344	324.168	422.857	427.083	490.429	577.111	654.421	759.271	914.617	1.060.143
60 – 64	271.281	266.902	331.916	347.593	435.607	501.380	564.229	670.726	763.608	879.859
65 – 69	180.707	176.825	313.452	319.635	381.594	414.912	418.069	505.716	580.506	690.356
70 – 74	123.571	132.641	210.516	220.033	272.454	296.147	342.281	407.126	449.022	554.281
75 – 79	62.167	67.444	132.493	146.630	193.085	214.928	244.466	280.233	285.718	383.075
80 ou mais	65.686	93.413	82.123	108.675	165.742	211.737	257.051	334.169	359.100	506.600
80 – 84	-	-	-	-	-	-	148.571	179.824	192.810	266.205
85 – 89	-	-	-	-	-	-	76.417	98.043	106.353	144.403
90 – 94	-	-	-	-	-	-	24.274	36.748	43.499	65.574
95 – 99	-	-	-	-	-	-	6.728	12.086	13.368	23.383
100 ou mais	-	-	-	-	-	-	1.061	7.468	3.070	7.035
Ignorada	20,5		23,7		21,3		20,8			
Total (em mil)	13.719,0	14.392,6	17.043,6	17.771,9	20.783,3	21.714,2	23.430,8	24.351,7	25.909,0	27.172,9

Fonte: IBGE. Censo Demográfico, 1970/2010 – Sidra

Gráfico 3 – Nordeste – População por sexo e grupos de idades – 1980 e 2010



Fonte: Tabela 8

Aparentemente, os movimentos migratórios em direção à região, possivelmente, em especial os movimentos de retorno, teriam minorado os impactos da queda da fecundidade sobre os resultados do censo de 2000, uma vez que o grupo o grupo 10-14 anos, em 2000, é maior do que o número de menores de cinco anos nos anos de 1990.

Em relação aos resultados censitários de 2010, a expressiva redução em números absolutos da população menor de cinco anos de idade reflete a continuada queda da fecundidade regional, à qual se soma o fato de terem ingressado nas idades reprodutivas as gerações de mulheres nascidas nos anos de fecundidade cadente.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Em 2010, o grupo etário com mais significativa participação nas idades reprodutivas (20 – 29 anos) provinha das gerações nascidas entre 1980 e 1990.

## Razão de sexo

Apresentada em termos absolutos, a distribuição da população nordestina por grupos de idades e sexo apresenta algumas características a serem salientadas.<sup>8</sup> Em primeiro lugar o maior número de mulheres do que homens na população total, em todas as datas. Essa desproporção é fruto da maior mortalidade masculina em relação à feminina, sendo esse diferencial devido a uma fragilidade significativa ao nascer e uma sobremortalidade masculina na juventude extremamente diferenciada em razão de mortes violentas e nas demais idades em razão do modo de vida masculino. Em consequência dessa maior mortalidade de homens comparada à de mulheres, a razão de sexo, mensurada pelo quociente do número total de homens em relação ao número total de mulheres, apresentada na Tabela 9, expressa em porcentagem, mantém-se sempre menor do que 100 em todo o período analisado.

Em contraposição, de acordo com os dados da Tabela 9, a razão de sexo no primeiro grupo de idades, 0 a 5 anos incompletos, sempre se mostra superior a 100, a indicar maior número de homens do que mulheres nessas idades. Isso a exemplo de 1970, em que o número de crianças do sexo masculino (2.392.722) dividido pelo número de meninas desse grupo etário (2.370.063) resulta em uma razão de sexo igual a 101. A razão de sexo acima de 100 no primeiro grupo de idades, que se mantém acima de 100 ao longo de todo o período considerado, é o resultado de nascerem mais crianças do sexo masculino do que do sexo feminino.

À medida que a população aumenta de idade, a razão de sexo começa a decrescer e nas idades mais avançadas apresenta-se muito abaixo de 100, atingindo em 2010 o valor de 70,9. Qual seja, entre a população de 80 anos e mais, em 2010, para cada 1000 mulheres com 80 anos ou mais só existem 709 homens em idade correspondente.

A evolução da razão de sexo nos primeiros grupos de idades mostra que, em 1970, apenas os dois primeiros grupos apresentavam valores acima de 100. Em 1980 a condição persiste, mas no terceiro grupo de idades (10 a 14 anos completos) a razão de sexo muito se aproxima de 100 (99,5%). Em 1991, o grupo de 10-14 anos incorpora-se àqueles nos quais os números de homens são maiores do que os de mulheres e, em 2000, também o grupo 15-19 anos tem mais homens do que

---

<sup>8</sup> Para fins de construção das pirâmides de idades, a população, por grupos de idades e sexo, não informada foi redistribuída por grupos de idades e sexo com base nas informações conhecidas.

mulheres. Em 2010 repete-se a situação existente em 2000, anos nos quais a população menor de 20 anos é em maior número do sexo masculino. Essa tendência em manter-se a razão de sexo maior do que 100 em grupos de idades imediatamente acima dos 5 anos é um indicador de redução do diferencial de mortalidade por sexo nestes grupos de idade em razão de investimentos nas condições de nascimento e vida dos recém-nascidos e das crianças menores. Dos 20 anos em diante, a emigração masculina e a sobremortalidade masculina determinam a queda na razão de sexo.

Tabela 9 – Nordeste – Razão de sexo segundo grupos de idades – 1970/2010

Grupos de idades	Anos				
	1970	1980	1991	2000	2010
00 – 04	101,0	101,3	102,1	103,0	103,6
05 – 09	101,0	101,7	102,1	102,7	103,8
10 – 14	98,0	99,5	100,2	101,8	103,4
15 – 19	91,1	95,9	98,1	101,5	101,0
20 – 24	87,3	90,1	93,8	99,1	97,9
25 – 29	87,1	88,7	91,8	94,7	96,0
30 – 34	88,5	90,9	91,5	92,7	94,6
35 – 39	86,9	90,0	89,2	92,5	93,2
40 – 44	94,8	91,8	92,1	91,1	92,2
45 – 49	99,1	90,4	91,3	89,8	91,4
50 – 54	100,6	93,5	90,2	90,5	88,5
55 – 59	103,1	99,0	85,0	86,2	86,3
60 – 64	101,6	95,5	86,9	84,1	86,8
65 – 69	102,2	98,1	92,0	82,7	84,1
70 – 74	93,2	95,7	92,0	84,1	81,0
75 – 79	92,2	90,4	89,8	87,2	74,6
80 ou mais	70,3	75,6	78,3	76,9	70,9
Total	95,3	95,9	95,7	96,2	95,3

Fonte dos dados básicos: Tabela 8.

As possíveis reduções de diferenciais de mortalidade entre homens e mulheres obtidos ao longo dos últimos decênios, conforme se pode observar a partir dos dados de 2000, começam a desaparecer, dando lugar a uma sobremortalidade masculina que reduz de forma expressiva a razão de sexo a partir dos 20 anos de idade. Dessa idade em diante a razão de sexo é claramente desvantajosa para os homens nordestinos, mas não é possível imputar a totalidade do movimento ao diferencial de mortalidade entre os sexos (ainda que seja, o mais expressivo determinante, principalmente até os 35 anos, em razão da sobremortalidade

masculina nessas idades) porque movimentos migratórios – de imigração e emigração – interferem positiva e negativamente sobre o valor do índice. Na população mais velha, para o conjunto da população nordestina, pode-se atribuir aos diferenças de mortalidade, qual seja a maior mortalidade masculina em todos os grupos de idade, o continuado declínio na razão de sexo, vez que se pode assumir ser modesto o impacto da migração nessas idades no diferencial de sexo.

### Pirâmide de idades

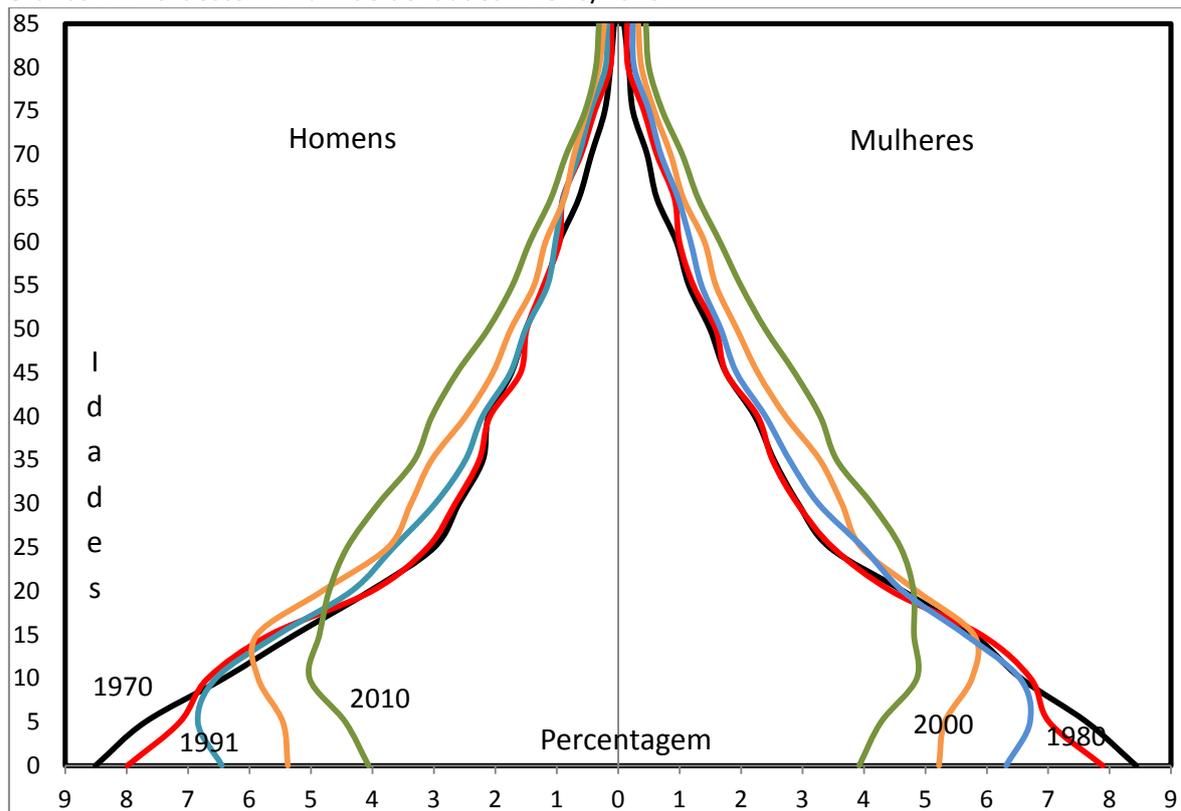
A composição da população por sexo e grupos de idade, incorporando diferenciais de mortalidade e migração, é melhor visualizada quando as participações de homens e mulheres na população total segundo grupos de idades são apresentadas em termos relativos. Na Tabela 10 são mostrados tais dados em termos percentuais e no Gráfico 4 a sua representação dinâmica pela qual se torna mais imediata a apreensão de sua composição e variação ao longo do tempo.

Tabela 10 – Nordeste – População por sexo segundo grupos de idades (em percentagem) – 1970/2010

Grupos de idades	1970		1980		1991		2000		2010	
	Homem	Mulher								
00 – 04	8,5	8,4	8,0	7,9	6,5	6,3	5,4	5,2	4,1	3,9
05 – 09	7,7	7,6	7,1	7,0	6,8	6,7	5,5	5,3	4,4	4,3
10 – 14	6,4	6,6	6,7	6,7	6,6	6,5	5,9	5,8	5,0	4,9
15 – 19	5,3	5,8	5,7	5,9	5,5	5,6	5,9	5,8	4,9	4,8
20 – 24	4,0	4,6	4,0	4,4	4,3	4,6	4,8	4,9	4,7	4,8
25 – 29	3,0	3,4	3,1	3,5	3,7	4,0	3,7	4,0	4,4	4,6
30 – 34	2,6	2,9	2,7	2,9	3,0	3,3	3,4	3,6	3,9	4,1
35 – 39	2,2	2,5	2,3	2,5	2,5	2,8	3,0	3,3	3,3	3,6
40 – 44	2,1	2,2	2,1	2,3	2,2	2,4	2,5	2,7	3,0	3,3
45 – 49	1,7	1,8	1,6	1,8	1,8	1,9	2,0	2,3	2,6	2,9
50 – 54	1,5	1,5	1,5	1,6	1,5	1,7	1,7	1,9	2,1	2,4
55 – 59	1,2	1,2	1,2	1,2	1,2	1,4	1,4	1,6	1,7	2,0
60 – 64	1,0	0,9	1,0	1,0	1,0	1,2	1,2	1,4	1,4	1,7
65 – 69	0,6	0,6	0,9	0,9	0,9	1,0	0,9	1,1	1,1	1,3
70 – 74	0,4	0,5	0,6	0,6	0,6	0,7	0,7	0,9	0,8	1,0
75 – 79	0,2	0,2	0,4	0,4	0,5	0,5	0,5	0,6	0,5	0,7
80 – 84	0,1	0,2	0,1	0,2	0,2	0,3	0,3	0,4	0,4	0,5
85 ou mais	0,1	0,1	0,1	0,1	0,2	0,2	0,2	0,3	0,3	0,5
Total	48,8	51,2	49,0	51,0	48,9	51,1	49,0	51,0	48,8	51,2

Fonte dos dados brutos: Tabela 8

Gráfico 4 –Nordeste – Pirâmide de Idades – 1970/2010



Fonte dos dados brutos: Tabela 10

Nos anos de 1970 as altas proporções dos grupos etários jovens impõem à distribuição etária da população uma forma piramidal. Essa forma é típica das populações nas quais os níveis de fecundidade feminina são altos e nas quais é gerado um grande número de nascimentos a cada ano. Nessa situação a base da pirâmide é larga, em razão de uma natalidade alta e seu primeiro degrau tende a se manter largo e mesmo experimentar ampliação ao longo do tempo se estes níveis de fecundidade permanecem elevados ou crescem e combinam com números crescentes de mulheres em idades reprodutivas. Situações em que a distribuição etária assume a forma de uma pirâmide e a base da pirâmide é larga são representativas de populações com níveis de mortalidade geral, e especialmente de mortalidade infantil, altas. Assim, nos anos de 1970 a população nordestina pode ser caracterizada como uma população jovem (quase 1/3 da população tem menos de 10 anos e mais da metade tem menos de 20 anos de idade) com altos níveis de fecundidade e mortalidade.<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Essas evidências serão tratadas especificamente nas seções sobre fecundidade e mortalidade.

Os anos de 1980 mostram uma primeira mudança na estrutura etária nordestina: uma retração na proporção dos dois primeiros grupos quinquenais (0 a 4 anos e 5 a 9 anos), representada pelo encolhimento da base da pirâmide quando confrontada com a de 1970. Tais evidências apontam que o número de nascimentos ocorridos nos anos de 1970 reduziu-se em termos relativos, mas não necessariamente em termos absolutos: em 1970 a população com menos de 5 anos era de 4,8 milhões de crianças e em 1980 cresceu para 5,5 milhões; em 1970 as crianças entre 5 e 9 anos de idade são 4,3 milhões e, em 1980, 4,9 milhões. Entretanto, quando consideradas em termos relativos, ou seja, a proporção em que participam da população total, o grupo etário de menos de 5 anos, que em 1970 representava 16,9%, em 1980, declina para 15,9%. As crianças de 5 a 9 anos que constituíam 15,3%, em 1970, passam a personificar 14,1% do total da população regional, em 1980.

Os resultados do Censo Demográfico de 1991 mostram, pela primeira vez no Nordeste, uma população menor de 5 anos de idade menos numerosa do que a do censo precedente. Esse grupo etário experimenta, em 1991, uma modesta redução absoluta em relação a 1980, da ordem de pouco mais de 100 mil crianças (5.528 mil, em 1980, e 5.425 mil, em 1991), que, em termos relativos, resulta em uma redução do peso desse grupo no total da população de 15,9%, em 1980, para 12,8%, em 1991. O declínio no número de nascimentos no intervalo censitário é de ordem tal que a população menor de 5 anos em 1991 é menor do que a de 5 a 9 anos, o que é representado na distribuição proporcional da pirâmide de idades na indentação de sua base.

A queda dos níveis de fecundidade regional, que a partir dos anos de 1991 resultam na mudança da forma da pirâmide etária de base larga para a de progressivo estreitamento da mesma, persiste ao longo dos decênios subsequentes, é observada no Gráfico 4.

A trajetória da queda no número de nascimentos no Nordeste em números absolutos revela uma pequena redução no número absoluto de crianças com menos de 5 anos de idade, passando de 4,7 milhões, em 1970, para 4,2 milhões, em 2010; uma queda de pouco mais de 10%. Mas quando este contingente é considerado em relação à população total, qual seja, em termos de sua participação percentual na população nordestina, o grupo das crianças com menos de 5 anos reduz-se para menos da metade do que era em 1970 – 16,9%, em 1970 e 8,0%, em 2010.

## Grupos etários especiais

No contínuo crescimento do volume da população nordestina, a tendência de redução no tamanho dos grupos de menores idades (menos de 15 anos) a partir de 1991 é, em termos absolutos, mais do que compensada pelo aumento da população de 15 anos ou mais, toda ela nascida antes do início da queda da fecundidade regional. Nos grupos de idades mais elevadas o maior crescimento absoluto entre 1991 e 2010 ocorre na população entre 15 e 64 anos e, em termos relativos, na população de 65 anos ou mais. O volume, assim como a distribuição proporcional da população nordestina segundo os grandes grupos de idades – menos de 15 anos; de 15 a 64 anos e 65 anos ou mais – segundo a situação do domicílio são apresentados na Tabela 11.

Tabela 11 – Nordeste – População e proporção dos grandes grupos etários segundo situação do domicílio – 1970/2010

Situação do Domicílio	Grupos de Idades	N / %	1970	1980	1991	2000	2010
Total	Menos de 15 anos	N	12.720.801	15.119.403	16.745.547	15.771.255	14.110.087
		%	45,3	43,4	39,4	33,0	26,6
	15 a 64 anos	N	14.488.296	18.162.478	23.601.394	29.222.121	35.163.205
		%	51,5	52,2	55,5	61,2	66,2
	65 anos e mais	N	902.453	1.533.558	2.150.599	2.789.111	3.808.658
		%	3,2	4,4	5,1	5,8	7,2
Urbano	Menos de 15 anos	N	5.064.267	7.103.241	9.491.460	10.199.813	9.828.005
		%	43,1	40,4	36,8	30,9	25,3
	15 a 64 anos	N	6.303.133	9.690.487	14.992.061	20.839.022	26.264.472
		%	53,6	55,2	58,2	63,2	67,7
	65 anos e mais	N	389.051	774.273	1.292.758	2.105.966	2.970.186
		%	3,3	4,4	5,0	5,8	7,0
Rural	Menos de 15 anos	N	7.656.406	8.016.019	7.254.087	5.571.442	4.282.081
		%	46,8	46,5	43,4	37,6	30,0
	15 a 64 anos	N	8.185.287	8.472.135	8.609.333	8.383.100	8.898.736
		%	50,0	49,1	51,5	56,6	62,4
	65 anos e mais	N	513.406	759.284	857.841	867.983	1.077.442
		%	3,1	4,4	5,1	5,9	7,6

Fonte dos dados brutos: IBGE. Censos Demográficos 1970/2010.

Visto no total da população nordestina, observa-se um expressivo declínio do grupo de menores de 15 anos de idade ao longo do tempo. A significância do movimento de redução da população jovem pode ser aferida pela dimensão que a

mesma assumia nos anos de 1970 (45,3% – quase a metade da população regional) e a proporção que apresenta em 2010 (26,6% – pouco mais de ¼ do contingente humano da região). A esse movimento de contração da população jovem opõe-se uma expressiva expansão da população adulta – 15 a 64 anos – que passa a representar 2/3 da população nordestina em 2010, em contraste com os 51,5% que figuravam em 1970. Mais significativa ainda é a ampliação do peso da população de 65 anos e mais a qual, em 1970, apenas 32 em cada mil nordestinos tinha idade maior ou igual 65 anos e, em 2010, esse número mais do que duplicou alçando a 72 de cada mil. Tais movimentos se devem àquilo que ocorreu de forma similar nas populações urbanas e rurais, sendo as suas dimensões determinadas inicialmente (anos de 1970-1980) pelo que se passava na área rural e posteriormente pelas ocorrências urbanas.

Comparadas as populações urbanas e rurais em termos de suas composições pelos grandes grupos de idades identifica-se a superioridade da população com menos de 15 anos de idade nas áreas rurais, movimento esse que se inverte no que respeita ao grupo de 15 a 64 anos. Como as proporções de população de 65 anos e mais são muito semelhantes nas áreas rurais e urbanas, as diferenças nas proporções mais elevadas de população jovem nas áreas rurais são compensadas por diferenças mais elevadas de população madura nas áreas urbanas.

### **População urbana e rural por idade e sexo**

Nos anos de 1980 a população nordestina residente em áreas definidas pelas autoridades municipais como sendo urbanas (17.959.640 pessoas) tornou-se mais numerosa do que aquela habitante de áreas rurais (17.459.516 pessoas). Não só a população urbana superou a rural em termos numéricos, mas, também, dela manteve a diferença em termos de composição por sexo e grupos de idade. Os dados para o período 1970/2010 estão apresentados na Tabela 12, sobre a população urbana, e na Tabela 13, sobre a população rural.

Tabela 12 – Nordeste – População urbana por sexo e grupos de idades – 1970/2010

Grupos de Idades	1970		1980		1991		2000		2010	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
0 a 4 anos	917.651	909.708	1.271.945	1.251.808	1.519.298	1.487.721	1.669.655	1.618.044	1.522.154	1.471.241
5 a 9 anos	859.272	857.729	1.145.629	1.139.516	1.633.085	1.612.860	1.668.106	1.630.103	1.628.724	1.578.568
10 a 14 anos	725.793	784.512	1.112.349	1.172.436	1.591.664	1.646.832	1.799.709	1.814.196	1.831.886	1.795.432
15 a 19 anos	601.312	736.750	1.003.728	1.134.328	1.374.821	1.529.058	1.868.201	1.942.634	1.789.846	1.839.491
20 a 24 anos	473.161	593.516	748.595	880.286	1.148.313	1.311.949	1.598.904	1.714.037	1.819.763	1.937.405
25 a 29 anos	342.058	435.113	571.797	686.827	992.497	1.151.661	1.272.639	1.423.959	1.746.399	1.895.623
30 a 34 anos	304.398	376.047	480.797	563.070	818.545	942.215	1.156.019	1.311.410	1.547.236	1.710.017
35 a 39 anos	261.256	326.888	395.259	467.721	674.051	793.708	1.043.152	1.189.349	1.308.795	1.480.593
40 a 44 anos	250.460	291.711	364.675	425.268	580.762	662.882	850.172	978.423	1.190.181	1.361.204
45 a 49 anos	206.438	228.955	276.994	330.134	445.165	518.846	682.167	798.294	1.026.620	1.187.062
50 a 54 anos	171.312	188.727	257.993	305.215	375.531	449.627	563.685	664.214	819.770	978.196
55 a 59 anos	132.721	149.141	205.742	231.657	285.068	364.751	422.235	526.947	646.187	799.713
60 a 64 anos	102.650	118.560	159.112	188.285	249.181	323.430	358.182	474.399	522.542	657.829
65 a 69 anos	70.569	83.592	139.820	167.754	212.788	263.398	269.014	363.819	389.306	512.728
70 a 74 anos	47.051	60.507	96.448	120.861	150.273	186.863	220.270	297.931	302.835	415.190
75 a 79 anos	24.429	32.565	61.608	84.067	107.834	138.704	158.927	204.785	194.598	289.829
80 anos ou mais	24.891	44.709	40.136	62.542	94.967	137.931	-	-	-	-
80 a 84 anos	-	-	-	-	-	-	95.463	128.510	131.069	204.078
85 a 89 anos	-	-	-	-	-	-	48.764	71.052	71.397	109.713
90 a 94 anos	-	-	-	-	-	-	16.106	27.030	28.208	49.314
95 a 99 anos	-	-	-	-	-	-	4.611	8.972	8.783	16.851
100 anos ou mais	-	-	-	-	-	-	682	5.191	1.844	5.468
Idade ignorada	10.396	11.903	11.647	11.952	-	-	-	-	-	-
Total	5.525.818	6.230.633	8.344.274	9.223.727	12.253.843	13.522.436	15.766.663	17.193.297	18.528.145	20.295.546

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1970/2010 – Sidra.

Tabela 13 – Nordeste – População rural por sexo e grupos de idades – 1970/2010

Grupos de Idades	1970		1980		1991		2000		2010	
	Homens	Mulheres								
0 a 4 anos	1.471.499	1.456.458	1.506.351	1.491.587	1.221.820	1.196.167	900.925	877.548	633.913	610.166
5 a 9 anos	1.302.712	1.282.437	1.335.353	1.300.593	1.275.109	1.235.805	941.390	910.978	727.750	692.394
10 a 14 anos	1.077.445	1.055.633	1.210.433	1.163.137	1.192.507	1.132.679	1.002.094	938.507	833.953	783.905
15 a 19 anos	877.046	885.160	966.938	920.834	979.865	871.938	942.342	825.244	790.903	715.628
20 a 24 anos	663.431	708.930	645.287	667.023	697.736	656.502	705.020	610.302	677.359	613.598
25 a 29 anos	499.688	530.856	506.685	528.929	562.604	543.131	518.894	467.357	594.669	543.505
30 a 34 anos	424.385	446.970	442.493	452.567	450.141	444.118	457.175	428.927	524.809	479.830
35 a 39 anos	357.770	385.183	391.194	406.610	384.179	392.099	408.344	380.543	450.728	408.029
40 a 44 anos	342.262	333.207	361.158	365.816	359.057	357.146	336.974	324.034	419.238	385.182
45 a 49 anos	281.956	263.711	275.766	281.324	302.348	300.261	293.532	287.993	366.671	337.990
50 a 54 anos	250.970	231.076	259.385	248.271	265.283	260.828	271.192	258.342	305.110	293.531
55 a 59 anos	201.124	174.494	216.587	194.927	205.361	212.360	232.186	232.325	268.430	260.430
60 a 64 anos	168.226	147.903	172.390	158.902	186.426	177.950	206.047	196.327	241.066	222.030
65 a 69 anos	109.868	92.942	173.241	151.508	168.806	151.514	149.055	141.897	191.199	177.627
70 a 74 anos	76.336	71.916	113.805	98.915	122.181	109.284	122.011	109.195	146.186	139.091
75 a 79 anos	37.645	34.768	70.720	62.392	85.251	76.224	85.539	75.449	91.120	93.246
80 anos ou mais	40.697	48.550	41.885	46.006	70.775	73.806	-	-	-	-
80 a 84 anos	-	-	-	-	-	-	53.108	51.313	61.740	62.127
85 a 89 anos	-	-	-	-	-	-	27.653	26.991	34.956	34.690
90 a 94 anos	-	-	-	-	-	-	8.168	9.718	15.291	16.260
95 a 99 anos	-	-	-	-	-	-	2.117	3.114	4.585	6.532
100 anos ou mais	-	-	-	-	-	-	378	2.277	1.225	1.567
Idade ignorada	10.082	11.764	9.625	8.801	-	-	-	-	-	-
Total	8.193.142	8.161.958	8.699.296	8.548.142	8.529.449	8.191.812	7.664.145	7.158.382	7.380.901	6.877.358

Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1970/2010 – Sidra.

## **Razão de sexo urbana e rural**

Conforme apontado na seção “Composição por idade e sexo – razão de sexo”, para o conjunto da população nordestina, é observado a partir de 1991 um aumento sucessivo e persistente na razão de sexo que faz com que a mesma ultrapasse 100 para todos os grupos de idade abaixo de 20 anos de idade. Tal movimento, entretanto, estaciona-se e apresenta declínio no grupo 15-19 anos entre 2000 e 2010.

Em uma população aberta, o fato de que os efeitos das variações diferenciais nos níveis de mortalidade por sexo têm nos movimentos migratórios fatores que acentuam ou atenuam os diferenciais entre o número de homens e mulheres por grupos de idades impedem de se atribuir, inequivocamente, o comportamento da razão de sexo aos diferenciais de mortalidade entre homens e mulheres. Dessa forma, como os níveis e padrões migratórios muito se diferenciam por idade e sexo e, particularmente, pela situação de domicílio (urbana ou rural) há que se ter bastante cautela quanto aos fatores subjacentes ao nível e evolução da razão de sexo quando se considera a razão de sexo tendo em conta a presença simultânea desses fatores – idade, situação de domicílio, mortalidade, migração.

Na Tabela 14 é apresentada a razão de sexo por situação do domicílio e grupos de idades para o período 1970/2010 e no Gráfico 5 suas representações gráficas.

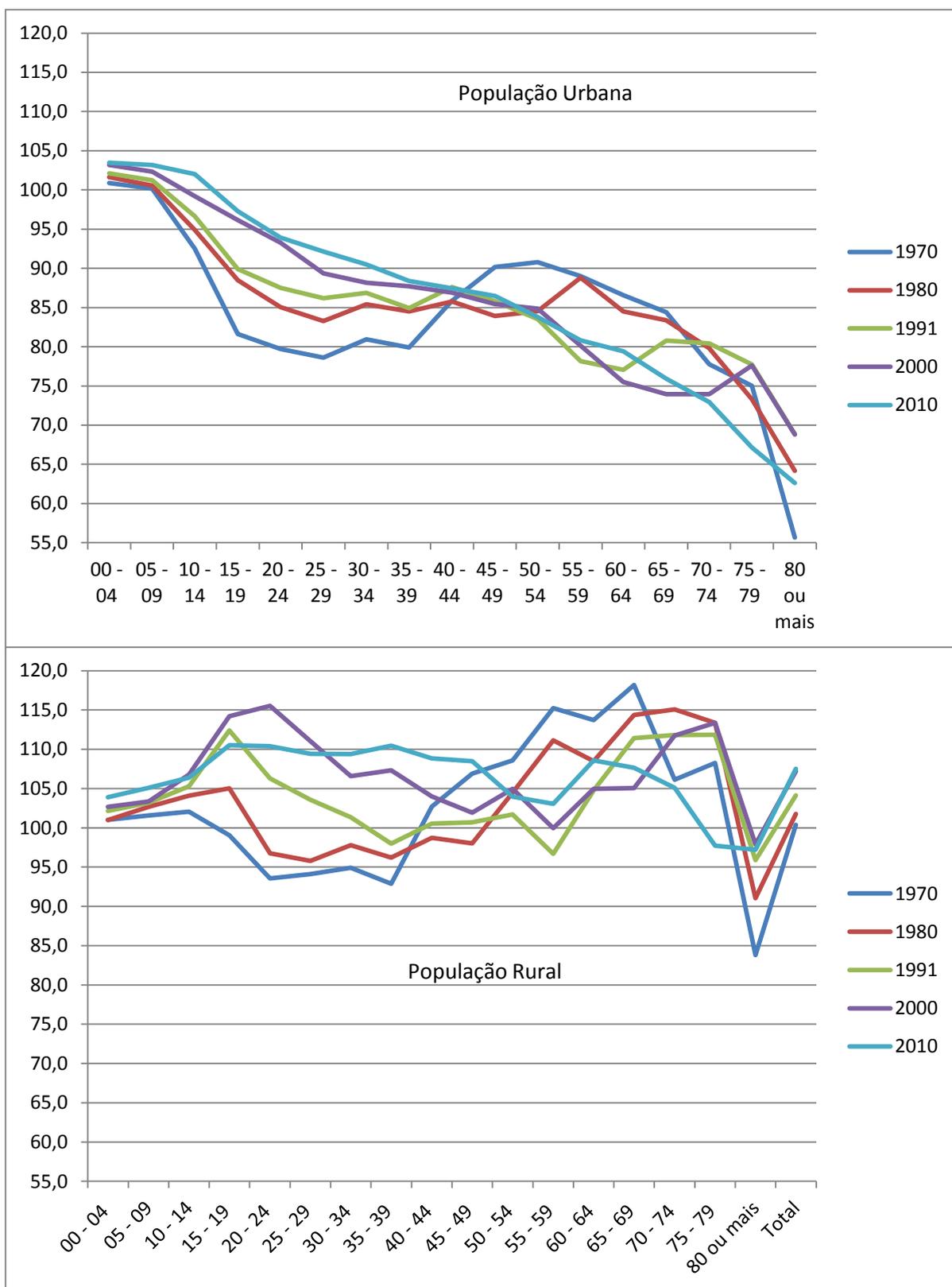
Visto no agregado, encontra-se que a razão de sexo na área rural é superior a 100, a indicar maior número de homens do que mulheres residindo em áreas rurais, ao contrário do que ocorre nas áreas urbanas para as quais a razão de sexo é inferior a 100. Para ambas as situações de domicílio, ao longo do período 1970/2010, é observado aumento da razão de sexo, tendo sido mais expressivo nas áreas rurais, ao passar de 100,4, em 1970, para 107,5, em 2010 (aumento de 7,1%), em contraste à menor variação na área urbana que, entre 1970 e 2010, passou de 88,7 para 90,1 (incremento de 3,6%).

Tabela 14 – Nordeste – Razão de sexo por grupos de idade segundo situação de domicílio – 1970/2010

Grupos de idades	1970	1980	1991	2000	2010
	Urbana				
00 – 04	100,9	101,6	102,1	103,2	103,5
05 – 09	100,2	100,5	101,3	102,3	103,2
10 – 14	92,5	94,9	96,7	99,2	102,0
15 – 19	81,6	88,5	89,9	96,2	97,3
20 – 24	79,7	85,0	87,5	93,3	93,9
25 – 29	78,6	83,3	86,2	89,4	92,1
30 – 34	80,9	85,4	86,9	88,2	90,5
35 – 39	79,9	84,5	84,9	87,7	88,4
40 – 44	85,9	85,8	87,6	86,9	87,4
45 – 49	90,2	83,9	85,8	85,5	86,5
50 – 54	90,8	84,5	83,5	84,9	83,8
55 – 59	89,0	88,8	78,2	80,1	80,8
60 – 64	86,6	84,5	77,0	75,5	79,4
65 – 69	84,4	83,4	80,8	73,9	75,9
70 – 74	77,8	79,8	80,4	73,9	72,9
75 – 79	75,0	73,3	77,7	77,6	67,1
80 ou mais	55,7	64,2	68,9	68,8	62,6
Total	88,7	90,5	90,6	92,0	91,8
Rural					
00 – 04	101,0	101,0	102,1	102,7	103,9
05 – 09	101,6	102,7	103,2	103,3	105,1
10 – 14	102,0	104,1	105,3	106,8	106,4
15 – 19	99,1	105,0	112,4	114,2	110,5
20 – 24	93,6	96,7	106,3	115,5	110,4
25 – 29	94,1	95,8	103,6	111,0	109,4
30 – 34	94,9	97,8	101,4	106,6	109,4
35 – 39	92,9	96,2	98,0	107,3	110,5
40 – 44	102,7	98,7	100,5	104,0	108,8
45 – 49	106,9	98,0	100,7	101,9	108,5
50 – 54	108,6	104,5	101,7	105,0	103,9
55 – 59	115,2	111,1	96,7	99,9	103,1
60 – 64	113,7	108,5	104,8	105,0	108,6
65 – 69	118,2	114,4	111,4	105,0	107,6
70 – 74	106,1	115,1	111,8	111,7	105,1
75 – 79	108,3	113,4	111,8	113,4	97,7
80 ou mais	83,8	91,0	95,9	97,9	97,2
Total	100,4	101,8	104,1	107,2	107,5

Fonte: IBGE. Censo Demográfico, 1970/2010 – Sidra

Gráfico 5 – Nordeste – Razão de sexo por grupos de idade segundo situação de domicílio – 1970/2010



Fonte: Tabela 14

Os resultados da Tabela 14, referentes ao total da população nordestina, apontam que a trajetória de aumento observada entre 1970 e 2010 nas razões de sexo dos grupos etários iniciais apresentados na Tabela 9 (grupos 0 a 4; 5 a 9, 10 a 14 e 15 a 19 anos), não se deve ao comportamento da população urbana, porquanto apenas em 2010 é que o grupo 10-14 anos apresenta maior número de homens do que mulheres, e em todos os demais anos, tão somente nos grupos 0 a 4 anos e 5 a 9 anos a razão de sexo é maior do que 100.

Os níveis elevados das razões de sexo segundo os grupos de idades nas áreas rurais é um forte indicativo da migração de mulheres em direção às áreas urbanas, movimento esse que deprime a razão de sexo urbana e eleva a rural.

Observe-se que na população rural, em 1970, cinco grupos etários (15-19, 20-24, 25-29, 30-34 e 35-39 anos) tinham uma razão de sexo que mostrava maior número de mulheres do que homens. Fato que se repete nos anos de 1980, com a exclusão do grupo de 15 a 19 anos, a sugerir que uma profunda mutação teria ocorrido no período, muito possivelmente associado ao alto grau de urbanização experimentado pela região no período. Observe-se que de acordo com os dados da Tabela 4, em 1991 a população urbana (25,8 milhões) era 1,5 vezes maior do que a rural (16,7 milhões) e que essa razão aumentou para 2,2, em 2000 (33 milhões urbanos; 14,8 milhões rurais).

A população rural, em todos os anos censitários, para todos os grupos de idades, exceto o grupo etário aberto e, em 2010, o grupo anterior, apresenta razão de sexo superior a 100.

### **Pirâmide de idades urbana e rural**

Na Tabela 15 e na Tabela 16 a distribuição etária da população urbana e da população rural por sexo e grupos de idades, respectivamente, é apresentada em termos percentuais. No Gráfico 6 figura a evolução temporal da pirâmide de idades urbana e no Gráfico 7 a rural.

Antecipado pelos dados da Tabela 11, em termos dos grandes grupos de idades, as pirâmides de idades das populações urbana e rural são bastante distintas, em especial no que respeita às suas trajetórias ao longo do tempo, assim como no que se refere às populações em idades jovens e idosas.

Tabela 15 – Nordeste – População urbana por sexo segundo grupos de idades (em percentagem) – 1970/2010

Grupos de Idades	1970		1980		1991		2000		2010	
	Homem	Mulher								
00 – 04	7,8	7,8	7,3	7,1	5,9	5,8	5,1	4,9	3,9	3,8
05 – 09	7,3	7,3	6,5	6,5	6,3	6,3	5,1	4,9	4,2	4,1
10 – 14	6,2	6,7	6,3	6,7	6,2	6,4	5,5	5,5	4,7	4,6
15 – 19	5,1	6,3	5,7	6,5	5,3	5,9	5,7	5,9	4,6	4,7
20 – 24	4,0	5,1	4,3	5,0	4,5	5,1	4,9	5,2	4,7	5,0
25 – 29	2,9	3,7	3,3	3,9	3,9	4,5	3,9	4,3	4,5	4,9
30 – 34	2,6	3,2	2,7	3,2	3,2	3,7	3,5	4,0	4,0	4,4
35 – 39	2,2	2,8	2,3	2,7	2,6	3,1	3,2	3,6	3,4	3,8
40 – 44	2,1	2,5	2,1	2,4	2,3	2,6	2,6	3,0	3,1	3,5
45 – 49	1,8	2,0	1,6	1,9	1,7	2,0	2,1	2,4	2,6	3,1
50 – 54	1,5	1,6	1,5	1,7	1,5	1,7	1,7	2,0	2,1	2,5
55 – 59	1,1	1,3	1,2	1,3	1,1	1,4	1,3	1,6	1,7	2,1
60 – 64	0,9	1,0	0,9	1,1	1,0	1,3	1,1	1,4	1,3	1,7
65 – 69	0,6	0,7	0,8	1,0	0,8	1,0	0,8	1,1	1,0	1,3
70 – 74	0,4	0,5	0,5	0,7	0,6	0,7	0,7	0,9	0,8	1,1
75 – 79	0,2	0,3	0,4	0,5	0,4	0,5	0,5	0,6	0,5	0,7
80 – 84	0,1	0,2	0,1	0,2	0,2	0,3	0,5	0,5	0,5	0,7
85 ou mais	0,1	0,1	0,1	0,2	0,2	0,3	0,3	0,5	0,4	0,6

Fonte: Tabela 12

Conforme já evidenciado quando da análise da composição da população nordestina pelos grandes grupos de idades segundo a situação de domicílio (Tabela 11) nas áreas rurais (Tabela 16) há uma proporção maior de população nos três grupos iniciais – 0 a 4 anos, 5 a 9 anos e 10 a 14 anos – do que nas áreas urbanas (Tabela 15). Esses diferenciais por idade são elevados no que respeita aos homens, os quais se mostram proporcionalmente mais numerosos nas áreas rurais do que nas urbanas. A situação masculina difere do que se mostra em relação às mulheres que, persistentemente, para esses grupos etários iniciais, apresentam proporções rurais pouco mais próximas das urbanas, principalmente no segundo e terceiro grupo quinquenal. Observe-se que nos anos de 1970 o maior diferencial rural/urbano masculino não se restringe aos três primeiros grupos de idade, estendendo-se até os 30 anos, em contraste com o que ocorre com as mulheres que, já a partir dos 10 anos, apresentam proporções inferiores àquelas das áreas urbanas.

Tabela 16 – Nordeste – População rural por sexo segundo grupos de idades (em percentagem) – 1970/2010

Grupos de Idades	1970		1980		1991		2000		2010	
	Homem	Mulher								
00 – 04	9,0	8,9	8,7	8,7	7,3	7,2	6,1	5,9	4,4	4,3
05 – 09	8,0	7,9	7,8	7,5	7,6	7,4	6,4	6,1	5,1	4,9
10 – 14	6,6	6,5	7,0	6,8	7,1	6,8	6,8	6,3	5,8	5,5
15 – 19	5,4	5,4	5,6	5,3	5,9	5,2	6,4	5,6	5,5	5,0
20 – 24	4,1	4,3	3,7	3,9	4,2	3,9	4,8	4,1	4,8	4,3
25 – 29	3,1	3,3	2,9	3,1	3,4	3,2	3,5	3,2	4,2	3,8
30 – 34	2,6	2,7	2,6	2,6	2,7	2,7	3,1	2,9	3,7	3,4
35 – 39	2,2	2,4	2,3	2,4	2,3	2,3	2,8	2,6	3,2	2,9
40 – 44	2,1	2,0	2,1	2,1	2,1	2,1	2,3	2,2	2,9	2,7
45 – 49	1,7	1,6	1,6	1,6	1,8	1,8	2,0	1,9	2,6	2,4
50 – 54	1,5	1,4	1,5	1,4	1,6	1,6	1,8	1,7	2,1	2,1
55 – 59	1,2	1,1	1,3	1,1	1,2	1,3	1,6	1,6	1,9	1,8
60 – 64	1,0	0,9	1,0	0,9	1,1	1,1	1,4	1,3	1,7	1,6
65 – 69	0,7	0,6	1,0	0,9	1,0	0,9	1,0	1,0	1,3	1,2
70 – 74	0,5	0,4	0,7	0,6	0,7	0,7	0,8	0,7	1,0	1,0
75 – 79	0,2	0,2	0,4	0,4	0,5	0,5	0,6	0,5	0,6	0,7
80 – 84	0,1	0,2	0,1	0,1	0,2	0,2	0,4	0,3	0,4	0,4
85 ou mais	0,1	0,1	0,1	0,1	0,2	0,2	0,3	0,3	0,4	0,4

Fonte: Tabela 13

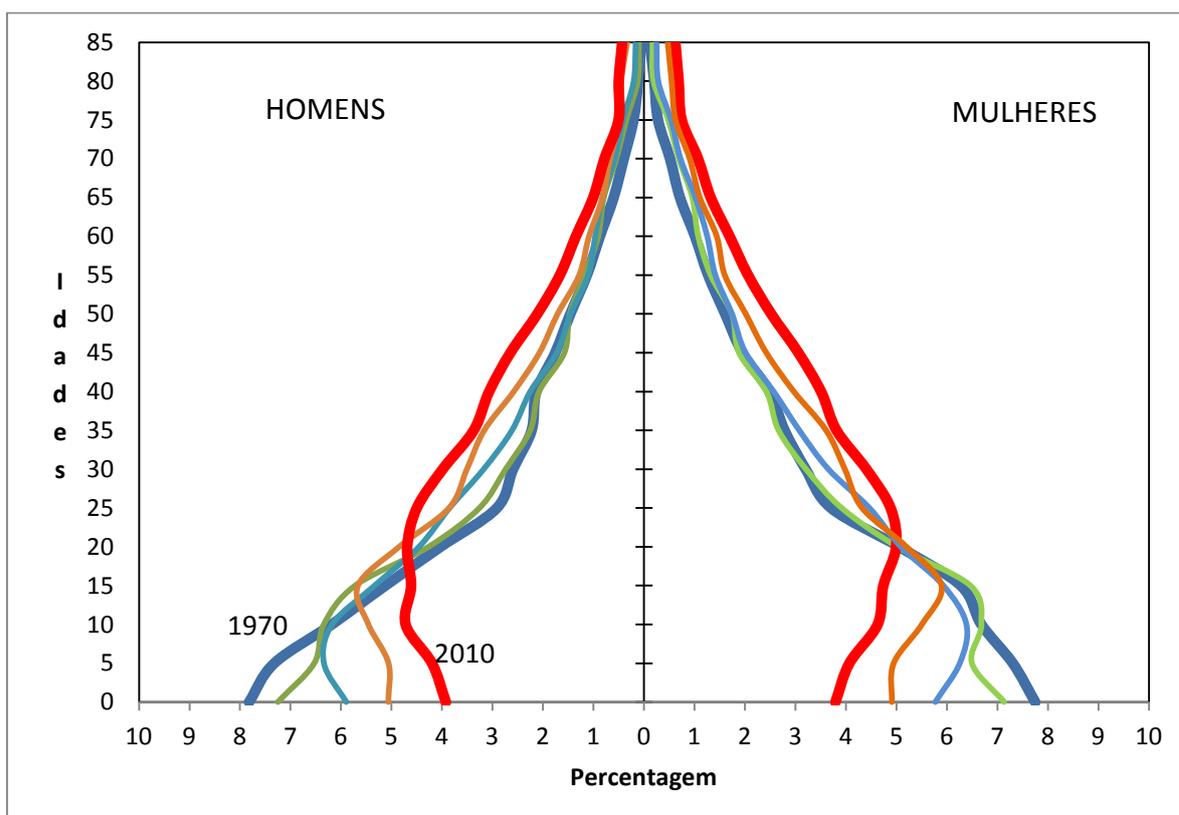
Entre os 15 anos, até aproximadamente os 60 anos, de uma forma grosseira, o diferencial rural/urbano masculino apresenta-se em um formato de U, declinando a partir dos 15 anos até aproximadamente os 35 anos, quando volta a crescer até os anos 60. Em torno dos 70 anos volta a declinar.

Quanto ao diferencial feminino o comportamento é similar, mas o formato de U é mais suave, assemelhando-se a um “J espelhado”, porquanto o recrudescimento das diferenças nas idades mais elevadas esgota-se antes dos 60 anos, idade a partir da qual os diferenciais encontram-se em um platô até, aproximadamente, os 70 anos, idade a partir da qual os diferenciais rurais/urbanos reduzem-se significativamente, especialmente nas duas décadas mais recentes.

Os Gráficos 6 e 7 mostram que, nos anos de 1970, tanto a população urbana quanto a população rural do Nordeste constituíam-se como populações nas quais os níveis de fecundidade se apresentavam bastante elevados, fato esse que se revela pela dimensão da base das pirâmides. Em 1970, as crianças com cinco anos incompletos representavam nada menos do que 1/6 (em iguais percentagens pelos sexos – 7,8%) da população urbana e quase 1/5 da população rural (9,0% – homens

e 8,9% – mulheres) do Nordeste. Se a elas são agregadas as crianças de cinco a nove anos de idades, que respondiam por 14,6% do contingente urbano (em iguais percentagens por sexo) e 15,9% do rural (um pouco mais de homens – 8,0% do que mulheres – 7,9%), fica claro o alto nível reprodutivo das mulheres nordestinas, uma vez que as crianças menores de 10 anos de idade, em 1970, representavam mais de 30% da população urbana e mais de 33% da população rural do Nordeste.

Gráfico 6 – População Urbana do Nordeste – Pirâmide de Idades – 1970/2010



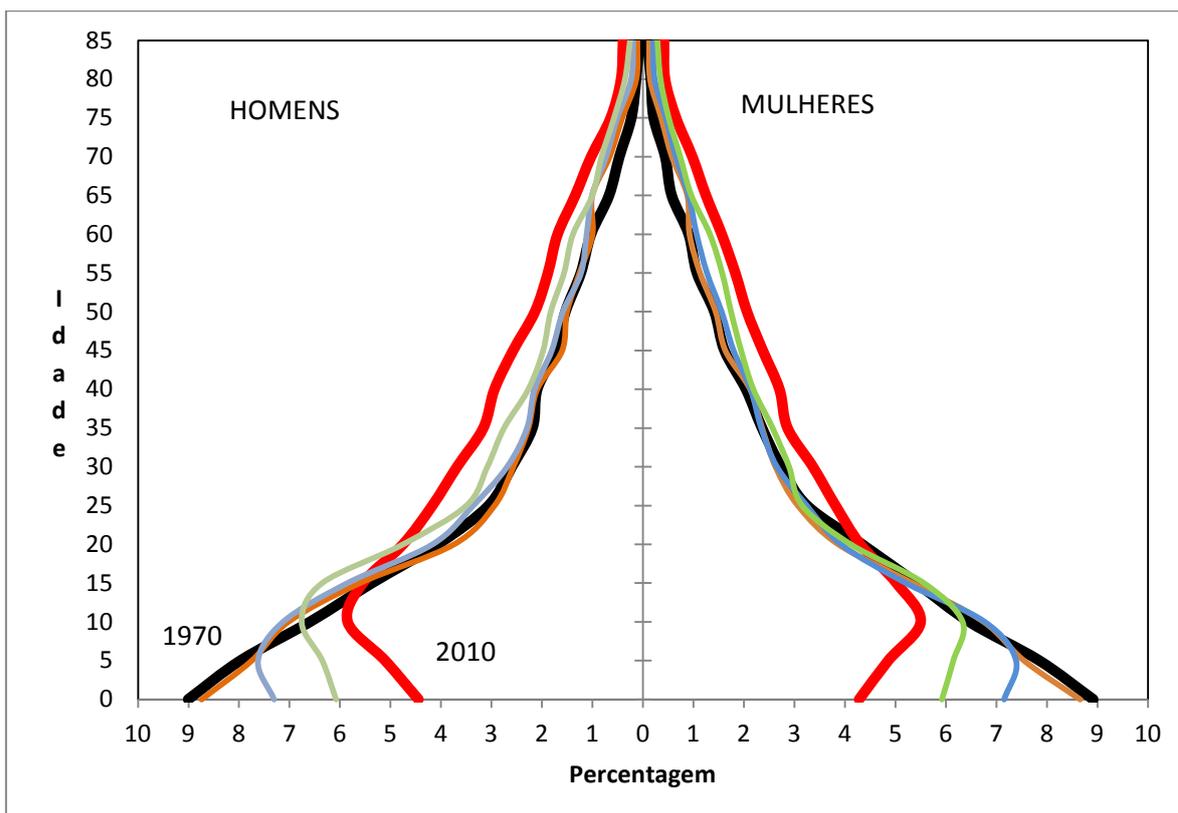
Fonte: Tabela 15

Em contraste à larga base da pirâmide de idades, representativa do expressivo número de crianças no total da população, fruto dos elevados níveis de fecundidade prevalentes na região, o topo da pirâmide, representativa das populações de idades mais avançadas é bastante estreita. Em 1970, a população de 65 anos ou mais representava apenas 3,0% da população urbana e 3,2% da população rural nordestina.

No que concerne às idades intermediárias, aquelas entre 15 e 64 anos, elas constituem a maioria dos residentes urbanos, assim como dos rurais, mas em razão

das migrações rural-urbana as proporções de populações nestes grupos etários são ligeiramente mais elevadas no espaço urbano (53,6%) do que nos rurais (50,0%) e, associados a um diferencial por sexo nas migrações de curta distância, as diferenças entre urbano-rural são mais acentuadas no que diz respeito ao sexo feminino.

Gráfico 7 – População Rural do Nordeste – Pirâmide de Idades – 1970/2010

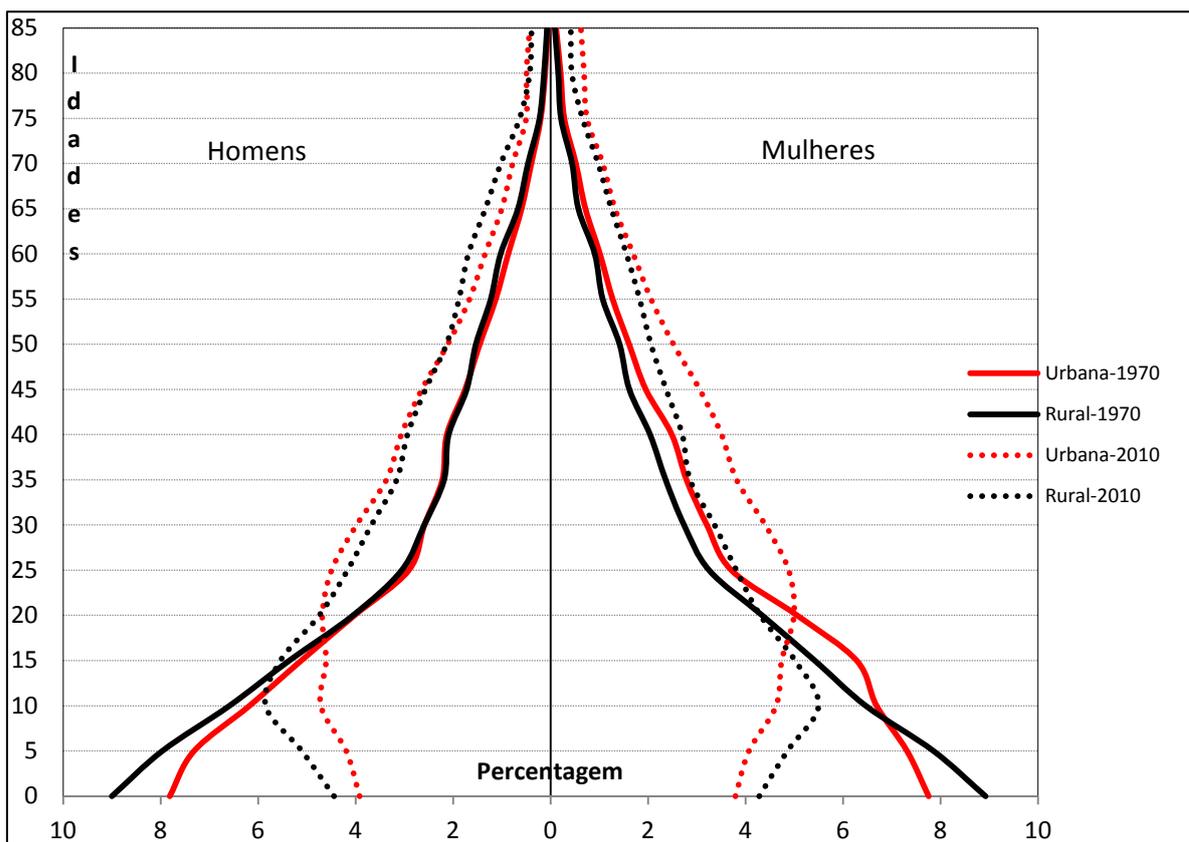


Fonte: Tabela 16

Vistas ao longo do tempo, as pirâmides urbana e rural experimentam um movimento de contração de suas bases em consequência do progressivo menor número relativo de nascimentos ao longo do tempo (e, nos anos mais recentes queda no número absoluto de nascimentos), resultante da redução dos níveis de fecundidade observados na região. Como o processo de queda da fecundidade não se dá de forma sincronizada entre as distintas populações e, adicionalmente, não ocorre à mesma intensidade, iniciando-se entre a população urbana e depois se espalhando até a população rural, as transformações temporais entre urbanos e rurais são ligeiramente distintas, conforme pode ser observado nos Gráficos 6 e 7. Entretanto, tendo em conta a transformação a partir de 1970 e seu desdobramento

no observado em 2010, conforme sugere o Gráfico 8, o resultado final é que, guardadas as devidas proporções, as modificações ocorridas na estrutura etária rural são relativamente semelhantes às que se deram na população urbana, sendo eventual elemento de diferenciação os movimentos migratórios por idade e sexo entre as situações de domicílio, especialmente o movimento das mulheres rurais em idade ativa em direção às áreas urbanas.

Gráfico 8 – Nordeste – Distribuição Etária da População Urbana e Rural – 1970 e 2010



Fonte: Tabela 15 e Tabela 16.

As transformações na estrutura etária nordestina, resultantes da contínua queda dos níveis da fecundidade regional, que em primeira instância estreitam a base da pirâmide (perdendo seu formato triangular), ao longo do tempo transferem para um inchamento dos demais grupos de idade. De início, conforme observado no Gráfico 8, a pirâmide de idades passa a assumir a forma de uma “ponta de lança”, com estreitamento da base tanto maior quanto mais intensa for a queda de fecundidade e um progressivo inchamento das suas partes superiores, em especial as das idades intermediárias. No limite, estabilizado os níveis da fecundidade, a pirâmide etária tende ao formato estilizado de barril, com proporções de população nos grupos de

idades intermediárias similar a um arco, e ligeiramente menores proporções nas partes inferior e superior da mesma (movimento denominado de “retangularização da pirâmide etária”)<sup>10</sup>.

### **Envelhecimento populacional**

Considerada a distribuição proporcional por sexo e idade da população, ao estreitamento da base etária corresponde uma ampliação de todos os demais grupos de idades, sendo de particular relevância o aumento relativo das populações idosas. A persistente ampliação dos idosos em relação à população jovem configura o denominado processo de envelhecimento da população, processo esse, que de início se deve quase em sua quase totalidade à queda da fecundidade que impõe redução do número de nascimentos e assim diminui a participação das crianças na configuração da pirâmide de idades e aumento de todos os demais grupos de idade em termos proporcionais.

Entendido como aumento da proporção de idosos no total da população, uma medida mais adequada do processo de envelhecimento populacional é dada pela variação relativa dos idosos maior do que a variação relativa nos jovens. Assim a comparação da proporção de idosos em relação a jovens ao longo do tempo afigura-se uma medida apropriada do envelhecimento, constituindo tal razão um Índice de Idosos ou Índice de Envelhecimento.

Na Tabela 17 e no Gráfico 9 o Índice de Envelhecimento da região é apresentado por sexo segundo a situação de domicílio para o período 1970/2010.

---

<sup>10</sup> Num formato aproximado de esferoide prolato com a base recortada.

Tabela 17 – Nordeste – Índice de envelhecimento segundo situação do domicílio e sexo – 1970/2010

População	Sexo	1970	1980	1991	2000	2010
Total	Homem	6,8	9,7	12,0	15,8	23,3
	Mulher	7,4	10,6	13,7	19,6	30,8
	Total	7,1	10,1	12,8	17,7	27,0
Urbana	Homem	6,7	9,6	11,9	17,6	25,0
	Mulher	8,7	12,2	15,3	23,7	35,6
	Total	7,7	10,9	13,6	20,6	30,2
Rural	Homem	6,9	9,9	12,1	15,8	24,9
	Mulher	6,5	9,1	11,5	15,4	25,5
	Total	6,7	9,5	11,8	15,6	25,2

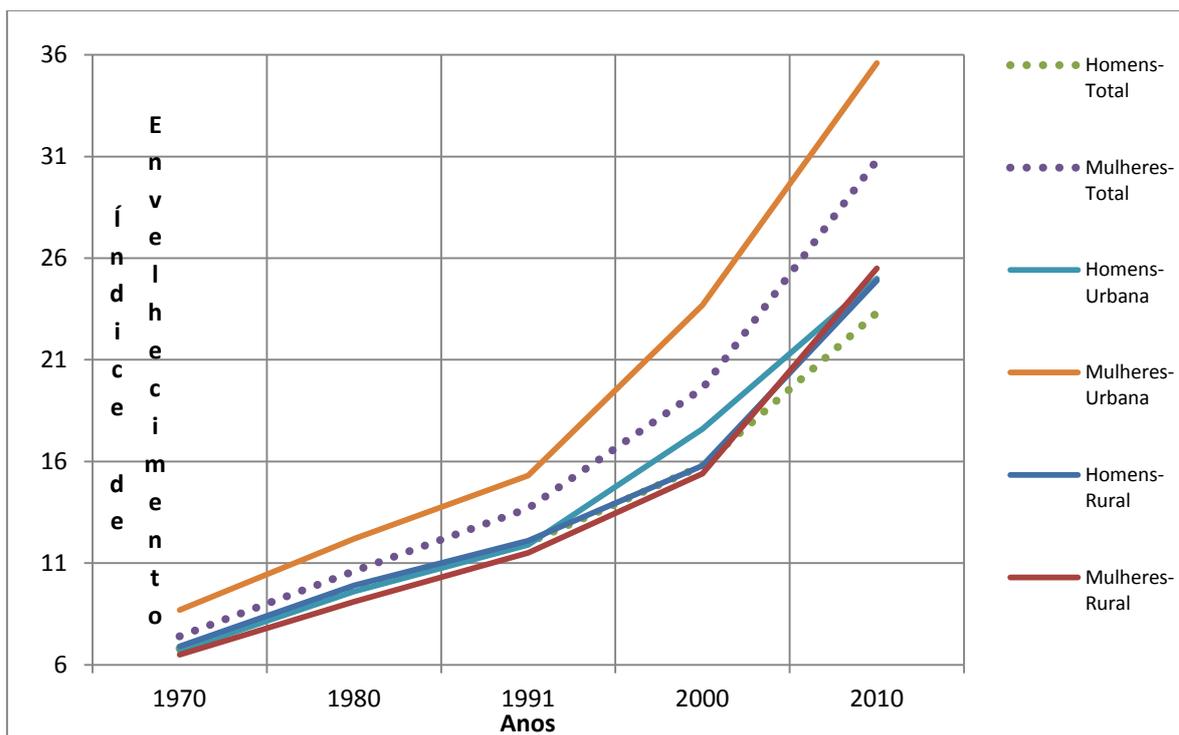
Fonte dos dados brutos: Tabela 9

Nas áreas urbanas as mulheres apresentam Índice de Envelhecimento superior aos homens em todos os momentos do período, sendo particularmente mais expressivas essas diferenças nas décadas mais recentes, ao contrário do que ocorre nas áreas rurais, nas quais os índices muito se assemelham, mas os masculinos são maiores do que os femininos, com exceção de 2010.

Considerando a totalidade da população segundo a situação do domicílio, a população urbana apresenta-se mais envelhecida do que a rural, fato atribuível à maior importância relativa do grupo de crianças na área rural *vis-à-vis* na área urbana e um maior movimento de mulheres rurais em direção às áreas urbanas.

Para a população nordestina como um todo, conforme mostram os dados da Tabela 17 e representações no Gráfico 9, é muito expressiva a ampliação do Índice de Idosos ao longo do período. Assim, em 1970, para cada 1.000 crianças abaixo de 15 anos de idades existiam tão somente 71 idosos com idades igual ou maior do que 65 anos. Em 2010, qual seja no espaço de pouco mais de uma geração, essa relação passou para 270 idosos para cada 1.000 crianças. Para tal dimensão muito contribui o envelhecimento feminino, uma vez que, em 1970 existiam 74 idosas para cada 1.000 crianças do sexo feminino e, em 2010, essa relação aumenta para 308 para 1.000.

Gráfico 9 – Índice de envelhecimento segundo situação do domicílio e sexo – 1970/2010



Fonte: Tabela 17

A trajetória com maior expressão ocorre entre as mulheres das áreas urbanas, seguida pela dos homens das áreas urbanas, enquanto a evolução dos índices da população rural por sexo praticamente se confundem ao longo do período e se colocam abaixo dos urbanos (conforme já apontado nos dados da Tabela 17), o que resulta em que o comportamento do índice para o total da população nordestina tenha na dinâmica do envelhecimento da população urbana feminina o seu maior determinante.

## **Componentes demográficas**

Fecundidade, mortalidade e migração constituem as componentes demográficas da população, determinando o seu tamanho absoluto e distribuição por idade e sexo no tempo e espaço.

### **Fecundidade**

Na dinâmica demográfica nordestina, ao longo dos últimos decênios, a fecundidade tem se constituído como a mais pujante componente do tamanho absoluto da população e sua composição por idade e o determinante maior da trajetória demográfica da região nas próximas décadas.

A mais marcante característica demográfica da população brasileira nos inícios da segunda metade do século passado era os elevados níveis de fecundidade prevalentes em todas as regiões do país, assim como as significativas diferenças entre as mesmas. Essas eram características provenientes dos decênios anteriores, nos quais os níveis de fecundidade nacional eram altos e estáveis, característicos de uma população com uma composição etária com ampla proporção de jovens e marcada por normas e valores tradicionais.

A partir dos anos de 1970, a fecundidade da mulher brasileira passa a declinar, em razão de mudanças comportamentais em parte atribuíveis à urbanização, à queda da mortalidade infantil, ao aumento escolaridade feminina e à ampliação da participação das mulheres no mercado de trabalho e, em uma perspectiva mais ampla, ao empoderamento feminino e aumento do custo dos filhos.

### **Níveis e padrões da fecundidade**

Nos anos de 1960, que, aparentemente, é o auge dos níveis de fecundidade no Brasil, e mesmo desde os anos de 1940, o número médio estimado de filhos tidos pelas brasileiras ao longo de suas vidas reprodutivas (dos 15 aos 49 anos) era próximo ou superior a 6.<sup>11</sup> Esse elevado nível de fecundidade, subjacente àqueles da chamada “explosão demográfica”, se mostra presente em todas as regiões brasileiras, mesmo na mais desenvolvida delas, o Sudeste.

---

<sup>11</sup> Essa medida, obtida como o número médio de filhos esperado ter por uma mulher que sobrevive ao longo de sua vida reprodutiva (dos 15 aos 49 anos) se ela experimenta as taxas de fecundidade vivenciadas por ocasião da pesquisa, é denominada Taxa de Fecundidade Total.

Os anos de 1970 apontam o início da queda da fecundidade no Brasil, de início nas áreas urbanas do Sudeste e posterior difusão para os segmentos urbanos das demais regiões e alastramento até as áreas rurais de todo o país, em um movimento desigual ao longo do tempo, mas em dimensão tal que, em 2010, qual seja no espaço de pouco mais de uma geração, com exceção da região Norte, em todas as demais regiões brasileiras a taxa de fecundidade situou-se abaixo da reposição.

Tabela 18 – Brasil e Regiões – Taxa de Fecundidade Total – 1970/2010

Regiões	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Brasil	6,28	5,76	4,35	2,85	2,38	1,90
Norte	8,56	8,15	6,45	4,15	3,16	2,47
Nordeste	7,39	7,53	6,13	3,75	2,69	2,06
Sudeste	6,34	4,56	3,45	2,36	2,10	1,70
Sul	5,89	5,42	3,63	2,51	2,24	1,78
Centro-Oeste	6,74	6,42	4,51	2,69	2,25	1,92

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2010. Nupcialidade, fecundidade e migração. Resultados preliminares. Rio de Janeiro, 2010.

O fato do Nordeste, nos anos de 1980, ainda apresentar níveis de fecundidade superiores a seis e o Sul e o Sudeste já se encontrarem com fecundidade abaixo de quatro e, em 2010, a região passar a exibir fecundidade abaixo da reposição, aponta por um profundo processo de transformação nos seus níveis e padrões de fecundidade feminina a partir dos anos de 1980 que não tem correspondência à experiência das demais regiões brasileiras.

Os dados da Tabela 19 e do Gráfico 10 mostram as mudanças ocorridas nos níveis da fecundidade regional por grupos de idades das mulheres.

Tabela 19 – Nordeste – Taxas específicas de fecundidade segundo grupos de idades – 1970/2010

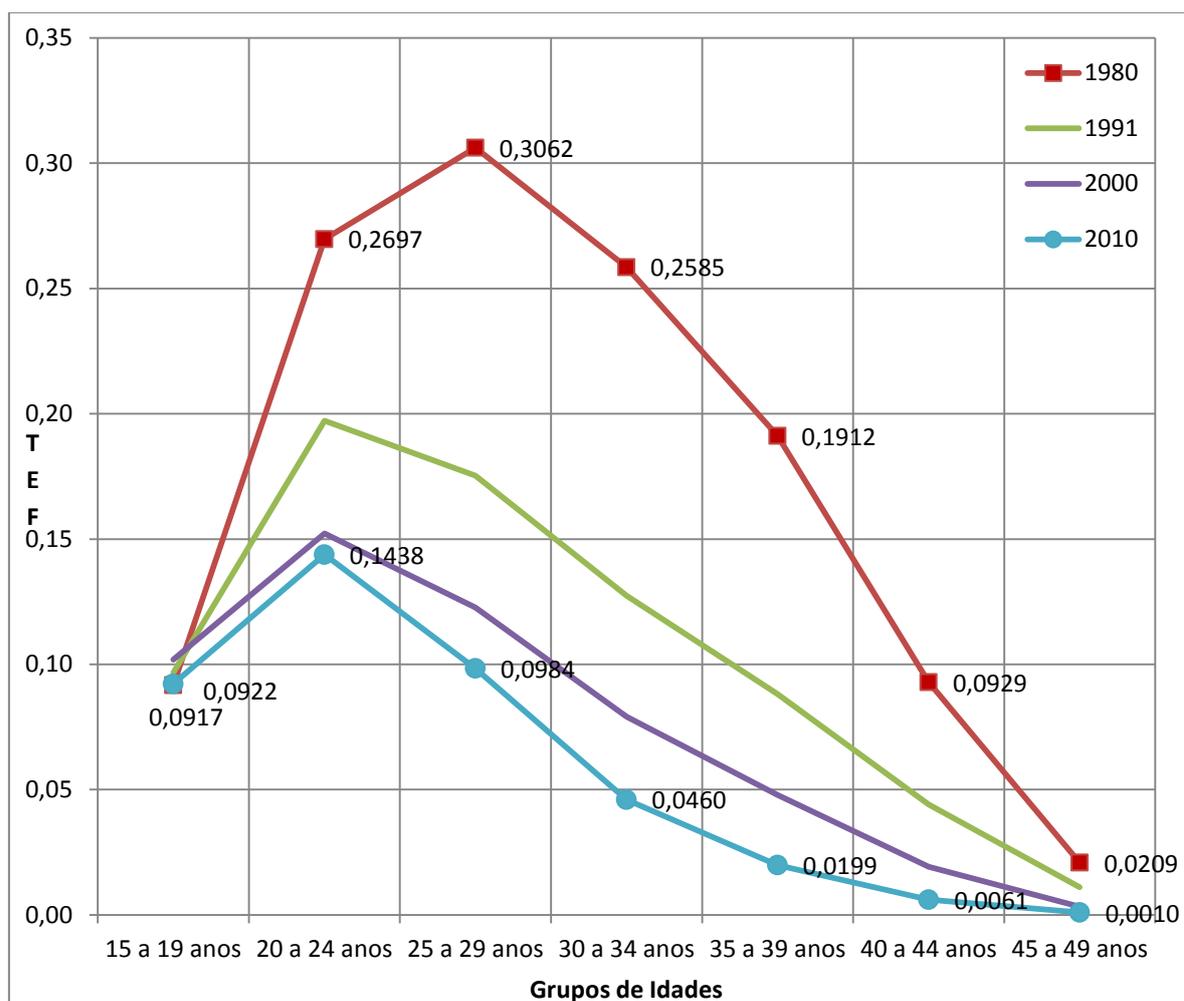
Grupos de Idades	1970	1980	1991	2000	2010
15 a 19 anos	0,0828	0,0917	0,0967	0,1019	0,0922
20 a 24 anos	0,2986	0,2697	0,1972	0,1522	0,1438
25 a 29 anos	0,3755	0,3062	0,1753	0,1227	0,0984
30 a 34 anos	0,3437	0,2585	0,1274	0,0791	0,0460
35 a 39 anos	0,2612	0,1912	0,0882	0,0479	0,0199
40 a 44 anos	0,1249	0,0929	0,0440	0,0192	0,0061
45 a 49 anos	0,0343	0,0209	0,0111	0,0033	0,0010

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2010. Nupcialidade, fecundidade e migração. Resultados preliminares. Rio de Janeiro, 2010.

Exceto no que respeita à fecundidade adolescente (grupo de 15 a 19 anos), que ao longo do período 1970/2000 ampliou o seu valor, decrescendo no último decênio aos níveis de seus valores em 1980, todos os demais grupos de mulheres experimentaram declínio de fecundidade a partir de 1970. As quedas proporcionais foram tanto maiores quanto mais velhas as mulheres.

Entre 1980, ponto de início das mais significativas quedas no Nordeste, e 2000, o maior decréscimo de fecundidade ocorreu entre as mulheres de 40 anos ou mais, para as quais os nascimentos, que já eram relativamente escassos em 1980, se transformam em evento raro. Dessa forma, no grupo de idades 40-44 anos, no qual, em 1980, ocorreram 93 nascimentos para cada 1.000 mulheres nessa faixa de idades, em 2010 essa fração despencou para seis. No extremo do período reprodutivo a queda foi ainda mais significativa, praticamente desaparecendo a ocorrência de nascimentos entre as mulheres de 45 anos ou mais: em 1970 eram 21 por 1000; em 2010, passaram para 1 por 1000.

Gráfico 10 – Nordeste – Taxas Específicas de Fecundidade segundo Grupos de Idades – 1980/2010



Fonte: Tabela 19

O grupo de mulheres de 20 anos constitui a mais significativa faixa etária para a fecundidade total. Em 1980, a taxa específica de fecundidade do grupo 20-24 anos ascendia 0,2697 e do grupo quinquenal seguinte (25-29 anos) a 0,3062, reduzindo-se para 0,1438 e 0,0984, respectivamente, em 2010. O primeiro grupo etário apresenta a menor redução relativa de todos os grupos de idade acima de 20 anos e o segundo a maior queda absoluta de todos os grupos de idade.

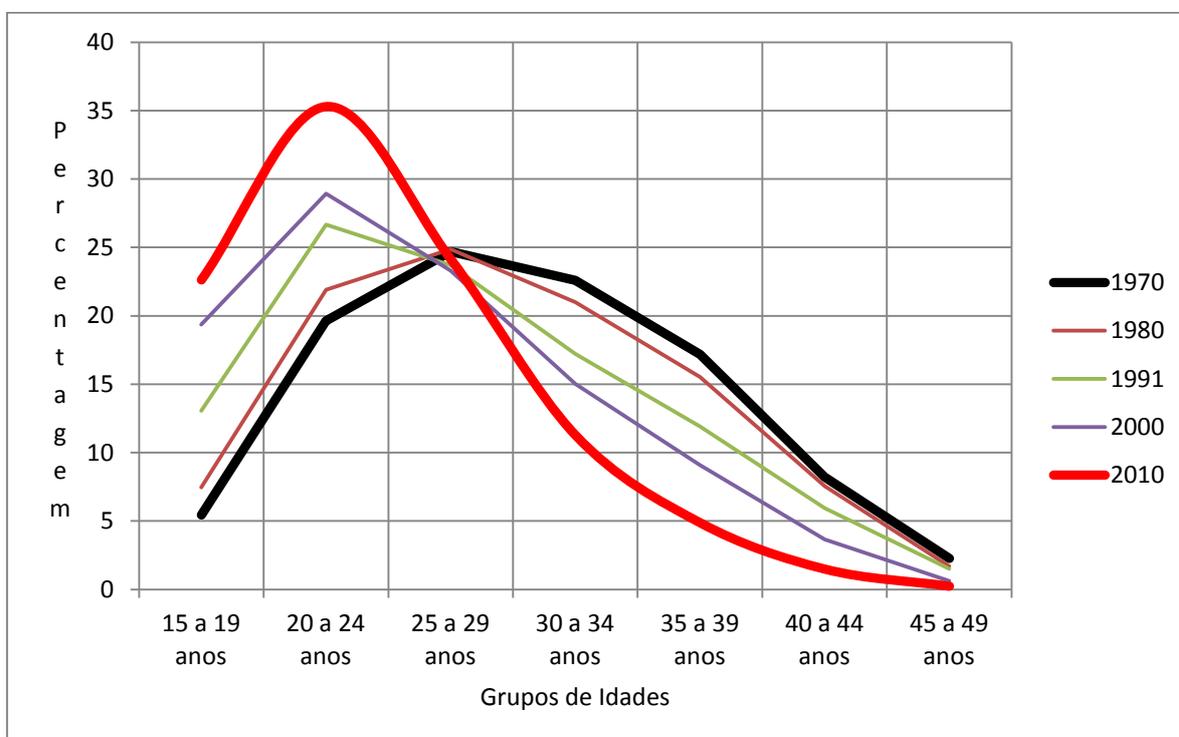
Uma das consequências dessas mutações na fecundidade por idade ao longo do tempo foi a de rejuvenescer a função fecundidade, concentrando, de forma crescente, os nascimentos totais até os 30 anos de idade, conforme mostram os resultados apresentados no Gráfico 11.

Assim, em 1970, aproximadamente a metade da fecundidade total era realizada antes da mulher completar os 30 anos; em 2010, essa proporção

aumentou, passando para mais de 80%. Dito de outra forma, a fecundidade das mulheres de 30 anos ou mais, que em 1970 constituíam metade da fecundidade regional, em 2010 reduz-se para 20%.

No grupo de mulheres de 20 anos, a leve proeminência na composição pelo grupo de 25-29 anos (25% da fecundidade total) sobre as de 20-24 anos (20% da fecundidade total), observada em 1970, em 2010 muda drasticamente, mantendo-se aproximadamente constante o peso das mulheres de 25-29 anos e crescendo de forma significativa a importância das mulheres de 20-24 anos (35%) na fecundidade total, invertendo a importância relativa entre esses dois grupos na fecundidade total.

Gráfico 11 – Nordeste – Distribuição relativa (em percentagem) das Taxas Específicas de Fecundidade por Grupos de idades– 1980/2010



Fonte: Tabela 19

Mais notável ainda do que esse movimento que se dá na porção mais significativa da função fecundidade por idades é o que ocorre no grupo juvenil. Sem mudar de forma significativa os níveis de fecundidade adolescente entre 1970 e 2010, o peso desta faixa etária cresce, quadruplicando a sua participação, em razão do decréscimo nas demais faixas de idade. Essas adolescentes de 15-19 anos, em 2010, apresentam níveis similares (0,0922) àqueles vigentes entre as mulheres de 25 a 29 anos de idade (0,0984), sendo que essas, em 1970, vivenciavam uma

fecundidade (0,3755) que era quase 5 vezes maior do que a daquelas experimentadas pelas mais jovens (0,0828).

Em consequência dessas mutações, mais da metade da fecundidade nordestina ocorre antes das mulheres completarem 25 anos de idade e mais de um quinto da mesma acontece entre jovens antes dos 20 anos.

### **Fecundidade urbana e rural**

Diferenças entre as áreas urbanas e rurais do Nordeste também se manifestam em termos dos níveis de reprodução feminina, mesmo nos tempos mais recentes em que modos e valores urbanos permeiam as áreas rurais. Na Tabela 20 estão apresentados os níveis da fecundidade das grandes regiões brasileiras segundo a condição de domicílio de suas populações no período 1970/2010.

Tabela 20 – Brasil e Regiões – Taxa de fecundidade total por situação do domicílio – 1970/2010

Anos	Situação do Domicílio	Brasil	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
1970	Urbano	4,54	6,62	6,44	3,83	4,06	5,31
	Rural	7,72	9,59	8,45	7,14	6,68	7,71
1980	Urbano	3,63	5,24	4,94	3,17	3,20	3,97
	Rural	6,40	8,04	7,65	5,46	4,55	5,98
1991	Urbano	2,48	3,43	2,94	2,23	2,36	2,48
	Rural	4,42	5,49	5,34	3,54	3,06	3,51
2000	Urbano	2,18	2,71	2,32	2,02	2,14	2,18
	Rural	3,49	3,83	3,81	2,92	2,75	2,88
2010	Urbano	1,79	2,21	1,89	1,67	1,72	1,85
	Rural	2,63	3,43	2,65	2,24	2,20	2,67

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 1970/2010.

As regiões Norte e Nordeste, respectivamente, apresentam os mais altos níveis de fecundidade do País, tanto no segmento urbano quanto no rural e suas posições em relação às demais não se modificam entre 1970 e 2010. A ordem dos níveis de fecundidade mantém-se constante no que concerne à fecundidade urbana, mas não, quando considerada a fecundidade rural; o Nordeste, em 2010, toma a posição do Centro-Oeste apresentando níveis de fecundidade rural mais baixos do que essa.

De outro lado as regiões Sudeste e Sul, respectivamente, apresentam os mais baixos níveis de fecundidade, e as ordens que ocupam no cenário nacional se mantêm ao longo do período no que tange às suas populações urbanas. Entretanto,

quando consideradas as populações rurais, os níveis de fecundidade na região Sul são sistematicamente inferiores aos na região Sudeste, os quais, por sua vez, se mostram maiores do que aqueles da região Centro-Oeste nos anos de 1991 e 2000.

Observe-se que, em 2000, apenas a população urbana da região Sudeste apresentava fecundidade abaixo do nível de reposição e que no Sul e Centro-Oeste as populações urbanas já se situavam no seu limiar. Contudo, tendo em conta os níveis rurais de fecundidade, nenhuma das regiões brasileiras ainda tinha descido para o patamar da reposição.

A passagem para o nível da reposição e abaixo dela ocorre na década de 2000 para todas as regiões brasileiras, exceto a Norte (Vide Tabela 18), em sua plenitude em razão da dinâmica da mudança ocorrida na fecundidade urbana. Isto porque os níveis de fecundidade rural permanecem acima da reposição em todas as regiões. No processo de redução em direção à reposição, o resultado é que, em 2010, apenas a região Norte ainda mantinha níveis de fecundidade urbana acima de 2,1 filhos por mulher.

A queda dos níveis de fecundidade que ocorre entre 2000 e 2010 em todas as regiões do país, independentemente da situação de domicílio, foi marcante. A mais expressiva de todas as reduções de fecundidade foi a que ocorreu na população rural do Nordeste, cujas mulheres experimentaram uma diminuição de mais de um filho no período, ao declinar de 3,81 filhos por mulher, em 2000, para 2,65, em 2010. Como resultado estreitou-se a diferença entre os níveis de fecundidade urbana e rural do Nordeste, deixando de ser a região aquela que apresentava as maiores diferenças regionais de níveis reprodutivos segundo a situação de domicílio. Também como resultado dessa queda nos níveis da fecundidade rural, o Nordeste rural passa a apresentar taxa de fecundidade abaixo daquela do Centro-Oeste.

Visto em sua trajetória de queda no período 1970/2010, no Nordeste, e também na região Norte, em escala menor, a mais significativa redução de fecundidade, em termos relativos, ocorreu na área urbana, ao contrário das ocorrências no Sul e Sudeste, para as quais as quedas foram de maior monta nas áreas rurais, e do Centro-Oeste que experimentou diminuições de igual porte para ambas as situações de domicílio.

No Nordeste, a fecundidade urbana reduziu de 644 nascimentos por mil mulheres em idade reprodutiva, em 1970, para 189 por mil, em 2010; qual seja um decréscimo de quase 5 filhos por mulher o que, em termos relativos, se traduz em

uma queda de fecundidade da ordem de 71%. Nesse intervalo de 5 décadas a fecundidade rural declinou de 845 para 265 nascimentos por mil mulheres de 15 a 49 anos de idade; uma redução quase 6 filhos por mulher, que, em termos relativos ascende a 69%.

### **Fecundidade urbana e rural por grupos de idades**

A queda de fecundidade regional, tanto urbana como rural, não se deu em igual dimensão pelas idades das mulheres, conforme pode ser identificado a partir dos dados da Tabela 21 e Gráfico 12.

Tabela 21 – Nordeste – Taxas específicas de fecundidade por situação do domicílio segundo grupos de idade – 1970 e 2010

Grupos de Idades	1970			2010		
	Urbano	Rural	Total	Urbano	Rural	Total
15-19	0,0754	0,0965	0,0868	0,0717	0,0972	0,0782
20-24	0,2689	0,3473	0,3113	0,1048	0,1554	0,1163
25-29	0,3484	0,4279	0,3918	0,0890	0,1259	0,0970
30-34	0,3086	0,3950	0,3552	0,0640	0,0793	0,0675
35-39	0,2193	0,3076	0,2669	0,0341	0,0438	0,0362
40-44	0,1008	0,1549	0,1295	0,0106	0,0186	0,0123
45-49	0,0263	0,0427	0,0351	0,0022	0,0039	0,0026

Fonte: IBGE. Censo Demográfico, 1970 e 2010.

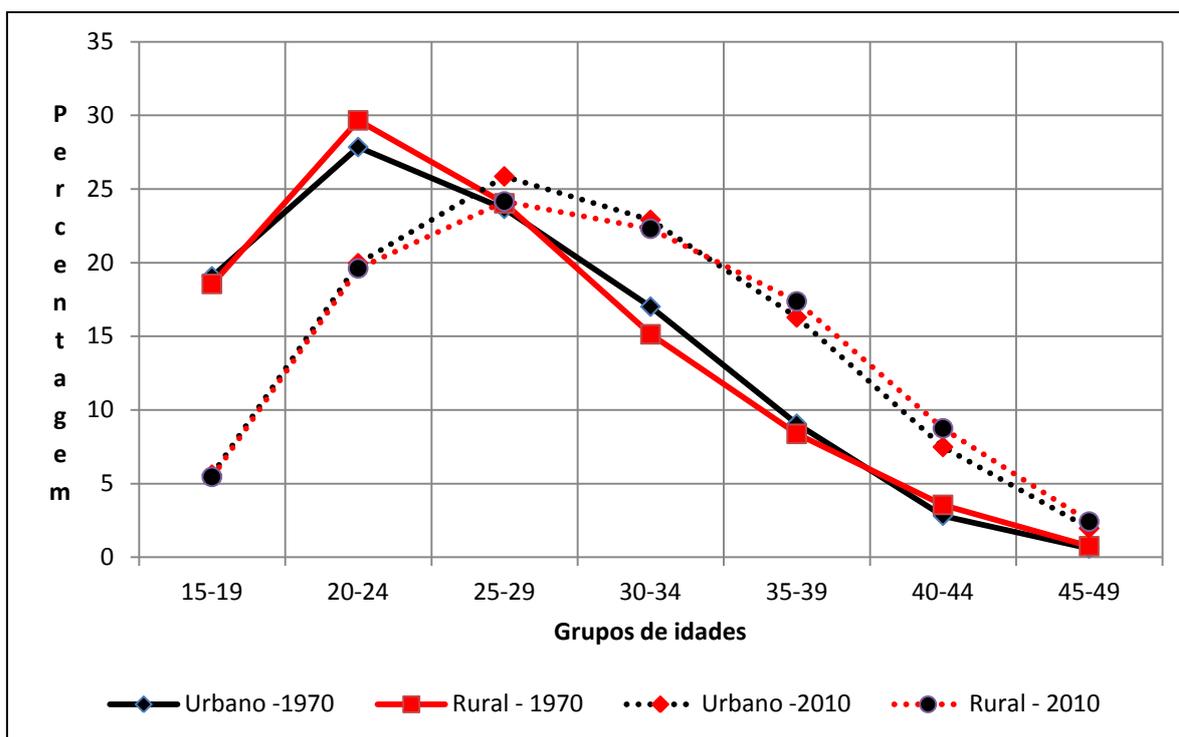
Tomando como pontos de referência os anos de 1970 e 2010, não se observa mudanças significativas nos níveis da fecundidade juvenil (15 a 19 anos) urbana e rural, mantendo-se seus níveis em valores pouco acima de 70 por mil, nas áreas urbanas, e em torno de 97 por mil nas áreas rurais. Essas populações partilham adicionalmente feição comum de não ser muito amplo o diferencial de níveis de fecundidade entre elas (a fecundidade urbana juvenil urbana é aproximadamente  $\frac{3}{4}$  da rural em ambos os anos).

Como a queda nos níveis da fecundidade é crescente por grupos de idade, nos grupos mais velhos (40-44 e 45-49 anos) são observadas as mais drásticas variações temporais relativas e, em consequência, reduz acentuadamente a participação dessas mulheres nos níveis da fecundidade tanto urbana como rural. Adicionalmente, como entre as mulheres das áreas rurais essa mudança foi mais expressiva, diminuem-se os diferenciais de fecundidade por situação de domicílio nesses grupos etários superiores.

O grupo quinquenal com maior densidade nas mudanças de fecundidade entre 1970 e 2010 é o de 20 – 24 anos. Depois do 15-19 anos é o grupo com menor queda de fecundidade e, entre os grupos de maior peso na composição da fecundidade (até os 35 anos), é o que maior diferença apresenta em termos de situação de domicílio. Fruto da menor variação absoluta e relativa em suas taxas de fecundidade, o grupo de mulheres entre 20 e 24 anos assume a posição mais elevada da fecundidade regional, passando a ser o grupo de pico da reprodução, desbancando o grupo 25-29 anos. Esse, por sua vez, é o que tem a menor perda de participação na composição da fecundidade regional, tanto no que se refere à urbana, como à rural. De fato, o peso deste grupo na fecundidade da população rural manteve-se estável entre 1970 e 2010.

A primeira maior redução absoluta de fecundidade da população urbana, e a segunda de maior valor entre a população rural, entre 1970 e 2010, ocorrem no grupo de 25-29 anos. Mesmo passando de 348 para 89 nascimentos por mil mulheres, nas áreas urbanas, e de 427 para 126 nascimentos por mil mulheres, nas áreas rurais, esse segmento populacional perde participação na fecundidade rural, e mantém-se aproximadamente aos níveis de 1970 entre a população urbana.

Gráfico 12 – Nordeste – Taxas específicas de fecundidade por situação do domicílio segundo grupos de idade (em porcentagem) – 1970 e 2000-2010



Fonte: Tabela 21

É o conjunto de mulheres de 30 anos que mais contribui para a redução do nível e padrão da fecundidade urbana e rural do Nordeste, sendo maior a contribuição das mulheres de 30-34 anos, cujos níveis de fecundidade urbanos caíram em valor absoluto similar ao do grupo 25-29 anos, e ainda mais, quando essa comparação contempla a população rural. Para ambas as situações de domicílio, em 2010, as taxas específicas de fecundidade das mulheres de 30-34 anos é 1/5 daquela de 1970. Subsidiariamente, as mulheres de 35-39 anos apresentam menores variações absolutas e relativas do que aquelas de suas congêneres do estrato quinquenal mais novo. Quando as variações nos níveis de fecundidade segundo os grupos de idade são consideradas em termos da modificação da importância dos mesmos na composição da fecundidade total, encontra-se que a população de 35-39 anos experimentou maior decréscimo relativo na participação na fecundidade total, tanto nas áreas urbanas como nas rurais, mais vigoroso entre as rurais, e maior do que ocorreu no grupo de 30-35 anos.

Visto em termo agregados, tanto as populações urbanas como as rurais apresentaram deslocamentos rejuvenescedores na composição da função fecundidade por grupos, com proeminência do grupo 20-24 anos, o qual, juntamente

com a fecundidade juvenil (15-19 anos) passou a representar quase a metade da fecundidade total. Em 1970, as mulheres com menos de 25 anos contribuíam em 25% para a fecundidade nordestina, tanto no ambiente urbano quanto no rural. Esse rejuvenescimento da função fecundidade por grupos de idade muito se deveu à forte queda observada na fecundidade das mulheres de 30 anos ou mais, invertendo-se, a composição observada em 1970, quando as mulheres de 30 anos ou mais respondiam por quase a metade da fecundidade total e as menores de 25 anos em torno de  $\frac{1}{4}$ .

### **Fecundidade nas Unidades da Federação**

Na Tabela 22 as taxas de fecundidade total dos estados nordestinos estão apresentadas para o período 1970/2010 e no Gráfico 13 as suas representações gráficas.

Nos anos de 1970, apenas Pernambuco e Maranhão apresentavam taxas de fecundidade total abaixo de 7,5 filhos por mulher, sendo que na ocasião a fecundidade atingia o pico de 8,4 filhos por mulher no estado do Rio Grande do Norte.

Em 1980, por outro lado, todos os estados nordestinos já apontavam a ocorrência de níveis de fecundidade abaixo daqueles da década anterior, incluindo-se o Nordeste no processo de queda que já se iniciara com anterioridade nas regiões Sul e Sudeste. Nesse decênio, todos os estados nordestinos apresentaram acentuadas reduções de fecundidade, sendo as mesmas mais eloquentes nos estados de Pernambuco e Rio Grande do Norte, as mais discretas no Maranhão e Alagoas e, nos demais, variações intermediárias.

Tabela 22 – Nordeste e Unidades da Federação – Taxa de Fecundidade Total – 1970/2010

Nordeste e UFs	1970	1980	1991	2000	2010
Nordeste	7,5	6,1	3,71	2,69	2,06
Maranhão	7,3	6,9	4,64	3,21	2,50
Piauí	7,8	6,5	3,79	2,66	1,97
Ceará	7,7	6,1	3,74	2,84	2,00
Rio Grande do Norte	8,4	5,7	3,36	2,54	1,99
Paraíba	7,7	6,2	3,72	2,53	1,97
Pernambuco	7,0	5,4	3,26	2,48	1,90
Alagoas	7,6	6,7	4,05	3,14	2,22
Sergipe	7,9	6,0	3,58	2,75	2,00
Bahia	7,5	6,2	3,61	2,50	2,03

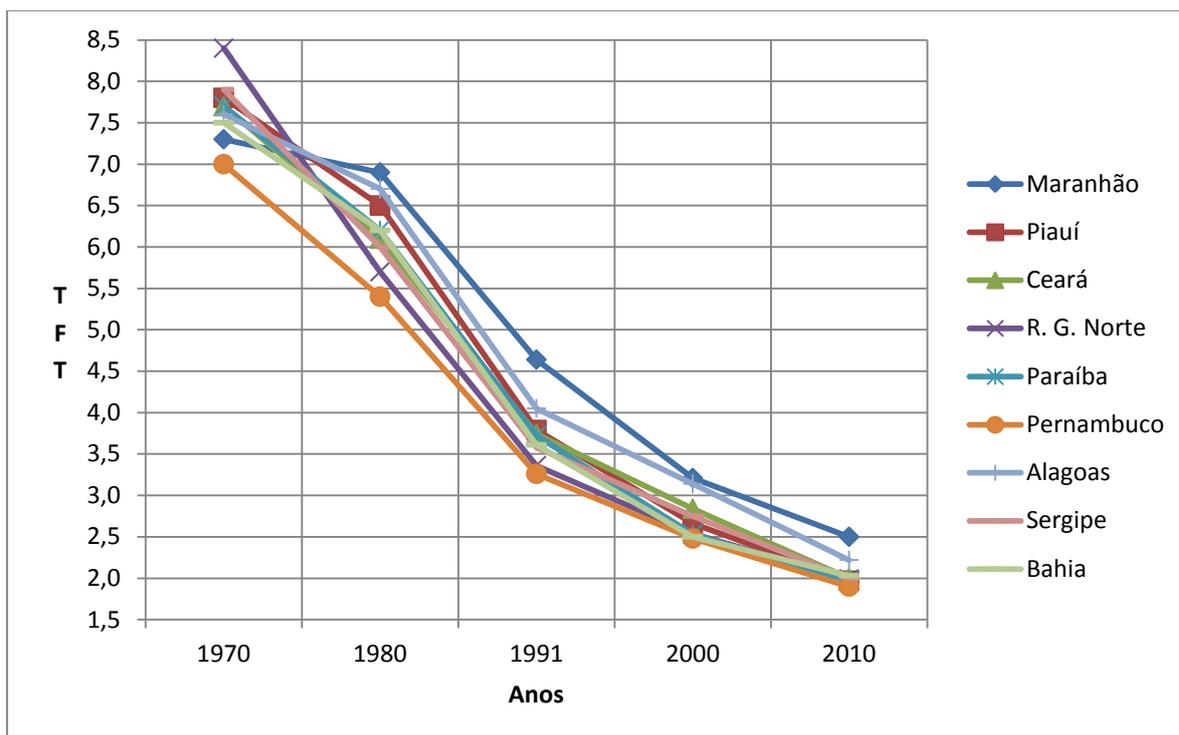
Fonte: IBGE. Censos Demográficos, 1970/2010

Na sequência temporal, a redução da fecundidade se dá com menor ímpeto entre 1991 e 2000, atenuando-se ainda mais no decênio 2000-2010, em razão dos níveis relativamente baixos que já apresentava em 2000.

No conjunto das reduções nos níveis estaduais de reprodução, o resultado da continuada queda é que, com exceção do Maranhão e de Alagoas, em 2010, todos os estados nordestinos apresentam taxas de fecundidade abaixo do nível de reposição; a menor delas em Pernambuco e a mais próxima da reposição na Bahia. Maranhão e Alagoas, cujos níveis de fecundidade em 2010 estabelecem-se em 250 e 222 filhos para cada mil mulheres em idade reprodutiva – acima do nível de reposição, no final da primeira metade da década atual, mais possivelmente no que se relaciona com Alagoas, ou no limite, no início do segundo quinquênio da década atual, no caso do Maranhão, já terão fecundidades abaixo da reposição.

Entre 1970 e 2010, a maior redução no nível da fecundidade ocorreu na população potiguar, ao declinar da mais alta taxa encontrada na região, em 1970, (8,4 filhos por mulher) e passar para o grupo dos quatro estados com as menores taxas no Nordeste ao apresentar a fecundidade de 1,99 filhos por mulher, em 2010. A menor queda da fecundidade foi observada no Maranhão, que, em 1970 experimentava a segunda menor taxa de fecundidade total do Nordeste (7,3 filhos por mulher) e, em 2010, manteve-a no mais alto patamar nordestino, ao situar-se em 2,5 filhos por mulher.

Gráfico 13 – Nordeste – Unidades da Federação – Taxa de fecundidade total– 1970/2010



Fonte: Tabela 22

Maranhão e Paraíba foram os estados que apresentaram as mais baixas taxas de declínio da fecundidade nos anos 2000, sendo o Maranhão o que experimentou a menor variação de fecundidade entre 1970 e 1980, deixando de ser o estado de segunda menor taxa, em 1970, para se posicionar como o de mais alta taxa em 1980. A mais modesta redução por parte do Maranhão volta ocorrer entre os anos de 1980 e 1991, invertendo-se tal movimento nos anos de 1990, quando o estado apresentou a mais expressiva redução da fecundidade na região após o maior declínio observado na Paraíba. No último decênio, como já afirmado, o estado do Maranhão voltou a apresentar a menor variação no nível de fecundidade entre todos os estados nordestinos.

### **Fecundidade urbana e rural nas unidades da federação**

Visto em seu conjunto, o fato mais notório quanto aos níveis da fecundidade urbana e rural é que, com exceção do estado do Maranhão, a fecundidade urbana situa-se abaixo do nível de reposição e que, em todos eles, a fecundidade rural está acima da reposição, conforme mostram os dados da Tabela 23.

A fecundidade nordestina, segundo a situação de domicílio, mostra que a fecundidade rural é, para todos os estados, alta e superior à urbana, mas com uma aproximação dos níveis da reprodução rural aos urbanos com a passagem do tempo, mas, mais da metade dos estados apresentando uma redução relativa de fecundidade inferior à urbana (apenas Ceará, Paraíba e Pernambuco tiveram no período entre 1970 e 2010 redução da fecundidade rural igual ou superior à urbana).

Tabela 23 – Nordeste – Unidades da Federação – Taxa de fecundidade total segundo situação do domicílio – 1970/2010

Situação de Domicílio	Ano	Mara-nhão	Piauí	Ceará	R. G. do Norte	Paraíba	Pernam-buco	Alagoas	Sergipe	Bahia
Urbana	1970	7,20	7,10	6,60	7,30	6,70	6,10	6,50	6,40	6,50
	1980	5,90	5,10	4,90	4,70	5,10	4,40	5,20	4,70	5,10
	1991	3,70	3,00	3,10	2,80	3,00	2,70	3,10	3,00	2,80
	2000	2,60	2,30	2,50	2,30	2,30	2,20	2,70	2,40	2,10
	2010	2,19	1,95	1,87	1,84	1,86	1,79	2,05	1,82	1,87
Rural	1970	7,30	8,20	8,90	9,90	8,90	8,50	8,40	9,20	8,50
	1980	7,40	7,80	7,80	7,50	7,70	7,60	8,40	8,10	7,60
	1991	5,40	2,80	5,50	5,20	5,50	5,10	5,90	5,30	5,20
	2000	4,40	3,50	4,00	3,40	3,50	3,70	4,40	4,00	3,60
	2010	3,14	2,58	2,52	2,65	2,37	2,42	2,84	2,64	2,53

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 1970/2010.

Em 1970 o mais alto nível de fecundidade regional ocorria entre a população rural do Rio Grande do Norte, ascendendo a 9,9 filhos por mulher. De outro lado, a menor fecundidade encontrava-se entre as mulheres da área urbana de Pernambuco que tinham, em média, 6,1 filhos ao longo de suas vidas reprodutivas. Em 1970, a maior diferença de nível de fecundidade rural ocorria entre a população potiguar e a maranhense, diferença essa que era de 2,6 filhos por mulher, porquanto a potiguar, como já dito, alcançava o patamar de 9,9 filhos por mulher e a maranhense, 7,3. A maior discrepância entre a população urbana se dava entre os 7,3 no Rio Grande do Norte e os 6,1 em Pernambuco.

Pernambuco liderou o processo de redução da fecundidade urbana regional apresentando o mais baixo nível tanto em 1970 quanto em 2010, não sendo, porém, aquele a experimentar a maior redução absoluta ou relativa no período, em razão do distanciamento do nível de fecundidade que já apresentava dos demais em 1970. De fato, Pernambuco foi o estado a apresentar a menor variação absoluta de níveis de fecundidade urbana, ao passar de 6,1, em 1970, para 1,79, em 2010.

A maior redução absoluta e relativa no quadriênio ocorreu no Rio Grande do Norte, cuja taxa de fecundidade total de 7,3 filhos por mulher, em 1970, declinou para 1,84 filhos por mulher, em 2010, deixando o estado a posição da maior fecundidade urbana regional, em 1970, para a terceira mais baixa da região, em 2010.

O menor declínio absoluto da taxa de fecundidade urbana ocorreu em Pernambuco (redução de 4,3 filhos entre 1970 e 2010) e a menor variação, em termos relativos, quando não se considera a de Pernambuco, aconteceu em Alagoas, cujas mulheres reduziram a fecundidade de 6,5 para 2,05 entre 1970 e 2010 (a segunda menor variação relativa, só maior do que a de Pernambuco).

Observe-se que, como já afirmado, em 1970 as diferenças entre a maior taxa de fecundidade urbana eram da ordem de 1,2 filhos por mulher entre Rio Grande do Norte (7,5) e Pernambuco. Nesse sentido, eram relativamente homogêneos os níveis de fecundidade urbana apresentados pelos estados nordestinos, pois Ceará, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Bahia tinham níveis de fecundidade urbana em torno de 6,5 filhos por mulher e Maranhão, Piauí e Rio Grande do Norte, em torno de 7,2 filhos por mulher.

O mesmo não se pode afirmar a respeito da população rural. Esta apresenta uma maior dispersão nos níveis de fecundidade nos anos iniciais da série, sendo o mais alto nível o do Rio Grande do Norte (9,9 filhos por mulher) e o mais baixo o do Maranhão (7,3 filhos por mulher), dispersão essa que se mantém também ao final do período, ainda que em uma escala muito menor (o mais alto nível no Maranhão, 3,14, em contraste com 2,37 na Paraíba).

A trajetória de queda dos níveis da fecundidade rural foi de dimensão relativa similar nos estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba, com uma diminuição do nível da fecundidade de 2010 para pouco mais de  $\frac{1}{4}$  do nível de 1970. A redução absoluta ocorrida no Rio Grande do Norte foi a maior entre todos os estados do Nordeste e a menor redução de fecundidade rural ocorreu no Maranhão, único estado a apresentar, em 2010, nível de fecundidade maior do que três filhos por mulher.

## **Mortalidade**

A partir de meados de 1970 os níveis de mortalidade passaram a experimentar decréscimos consistentes em nível nacional e, mesmo ocorrendo em

todas as todas as regiões, o Nordeste, em 2000, ainda apresentava-se como o de mais alto nível de mortalidade geral do país, contrastando com os níveis mais baixos encontrados na região Sul.

### **Níveis de mortalidade**

Os dados da Tabela 24 congregam os níveis de mortalidade regional, mensurados por meio da esperança de vida ao nascer, estabelecido como o número médio de anos que um recém-nascido espera viver, se ele experimentar o risco de morrer, em cada idade que vier a atingir, igual àquele vigente na data em que nasceu. Dito de outra forma, a esperança de vida ao nascer é o número médio de anos que um recém-nascido espera viver se os níveis de mortalidade na ocasião de seu nascimento permanecem ao longo de sua vida. Assim, quanto mais elevados foram os níveis de mortalidade experimentados por uma dada população em determinado momento, tanto menor será a sua esperança de vida ao nascer naquele momento.

A região Nordeste é a que apresentou o maior aumento de esperança de vida ao nascer no país, no período 1980-2010. Ela passou de 58,3 anos, em 1980, para 71,2 anos, em 2010, acrescentando assim, quase 13 anos à duração da vida média de sua população, dois anos mais do que o incrementado no Sudeste e Centro-Oeste e três a mais do que no Sul e Norte do país.

Por outro lado, mesmo tendo ampliado a esperança de vida ao nascer em valor expressivo, a região Nordeste é a que apresenta as menores esperanças de vida ao nascer até o ano 2000.<sup>12</sup> Entretanto, entre 2000 e 2010, é nela que ocorre uma queda absoluta e relativa dos níveis de mortalidade de dimensão tal a superar, em 2010, a região Norte no cenário nacional. Adicionalmente, ao deixar a última posição no contexto nacional, o diferencial de mortalidade em relação às demais regiões brasileiras diminui de maneira drástica, aproximando-se a região, de forma significativa, aos níveis de mortalidade do Centro-Oeste e encurtando a distância em relação às regiões Sul e Sudeste, as de menores níveis de mortalidade do país.

---

<sup>12</sup> Desde 1940, quando se tem medidas razoavelmente confiáveis da esperança de vida da população das regiões brasileiras, a região Nordeste apresenta os menores valores de esperança de vida ao nascer até o ano 2000.

Uma medida da aproximação da mortalidade nordestina à das demais regiões é a redução de sua diferença em relação à média nacional: em 1980, a esperança de vida ao nascer nordestina estava 4,2 anos abaixo da média nacional; em 2010, a diferença reduziu-se para 2,6 anos. A mais evidente transformação na mortalidade na região Nordeste pode ser também identificada comparando sua distância daquela vigente na região de menor mortalidade, a região Sul. Em 1980, a diferença de esperança de vida ao nascer da região Sul em relação à do Nordeste era de 7,7 anos; em 2010, a mesma reduziu-se para 4,6 anos. Visto de outra forma, a esperança de vida do Nordeste, em 1980, correspondia, aproximadamente, àquela vigente na região Sul em 1960<sup>13</sup>; em 2010, a mortalidade nordestina corresponde à da região Sul em torno de 1995. Assim, reduzem-se as marcantes disparidades regionais de mortalidade no país, porquanto, os 20 anos que separavam o Nordeste da região de mais baixa mortalidade reduziram-se para 15 anos, em 2010, distância, entretanto, que ainda se mostra bastante elevada.

Tabela 24 – Brasil e Regiões – Esperança de vida ao nascer – 1980/2010

Brasil e regiões	1980	1990	2000	2010
Brasil	62,50	66,93	69,83	73,86
Norte	60,80	66,92	67,85	70,79
Nordeste	58,30	62,83	67,35	71,23
Sudeste	64,80	68,83	71,14	75,55
Sul	66,00	70,40	71,91	75,87
Centro-Oeste	62,90	68,55	70,84	73,69

Fonte: 1980/2000- ALBUQUERQUE, SENNA, 2005. 2010 – IBGE, 2013c

A passagem da esperança de vida ao nascer no Nordeste para 71,23 anos, em 2010, faz com que a região passe à classificação das Nações Unidas<sup>14</sup> como de população com nível de mortalidade intermediária baixa, condição à qual já foram alçadas as regiões Sudeste e Centro-Oeste no decênio anterior e a região Sul dois decênios antes. Tanto a região Sul, como a Sudeste, em 2010, situa-se na faixa de população de mortalidade baixa, na conceituação das Nações Unidas, e a região Norte na mesma categoria do Nordeste.

<sup>13</sup> Estima-se que a esperança de vida ao nascer de 58 anos vigeria na região Sul aproximadamente em 1960.

<sup>14</sup> As Nações Unidas classificam os níveis de mortalidade mensurados pela esperança de vida ao nascer como: a) mortalidade baixa – esperança de vida ao nascer acima de 75 anos; mortalidade intermediária baixa – esperança de vida entre 70 e 75 anos; mortalidade intermediária alta – esperança de vida ao nascer entre 60 e 70 anos e mortalidade alta – esperança de vida ao nascer menor que 60 anos. (UN, 2013)

## Mortalidade infantil

Muito do aumento do número médio de anos de vida em todas as regiões brasileiras se deve à queda da mortalidade infantil. Mensurada como o número de óbitos de menores de um ano de idade em um determinado ano, em relação ao número de nascimentos ocorridos no ano, a mortalidade infantil no Brasil sofreu uma profunda redução entre 1980 e 2010, declinando de 82,8 óbitos de crianças menores de um ano por mil nascidos vivos, em 1980 (mortalidade infantil alta), para 17,2 por mil, em 2010 (mortalidade infantil baixa), conforme apontam os dados da Tabela 25.<sup>15</sup>

Tabela 25 – Brasil e regiões – Taxa de mortalidade infantil – 1970/2010<sup>16</sup>

Brasil e regiões	1980	1990	2000	2010
Brasil	82,8	48,3	29,0	17,2
Norte	79,4	44,6	31,0	21,1
Nordeste	117,6	74,3	45,2	23,1
Sudeste	57,0	33,6	20,1	13,0
Sul	58,9	27,4	16,9	11,6
Centro-Oeste	69,6	31,2	22,6	17,0

Fonte: 1980/2000- ALBUQUERQUE, SENNA, 2005. 2010 – IBGE, 2013c

No período 1980-2010, as regiões Sul e Nordeste observaram as maiores reduções relativas da mortalidade infantil, mas a maior, em termos absolutos, aconteceu no Nordeste, que a reduziu de 117,6 por mil nascidos vivos, em 1980, para 23,1 por mil, em 2010. Esse decréscimo de 80% na taxa de mortalidade infantil nordestina no trintênio se deveu principalmente ao elevado declínio ocorrido no período recente. O Nordeste desde os anos de 1980 experimenta variações crescentes na redução da mortalidade infantil, atingindo o ápice no decênio mais recente, entre 2000 e 2010, quando a taxa de mortalidade infantil nordestina contraiu-se em 50%. A dimensão do declínio da mortalidade infantil no Nordeste entre 2000 e 2010 é mais significativa do que aquela que aconteceu nas regiões Sul

<sup>15</sup> Segundo a classificação internacional da Organização Mundial da Saúde – OMS, quando a taxa de mortalidade infantil situa-se entre 20 e 49 por mil é considerada média. A OMS estabelece que a partir de 50 por mil as taxas são altas e abaixo de 20 por mil são baixas. (RIPSA, 2008).

<sup>16</sup> Os dados dos anos 2000 e 2010 são provenientes dos indicadores implícitos nas projeções populacionais de 2013. Em relação aos dados publicados com base nos dados da amostra de 2010 referentes ao Nordeste, guardam com aqueles algumas diferenças, sendo a mortalidade infantil nordestina 0,5 pontos, menor em 2000 e 4,6 pontos, maior em 2010.

e Centro-Oeste nos anos de 1980, já que, no Nordeste, a taxa que sofreu redução era menor do que aquelas do Sul e do Centro-Oeste, em 1980.

Mesmo tendo ocorrido tão significativas variações na mortalidade infantil na região, que muito a aproximou daquelas das regiões mais desenvolvidas do país, o Nordeste não perdeu a posição de apresentar as maiores taxas de mortalidade infantil do país em todos os anos da série. Também, em que pese a magnitude das reduções na mortalidade infantil nordestina no período, os avanços obtidos foram insuficientes para reduzir a distância da mais baixa do país, pois a taxa em 1980 (117,6 por mil nascidos vivos), que era mais do que o dobro da mais baixa (57,0 por mil), em 2010, (23,1 por mil) continua a ser o dobro da menor taxa nacional (11,6 por mil nascidos vivos).

### **Mortalidade por sexo e idades**

Homens e mulheres diferem quanto à mortalidade, sendo os níveis de mortalidade mais baixos entre as mulheres. As esperanças de vida ao nascer por sexo estão apresentadas Tabela 26, para o Brasil e regiões.

Observe-se, ademais, que os níveis de esperança de vida ao nascer de homens e mulheres do Nordeste, em todos os anos da série, são inferiores aos encontrados nas demais regiões do país e que os níveis vigentes em 2010, correspondem aos das demais regiões em 2000, exceto no que respeita à região Norte.

Tabela 26 – Brasil e Regiões – Esperança de vida aos nascer segundo sexo – 1980/2010

Regiões	Sexo	1980	1991	2000	2010
Brasil	Homens	59,60	63,15	66,01	70,21
	Mulheres	65,70	70,90	73,92	77,60
Norte	Homens	58,20	63,67	65,10	67,58
	Mulheres	63,70	70,33	71,06	74,44
Nordeste	Homens	55,40	59,56	63,58	67,17
	Mulheres	61,30	66,27	71,38	75,47
Sudeste	Homens	61,70	64,46	66,96	72,06
	Mulheres	68,20	73,42	75,57	79,00
Sul	Homens	63,30	66,69	68,49	72,46
	Mulheres	69,10	74,30	75,49	79,33
Centro-Oeste	Homens	60,50	65,22	67,72	70,44
	Mulheres	65,60	72,04	74,33	77,20

Fonte: 1980/2000- ALBUQUERQUE, SENNA, 2005. 2010 – IBGE, 2013a

Significativo é o fato de que apenas no Nordeste o diferencial de mortalidade por sexo cresce sistematicamente ao longo do período 1980/2010, diferenciando-se das demais regiões do país que, mesmo apresentando trajetórias variadas, experimentaram redução – nas regiões Sul e Sudeste as diferenças atingiram pico em 1991 e declinaram, enquanto nas regiões Norte e Centro-Oeste elas aumentaram, diminuíram e voltaram a aumentar no último decênio.

O padrão de mortalidade por idade no Nordeste no período 1980/2010, representado pelas probabilidades de morte entre idades sucessivas são apresentados na Tabela 27.

Tabela 27 – Nordeste- Probabilidades de morte entre idades sucessivas (em mil) – 1980/2010

Grupos de Idades	1980	1991	2000	2010
Menos de 1 ano	97,1	71,5	45,2	23,0
1 a 4 anos	25,6	26,1	12,5	3,1
5 a 9 anos	5,9	3,1	2,4	1,9
10 a 14 anos	4,8	3,0	2,6	2,3
15 a 19 anos	7,8	6,3	6,6	7,7
20 a 24 anos	13,8	11,2	11,3	11,9
25 a 29 anos	18,5	15,0	13,7	13,1
30 a 34 anos	23,3	19,1	16,7	14,0
35 a 39 anos	30,4	24,1	21,0	16,4
40 a 44 anos	37,3	31,4	28,3	21,0
45 a 49 anos	50,4	41,2	38,5	29,2
50 a 54 anos	63,9	55,3	51,1	40,3
55 a 59 anos	85,9	73,7	68,5	56,2
60 a 64 anos	118,4	99,5	92,4	78,1
65 a 69 anos	161,7	134,6	130,2	110,5
70 a 74 anos	279,0	207,7	186,8	163,7
75 a 79 anos	413,7	301,1	260,5	237,8
80 anos e mais	1000,0	1000,0	1000,0	1000,0

Fonte: 1980/2000- ALBUQUERQUE, SENNA, 2005. 2010 – IBGE, 2013c

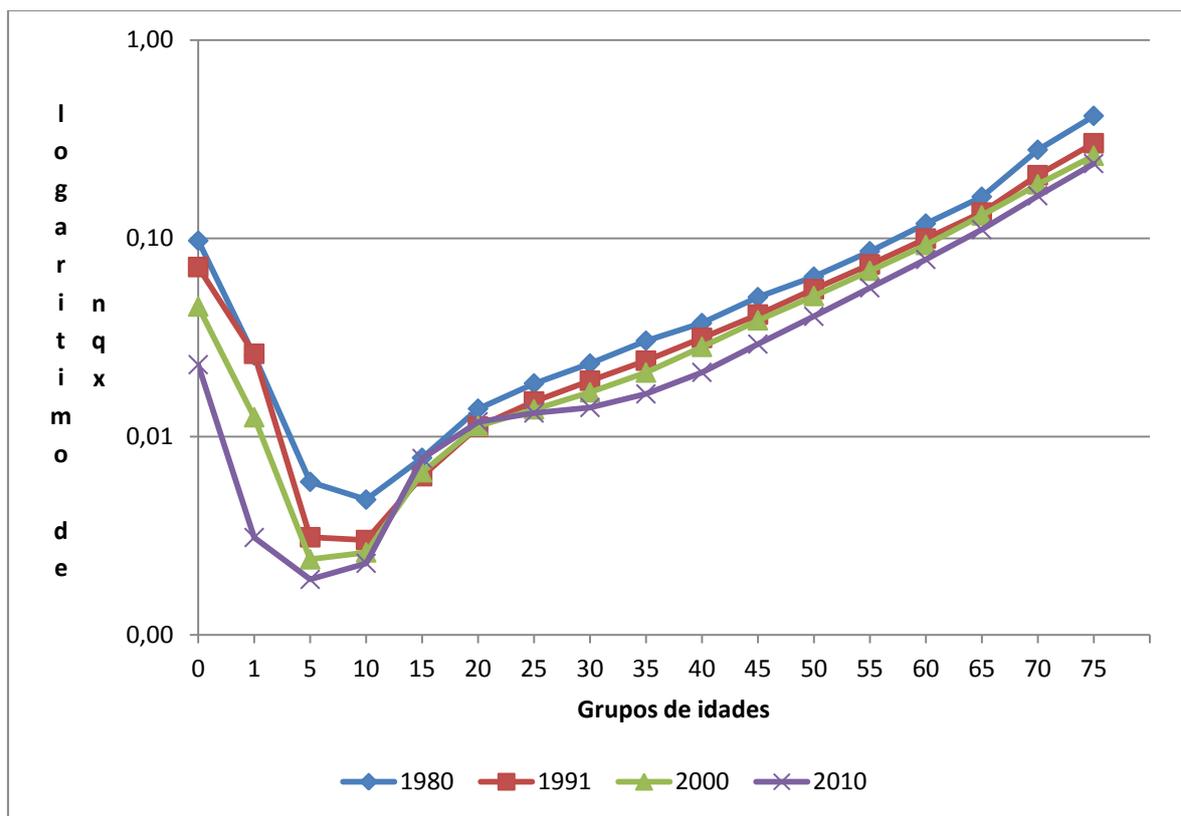
Ao longo de período considerado, dois movimentos chamam a atenção.

O primeiro é a expressiva queda da mortalidade de crianças entre um e cinco anos, após um pequeno aumento entre 1980 e 1991. Para esse grupo etário, as probabilidades de uma criança que completou um ano de idade morrer antes completar cinco anos, que, em 1980, era de 26 em mil (25,6‰), reduz-se para três em mil (3,1‰), em 2010. Ao final de 30 anos, a chance de morte dessas crianças declinou para pouco mais de 1/10 daquela de 1980.

O segundo movimento refere-se à manutenção das probabilidades de morte dos adolescentes entre os 15 e os 20 anos nesse período de 30 anos. Quando tal movimento é adicionado aos modestos ganhos nas chances dos jovens de 20, 25 e até mesmo 30 anos de idade sobreviverem por 5 anos mais, e se contrasta com os ganhos dos demais grupos, inclusive os mais velhos, ao se identificar que seus ganhos são inferiores a qualquer um dos outros grupos, tem-se a verdadeira dimensão das perdas de anos de vida devido às mortes violentas a partir dos 15 anos até os 35 anos. A maioria delas do sexo masculino, mas com uma visível introdução na população jovem adolescente e nas idades iniciais dos 20 anos, conforme se pode identificar nos dados da Tabela 28.

O Gráfico 14 permite a visualização da trajetória temporal das probabilidades de morte por idades no Nordeste. As quedas regionais de mortalidade antes dos cinco anos são marcantes, fenômeno que deve ser considerado até os 10 anos, mesmo sendo as reduções bastante inferiores e em valores decrescentes.

Gráfico 14 – Nordeste – Logaritmos das probabilidades de morte – 1980/2010



Fonte: Tabela 27

Aos 15 anos as reduções das probabilidades de morte observadas entre 1980 e 1991 deixam de existir e se tornam negativas a partir de então e são de magnitude tal que, em 2010, retornam aos níveis de 1980. No grupo de 20 anos a situação é similar, mas os níveis não retornam aos de 1980. No grupo de 25 anos os ganhos são declinantes, e a partir do mesmo as reduções, nos anos recentes, em muito superam aquelas obtidas nos anos de 1991.

O conjunto dos resultados mostra que, no Nordeste, no agregado, as reduções de mortalidade obtidas no período 1980/1991 não se mantiveram de mesma dimensão entre 1991 e 2000, só voltando a ser em significativos valores no período 2000-2010.

Os diferenciais de mortalidade por sexo e idade são mais adequadamente vislumbrados de acordo com os dados da Tabela 28 no qual são apresentadas as probabilidades de morte por sexo e idades e cujos diferenciais por sexo são representados no Gráfico 15.

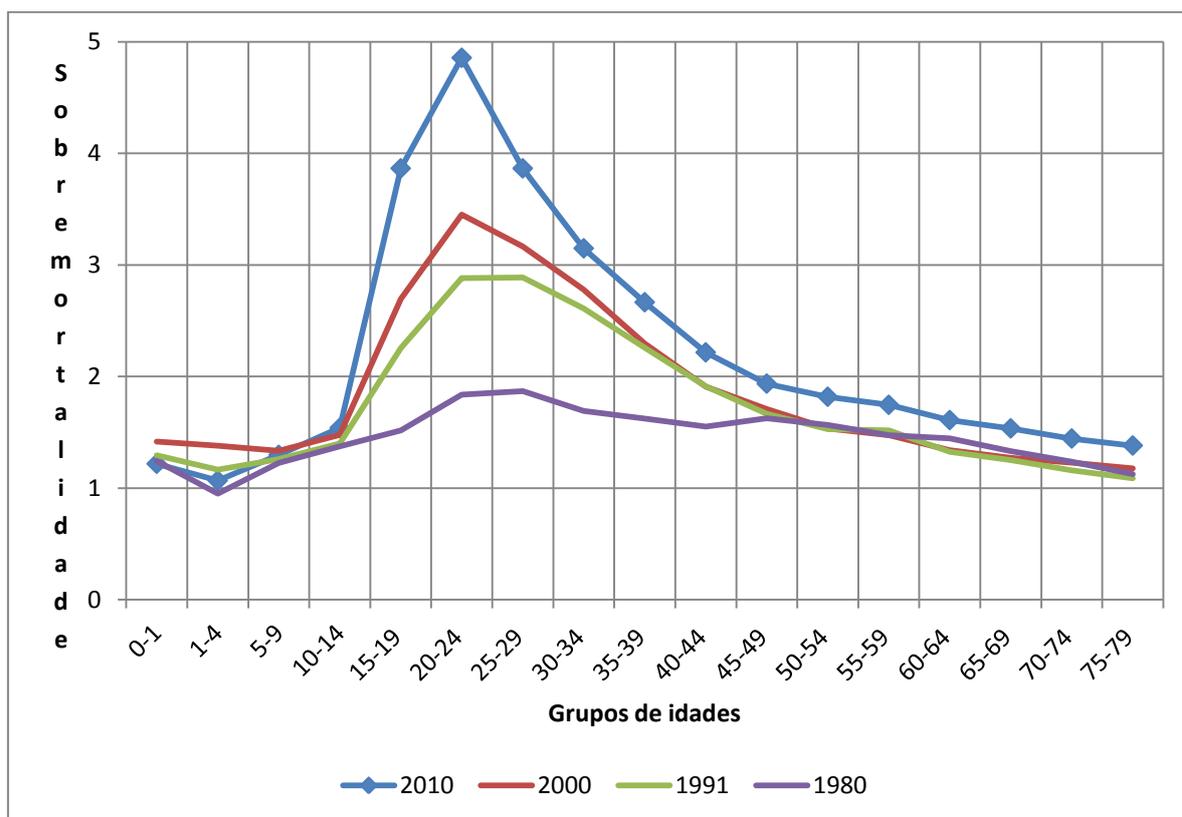
Tabela 28 – Nordeste – Probabilidades de morte entre idades sucessivas por sexo (em mil) – 1980/2010

Grupos de Idades	1980		1991		2000		2010	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Menos de 1	107,1	86,3	80,4	62,2	52,7	37,2	25,2	20,7
1 a 4	25,0	26,3	28,1	24,1	14,5	10,5	3,2	3,0
5 a 9	6,5	5,3	3,4	2,7	2,8	2,1	2,1	1,7
10 a 14	5,5	4,0	3,5	2,5	3,1	2,1	2,8	1,8
15 a 19	9,4	6,2	8,8	3,9	9,7	3,6	12,3	3,2
20 a 24	18,2	9,9	17,0	5,9	17,6	5,1	19,8	4,1
25 a 29	24,5	13,1	22,8	7,9	21,2	6,7	21,1	5,5
30 a 34	29,6	17,5	28,2	10,8	25,0	9,0	21,5	6,8
35 a 39	38,0	23,4	34,1	15,1	29,6	12,9	24,2	9,1
40 a 44	45,8	29,5	41,7	21,8	37,6	19,7	29,4	13,3
45 a 49	63,1	38,8	52,1	31,3	49,2	28,8	39,0	20,2
50 a 54	78,4	50,1	67,5	44,2	62,4	40,7	52,8	29,1
55 a 59	102,4	69,4	90,2	59,5	82,7	56,1	72,8	41,7
60 a 64	140,3	97,0	114,5	86,3	107,0	79,9	97,8	60,8
65 a 69	184,7	138,7	150,1	120,1	147,2	115,7	135,9	88,6
70 a 74	309,0	249,6	223,6	192,9	207,6	168,9	196,8	136,3
75 a 79	439,3	390,3	314,3	289,0	283,0	240,5	280,8	203,4

Fonte: 1980/2000- ALBUQUERQUE, SENNA, 2005. 2010 – IBGE, 2013c

Exceto para alguns grupos de idades em períodos específicos – a do grupo 50-54 anos e acima de 55 anos, no intervalo 1980-1991; 40-44 e 55-59 anos, em 1991-2000 e menores de 10 anos, em 2000-2010 – as reduções de mortalidade feminina foram superiores às dos homens nordestinos, razão pela qual, exceto no que respeita à mortalidade dos menores de um ano de idade, para a qual a redução da mortalidade masculina foi maior do que a feminina no quadriênio, os decréscimos observados entre as mulheres no período de 1980 a 2010 superaram a dos homens em todos os demais grupos de idade.

Gráfico 15 – Nordeste – Diferenciais de probabilidades de morte entre idades sucessivas por sexo – 1980/2010



Fonte: Tabela 28

No conjunto das mudanças por sexo e grupos de idades o maior distanciamento entre homens e mulheres ocorre entre os 15 e os 35 anos de idade, ao lado de um rejuvenescimento desse diferencial por sexo. No grupo de 15 a 24 anos a mortalidade masculina cresceu e feminina reduziu no período; o diferencial entre os adolescentes de 15 a 19 superaram os dos homens de 30 anos; e o grupo de 20-24 anos, nos anos mais recentes (2000-2010), passou a apresentar o maior diferencial por sexo, superando o grupo de 25-29 anos que, nos anos mais distantes (1980-1991), era o de mais ampla diferenciação. O rejuvenescimento dos diferenciais de mortalidade por sexo não se deve apenas aos movimentos do grupo 15-24 anos, mas também pela presença do grupo 10-14 anos nos anos mais recentes.

Atingido o máximo diferencial nas idades 20-24 anos, o diferencial passa a decrescer, retornando a níveis em que as mortes violentas não têm tanto peso na mortalidade do grupo etário quanto nas idades entre 15 e 39 anos.

## Mortalidade nas Unidades da Federação

Os níveis de mortalidade são distintos entre os estados nordestinos, com a quase totalidade dos mesmos, em 1980, classificados na faixa de estados com mortalidade alta (esperança de vida ao nascer abaixo de 60 anos), conforme apontam os dados da Tabela 29.

Em 1980, a mais alta esperança de vida ao nascer era encontrada em Sergipe (60,17 anos) e a mais baixa em Alagoas (55,69 anos). Entre 1980 e 1991, o maior incremento na esperança de vida ao nascer foi observado no estado da Bahia que a ampliou em 5,55, passando de 59,72 para 65,27 o número médio de anos de sobrevivência de seus recém-nascidos, e a menor ocorreu em Sergipe, que vivenciou um aumento de vida média da ordem de 3,24 anos, passando de 60,17 para 63,41anos.

Tabela 29 – Nordeste – Esperança de vida ao nascer segundo unidades da federação – 1980/2010

Unidades da Federação	1980	1991	2000	2010
Maranhão	57,52	62,05	65,28	68,75
Piauí	58,55	62,48	67,86	69,92
Ceará	58,96	63,97	69,44	72,40
Rio Grande do Norte	58,19	63,28	70,23	74,10
Paraíba	56,99	61,67	67,06	71,24
Pernambuco	56,67	60,73	64,99	71,13
Alagoas	55,69	59,72	64,28	69,18
Sergipe	60,17	63,41	67,73	71,02
Bahia	59,72	65,27	68,69	71,92

Fonte: 1980/2000- ALBUQUERQUE, SENNA, 2005. 2010 – IBGE, 2013c

A década de 1990 configurou-se como o momento de maior ampliação da esperança de vida ao nascer ocorrido no Nordeste. Ela se deu no Rio Grande do Norte, que conseguiu reduzir seus níveis de mortalidade que geraram 6,95 anos mais na esperança de vida ao nascer de sua população. Essa passou de 63,28 para 70,23 anos entre 1991 e 2000. A menor variação absoluta ocorreu no Maranhão, cujo ganho de vida média foi de 3,23 anos, incrementando seus níveis de vida média de 62,05 anos para 65,28 anos. Modesto, também, foi o aumento observado na Bahia: 3,42 anos, em flagrante contraste do decênio anterior quando a esperança de vida do baiano aumentou 5,55 anos.

Na primeira década do século XXI, a maior variação absoluta de esperança de vida ao nascer ocorreu em Pernambuco que passou de 64,99 anos, em 2000, para 71,13 anos, em 2010, ampliando-a em 6,14 anos, valor similar àquele experimentado pelo Rio Grande do Norte no decênio precedente. O menor declínio ocorreu no Piauí, cuja esperança de vida ao nascer aumentou tão somente 2,06 anos no espaço de 10 anos passando a mesma de 67,86, em 2000, para 69,92 anos em 2010. Esta menor variação observada no Piauí entre 2000 e 2010 foi a menor variação observada entre todos os estados em todo o período de 1980 a 2010.

Como já afirmado, nos anos de 1980, todos os estados nordestinos apresentavam esperança de vida ao nascer inferior a 60 anos, com exceção de Sergipe que transpunha esse limiar por décimos de ano. A passagem para a situação de nível de mortalidade intermediária alta se dá em 1991 para todos os estados nordestinos que alcançaram vida média ao nascer superior a 60 anos, com exceção de Alagoas que, por décimos de ano, permanecia no nível de mortalidade alta (esperança de vida menor do que 60 anos). No ano 2000, com a inclusão de Alagoas, os estados nordestinos se juntam no patamar da mortalidade intermediária alta e apenas o Rio Grande do Norte experimenta nível de mortalidade que o coloca na condição de mortalidade intermediária baixa. Em 2010, já são seis os estados com nível de mortalidade intermediária baixa – Rio Grande do Norte, mantendo o obtido na década anterior, e Ceará, Paraíba, Pernambuco, Sergipe e Bahia que se colocam nessa nova condição. Nenhum estado nordestino consegue alcançar o nível de mortalidade baixa (esperança de vida ao nascer maior do que 75 anos), sendo o Rio Grande do Norte o que mais se aproxima do limiar do grupo (74,1 anos).

Em síntese, em 1980, oito estados faziam parte do grupo de mortalidade alta e apenas um no grupo de mortalidade intermediária alta; em 1991, nessa estão oito estados e apenas um permanecia na condição de mortalidade alta; em 2000, são oito os participantes do estrato de mortalidade intermediária alta e apenas um com mortalidade intermediária baixa; em 2010, três permanecem no escalão de mortalidade intermediária alta e seis mortalidade intermediária baixa.

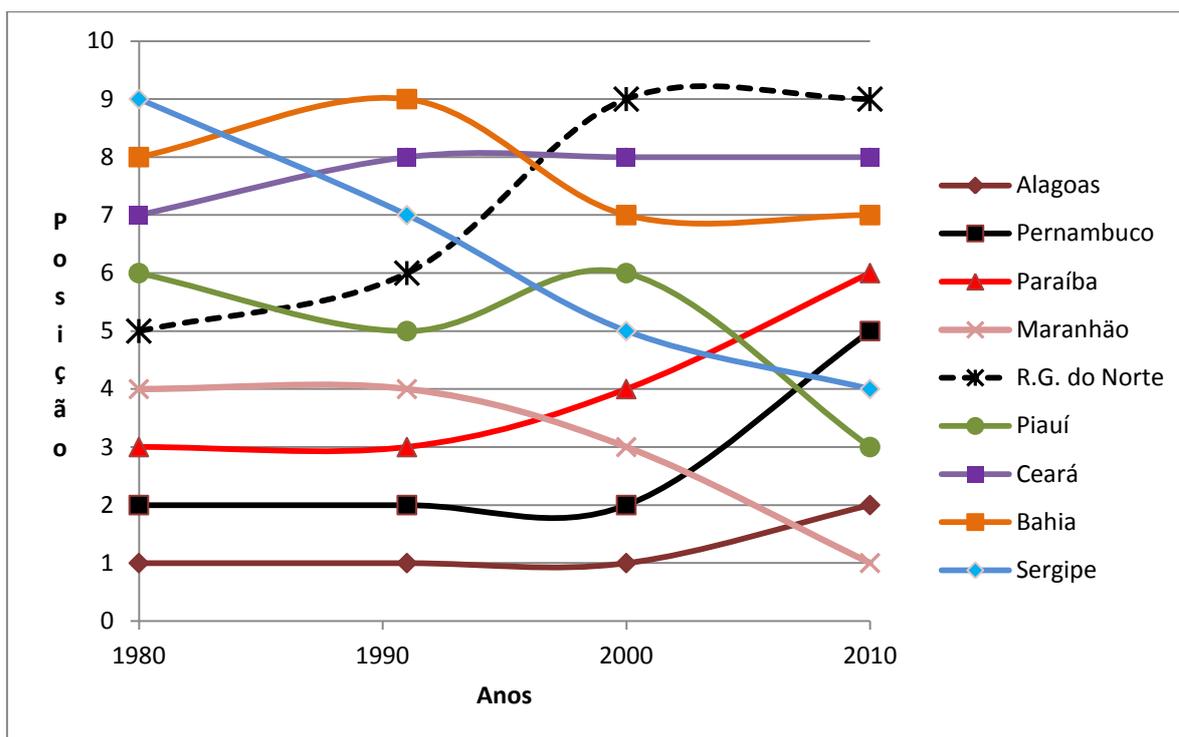
Maranhão, Piauí e Alagoas é que se posicionam como de pior situação ao longo do tempo. A mais baixa condição de Alagoas é evidenciada por partir de um nível alto de mortalidade, em 1980, mantendo-a em 1991 e só em 2000 ascendendo aos níveis de mortalidade intermediária alta, ali permanecendo em 2010. Maranhão

e Piauí, como a grande maioria dos estados nordestinos, em 1980 apresentavam mortalidade alta; mas em 1991 galgaram a condição de mortalidade intermediária alta, mas nesse escalão se mantiveram até 2010, tendo sido o Maranhão, inclusive, superado por Alagoas que muito se aproximou da mortalidade vigente no Piauí.

As reduções no nível da mortalidade entre 1980 e 2010 mostram que no decênio inicial o maior declínio ocorreu na Bahia, assumindo o Rio Grande do Norte a proeminência na década seguinte e liderada por Pernambuco no último decênio. As menores reduções ocorreram de início em Sergipe; na década de 1990 se dão no Maranhão e no decênio de 2000 no Piauí. Tal diversidade de situações faz com que a distribuição dos estados de acordo com os níveis de mortalidade que atingem a cada ano modifique-se de forma contundente, conforme mostra o Gráfico 16. Nele, a posição de cada estado no período 1980/2010 é representada em uma escala ordenada na qual 1 é posição ocupada pelo estado com a menor esperança de vida e 9 é a posição da unidade da federação com a mais alta esperança de vida.

Os estados de Alagoas e Pernambuco, até 2000, ocupam os níveis inferiores de esperança de vida na região, seguido pela Paraíba, que permanece na terceira posição até o ano de 1990. Acima dos mesmos, em 1980 e 1990, posicionava-se o Maranhão, mas que, em 2000, perde a posição para a Paraíba e, em 2010, é superado por Pernambuco e Alagoas e passa a ocupar a posição da mais baixa esperança de vida no Nordeste.

Gráfico 16 – Nordeste – Unidades da Federação – Posição dos estados segundo os níveis de esperança de vida ao nascer – 1980/2010



Fonte: Tabela 29

A maior mutação ocorre em Sergipe que, em 1980, apresentava a menor mortalidade, mas é o único a apresentar sistemáticas perdas de posição no *rank* dos níveis de mortalidade, declinando para a sexta posição em 2010, sendo superado por Ceará e Bahia, em 1990, Rio Grande do Norte, em 2000, e Pernambuco e Paraíba, em 2010. Apesar do Piauí ter superado Sergipe, em 2000, o estado volta a perder a posição em 2010.

No topo do ordenamento, Bahia e Ceará alteram as posições superiores no ano de 2000, mas são superados pelo Rio Grande do Norte neste momento de troca de posições.

## **Mortalidade infantil nas unidades da federação**

Pela particularidade de uma criança ser extremamente sensível ao ambiente em que é gerada e criada, a taxa de mortalidade infantil se presta adequadamente à indicação da qualidade de vida da população em que se insere. Distintos níveis de mortalidade infantil correspondem aos diferentes níveis de investimentos sociais de proteção de uma vida de qualidade. Dessa forma, os níveis e os diferenciais de mortalidade infantil refletem os estágios em que se encontram as populações, assim como os distintos riscos sociais e ambientais a que estão submetidas.<sup>17</sup>

No Nordeste, dada a dimensão dos níveis da mortalidade infantil, a sua evolução constituiu-se como elemento determinante para a trajetória da mortalidade geral na região. Assim, pode-se imputar as variações observadas nas esperanças de vida estaduais aos declínios da mortalidade infantil ocorridos nos mesmos no período.

Os dados da Tabela 30 mostram que em 1980 os níveis de mortalidade infantil em todos os estados do Nordeste eram muito altos, beirando níveis só observados em países de muito baixo nível de desenvolvimento, a exemplo dos países africanos como a Costa do Marfim e Marrocos ou países pobres com grandes contingentes populacionais, a exemplo do Paquistão e Índia. Taxas de mortalidade infantil acima de 100 óbitos por 1.000 nascidos vivos, na Europa, só ocorreram nos países da antiga cortina de ferro, como Servia e Croácia, nos anos de 1950.<sup>18</sup>

A taxa de mortalidade infantil era particularmente elevada no espaço compreendido do Ceará até Alagoas, no qual, a cada ano, de cada mil nascidos vivos, mais de cem deles faleciam antes de completar seu primeiro aniversário. Expresso em percentagem, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas perdiam mais de 10 por cento dos nascimentos ali ocorridos antes que essas crianças completassem um ano de vida. Contraste-se a taxa de mortalidade infantil vigente na Paraíba, em 1980, que era de 117,1 por mil nascidos vivos – a maior do Brasil, com a do Rio Grande do Sul, de 36,5 por mil nascidos – a menor do país e se tenha a afrontante distância a separar os níveis de desenvolvimento regional no Brasil nos decênios finais do século XX. Em 1980, nenhum estado nordestino conseguiu transpor a taxa de 80 por mil nascidos vivos.

---

<sup>17</sup> No indicator captures the divergence in human development opportunity more powerfully than child mortality (UN, 2005).

<sup>18</sup> Vide UN, 2013.

Tabela 30 – Nordeste – Taxa de mortalidade infantil segundo unidades da federação – 1980/2010

Unidades da Federação	1980	1991	2000	2010
Maranhão	86,1	73,6	49,9	29,0
Piauí	81,0	61,9	36,5	23,4
Ceará	111,5	71,1	38,1	19,7
Rio Grande do Norte	111,2	72,1	44,7	20,6
Paraíba	117,1	77,4	48,6	22,9
Pernambuco	104,6	75,7	48,9	18,5
Alagoas	111,6	98,5	63,8	30,2
Sergipe	90,1	67,3	43,1	22,6
Bahia	83,1	62,6	41,3	23,1

Fonte: 1980/2000- ALBUQUERQUE, SENNA, 2005. 2010 – IBGE, 2013c

Os anos de 1980 já incorporam os resultados iniciais de políticas de saúde preventiva e curativa e de saneamento básico iniciadas na década precedente, beneficiando-se o Nordeste, daí em diante, adicionalmente, do fortalecimento dos programas de saúde materno-infantil com ampliação dos aparatos de saúde por todo o país, acompanhado por programas de vacinação e campanhas de aleitamento materno que ampliaram as chances de sobrevivência dos recém-nascidos. Ademais, a queda os níveis de fecundidade já se ampliaram na região.

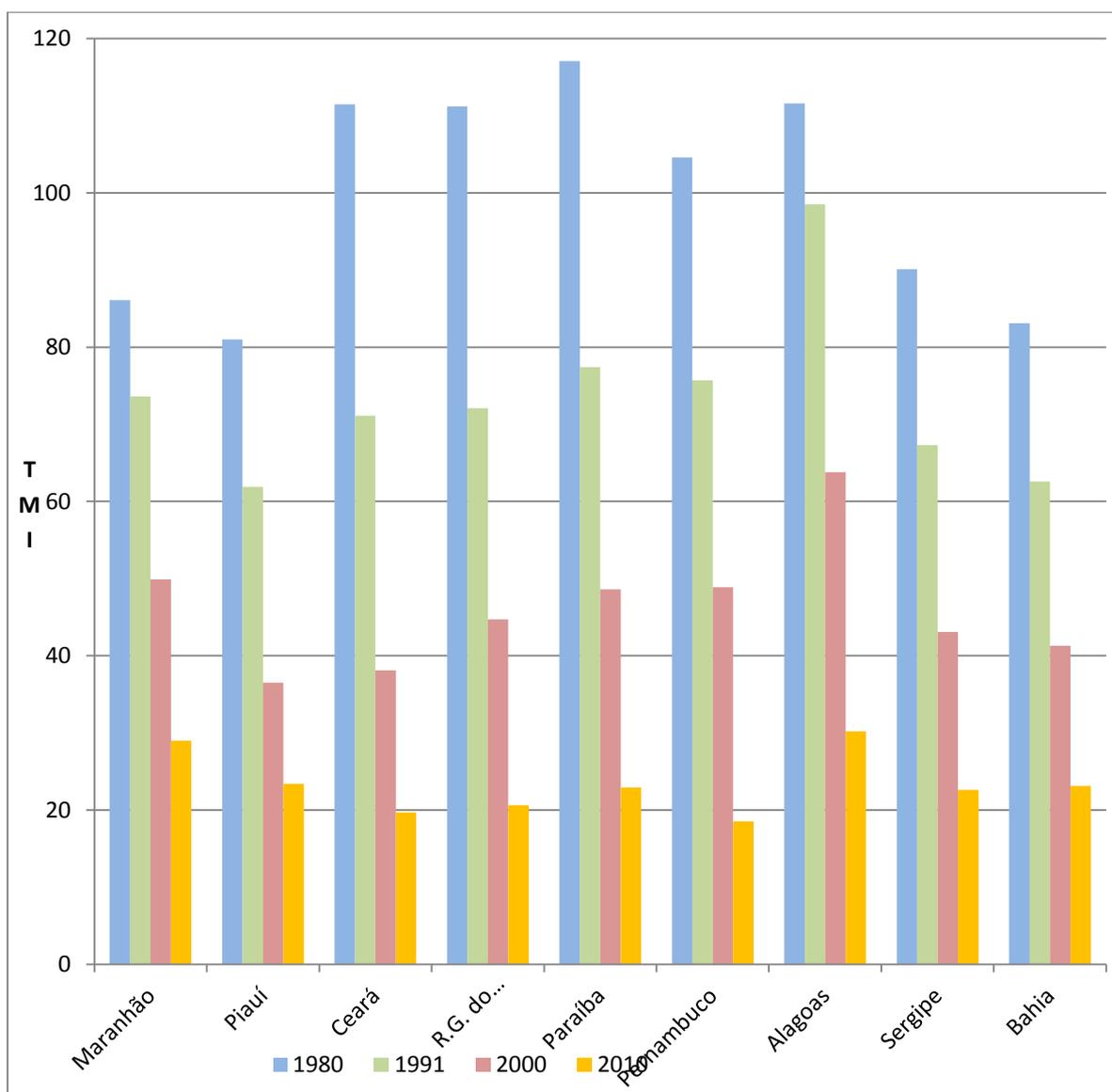
Em 1991 os níveis de mortalidade infantil nordestino declinam, mas ainda em proporções muito modestas. No conjunto de estados a apresentar as mais altas taxas de mortalidade em 1980, elas são maiores, com exceção de Alagoas em que a mesma foi muito reduzida, constituindo-se como a mais baixa entre todos os estados nordestinos. Menor, inclusive, à do Maranhão, que se juntou ao grupo anterior de altas taxas de mortalidade. Sergipe, Bahia e Piauí apresentaram quedas similares.

No decênio de 1990 amplia-se a queda da mortalidade infantil no Nordeste. Todos os estados da região experimentam significativas reduções na mortalidade infantil, em todos eles acima de 30%, mas, mais elevadas no Ceará e no Piauí, e a menor no Maranhão.

Entre 2000 e 2010, as reduções são excepcionais, particularmente quando se têm em conta os níveis para os quais já declinaram em 2000. Em Pernambuco, em 2010, a taxa de mortalidade infantil (18,5 por mil) reduziu-se para menos da metade da de 2000 (48,9 por mil) e o estado passou a apresentar a menor taxa de mortalidade infantil do Nordeste. Reduções similares ocorreram no Rio Grande do Norte, Paraíba e Alagoas cujas mortalidades declinaram para abaixo da metade da mortalidade de 2000. Ceará e Sergipe muito se aproximaram dessa situação.

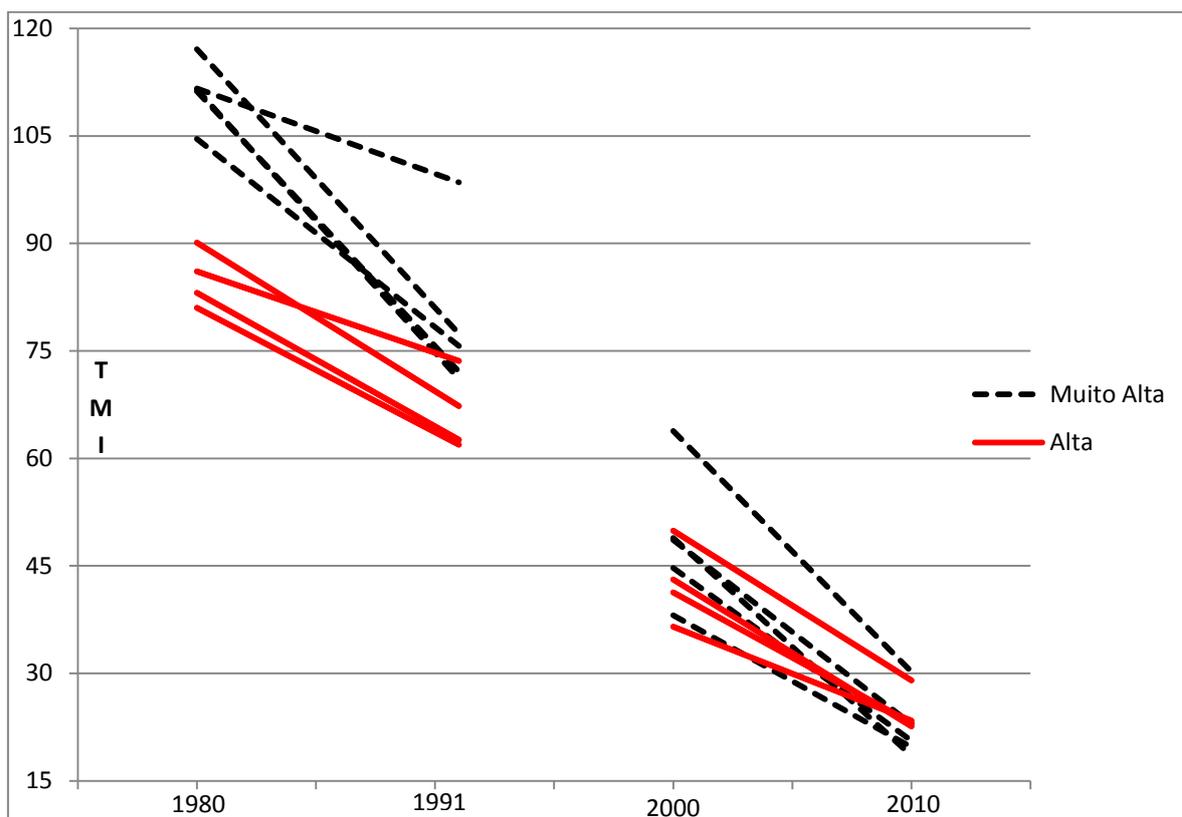
No Gráfico 17 estão representadas as taxas de mortalidade infantil dos estados nordestinos no período 1980/2010 e no Gráfico 18 a trajetória das taxas no período 1980-1991 e 2000-2010 segundo as unidades da federação nas quais as taxas de mortalidade infantil eram muito altas e unidades da federação em que essas taxas eram altas em 1980.

Gráfico 17 – Nordeste – Taxa de mortalidade infantil segundo unidades da federação – 1980/2010



Fonte: Tabela 30

Gráfico 18 – Nordeste – Trajetória da taxa de mortalidade infantil das unidades da federação de mortalidade infantil muito alta e de mortalidade alta – 1980-1991 e 2000-2010



Fonte: Tabela 30

Os cinco estados cujas taxas de mortalidade infantil, em 1980, eram superiores a 100 por mil nascidos vivos (Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas) e os outros quatro (Piauí, Bahia, Maranhão e Sergipe) cujas taxas situavam-se entre 80 e 90 por mil nascidos vivos, não se comparavam a nenhum dos países das áreas mais desenvolvidas do mundo.<sup>19</sup> Isto porque, entre eles, conforme os dados das Nações Unidas (2013), em 1980, a mais alta mortalidade infantil era de 44,8 por mil, na Macedônia e a mais baixa, na Islândia, 6,3 por mil nascidos vivos.

<sup>19</sup> As Nações Unidas classificam as regiões e países do mundo em: desenvolvidos e menos desenvolvidos, identificando nessa última uma categoria constituída por um conjunto de países com mais baixo nível de desenvolvimento. A categorização das Nações Unidas inclui como: 1) Mais desenvolvidos – Europa, América do Norte, Austrália, Nova Zelândia e Japão; 2) Menos desenvolvidos – toda a África, Ásia, com exceção do Japão, América Latina e Caribe, Melanésia, Micronésia e Polinésia. Os países na categoria dos menos desenvolvidos incluem: Afeganistão, Angola, Bangladesh, Benin, Burkina Faso, Burundi, Butão, Cabo Verde, Camboja, Chade, Camarões, Congo, Djibuti, Eritreia, Etiópia, Gâmbia, Guiné Bissau, Guiné Equatorial, Haiti, Iêmen, Ilhas Salomão, Kiribati, Laos, Lesoto, Libéria, Madagascar, Malauí, Maldivas, Mali, Mauritânia, Myanmar, Moçambique, Nepal, Níger, República Centro- Africana, Ruanda, Samoa, São Tomé e Príncipe, Senegal, Serra Leoa, Somália, Sudão, Tanzânia, Timor Leste, Togo, Tuvalu, Uganda, Vanuatu, Zâmbia. Esses países são também incluídos na categoria de menos desenvolvidos.

Em 1980, os estados com mortalidade infantil muito alta tinham nível similar ao da Índia (106,5), do Paquistão (106,6), da Costa do Marfim (108,5) ou Mongólia (104,5). Os estados de mortalidade infantil alta comparam-se a Honduras (81,0), Indonésia (83,2), Tunísia (87,6) e Nicarágua (90,2), entre os muitos menos desenvolvidos.

Em 2010, excluídos Maranhão e Alagoas, que apresentavam taxas de mortalidade infantil de 29 e 30 por mil, todos os demais estados tinham mortalidade que girava nas proximidades de 22 por mil. Esses níveis não são encontrados em nenhum dos chamados desenvolvidos, metade dos quais têm taxas de mortalidade infantil inferior a cinco por mil, e dez dos 44 têm taxa entre 8 e 19 por mil. Essa taxa em torno de 22 por mil é a da China (22,0), Filipinas (23,0) e Líbano (22,7), entre outros considerados menos desenvolvidos.

### **Mortalidade por sexo e idades nas unidades da federação**

Os padrões de mortalidade por idade nas unidades da federação do Nordeste no período 1980/2010<sup>20</sup>, expressos pelas probabilidades de morte entre idades sucessivas, são apresentados no conjunto compreendido pela Tabela 31 até a Tabela 39.

Em todos os estados nordestinos a maior redução de mortalidade, no período 1980/2010, ocorreu no grupo das crianças de 1 a 4 anos completos. A maior queda entre essas crianças do sexo masculino aconteceu no Rio Grande do Norte e, entre as meninas, em Alagoas. As menores quedas de mortalidade nesse grupo de idades se deram no estado da Bahia, tanto para os meninos como para as meninas.

Quando se considera as menores quedas nos níveis de mortalidade identifica-se de imediato as variações negativas, qual seja, em lugar de diminuição, aumento do nível de mortalidade, fenômeno que como já se afirmou é mais próprio da população masculina quando a mortalidade é vista em termos da região.

Considerada a mortalidade por idade e sexo dos estados nordestinos, em termos negativos, qual seja o maior aumento de mortalidade, fenômeno que se restringe exclusivamente à população masculina quando se consideram os pontos

---

<sup>20</sup> Eventuais correções nas estimativas da mortalidade por sexo e grupos de idades, sem a devida compatibilização das mesmas para períodos anteriores, podem, na comparação entre pontos próximos, indicar mudanças que em grande parte se devem ao não ajustamento da série. Por essa razão, as comparações são feitas entre os pontos extremos da série. Atente-se que essa deficiência se amplia para os maiores níveis de desagregação. O Maranhão afigura-se como o mais afetado.

extremos da série (1980 e 2010), ocorre em Alagoas cuja população masculina de 15 a 19 anos de idade teve suas probabilidades de morte ampliadas de 9,9 por mil, em 1980, para 16,5 por mil, em 2010. Contraste-se tal trajetória dos jovens alagoanos com o fato de que entre as mulheres, no intervalo 1980-2010, a mais modesta redução de mortalidade ocorreu no Maranhão no grupo 60-64 anos de idade, da ordem de pouco mais de 10%.

Tabela 31 – Maranhão – Probabilidades de morte entre idades sucessivas por sexo (em mil) – 1980/2010

Grupos de Idades	1980		1991		2000		2010	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Menos de 1	94,6	77,2	62,9	86,1	58,9	40,6	32,4	25,5
1 a 4	26,2	27,9	24,4	27,0	17,9	12,3	3,9	3,7
5 a 9	4,3	4,1	2,4	4,2	2,5	1,9	2,2	2,2
10 a 14*	4,3	3,4	2,4	3,8	3,3	2,4	3,0	2,4
15 a 19	8,0	7,4	4,4	7,7	8,4	4,1	9,2	4,4
20 a 24	16,8	11,9	8,1	14,3	16,8	7,5	19,7	6,3
25 a 29	25,7	15,2	9,8	20,4	23,0	10,4	25,3	9,5
30 a 34	31,6	18,8	13,1	25,3	28,2	13,2	24,9	10,7
35 a 39	39,9	23,5	18,4	31,9	35,4	19,8	27,8	13,2
40 a 44	48,6	28,7	23,8	39,4	44,6	27,1	33,4	20,5
45 a 49	67,9	37,0	34,2	53,8	59,1	37,1	45,7	28,1
50 a 54	94,5	48,6	44,7	74,2	74,4	49,7	62,0	41,9
55 a 59	129,7	67,4	61,0	103,4	97,0	66,2	89,3	58,6
60 a 64	170,3	82,7	84,5	132,9	132,5	97,3	110,4	76,3
65 a 69	231,1	138,8	107,0	197,8	178,3	133,7	162,0	106,3
70 a 74	417,9	282,5	193,9	395,1	250,2	186,4	223,6	157,5
75 a 79	548,4	481,0	291,4	607,4	318,2	236,4	301,8	215,7

Fonte: 1980/2000- ALBUQUERQUE, SENNA, 2005. 2010 – IBGE, 2013c

Tabela 32 – Piauí – Probabilidades de morte entre idades sucessivas por sexo (em mil) – 1980/2010

Grupos de Idades	1980		1991		2000		2010	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Menos de 1	88,7	72,9	52,4	81,0	43,3	29,3	25,1	21,7
1 a 4	15,5	16,6	18,2	16,0	9,8	6,8	2,4	3,2
5 a 9	4,4	3,3	1,5	3,9	2,5	1,6	2,5	2,5
10 a 14	4,0	3,0	1,9	3,5	3,3	2,3	3,6	2,4
15 a 19	7,6	4,8	3,2	6,2	8,4	3,6	9,9	3,5
20 a 24	18,0	9,6	5,8	13,6	14,2	5,7	18,1	6,0
25 a 29	24,4	12,5	8,3	18,2	19,3	7,2	28,2	8,2
30 a 34	31,2	18,6	12,3	24,8	23,9	10,1	22,1	7,6
35 a 39	43,9	24,5	16,9	34,2	28,2	12,6	25,7	10,9
40 a 44	49,8	31,4	23,2	40,9	38,9	24,9	30,4	15,2
45 a 49	70,5	37,6	34,4	54,5	52,5	32,7	37,8	21,7
50 a 54	87,3	50,8	49,9	70,3	64,3	42,8	53,4	29,2
55 a 59	119,9	74,8	65,8	100,8	85,8	66,9	83,6	42,9
60 a 64	170,6	103,2	106,0	142,6	120,7	95,1	108,8	65,4
65 a 69	226,0	167,9	153,8	209,5	171,4	141,4	141,5	93,1
70 a 74	378,3	300,9	253,7	379,3	264,2	216,5	213,0	154,8
75 a 79	520,3	470,4	379,6	581,2	346,7	304,9	317,6	232,4

Fonte: 1980/2000- ALBUQUERQUE, SENNA, 2005. 2010 – IBGE, 2013c

Tabela 33 – Ceará – Probabilidades de morte entre idades sucessivas por sexo (em mil) – 1980/2010

Grupos de Idades	1980		1991		2000		2010	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Menos de 1	121,9	100,4	64,2	111,5	44,7	31,2	21,7	17,6
1 a 4	24,3	25,7	25,2	25,0	10,1	7,5	3,1	2,9
5 a 9	5,7	4,7	2,4	5,2	2,9	1,7	2,2	1,4
10 a 14	5,7	4,1	2,1	4,9	2,8	1,5	2,3	1,7
15 a 19	9,9	6,3	3,0	8,1	9,1	3,2	11,5	3,1
20 a 24	19,3	8,8	4,6	13,7	18,0	4,2	18,6	3,4
25 a 29	26,5	13,3	6,8	19,5	21,8	5,6	19,3	4,3
30 a 34	29,2	16,2	9,0	22,5	26,9	7,6	20,2	5,6
35 a 39	36,1	22,8	13,1	29,3	31,6	11,1	23,8	7,7
40 a 44	39,5	26,0	18,2	32,7	40,1	16,8	29,9	11,5
45 a 49	53,8	33,1	25,8	43,4	52,1	24,9	36,9	19,5
50 a 54	65,0	41,1	37,5	53,4	64,0	35,6	48,4	24,9
55 a 59	80,7	55,6	47,3	69,4	84,0	50,5	63,2	37,2
60 a 64	114,5	79,4	73,0	99,4	110,1	72,3	89,8	57,5
65 a 69	153,6	114,9	102,7	139,7	152,2	104,3	119,9	82,1
70 a 74	255,0	198,6	168,4	243,3	222,2	159,8	174,7	128,2
75 a 79	380,5	318,2	254,6	389,4	295,7	231,7	258,4	198,0

Fonte: 1980/2000- ALBUQUERQUE, SENNA, 2005. 2010 – IBGE, 2013c

Tabela 34 – Rio Grande do Norte – Probabilidades de morte entre idades sucessivas por sexo (em mil) – 1980/2010

Grupos de Idades	1980		1991		2000		2010	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Menos de 1	121,6	100,1	61,8	111,2	51,7	37,5	23,9	17,2
1 a 4	39,4	44,0	23,8	41,7	13,9	10,4	2,4	2,7
5 a 9	6,8	4,7	2,4	5,8	2,8	1,4	1,9	1,7
10 a 14	5,3	3,4	2,5	4,3	3,3	2,1	2,6	1,3
15 a 19	8,4	4,9	3,4	6,6	9,1	3,2	8,6	2,1
20 a 24	18,7	8,3	5,2	13,3	15,5	4,8	13,0	2,8
25 a 29	20,8	9,7	7,8	14,9	18,9	5,2	14,1	4,2
30 a 34	25,7	12,2	8,7	18,6	21,0	7,2	14,4	4,5
35 a 39	31,7	17,9	13,3	24,5	27,6	9,7	20,0	6,9
40 a 44	34,8	24,2	21,8	29,4	36,6	17,3	23,9	9,5
45 a 49	50,8	31,4	29,2	40,9	43,7	25,4	30,9	15,5
50 a 54	61,8	43,6	39,9	53,2	60,6	36,2	44,2	24,0
55 a 59	84,9	60,5	57,8	74,2	76,5	49,9	58,9	34,0
60 a 64	117,6	80,2	79,3	102,1	103,1	69,6	83,7	46,1
65 a 69	158,4	119,3	122,5	145,5	145,1	106,7	120,4	69,9
70 a 74	257,0	224,8	195,8	260,0	197,7	152,8	162,7	104,7
75 a 79	412,3	352,2	284,2	431,8	288,8	218,7	250,8	175,8

Fonte: 1980/2000- ALBUQUERQUE, SENNA, 2005. 2010 – IBGE, 2013c

Tabela 35 – Paraíba – Probabilidades de morte entre idades sucessivas por sexo (em mil) – 1980/2010

Grupos de Idades	1980		1991		2000		2010	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Menos de 1	130,3	102,9	67,2	117,1	55,9	41,0	23,3	22,4
1 a 4	41,8	44,2	27,1	43,0	16,2	12,6	3,3	3,7
5 a 9	7,8	6,1	3,8	7,0	3,5	2,6	2,6	2,1
10 a 14	5,5	3,9	2,9	4,7	3,6	2,5	2,8	1,4
15 a 19	9,8	5,5	4,5	7,7	10,6	4,0	13,0	3,5
20 a 24	17,3	8,3	6,3	12,5	19,3	5,0	20,6	3,6
25 a 29	23,1	11,4	8,0	16,8	22,2	6,2	21,4	5,1
30 a 34	28,1	16,1	11,5	21,8	25,7	9,4	22,8	6,5
35 a 39	38,1	20,1	15,6	28,5	29,1	11,5	24,2	8,1
40 a 44	44,4	27,9	23,8	35,8	37,0	18,3	28,8	13,7
45 a 49	58,7	35,3	32,3	46,5	50,7	29,9	36,9	20,7
50 a 54	67,3	44,7	44,7	56,0	62,2	39,7	56,3	27,5
55 a 59	88,6	62,1	64,0	76,7	83,9	57,8	73,6	40,1
60 a 64	121,1	91,3	87,0	109,4	100,6	78,3	92,4	57,2
65 a 69	160,8	129,6	128,6	152,0	143,3	114,4	128,9	91,3
70 a 74	270,3	229,1	206,6	270,3	199,9	178,2	185,7	135,7
75 a 79	408,0	369,7	316,8	439,4	282,9	261,6	267,2	214,0

Fonte: 1980/2000- ALBUQUERQUE, SENNA, 2005. 2010 – IBGE, 2013c

Tabela 36 – Pernambuco – Probabilidades de morte entre idades sucessivas por sexo (em mil) – 1980/2010

Grupos de Idades	1980		1991		2000		2010	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Menos de 1	115,9	92,4	64,0	104,6	56,7	40,5	21,0	15,9
1 a 4	28,7	30,4	25,2	29,5	16,7	12,3	3,3	2,9
5 a 9	8,3	6,5	3,1	7,5	2,9	2,8	1,6	1,3
10 a 14	6,3	4,4	3,0	5,4	3,0	2,3	2,8	1,7
15 a 19	11,0	6,4	5,4	8,7	14,9	4,1	12,7	2,8
20 a 24	21,5	10,5	6,8	15,7	25,2	5,9	20,8	3,7
25 a 29	28,5	12,5	9,0	20,0	27,6	7,1	20,0	4,6
30 a 34	33,9	17,7	12,4	25,5	31,0	9,3	21,9	6,0
35 a 39	41,9	23,9	15,4	32,6	33,6	13,9	24,1	8,4
40 a 44	52,4	31,5	24,8	41,7	40,6	20,3	30,4	12,6
45 a 49	68,8	42,6	37,0	55,7	49,7	30,5	41,6	18,8
50 a 54	85,7	56,6	53,5	72,0	65,1	44,2	52,7	28,8
55 a 59	107,4	77,3	73,5	94,8	85,2	62,2	74,1	41,0
60 a 64	150,6	110,9	106,2	135,6	106,6	90,1	102,6	63,2
65 a 69	193,9	149,2	144,2	180,6	142,9	129,1	149,7	95,1
70 a 74	309,8	255,1	218,7	306,6	202,0	189,1	216,1	148,4
75 a 79	442,2	403,5	324,5	482,3	270,2	269,8	297,4	216,7

Fonte: 1980/2000- ALBUQUERQUE, SENNA, 2005. 2010 – IBGE, 2013c

Tabela 37 – Alagoas – Probabilidades de morte entre idades sucessivas por sexo (em mil) – 1980/2010

Grupos de Idades	1980		1991		2000		2010	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Menos de 1	123,3	99,6	89,1	111,6	75,3	51,7	32,6	27,7
1 a 4	47,7	49,9	41,3	48,8	27,1	19,4	3,6	2,6
5 a 9	7,6	6,6	3,4	7,1	3,4	2,5	2,3	1,7
10 a 14	6,0	3,8	2,8	4,9	3,4	2,2	2,3	2,1
15 a 19	9,9	6,6	3,5	8,2	10,2	3,7	16,5	3,7
20 a 24	18,1	10,9	5,4	14,4	18,2	5,2	28,1	3,8
25 a 29	26,4	14,1	6,9	20,1	20,9	6,4	26,2	4,7
30 a 34	31,8	20,2	10,9	26,0	26,7	8,2	25,2	7,5
35 a 39	40,1	23,3	16,7	31,7	32,7	13,7	27,1	9,9
40 a 44	51,2	29,8	22,1	40,7	40,0	21,1	35,3	14,4
45 a 49	69,2	42,4	32,6	56,1	55,7	30,2	45,3	19,1
50 a 54	83,1	51,5	44,3	68,1	66,8	48,5	56,6	32,6
55 a 59	112,0	68,8	62,5	93,0	91,5	59,4	81,8	47,4
60 a 64	155,9	99,4	90,5	132,6	120,3	91,7	109,8	69,0
65 a 69	174,8	134,7	121,2	162,6	162,6	132,0	144,7	100,6
70 a 74	281,7	252,7	189,3	290,3	230,4	192,0	217,7	157,4
75 a 79	436,3	388,1	295,8	469,7	324,1	266,6	301,2	208,9

Fonte: 1980/2000- ALBUQUERQUE, SENNA, 2005. 2010 – IBGE, 2013c

Tabela 38 – Sergipe – Probabilidades de morte entre idades sucessivas por sexo (em mil) – 1980/2010

Grupos de Idades	1980		1991		2000		2010	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Menos de 1	99,6	80,2	58,9	90,1	50,8	35,0	25,0	20,0
1 a 4	24,1	26,3	22,1	25,2	13,4	8,8	3,7	3,0
5 a 9	5,7	4,5	3,2	5,1	2,7	2,3	2,4	2,0
10 a 14	4,9	4,0	2,7	4,5	2,8	2,3	2,5	1,7
15 a 19	7,7	5,3	3,7	6,5	8,8	3,3	9,9	2,3
20 a 24	15,7	8,3	6,1	11,9	16,1	4,3	16,7	4,2
25 a 29	19,7	12,9	7,8	16,2	19,7	5,6	20,2	4,7
30 a 34	27,8	15,4	11,0	21,5	23,5	7,9	20,6	6,5
35 a 39	32,1	20,9	14,1	26,4	26,6	12,5	26,9	9,0
40 a 44	41,8	27,0	21,2	34,3	34,2	17,3	29,2	12,6
45 a 49	55,1	33,2	31,0	43,9	42,6	25,9	40,9	21,3
50 a 54	73,4	46,8	42,9	60,1	55,7	38,6	58,1	28,3
55 a 59	88,0	65,6	54,9	78,3	75,8	52,0	69,5	38,4
60 a 64	119,9	99,8	88,5	113,0	98,0	68,8	99,3	63,7
65 a 69	154,0	134,1	124,7	150,4	137,6	115,5	140,6	91,8
70 a 74	278,6	243,3	217,3	282,2	187,0	164,5	214,0	141,5
75 a 79	378,4	378,0	306,4	426,6	263,0	227,5	289,8	211,8

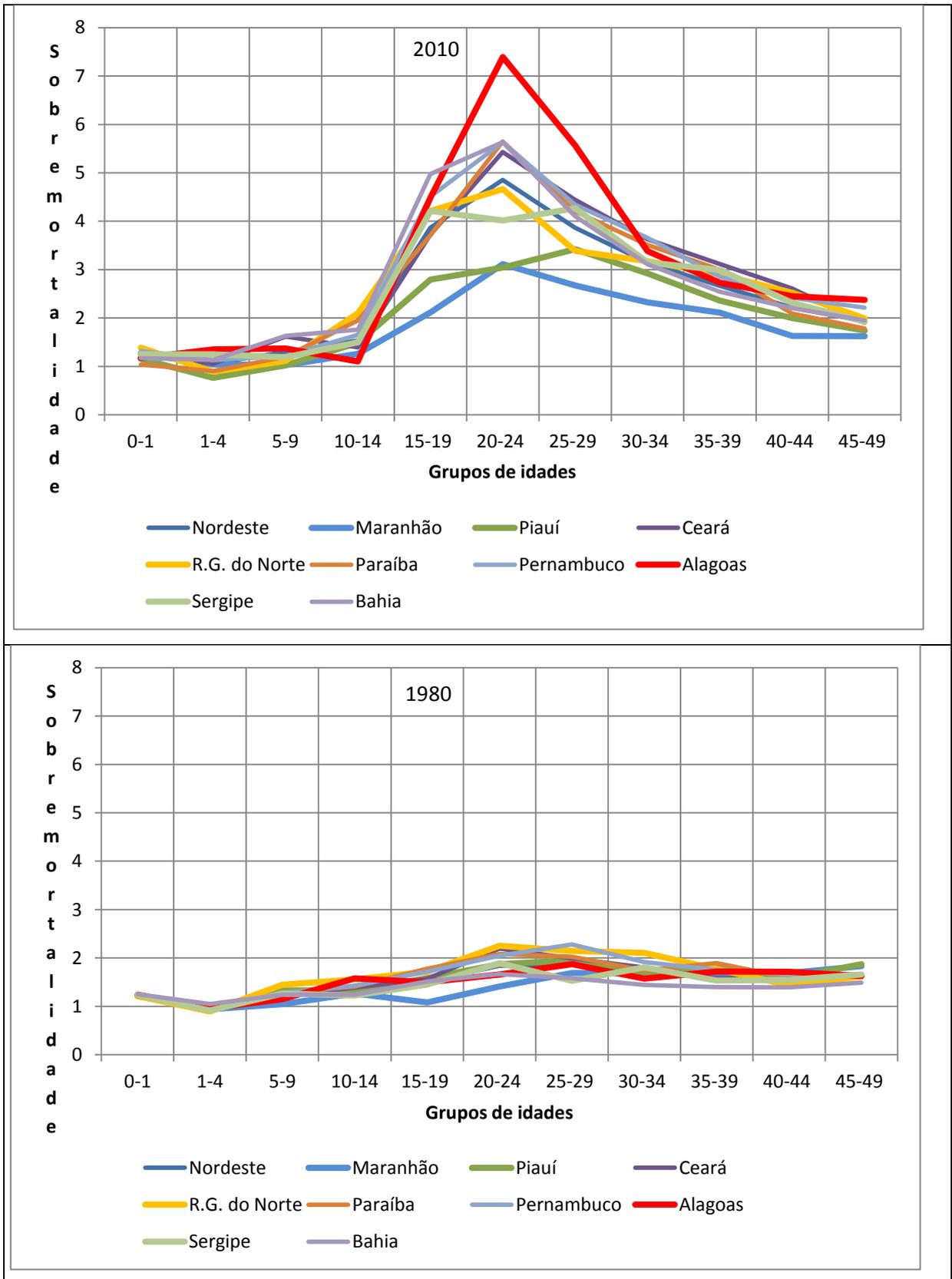
Fonte:

Tabela 39 – Bahia – Probabilidades de morte entre idades sucessivas por sexo (em mil) – 1980/2010

Grupos de Idades	1980		1991		2000		2010	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Menos de 1	92,3	73,6	54,5	83,1	48,0	34,3	24,9	21,3
1 a 4	12,7	12,1	19,4	12,4	11,9	8,4	2,9	2,6
5 a 9	6,7	5,4	2,7	6,1	2,5	1,9	2,2	1,3
10 a 14	5,6	4,5	2,3	5,1	2,8	2,0	2,9	1,7
15 a 19	9,4	6,2	3,6	7,8	7,8	3,2	14,5	2,9
20 a 24	16,5	9,9	5,2	13,2	14,0	4,3	20,3	3,6
25 a 29	21,5	13,6	7,1	17,5	17,0	6,0	19,8	4,8
30 a 34	26,7	18,5	9,8	22,6	19,9	8,2	21,0	6,8
35 a 39	35,9	25,6	14,2	30,9	24,4	12,0	22,5	8,9
40 a 44	44,7	32,0	20,3	38,7	32,0	18,1	27,0	12,2
45 a 49	63,8	42,8	28,6	53,8	43,1	26,2	37,4	19,1
50 a 54	79,1	54,5	41,0	68,1	55,3	37,5	51,2	27,6
55 a 59	106,1	77,3	53,9	94,5	74,0	49,6	69,3	39,2
60 a 64	139,8	105,0	76,2	127,0	92,6	69,3	93,8	56,5
65 a 69	189,2	147,2	106,3	177,0	127,1	99,9	127,3	80,7
70 a 74	313,7	263,3	166,3	315,3	174,0	140,6	187,9	123,5
75 a 79	441,5	391,0	250,5	473,8	245,4	206,2	271,9	187,4

Fonte: 1980/2000- ALBUQUERQUE, SENNA, 2005. 2010 – IBGE, 2013c

Gráfico 19 – Nordeste – Unidades da Federação – Diferenciais por sexo de probabilidades de morte entre idades sucessivas – 1980 e 2010



Fonte: Tabela 31 a Tabela 39

As profundas mudanças ocorridas entre 1980 e 2010 nos diferenciais de mortalidade por sexo e grupos de idades estão representadas no Gráfico 19, o qual, mantendo uma escala comum aos dois momentos dessas diferenças, mostra a dimensão da transformação nas mesmas.

Em 1980, a maior diferença de mortalidade entre homens e mulheres ocorria em Pernambuco, no grupo 25-29 anos, no qual a mortalidade masculina era 2,3 vezes maior do que a feminina. Esse grupo etário era o que também carregava maior expressão no Piauí e em Alagoas. Nos demais estados, com exceção do Maranhão, os maiores diferenciais de mortalidade por sexo ocorriam no grupo 20-24 anos, sendo a menor diferença encontrada na Bahia.

Em 2010, a situação em todos os estados é profundamente distinta, com amplos aumentos nos diferenciais de mortalidade por sexo. Em todos eles, exceto Piauí, o mais alto nível de diferença de mortalidade por sexo em 2010 era mais do que o dobro do vivenciado em 1980. Assim, se em 1980 a maior diferença era de 2,3 vezes maior entre pernambucanos de 25-29 anos, em 2010, as chances de morte dos jovens alagoanos de 20-24 anos eram 7,4 vezes maior do que as suas correspondentes do sexo feminino. Em quatro estados os maiores diferenciais são superiores a 5 – Ceará; Paraíba, Pernambuco, Bahia, em todos eles no grupo 20-24 anos – no Rio Grande Norte e Sergipe acima de 4, nas idades de 20-24 e 25-29 anos, respectivamente e no Maranhão e Piauí, acima de 3, nos mesmos grupos do Rio Grande do Norte e de Sergipe.

### **Migrações internas no Nordeste<sup>21</sup>**

As migrações internas no Brasil, desde os primeiros registros oficiais, têm nos naturais do Nordeste seu mais importante componente quantitativo. Considerando a ocupação de áreas na Amazônia para exploração da borracha no século XIX, passando pelos deslocamentos em direção ao Sudeste – tanto na substituição da imigração de europeus quanto no período da acelerada industrialização, urbanização e metropolização -, ao mesmo tempo em que as fronteiras agrícolas reduziam os espaços vazios no país, os nordestinos foram protagonistas desse processo. Nos últimos trinta anos a dinâmica migratória, nacional e regional, passou

---

<sup>21</sup> Esse capítulo foi baseado em FUSCO; OJIMA (2014).

por mudanças importantes, e está a merecer mais estudos sobre sua nova configuração (BAENINGER, 2012; BRITO, 2012).

Mesmo nos estudos que passam a dar mais atenção a modalidades de movimentos populacionais menos importantes em outros períodos, como o retorno e a migração de curto prazo (CAMPOS et al, 2012), são os naturais do Nordeste que se destacam com maior presença nos fluxos e nas proporções em tais análises. Pode-se dizer, então, que os nordestinos assumem fundamental contribuição para a redistribuição espacial da população brasileira.

Neste sentido, a partir das informações censitárias das últimas décadas, é apresentado um quadro da distribuição da população no território nacional em função da Grande Região brasileira de nascimento das pessoas, com foco especial para os nascidos na Região Nordeste. É possível, assim, evidenciar a relação entre estoque e fluxos dos migrantes nordestinos e as diferentes formas que a migração tem sido observada no Brasil, com maior ênfase nos últimos 30 anos. Em um segundo momento, a análise recai sobre essa distribuição segundo a Unidade da Federação (UF) de residência no interior da Região Nordeste, explicitando, também, as trocas interestaduais e a presença do migrante nordestino no próprio Nordeste, uma parte dos processos migratórios que é menos analisado.

### **Brasileiros fora de sua região de nascimento**

As informações sobre deslocamento populacional são apresentadas a partir dos microdados dos censos de 1970 a 2010. O conceito de estoque de migrante aqui utilizado leva em consideração a população residente fora de sua Grande Região de nascimento, enquanto que os fluxos migratórios são observados em função da Unidade da Federação ou Grande Região de residência anterior (última etapa). As informações censitárias sobre a distribuição percentual da população residente fora de sua Grande Região de nascimento ao longo dos últimos 50 anos evidenciam a importância dos naturais do Nordeste em duas diferentes perspectivas: a proporção desses estoques de migrantes em relação ao total de naturais das respectivas regiões (Tabela 40) e o peso dos nordestinos em cada uma das regiões brasileiras (Tabela 41).

Tabela 40 – Brasil – Distribuição absoluta e percentual de pessoas nascidas no Brasil com residência fora de sua Região de nascimento em relação ao total de naturais da respectiva Região, segundo Região de nascimento e ano do censo – 1970/2000.

Região de Nascimento	Ano (N)				
	1970	1980	1991	2000	2010
Norte	125.731	185.498	345.613	544.732	738.297
Nordeste	3.763.591	6.016.996	7.399.905	9.674.956	9.548.868
Sudeste	2.500.740	2.712.856	3.079.135	3.423.713	3.588.929
Sul	480.037	1.478.896	2.159.892	2.459.156	2.307.665
Centro-Oeste	182.641	445.001	682.791	919.342	1.033.482
	Ano (%)				
	1970	1980	1991	2000	2010
Norte	3,6	3,6	4,1	4,9	5,2
Nordeste	11,7	14,9	15,1	17,2	15,6
Sudeste	6,5	5,7	5,3	5,2	4,8
Sul	3,2	7,8	9,4	9,4	8,2
Centro-Oeste	4,9	8,0	9,5	10,1	9,2

Fonte: IBGE – Microdados dos Censos Demográficos – 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.

Observa-se na Tabela 40 que no ano de 1970 foram registrados 11,7% dos naturais do Nordeste vivendo fora de sua região de nascimento, sendo este o nível mais baixo observado nessa série temporal. Nesse mesmo ano, os naturais do Sudeste que viviam fora de sua região conformavam o segundo grupo em importância nesse quesito, com o registro de 6,5%. Desde esse momento, o nível do estoque de nordestinos residentes fora do Nordeste aumentou sistematicamente, chegando a 17,2% em 2000, antes de uma leve inflexão observada no censo de 2010, quando foi registrada a proporção de 15,6%.

Observa-se, também, que os estoques relativos de emigrantes das Regiões Sul e Centro-Oeste superaram o de sudestinos a partir de 1980, porém, sempre com medidas inferiores às do Nordeste, que se manteve a mais alta proporção em todos os períodos analisados. A proporção de naturais do Sudeste fora de sua região, por sua vez, reduziu-se continuamente até atingir a posição mais baixa do grupo, o que coloca o Sudeste como a região com menor estoque de emigrantes em relação ao total de seus naturais no período mais recente.

Percebe-se, portanto, uma correspondência entre a oscilação dos volumes de emigração a partir do Nordeste nos últimos três censos (CAMPOS et al, 2012) e a variação na proporção de nordestinos fora de sua região: ambos aumentam na década de 1990 e diminuem nos anos 2000. Cabe destacar que o estoque de

migrantes é determinado pelo saldo migratório acumulado ao longo dos anos. Devido a esse fato, o impacto da diminuição dos saldos migratórios negativos verificada nas últimas duas décadas (CAMPOS et al, 2012), juntamente ao aumento das migrações de retorno, só encontrou correspondência no estoque de emigrantes nordestinos no censo de 2010, quando foi observada a inflexão na respectiva curva.

### **Nordestinos pelo Brasil**

Os resultados apresentados na Tabela 41 retratam o peso do estoque de naturais da Região Nordeste em cada uma das regiões brasileiras. Nota-se, primeiramente, a contínua diminuição na proporção de nordestinos em sua própria região, de 99,1% a 97,5%. Apesar de tímido, o aumento na proporção de não naturais residentes na Região Nordeste é sistemático ao longo dos últimos cinco censos, e consolida a inédita composição regional da população de residentes.

Se, por um lado, esse resultado mostra a possível tendência para uma nova característica regional – atratividade migratória para outros brasileiros –, por outro lado, evidencia em uma perspectiva diferente um efeito das migrações de retorno: a importância crescente de imigrantes que são filhos, cônjuges ou conhecidos de retornados, que os acompanharam na migração, mas que nasceram fora do Nordeste, considerados como efeito indireto da migração de retorno.

Este efeito indireto, identificado como elemento importante na análise do retorno migratório (RIBEIRO; CARVALHO; WONG, 1996), ainda tem sido pouco explorado pela literatura, tanto em termos de suas consequências quantitativas quanto de suas características. O retorno migratório ao Nordeste, mensurado pelos naturais da UF onde residiam na ocasião do censo 2010 e que viveram em outra UF há menos de 10 anos (“última etapa”), somava cerca de 900 mil pessoas em 2010. Cabe destacar que tal volume representava 45% de todos os imigrantes interestaduais no Nordeste nesse ano. Considerando os imigrantes de última etapa, não naturais do Nordeste, mas que residiam em domicílios onde algum membro era retornado, haveria cerca de 314 mil imigrantes como efeito indireto do retorno migratório. Assim, pelo menos 16% de todos os imigrantes interestaduais de última etapa para o Nordeste seriam, sob esta perspectiva, efeitos indiretos da migração de retorno captados no censo de 2010. Cabe observar que essa medida subestima o efeito indireto, pois os dados do censo não permitem apreender aqueles que

imigraram para acompanhar um retornado e que passaram a viver em domicílios diferentes após a chegada ao destino, ou que não sobreviveram até a data do censo.

Tabela 41- Brasil – Distribuição absoluta e percentual de pessoas nascidas na Região Nordeste em relação à população da Região de residência, segundo a Região de residência e ano do censo – 1970/2010.

Região de Residência	Ano (N)				
	1970	1980	1991	2000	2010
Norte	186.829	442.363	1.005.887	1.251.638	1.306.864
Nordeste	28.407.030	34.338.298	41.723.120	46.725.651	51.609.190
Sudeste	2.545.664	4.348.868	5.095.101	6.769.499	6.360.878
Sul	385.070	287.765	243.723	262.288	289.981
Centro-Oeste	646.028	938.000	1.055.194	1.391.531	1.591.145
	Ano (%)				
	1970	1980	1991	2000	2010
Norte	5,1	7,6	10,1	9,7	8,3
Nordeste	99,1	98,8	98,3	97,8	97,5
Sudeste	6,3	8,6	8,2	9,4	8,0
Sul	2,3	1,5	1,1	1,0	1,1
Centro-Oeste	12,5	12,5	11,3	12,0	11,4
Brasil	34,1	34,3	33,7	33,3	32,3

Fonte: IBGE – Microdados dos Censos Demográficos – 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.

A Tabela 41 possibilita a consideração do estoque de nordestinos por meio da observação da proporção dessas pessoas em relação às respectivas populações das regiões brasileiras de residência. Nesse caso, a importância dos nordestinos é maior na Região Centro-Oeste, com índices variando entre 11,3% e 12,5% durante o período. Sudeste e Norte alternaram-se em segundo lugar (girando em torno de 8% em períodos mais recentes), dependendo do ano em questão. Ainda com relação à comparação entre essas duas regiões de destino, destaca-se a maior participação proporcional dos nordestinos na população da Região Norte nos últimos 30 anos – atingindo o registro de 10,1% da população residente em 1991 -, ainda que o quantitativo registrado na Região Sudeste seja de 5 a 6 vezes maior quando comparado ao do Norte.

Quando o denominador da fração de migrantes em cada região é o total de pessoas nascidas no Nordeste, como exposto na Tabela 42, pode-se observar uma *proxy* (já que se trata de estoque e não de fluxo) da atratividade que cada região exerce para os nordestinos ao longo do período analisado. As observações mais

importantes, nesse caso, são o pico do estoque de nordestinos fora de sua região e o de residentes no Sudeste no ano 2000. Esse fato encontra correspondência com estudos que destacam esse como o ano em que foram observados os maiores volumes de emigração a partir do Nordeste.

Tabela 42- Brasil – Distribuição percentual de pessoas nascidas na Região Nordeste segundo região de residência, por ano do censo – 1970/2010.

Região de residência	Ano (N)				
	1970	1980	1991	2000	2010
Norte	186.829	442.363	1.005.887	1.251.638	1.306.864
Nordeste	28.407.030	34.339.304	41.723.120	46.725.651	51.609.190
Sudeste	2.545.664	4.348.868	5.095.101	6.769.499	6.360.878
Sul	385.070	287.765	243.723	262.288	289.981
Centro Oeste	646.028	938.000	1.055.194	1.391.531	1.591.145
Total	32.170.621	40.356.300	49.123.025	56.400.607	61.158.058
	Ano (%)				
	1970	1980	1991	2000	2010
Norte	0,6	1,1	2,0	2,2	2,1
Nordeste	88,3	85,1	84,9	82,8	84,4
Sudeste	7,9	10,8	10,4	12,0	10,4
Sul	1,2	0,7	0,5	0,5	0,5
Centro Oeste	2,0	2,3	2,1	2,5	2,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE – Microdados dos Censos Demográficos – 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.

Ainda que os resultados da Tabela 42 encontrem respaldo em análises anteriores sobre tendências das migrações a partir do Nordeste, a posição isolada do Sudeste como lugar de maior estoque de migrantes em função da demanda por mão de obra não é algo novo. Tampouco o rápido aumento na proporção dos que escolheram viver na Região Norte a partir da década de 1970, em correspondência à expansão da fronteira agrícola (BRASIL, 1997). No entanto, observa-se que a Região Centro-Oeste é a única para a qual as proporções dos naturais do Nordeste seguem aumentando desde a década de 1980 (observadas pelo censo de 1991).

### **Nordestinos em movimento**

Quando o estoque total de migrantes é apreciado juntamente com o quesito de última etapa migratória, pode-se falar em renovação de tal estoque. Segundo o censo de 1991, 36,4% do estoque de naturais do Nordeste residindo fora de sua região chegaram à UF de residência atual (em 1991) durante os 10 anos anteriores ao censo – ou seja, 36,4% das pessoas naturais do Nordeste e residentes em outra

região brasileira são migrantes de última etapa. Destes, 75,9% vieram diretamente do Nordeste, enquanto que os demais (24,1%) já residiam em outra UF fora do Nordeste, configurando migrações com duas ou mais etapas. Em 2000, a proporção de renovação do estoque de migrantes foi de 32,7% e de deslocamento diretamente a partir do Nordeste foi de 84,5%, evidenciando a correspondência do aumento da proporção de fluxos partindo diretamente de sua região de nascimento com o período de maior volume de emigração dessa mesma região, que foi a década de 1990. Essas proporções foram de 32,9% e 71,1% em 2010, em consonância com a redução do volume de saídas do Nordeste nos últimos anos, ao mesmo tempo em que permitem a observação do aumento do peso dos migrantes que tiveram nova mudança de residência, já fora do Nordeste. Essa “continuação” do processo migratório sugere a dificuldade de se inserir satisfatoriamente na sociedade de destino, da mesma forma que o fazem as crescentes migrações de curto prazo.

Centrar as análises nos últimos 30 anos, período que tem sido caracterizado como de transição para novos padrões migratórios, permite focalizar os fluxos e não mais o estoque de migrantes. Aqui, cabe destacar as trocas migratórias entre recortes territoriais selecionados e a alternância dos destinos mais importantes para os emigrantes. A década de 1980 representou o momento de duas mudanças importantes: a diminuição do volume de emigrantes e o aumento do número de retornados para o Nordeste. Como consequência, os resultados negativos das trocas migratórias diminuíram. Já na década de 1990, ao contrário da expectativa geral, o volume de migrantes aumentou nos dois sentidos e, ainda que com mais intensidade entre os imigrantes de retorno, aumentou também o resultado negativo das trocas. Nos anos 2000, período colocado em foco por meio do censo de 2010, o volume de migrantes volta a diminuir, assim como o resultado negativo das trocas migratórias.

Quando observadas exclusivamente as trocas migratórias das UFs do Nordeste com as demais regiões do Brasil fica em relevo uma dinâmica diferente da que acontece no interior da própria região. Assume-se que as migrações entre o Nordeste e o resto do Brasil correspondem a percursos de longa distância, com destino preferencial no Sudeste ou em novos polos regionais que emergiram nos últimos anos.

A principal característica dos naturais no Nordeste nas trocas com as demais Regiões é a heterogeneidade dos resultados para cada UF e em cada censo

Demográfico, ainda que todas as UFs em todos os censos tenham registrado resultado negativo, de acordo com a Tabela 43.

Tabela 43 – Nordeste – Distribuição absoluta e percentual de imigrantes e emigrantes inter-regionais de última etapa nascidos no Nordeste e as respectivas diferenças entre imigrantes e emigrantes, segundo UF de referência e ano do censo – 1991/2010.

UF	Ano (em milhares)								
	1991			2000			2010		
	Imigr. (A)	Emigr. (B)	A-B	Imigr. (A)	Emigr. (B)	A-B	Imigr. (A)	Emigr. (B)	A-B
Maranhão	56,9	306,9	-250,0	94,9	419,2	-324,3	75,0	454,3	-379,3
Piauí	38,6	149,1	-110,5	70,0	207,3	-137,3	51,0	194,3	-143,3
Ceará	102,9	307,6	-204,7	153,8	287,3	-133,6	92,3	242,0	-149,7
R. G. Norte	38,7	75,7	-37,0	51,0	80,1	-29,1	34,9	52,6	-17,8
Paraíba	63,8	179,8	-116,0	89,4	222,2	-132,7	64,2	155,2	-91,0
Pernambuco	96,9	329,2	-232,3	125,8	384,6	-258,8	86,5	264,5	-178,0
Alagoas	21,4	90,5	-69,2	38,9	160,5	-121,6	35,2	151,3	-116,2
Sergipe	18,0	33,6	-15,6	22,7	55,7	-33,0	20,6	43,8	-23,2
Bahia	118,8	548,2	-429,5	233,8	860,5	-626,7	184,6	678,8	-494,1
Total N	555,9	2.020,6	-1.464,7	880,3	2.677,4	-1.797,1	644,2	2.236,9	-1.592,7
	Ano (%)								
	1991			2000			2010		
	Imigr.	Emigr.	A-B / Total	Imigr.	Emigr.	A-B / Total	Imigr.	Emigr.	A-B / Total
Maranhão	10,2	15,2	17,1	10,8	15,7	18,0	11,6	20,3	23,8
Piauí	6,9	7,4	7,5	8,0	7,7	7,6	7,9	8,7	9,0
Ceará	18,5	15,2	14,0	17,5	10,7	7,4	14,3	10,8	9,4
R. G. Norte	7,0	3,7	2,5	5,8	3,0	1,6	5,4	2,4	1,1
Paraíba	11,5	8,9	7,9	10,2	8,3	7,4	10,0	6,9	5,7
Pernambuco	17,4	16,3	15,9	14,3	14,4	14,4	13,4	11,8	11,2
Alagoas	3,8	4,5	4,7	4,4	6,0	6,8	5,5	6,8	7,3
Sergipe	3,2	1,7	1,1	2,6	2,1	1,8	3,2	2,0	1,5
Bahia	21,4	27,1	29,3	26,6	32,1	34,9	28,7	30,3	31,0
Total %	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE – Microdados dos Censos Demográficos – 1991, 2000 e 2010.

O resultado mais expressivo relativo aos movimentos migratórios na década de 1980 é registrado na Bahia que, entre imigrantes e emigrantes, contabilizou o movimento de 667 mil pessoas e anotou um resultado negativo de 430 mil pessoas no balanço entre entradas e saídas, medida correspondente a quase 30% do resultado para o Nordeste como um todo. Maranhão também é um destaque com relação à perda de população, pois vem aumentando sua participação nos resultados negativos da região a cada censo, ainda que sempre atrás da Bahia. Rio Grande do Norte e Sergipe, por outro lado, têm os resultados negativos de menor

peso da região em todos os censos (variando entre 1% e 2,5% do resultado total das trocas), além de anotarem os menores volumes de imigração e emigração com as demais regiões do país.

A mudança na concentração dos migrantes em função do lugar de destino é outro aspecto destacado. Segundo a Tabela 44, os resultados do censo de 1991 mostram que o Sudeste, principalmente São Paulo e sua Região Metropolitana (em dados não apresentados), era o principal lugar de recepção dos nordestinos, absorvendo 63,9% dos migrantes. Centro-Oeste e Norte dividiam a segunda posição. O Norte (18,3%), mais especificamente, tem no sudoeste do Pará o principal lugar de destino para maranhenses, que vão trabalhar na mineração. No Centro-Oeste (15,1%), o Distrito Federal foi o lugar que mais recebeu migrantes nordestinos na década de 1980.

Tabela 44 – Brasil exceto Nordeste – Distribuição absoluta e percentual de migrantes de última etapa nascidos no Nordeste e residentes em outra Região, segundo região de residência e ano do censo – 1991/2010.

Região de residência	Ano (N)		
	1991	2000	2010
Norte	611.562	456.596	470.341
Sudeste	2.132.258	2.180.016	2.034.842
Sul	89.467	69.350	115.632
Centro Oeste	502.910	582.302	641.894
Total	3.336.197	3.288.264	3.262.709
	Ano (%)		
	1991	2000	2010
Norte	18,3	13,9	14,4
Sudeste	63,9	66,1	62,4
Sul	2,7	2,1	3,5
Centro Oeste	15,1	17,9	19,7
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE – Microdados dos Censos Demográficos – 1991, 2000 e 2010.

Uma análise mais detalhada (com utilização de dados não apresentados) sobre os deslocamentos dos nascidos no Nordeste durante a década de 1980 permite observar que migrantes de última etapa nascidos na Bahia constituíam o maior volume em todas as regiões, exceto na Região Norte, onde predominam maranhenses e cearenses, tanto em volume como em proporção. Levando em consideração a medida relativa, Pernambuco posiciona-se em primeiro lugar no Sudeste (84%) sendo que o estado de São Paulo, sozinho, acolhe 70% dos

pernambucanos. Cabe, também, destaque para a proporção de naturais do Piauí no Centro-Oeste (30%).

Tendo em conta os fluxos na década de 1990, nota-se que os naturais da Bahia repetem tendências observadas na década anterior. Nesse período, a Região Sudeste consolida a maior proporção de migrantes de última etapa de naturais do Nordeste: aqueles nascidos na Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia concentram-se em torno de 80% (mais, em alguns casos) nesse destino. Cabe destacar, ao mesmo tempo, a redução da importância de São Paulo e sua maior Região Metropolitana como destino. Por outro lado, maranhenses e piauienses diminuem a proporção no Norte e aumentam fortemente no Centro-Oeste, onde Brasília e Goiás passam a disputar a corrente imigratória regional.

Em 2010, novas configurações são notadas: Bahia, agora, só tem maior volume de emigrantes de última etapa no Sudeste e Sul, pois o Maranhão passa a ter maior volume no Centro-Oeste, que consolida a tendência de aumento no fluxo de nordestinos nessa região. O Sudeste tem redução relativa, mas continua isolado em primeiro lugar na preferência dos migrantes nordestinos de última etapa, ainda que a Região Metropolitana de São Paulo – e, de resto, o estado como um todo – continue a perder importância como destino.

### **Em seu próprio território**

Ao se focalizar as migrações no interior da própria Região Nordeste, traz-se à tona um aspecto com pouco volume de estudos, mas que guarda grande relevância para o entendimento da dinâmica migratória entre as Grandes Regiões. Segundo o censo de 1991, das pessoas que deixaram sua residência no Nordeste durante a década de 1980, 73,1% escolheram um município da própria região como destino, sendo que 62% migraram para outro município no interior do mesmo estado. Essas medidas deixam clara a importância que adquirem certos recortes territoriais atrativos para os migrantes da própria região, pois em sua ausência, muitos desses migrantes iriam se deslocar a distâncias muito maiores para seguirem aos centros mais dinâmicos da economia nacional.

O censo de 2000, que reflete a década de 1990, mostra que houve um aumento da emigração a partir do Nordeste para outras regiões, tendo, como consequência, a redução das proporções para a migração intrarregional ou

intraestadual, atingindo 65,5% e 54,4% do volume total de emigrantes, respectivamente. No censo de 2010 – cujo registro de comportamento dos migrantes refere-se à década de 2000 -, observou-se que 68,9% das saídas tiveram como destino um município no interior do Nordeste e que 58,6% ocorreram dentro do próprio estado. Em volume, dado o peso dos nordestinos nos fluxos que envolvem a região, os dois tipos de deslocamento acompanharam a tendência do agregado de emigrantes naturais do Nordeste ao longo desses 30 anos, seja qual for a UF de nascimento dos indivíduos.

Tabela 45 – Nordeste – Distribuição absoluta e percentual de imigrantes e emigrantes intrarregionais de última etapa nascidos no Nordeste e as respectivas diferenças entre imigrantes e emigrantes, segundo UF de referência e ano do censo – 1991/2010.

UF	Ano (N)								
	1991			2000			2010		
	Imigr. (A)	Emigr. (B)	A-B	Imigr. (A)	Emigr. (B)	A-B	Imigr. (A)	Emigr. (B)	A-B
Maranhão	86.260	80.232	6.028	71.681	82.939	-11.258	62.617	60.927	1.690
Piauí	88.031	86.400	1.631	85.861	85.895	-34	68.143	69.561	-1.418
Ceara	95.754	107.097	-11.343	112.138	93.792	18.346	84.266	85.833	-1.567
R. G. Norte	68.316	53.115	15.201	70.093	52.205	17.888	62.442	44.516	17.926
Paraíba	86.522	106.684	-20.162	93.248	102.835	-9.587	83.196	83.985	-789
Pernambuco	153.980	184.279	-30.299	162.485	195.856	-33.371	141.130	167.090	-25.960
Alagoas	68.071	75.064	-6.993	68.343	92.473	-24.130	60.341	78.431	-18.090
Sergipe	65.889	36.401	29.488	73.120	46.655	26.465	64.152	42.692	21.460
Bahia	122.667	106.218	16.449	127.780	112.099	15.681	114.756	108.008	6.748
Total N	835.490	835.490	0	864.749	864.749	0	741.043	741.043	0
UF	Ano (%)								
	1991			2000			2010		
	Imigr. (A)	Emigr. (B)	A-B	Imigr. (A)	Emigr. (B)	A-B	Imigr. (A)	Emigr. (B)	A-B
Maranhão	10,3	9,6	0,7	8,3	9,6	-1,3	8,4	8,2	0,2
Piauí	10,5	10,3	0,2	9,9	9,9	0,0	9,2	9,4	-0,2
Ceara	11,5	12,8	-1,4	13,0	10,8	2,1	11,4	11,6	-0,2
R. G. Norte	8,2	6,4	1,8	8,1	6,0	2,1	8,4	6,0	2,4
Paraíba	10,4	12,8	-2,4	10,8	11,9	-1,1	11,2	11,3	-0,1
Pernambuco	18,4	22,1	-3,6	18,8	22,6	-3,9	19,0	22,5	-3,5
Alagoas	8,1	9,0	-0,8	7,9	10,7	-2,8	8,1	10,6	-2,4
Sergipe	7,9	4,4	3,5	8,5	5,4	3,1	8,7	5,8	2,9
Bahia	14,7	12,7	2,0	14,8	13,0	1,8	15,5	14,6	0,9
Total %	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0	0,0

Fonte: IBGE – Microdados dos Censos Demográficos – 1991, 2000 e 2010.

A Tabela 45 mostra a distribuição percentual dos migrantes intrarregionais de última etapa do Nordeste por UF de residência, segundo os últimos três censos. O

maior destaque fica por conta do desempenho de Pernambuco, o estado com maior proporção de emigrantes e de imigrantes intrarregionais, sempre apresentando a maior perda relativa nas trocas com os demais estados nordestinos em todos os períodos analisados. Também merecem destaque os estados do Rio Grande do Norte e de Sergipe, que, apesar de registrarem os menores índices de trocas com outros estados da região, apresentam resultados positivos em todos os anos. Outra evidência ocorre no Maranhão, que tem resultado negativo em trocas com o resto do país, mas que teve mais imigrantes do que emigrantes nos anos de 1980 e 2000. Finalmente, chama a atenção o fato de a Bahia ter sempre resultado positivo nas trocas com outros estados do Nordeste, já que o saldo migratório com o resto do Brasil tem sido sempre negativo.

### **Síntese dos movimentos migratórios**

A emigração diminuiu, mas o Nordeste continua a apresentar, de forma agregada, resultados negativos importantes quanto às trocas migratórias, influenciando de forma relevante a distribuição da população pelo território nacional. As mudanças observadas na economia nacional ainda não são suficientes para eliminar as desigualdades regionais ou, ao menos, dar condições mínimas para a reprodução social da população em seu lugar de nascimento. Assim, o nordestino continua a migrar, ainda que em volumes menores, aparentemente buscando novos lugares onde consiga se inserir no mercado de trabalho, apesar das dificuldades do momento atual.

Apesar disso, pode-se dizer que mais recentemente há uma maior heterogeneidade de contextos migratórios ocorrendo na região Nordeste. Com o arrefecimento dos movimentos migratórios de longa distância, outros tipos de mobilidade passam a assumir maior peso tanto em termos gerais como nos seus aspectos seletivos e qualitativos. Assim, entender as características do movimento de retorno, seus efeitos indiretos, a atratividade de migrantes diretos, os novos espaços de migração intrarregional, entre outros, é de fundamental importância para o planejamento das políticas sociais e para o próprio desenvolvimento regional.

O semiárido, por exemplo, é um recorte territorial que extrapola o limite político administrativo das Unidades da Federação, mas que, enquanto contexto ambiental diferenciado, merece maior investigação no que diz respeito à distribuição

interna da população nordestina. A seca, sempre mencionada como elemento central entre os fatores de expulsão da população nordestina, não abrange todo o Nordeste e é claramente um fenômeno localizado. Entender como esses recortes diversos se manifestam em termos da distribuição da população nordestina é um desafio ainda a ser enfrentado. As migrações nordestinas precisam ser entendidas também a partir de suas características endógenas.

## A Evolução da População Nordestina – 2015-2030

A trajetória da população nordestina nos próximos 15 anos e os fatores demográficos contributivos para a mesma, assim como das transformações a ocorrerem em sua composição etária estão sintetizadas na Tabela 46.

### Indicadores selecionados

Tabela 46 – Nordeste – Indicadores selecionados – 2015-2030

Indicadores	2015	2020	2025	2030
Esperança de vida ao nascer – Total	72,81	74,13	75,23	76,13
Esperança de vida ao nascer – Homem	68,69	70,02	71,16	72,12
Esperança de vida ao nascer – Mulher	77,03	78,31	79,33	80,13
Taxa de Mortalidade Infantil	17,50	14,17	12,22	11,08
Taxa de Fecundidade Total	1,82	1,69	1,61	1,57
Taxa Bruta de Natalidade	15,63	14,04	12,82	11,86
Nascimentos	883.918	816.772	761.970	715.537
Taxa Bruta de Mortalidade	6,55	6,68	7,00	7,50
Óbitos	370.594	388.872	416.065	452.297
População 0-14 anos	14.677.370	13.538.946	12.475.768	11.601.567
População 15 – 64 anos	37.891.385	39.919.676	41.312.127	41.927.152
População 65 anos e mais	3.991.326	4.716.290	5.636.076	6.791.065
População total	56.560.081	58.174.912	59.423.971	60.319.784
Taxa de crescimento geométrico	0,74	0,56	0,43	0,30
Dependência Total	49,3	45,7	43,8	43,9
Dependência Jovem	38,7	33,9	30,2	27,7
Dependência Idosa	10,5	11,8	13,6	16,2
Índice de Envelhecimento	27,2	34,8	45,2	58,5

Fonte: IBGE. Projeção, 2013

A evolução da população nordestina no período 2015-2030 será marcada pela redução dos níveis da taxa de fecundidade total. Ela, já nos anos recentes, situa-se ao nível da reposição, em razão de em alguns dos estados já estar abaixo

do nível de garantia da continuidade do crescimento populacional, enquanto em outros ligeiramente acima do mesmo, conforme mostram os dados da Tabela 22. Em 2015, como apontado na Tabela 46, a taxa de fecundidade total projetada já se situa em patamar inferior à reposição (1,82 filhos por mulher) e segue trajetória declinante nos períodos sucessivos, atingindo a 1,57 filhos por mulher em idade reprodutiva em 2030. Mensurado por meio da taxa bruta de natalidade, é projetado que, em média, dez mil nascimentos deixarão de acontecer a cada ano no Nordeste no intervalo 2015-2030.<sup>22</sup>

Ao longo desse período de 2015 a 2030, os decréscimos no nível da mortalidade gerarão um acréscimo da esperança de vida em torno de 3,3 anos, um incremento modesto para o espaço de tempo considerado. No período, o diferencial de mortalidade entre homens e mulheres apresenta-se declinante, mas em uma escala muito modesta, permanecendo acima de oito anos as diferenças de vida média feminina em relação à masculina. Consoante a ampliação do número médio de anos de vida do nordestino, e a despeito das reduções na mortalidade infantil, a taxa bruta de mortalidade cresce no período, passando de 6,6 por mil para 7,5 por mil, reflexo dos elevados níveis de mortalidade masculina entre os 15 e os 35 anos de idade, assim como pelo envelhecimento da população, como mostrado na Tabela 28 e no Gráfico 15.

### **População projetada**

A população nordestina projetada ascende a 56,6 milhões de pessoas em 2015 e deverá superar 60 milhões em 2030, evoluindo a taxas declinantes de crescimento, que, a manter a trajetória histórica, indicaria um ponto de inflexão para valores negativos na década de 2040, conforme os dados da Tabela 47.

---

<sup>22</sup> Mantida essa progressão, é muito provável que a população nordestina passe a decrescer em termos absolutos no quinquênio 2040-2045.

Tabela 47 – Brasil e Regiões – População projetada – 2015-2030

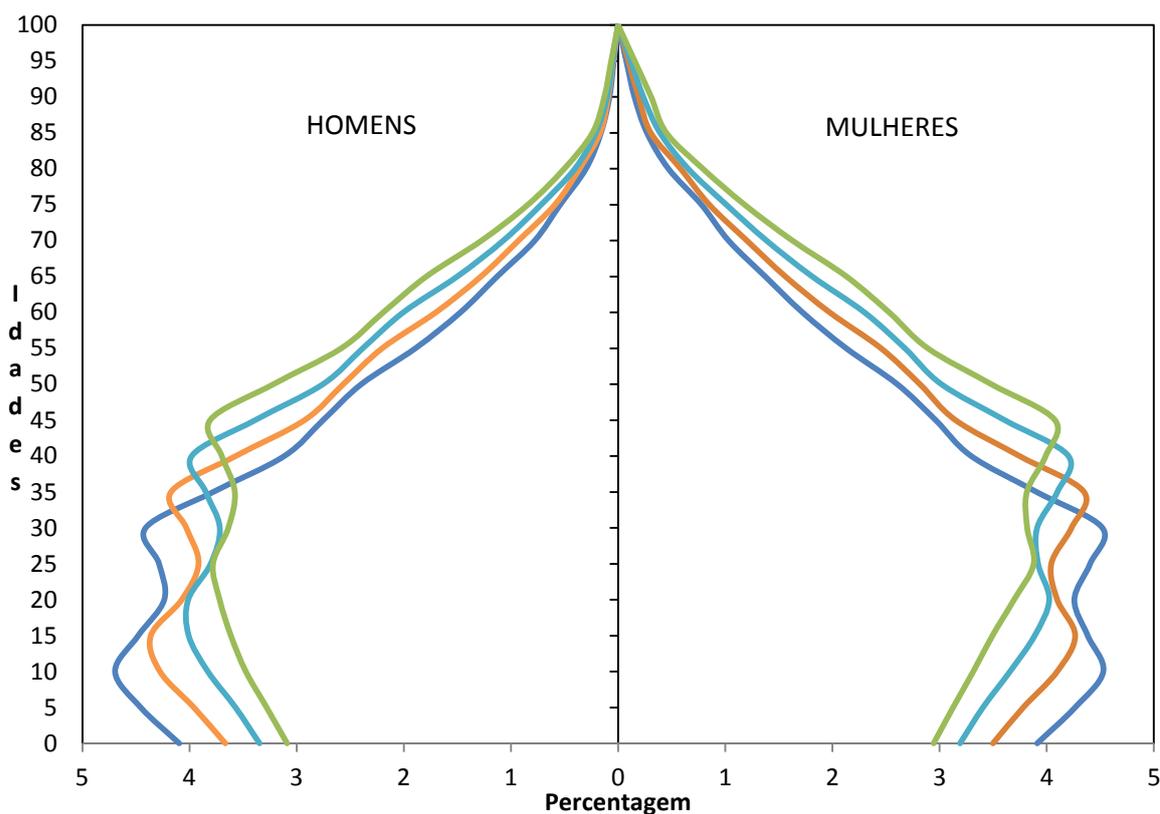
Brasil e Regiões	2015	2020	2025	2030
Brasil	204.450.649	212.077.375	218.330.014	223.126.917
% Brasil	100,0	100,0	100,0	100,0
Taxa de Crescimento		0,73	0,58	0,43
Norte	17.472.636	18.583.035	19.540.652	20.357.614
% Brasil	8,5	8,8	9,0	9,1
Taxa de Crescimento		1,23	1,00	0,82
Nordeste	56.560.081	58.174.912	59.423.971	60.319.784
% Brasil	27,7	27,4	27,2	27,0
Taxa de Crescimento		0,56	0,42	0,30
Sudeste	85.745.520	88.601.482	90.892.588	92.555.093
% Brasil	41,9	41,8	41,6	41,5
Taxa de Crescimento		0,66	0,51	0,36
Sul	29.230.180	30.221.606	31.029.946	31.630.026
% Brasil	14,3	14,3	14,2	14,2
Taxa de Crescimento		0,67	0,53	0,38
Centro Oeste	15.442.232	16.496.340	17.442.857	18.264.400
% Brasil	7,6	7,8	8,0	8,2
Taxa de Crescimento		1,32	1,12	0,92

Fonte: IBGE. Projeção, 2013

Os dados da evolução da população nordestina *vis-à-vis* o restante do país, mostram a continuada queda de participação do contingente nordestino no contexto nacional por ser aquela a apresentar as menores taxas de crescimento no país, chegando o Nordeste ao final do período observar incrementos absolutos de população semelhantes aos das regiões Norte e Centro-Oeste, de menor expressão demográfica.

As transformações na distribuição etária da população nordestina engendradas pela continuada queda nos níveis de fecundidade regional estão apresentadas no Gráfico 20 e na Tabela 48.

Gráfico 20 – Nordeste – Pirâmide de idades – 2015-2030



Fonte: Tabela 48

A perda de expressão da população jovem ao longo desses 15 anos é expressiva. A continuada queda da fecundidade, com ímpeto a partir de 1980, implica que a geração menor de 15 anos em 2015 já é constituída por filhos de mulheres em idade reprodutiva nascidas entre 1970 e 1985, qual seja, nos momentos iniciais da queda da fecundidade. Com maior impacto sobre o número de nascimentos resultantes de gerações nascidas sob regime de baixa fecundidade é o que acontece com a população menor de 15 anos em 2030<sup>23</sup>: são menores números de nascidos, gerados por menores números de mães, com menores níveis de fecundidade. Assim, os menores de 15 anos de idade, que, em 2015, eram 14,7 milhões, em 2030 reduzem-se para 11,6 milhões e sua participação que, em 2015, era de pouco mais de 1/4 da população nordestina, declina para menos de 1/5 da mesma em 2030.

<sup>23</sup> Em 2030 não haverá uma única mulher em idade reprodutiva que tenha adentrado às idades reprodutivas anteriormente à queda da fecundidade na região. Em 2015, a porção final das mulheres em idade reprodutiva, aquelas de 45-49 anos, ainda faziam parte das mulheres que vivenciavam o início da queda da fecundidade (essas mulheres de 45-49 anos em 2015 faziam parte daquelas que iniciaram suas vidas reprodutivas em 1980-1985)

Tabela 48 – Nordeste – População projetada por sexo segundo grupos de idades – 2015-2030

Grupo de Idades	2015			2020		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
Total	27.734.470	28.825.611	56.560.081	28.406.794	29.768.118	58.174.912
0-4	2.316.280	2.212.424	4.528.704	2.132.438	2.034.250	4.166.688
5-9	2.519.612	2.412.764	4.932.376	2.303.212	2.198.918	4.502.130
10-14	2.654.774	2.561.516	5.216.290	2.487.172	2.382.956	4.870.128
15-19	2.532.444	2.479.209	5.011.653	2.537.116	2.480.377	5.017.493
20-24	2.395.181	2.408.802	4.803.983	2.368.940	2.382.985	4.751.925
25-29	2.422.640	2.492.003	4.914.643	2.277.771	2.351.054	4.628.825
30-34	2.493.347	2.556.693	5.050.040	2.344.230	2.460.557	4.804.787
35-39	2.136.490	2.208.975	4.345.465	2.427.052	2.528.368	4.955.420
40-44	1.761.184	1.863.919	3.625.103	2.075.835	2.178.356	4.254.191
45-49	1.556.808	1.676.467	3.233.275	1.702.125	1.830.833	3.532.958
50-54	1.355.245	1.473.499	2.828.744	1.491.916	1.637.683	3.129.599
55-59	1.069.409	1.203.922	2.273.331	1.280.533	1.426.652	2.707.185
60-64	831.909	973.239	1.805.148	989.443	1.147.850	2.137.293
65-69	638.001	776.265	1.414.266	744.343	907.382	1.651.725
70-74	439.702	582.707	1.022.409	540.734	698.371	1.239.105
75-79	305.681	439.572	745.253	342.591	494.177	836.768
80-84	169.669	265.283	434.952	210.062	339.099	549.161
85-89	90.589	152.136	242.725	97.598	176.921	274.519
90+	45.505	86.216	131.721	53.683	111.329	165.012
	2025			2030		
Total	28.901.540	30.522.431	59.423.971	29.227.450	31.092.334	60.319.784
0-4	1.988.444	1.895.703	3.884.147	1.863.984	1.776.465	3.640.449
5-9	2.121.511	2.022.824	4.144.335	1.979.195	1.885.954	3.865.149
10-14	2.274.633	2.172.653	4.447.286	2.096.322	1.999.647	4.095.969
15-19	2.380.936	2.309.846	4.690.782	2.180.488	2.107.813	4.288.301
20-24	2.383.698	2.390.229	4.773.927	2.243.703	2.229.352	4.473.055
25-29	2.258.728	2.328.538	4.587.266	2.280.928	2.339.903	4.620.831
30-34	2.208.520	2.323.285	4.531.805	2.194.631	2.303.225	4.497.856
35-39	2.286.536	2.435.481	4.722.017	2.158.246	2.301.625	4.459.871
40-44	2.364.076	2.496.682	4.860.758	2.231.669	2.407.353	4.639.022
45-49	2.012.050	2.143.121	4.155.171	2.297.227	2.459.591	4.756.818
50-54	1.636.742	1.791.963	3.428.705	1.940.397	2.100.966	4.041.363
55-59	1.415.501	1.589.757	3.005.258	1.558.655	1.743.181	3.301.836
60-64	1.191.005	1.365.433	2.556.438	1.322.278	1.525.921	2.848.199
65-69	891.471	1.075.960	1.967.431	1.079.358	1.285.257	2.364.615
70-74	636.375	822.254	1.458.629	768.473	981.020	1.749.493
75-79	426.750	599.146	1.025.896	507.393	711.411	1.218.804
80-84	239.522	387.900	627.422	303.049	476.870	779.919
85-89	123.710	232.098	355.808	143.997	271.120	415.117
90+	61.332	139.558	200.890	77.457	185.660	263.117

Fonte: IBGE. Projeção, 2013.

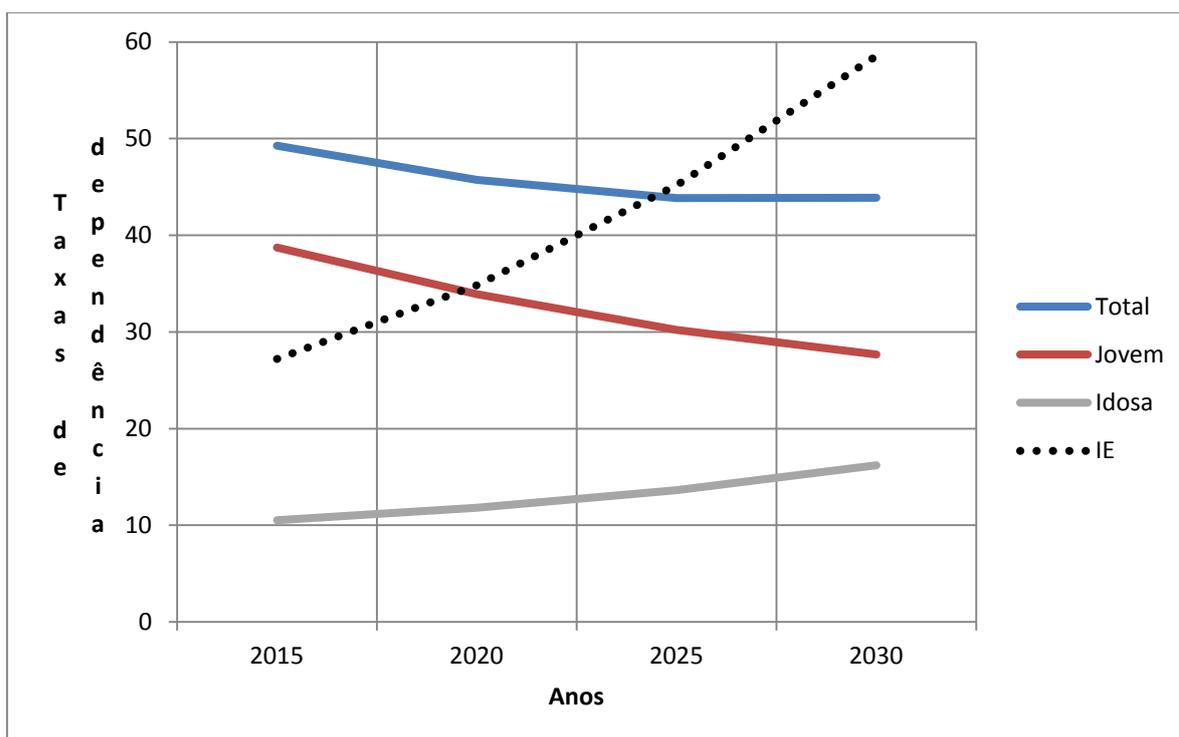
De outro lado, cresce a significância da população de 15 a 64 anos completos. Ela, em 2015, é constituída em sua maior fração de pessoas nascidas entre 1980 e 2000, quando a fecundidade declinava para os níveis de reposição, e por outra fração, em número semelhante, nascida antes de 1980, quando os níveis de fecundidade eram relativamente elevados.

Esse grupo, que em 2015, é constituído por 37,9 milhões de pessoas, em 2030 supera 41,9 milhões, incrementando seu peso de 67,0%, em 2015, para 69,5%, em 2030. Em 2030 a maior parte desse grupo etário é constituída pelos nascidos antes de 1995 (qual seja, o grupo de 15-34 anos) e, em fração menor, pelos nascidos após 1995, período em que as baixas taxas de fecundidade prevalecem.

A maior expansão relativa de população ocorre entre os de 65 anos e mais. Em 2015 essa população é aquela sobrevivente dos nascidos até 1950, ocasião em que a população brasileira era de 52 milhões de pessoas, dos quais 17 milhões residentes no Nordeste e os níveis de fecundidade caminhavam para o ápice. Em 2030, são os sobreviventes de uma população que tinha experimentado um substancial acréscimo em relação à população de 1950, beirando a população brasileira em 1965, em torno de 80 milhões, e a nordestina, 25 milhões. Assim, em 2015 a população nordestina de 65 anos e mais ascende a 4 milhões, correspondendo a 7,1% da total e, em 2030, ela cresce para 6,8 milhões, ampliando sua participação no total de habitantes da região para 11,3%.

As mudanças na composição da população nordestina por grupos de idades no período 2015-2030 têm importantes implicações na composição das demandas sociais no Nordeste, uma vez que se processa a passagem de uma população jovem para uma população crescentemente idosa, mas, ainda, sem significativas pressões por parte desse grupo, e com relativa estabilidade na população madura, aquela nas idades de inserção no mercado de trabalho. O resultado destas mudanças na composição da população por idades é um forte declínio na taxa dependência total, resultante da expressiva redução da taxa de dependência jovem, sem a contrapartida de dimensão similar no aumento da taxa de dependência idosa, isso porque, até 2030, a população idosa será pouco mais da metade da população jovem, conforme ilustrado no Gráfico 21.

Gráfico 21 – Nordeste – Taxas de dependência e Índice de envelhecimento – 2015-2030



Fonte: Tabela 46

### População em idade escolar

Essas significativas mudanças na estrutura etária, engendradas pela queda da fecundidade, e que em um primeiro momento importam em significativas reduções no número de nascimentos e, em sequência, uma diminuição da população jovem, repercutem de forma expressiva na composição e evolução da população em idade escolar.

Como já identificado no desenho da estrutura etária da população nordestina no período 2015-2030, Tabela 48 e Gráfico 20, a população abaixo dos 40 anos perde expressão na população total no período 2015-2030, perda que tende a ser tanto maior quanto mais jovem o grupo etário (não nos casos dos grupos de 30-34 e 5-9 anos em relação aos precedentes).

Os dados da Tabela 49 tratam de uma parcela dessa população, a população menor de 22 anos (limite superior mínimo de idade de conclusão de curso superior). Assim toda a população em idade escolar declina de forma sistemática ao longo do período, exceto a de idade universitária que, entre 2015 e 2020, apresenta um discreto aumento. Os declínios experimentados na população infanto-juvenil

reduzem a pressão sob o número de vagas que deve estar disponível para o acesso universal à escola em todos os seus níveis. Essa redução em termos quantitativos atenua de forma expressiva a necessidade de criação de novas vagas e esse período se define como uma conjuntura muito favorável para direcionamento de uma educação massiva e, em especial, de qualidade. Em verdade, como mostram os dados da Tabela 8, essa situação demográfica já se iniciara no início desse século, ainda que circunscrita à população infantil.

Tabela 49 – Nordeste – População em idade escolar – 2015-2030

Grupos de idades	2015	2020	2025	2030
0 a 3	3.681.533	3.400.321	3.172.228	2.970.838
4 a 5	1.799.874	1.635.270	1.517.131	1.423.826
6 a 14	9.195.963	8.503.355	7.786.409	7.206.902
<i>6 a 10</i>	<i>5.011.908</i>	<i>4.581.325</i>	<i>4.204.777</i>	<i>3.912.372</i>
<i>11 a 14</i>	<i>4.184.055</i>	<i>3.922.030</i>	<i>3.581.632</i>	<i>3.294.531</i>
15 a 17	3.040.254	3.025.699	2.793.129	2.550.210
18 a 21	3.902.365	3.925.704	3.813.988	3.504.920
Total	21.619.989	20.490.349	19.082.884	17.656.697
	Percentagem em relação ao Brasil			
0 a 3	30,6	30,1	29,7	29,4
4 a 5	31,2	30,3	29,8	29,5
6 a 14	31,1	30,8	30,2	29,6
<i>6 a 10</i>	<i>31,3</i>	<i>30,7</i>	<i>30,1</i>	<i>29,6</i>
<i>11 a 14</i>	<i>30,8</i>	<i>30,9</i>	<i>30,3</i>	<i>29,7</i>
15 a 17	29,6	30,2	30,1	29,4
18 a 21	28,5	28,8	29,2	29,0
Total	30,3	30,1	29,8	29,4

Fonte: IBGE. Projeções, 2013.

As projeções da população nordestina por grupos de idades escolares, permitem identificar a dimensão do número de demandantes de creche e ensino escolar e seu percentual em relação à população brasileira na mesma faixa etária.

Observe-se, de início, que a despeito da população total do Nordeste representar entre 28 e 27% da população brasileira no período, a fração nordestina requerendo suporte educacional gira em torno de 30%, com máximo de 30,3%, em 2015, e frações decrescentes nos anos seguintes, até atingir 29,4%, em 2030.

A proporção mais expressiva de população em idade escolar é constituída por aquela a cursar o ensino básico, constituindo-se o contingente entre 6 e 10 anos em torno de 30% da população nacional a demandar matrículas.

## **Populações projetadas por estados**

Os estados do Maranhão, Ceará, Pernambuco e Bahia, pela dimensão de suas populações, desempenham papel importante na trajetória regional. Desses quatro, Pernambuco é o que apresentará maior crescimento absoluto de população entre 2015 e 2030, assim como será aquele que experimentará a maior variação relativa.

Entre os estados de menor população o maior incremento proporcional de população ocorrerá em Sergipe, o menor dos estados nordestinos. O Rio Grande do Norte, por sua vez, experimentará acréscimos demográficos maiores do que Sergipe e variação relativa quase da mesma ordem.

Quando consideradas em relação aos estados nordestinos, conforme mostram os dados da Tabela 50, as mais significativas variações no tamanho das populações estaduais no período 2015-2030 ocorrem em Sergipe, que experimenta a mais elevada taxa de crescimento e, no sentido oposto, o Piauí é o estado que apresenta a menor taxa de crescimento, chegando, inclusive, no último quinquênio, a sofrer decréscimo absoluto de população.

Os estados do Maranhão, Ceará, Pernambuco e Bahia, pela dimensão de suas populações desempenham papel importante na trajetória regional. Desses quatro, Pernambuco é o que apresentará maior crescimento absoluto de população entre 2015 e 2030, assim como será aquele que experimentará a maior variação relativa.

Entre os estados de menor população o maior incremento proporcional de população ocorrerá em Sergipe, o menor dos estados nordestinos. O Rio Grande do Norte, por sua vez, experimentará acréscimos demográficos maiores do que Sergipe e variação relativa quase da mesma ordem.

Tabela 50 – Nordeste e Unidades da Federação – População projetada – 2015-2030

Região e UF	Anos				Taxa de Crescimento		
	2015	2020	2025	2030	2015/ 2020	2020/ 2025	2025/ 2030
Nordeste	56.560.081	58.174.912	59.423.971	60.319.784	0,56	0,42	0,30
Maranhão	6.904.241	7.121.156	7.274.092	7.374.604	0,62	0,42	0,27
Piauí	3.203.262	3.233.891	3.242.491	3.232.330	0,19	0,05	-0,06
Ceará	8.905.225	9.178.363	9.399.260	9.566.063	0,60	0,48	0,35
R. G. do Norte	3.442.175	3.598.288	3.734.326	3.847.580	0,89	0,74	0,60
Paraíba	3.972.202	4.097.859	4.198.671	4.274.504	0,62	0,49	0,36
Pernambuco	9.345.603	9.650.604	9.907.481	10.112.795	0,64	0,53	0,41
Alagoas	3.340.502	3.419.689	3.476.012	3.514.114	0,47	0,33	0,22
Sergipe	2.242.937	2.352.207	2.449.564	2.534.193	0,95	0,81	0,68
Bahia	15.203.934	15.522.855	15.742.074	15.863.601	0,42	0,28	0,15

Fonte: IBGE. Projeção, 2013.

Determinante das menores taxas de crescimento populacional ao longo do período de projeção, assim como para as mudanças na estrutura etária de cada um dos estados, a continuada redução da fecundidade impacta de forma bastante significativa a dimensão da população estadual em idade escolar.

Na Tabela 51 as populações em idade escolar são apresentadas para todos os estados nordestinos no período 2015-2030. Os mesmos dados estão representados do Gráfico 22 até o Gráfico 26.

Entre as maiores transformações nas populações em idades escolares destaca-se a ampla redução relativa na população de 4 e 5 anos de idade no Maranhão. Em 2030, esse grupo de crianças, a despeito de reduzir-se em termos absolutos em números muito menores do que os encontrados na maioria dos outros estados, é menor em 30% daquele em 2015. Seguem-se-lhe, em menor escala, as reduções relativas no estado do Piauí que tem diminuições relativas de monta nas populações de 11 a 14 anos e, em proporção inferior, na população de 6 a 14 anos. Assim, o estado do Piauí, entre 2015 e 2030 é o que experimentará a maior redução relativa de população em idade do ensino básico.

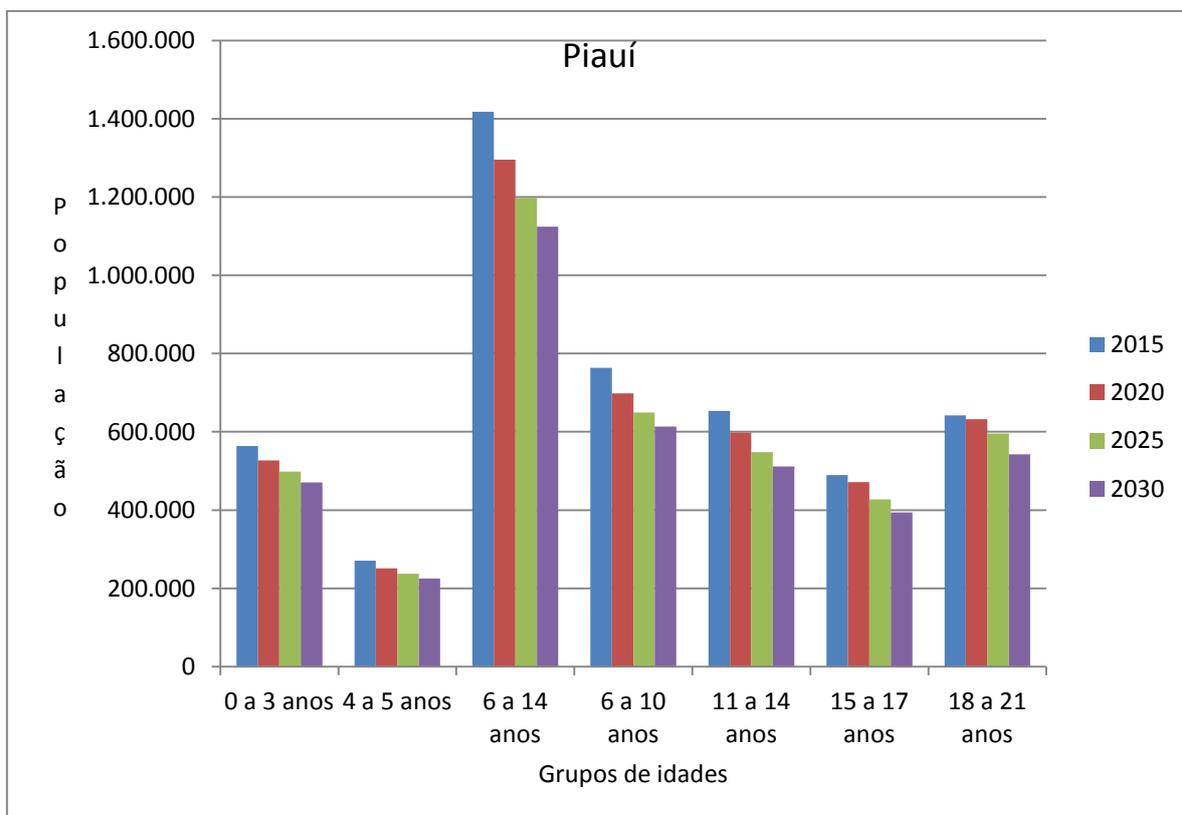
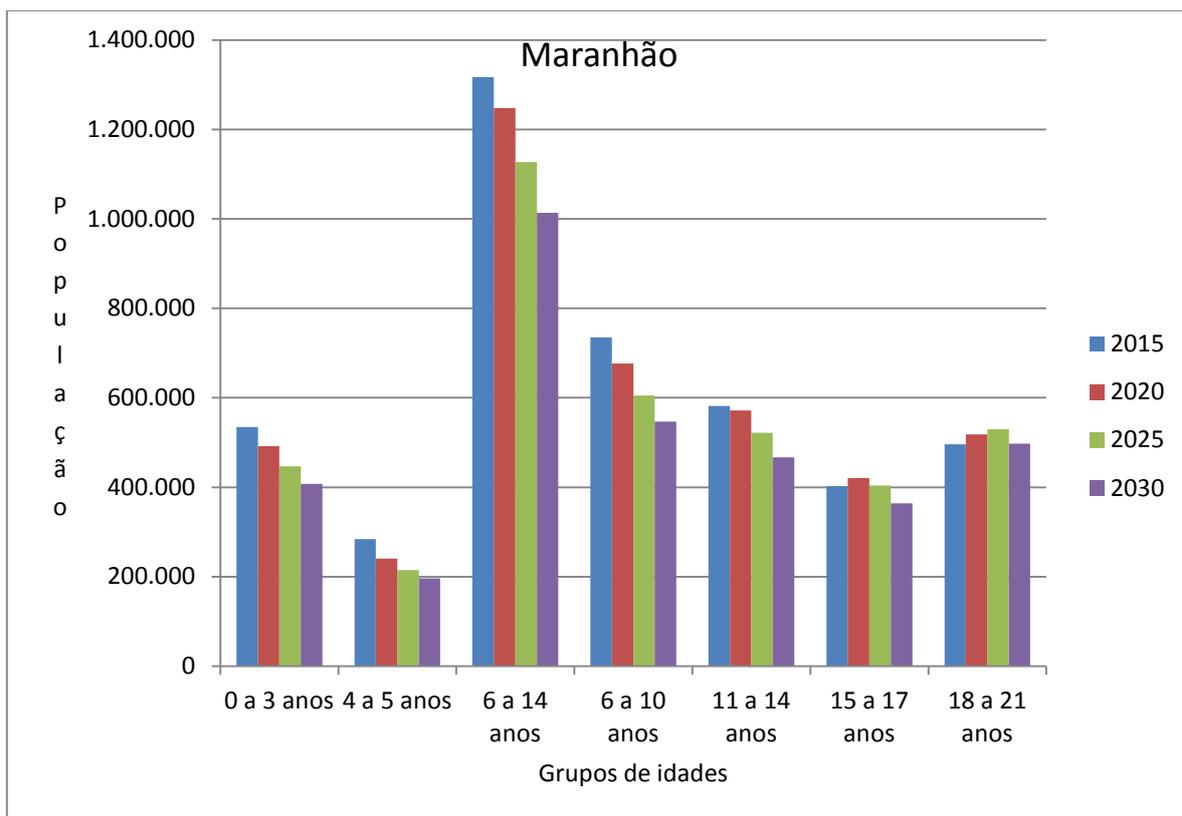
Em termos absolutos, as maiores reduções de população ocorrerão nas idades de 6 a 14 anos na Bahia, Maranhão e Pernambuco, respectivamente.

Tabela 51 – Nordeste e Unidades da Federação – População em idade escolar segundo grupos de idades – 2015-2030

Idades	Maranhão				Piauí			
	2015	2020	2025	2030	2015	2020	2025	2030
0 a 3	534.971	491.497	446.562	407.776	203.450	184.028	169.118	155.778
4 a 5	284.044	240.369	214.882	196.281	101.600	88.124	80.796	75.083
6 a 14	1.316.819	1.247.830	1.126.933	1.013.536	542.118	480.821	422.781	383.136
6 a 10	735.234	676.351	605.319	546.721	293.018	254.803	226.534	207.585
11 a 14	581.585	571.479	521.614	466.816	249.100	226.018	196.246	175.551
15 a 17	402.237	420.567	403.750	363.797	172.819	177.247	156.031	135.848
18 a 21	495.799	517.924	529.740	497.861	211.076	220.666	214.992	187.850
	Ceará				Rio Grande do Norte			
0 a 3	563.670	527.048	498.282	471.018	211.523	200.483	192.077	183.775
4 a 5	271.165	251.337	237.103	225.325	101.779	95.316	91.053	87.661
6 a 14	1.417.414	1.295.694	1.197.532	1.124.350	528.248	491.799	460.184	437.286
6 a 10	763.693	698.026	649.520	613.247	285.607	264.680	249.230	238.267
11 a 14	653.721	597.668	548.011	511.103	242.642	227.119	210.953	199.020
15 a 17	489.198	471.759	427.339	394.208	177.896	180.526	166.103	154.971
18 a 21	642.385	632.013	595.731	542.437	234.738	238.988	233.945	215.869
	Paraíba				Pernambuco			
0 a 3	252.184	233.189	218.305	204.905	586.276	547.126	516.072	489.336
4 a 5	124.491	113.282	104.762	98.600	285.316	261.676	245.939	233.573
6 a 14	625.699	590.616	544.148	503.724	1.478.540	1.365.655	1.258.232	1.176.854
6 a 10	343.823	318.707	292.913	272.687	801.469	733.507	679.343	639.244
11 a 14	281.877	271.909	251.235	231.037	677.071	632.148	578.888	537.610
15 a 17	198.723	206.993	195.472	179.704	493.445	496.248	455.431	418.108
18 a 21	258.570	261.344	263.980	246.976	634.955	649.072	632.552	579.737
	Alagoas				Sergipe			
0 a 3	235.301	214.197	197.276	184.280	144.266	137.750	133.129	129.057
4 a 5	115.421	102.891	94.182	87.573	68.823	64.819	62.793	61.138
6 a 14	590.588	538.738	485.285	442.784	368.267	336.253	314.108	301.098
6 a 10	322.099	289.656	261.654	240.195	196.986	180.140	170.520	164.682
11 a 14	268.489	249.082	223.631	202.588	171.281	156.114	143.588	136.416
15 a 17	193.467	191.408	174.615	156.660	125.664	126.679	113.347	105.446
18 a 21	240.592	245.615	236.934	214.719	162.105	168.549	162.276	146.653
	Bahia				Nordeste			
0 a 3	938.362	865.004	801.406	744.914	3.681.533	3.400.321	3.172.228	2.970.838
4 a 5	458.766	417.457	385.622	358.593	1.799.874	1.635.270	1.517.131	1.423.826
6 a 14	2.328.270	2.155.949	1.977.208	1.824.134	9.195.963	8.503.355	7.786.409	7.206.902
6 a 10	1.269.979	1.165.455	1.069.743	989.744	5.011.908	4.581.325	4.204.777	3.912.372
11 a 14	1.058.291	990.494	907.465	834.390	4.184.055	3.922.030	3.581.632	3.294.531
15 a 17	786.805	754.272	701.040	641.467	3.040.254	3.025.699	2.793.129	2.550.210
18 a 21	1.022.146	991.532	943.838	872.816	3.902.365	3.925.704	3.813.988	3.504.920

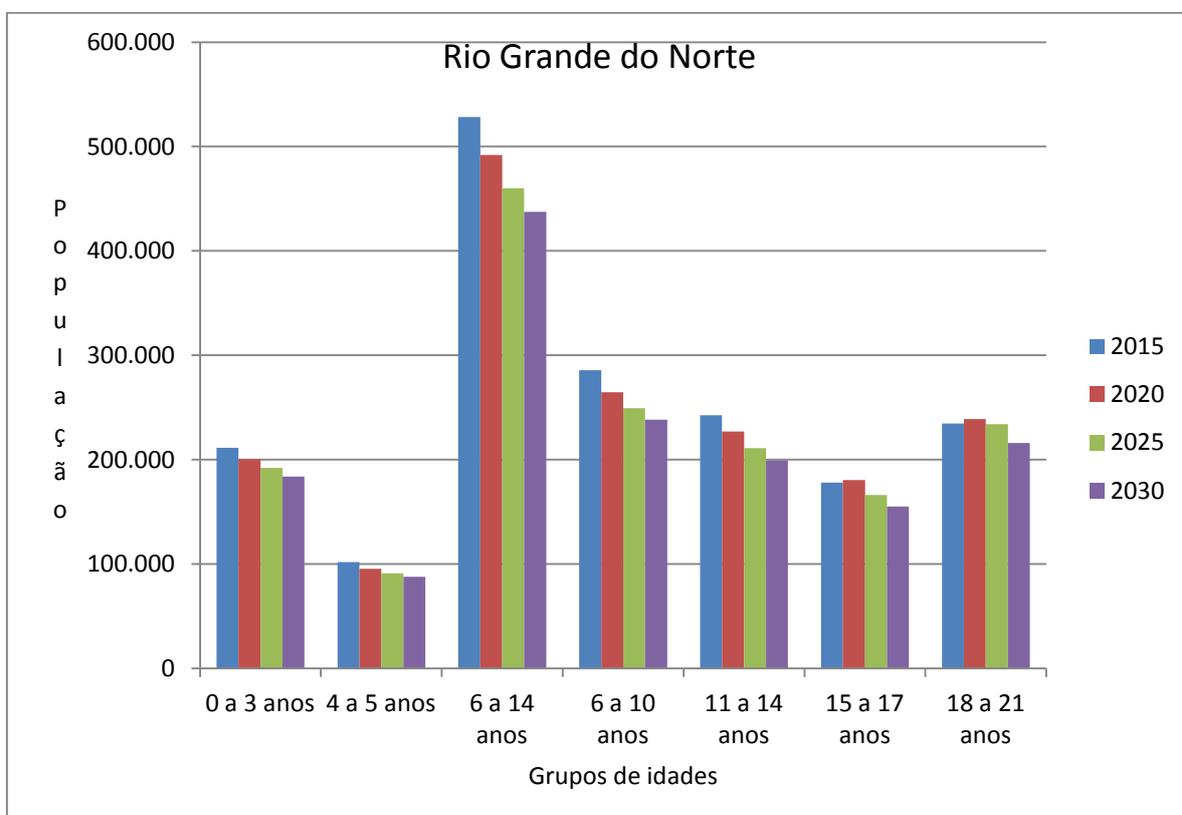
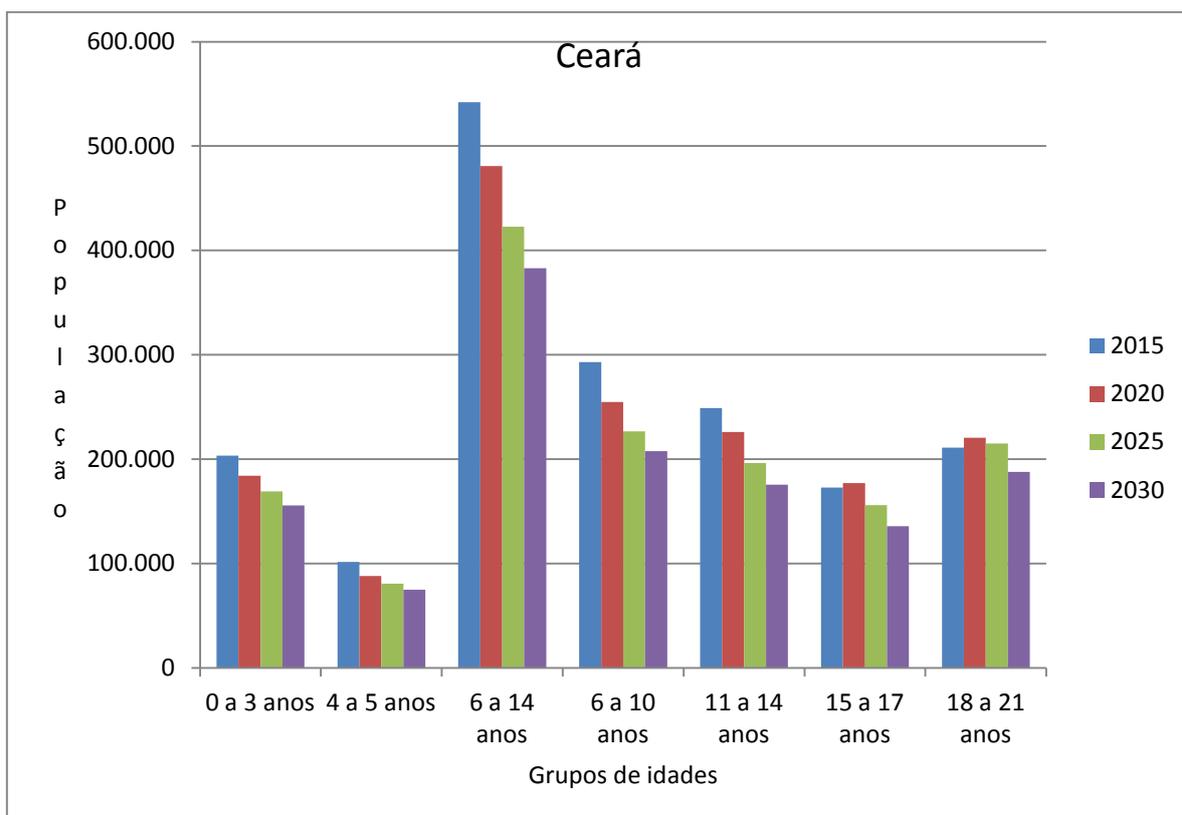
Fonte: IBGE. Projeção 2013.

Gráfico 22 – Maranhão e Piauí – População em idade escolar segundo grupos de idades – 2000/2030



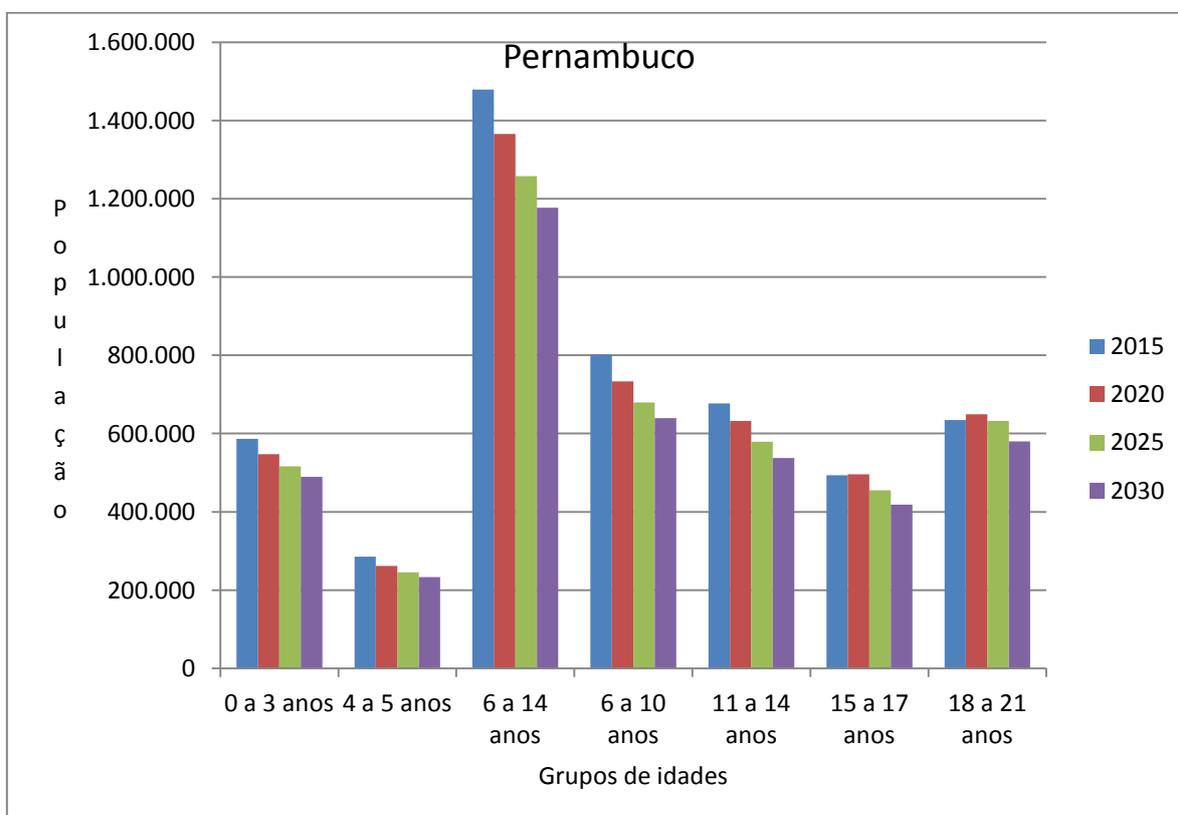
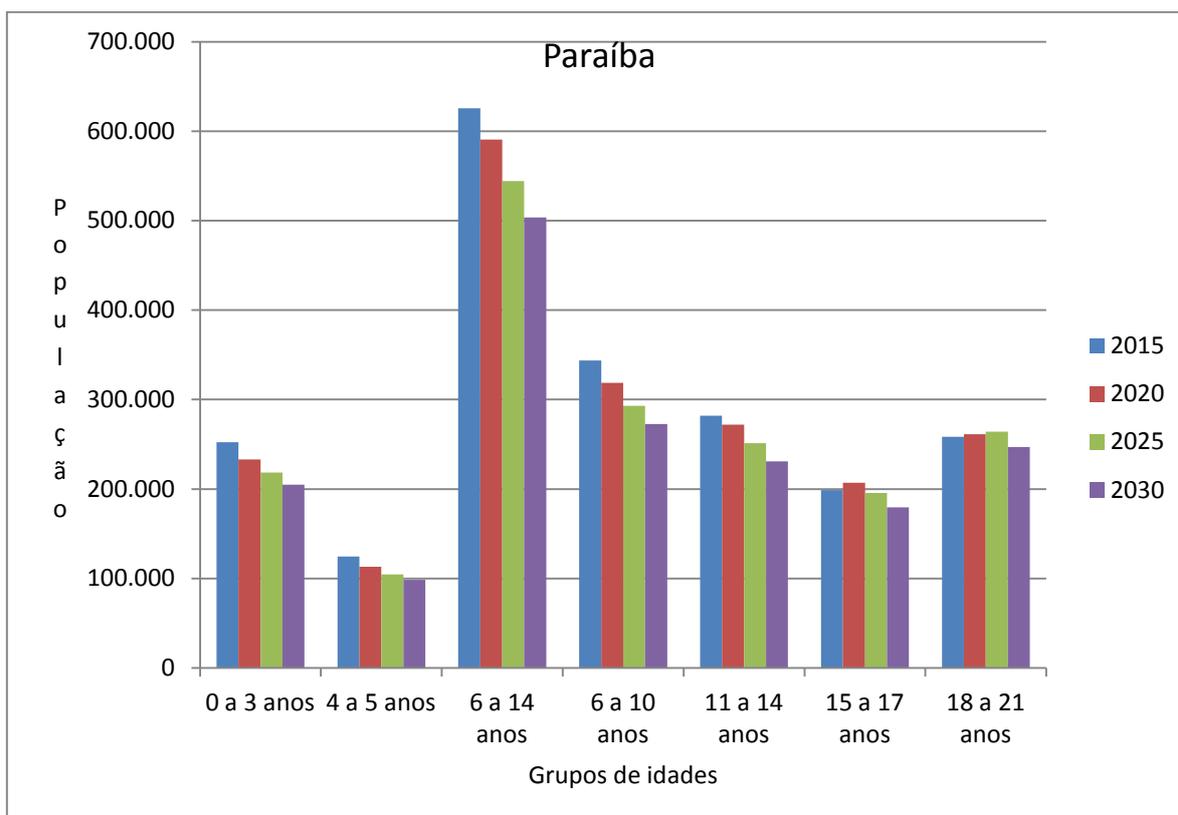
Fonte: Tabela 51

Gráfico 23 – Ceará e Rio Grande do Norte – População em idade escolar segundo grupos de idades – 2000/2030



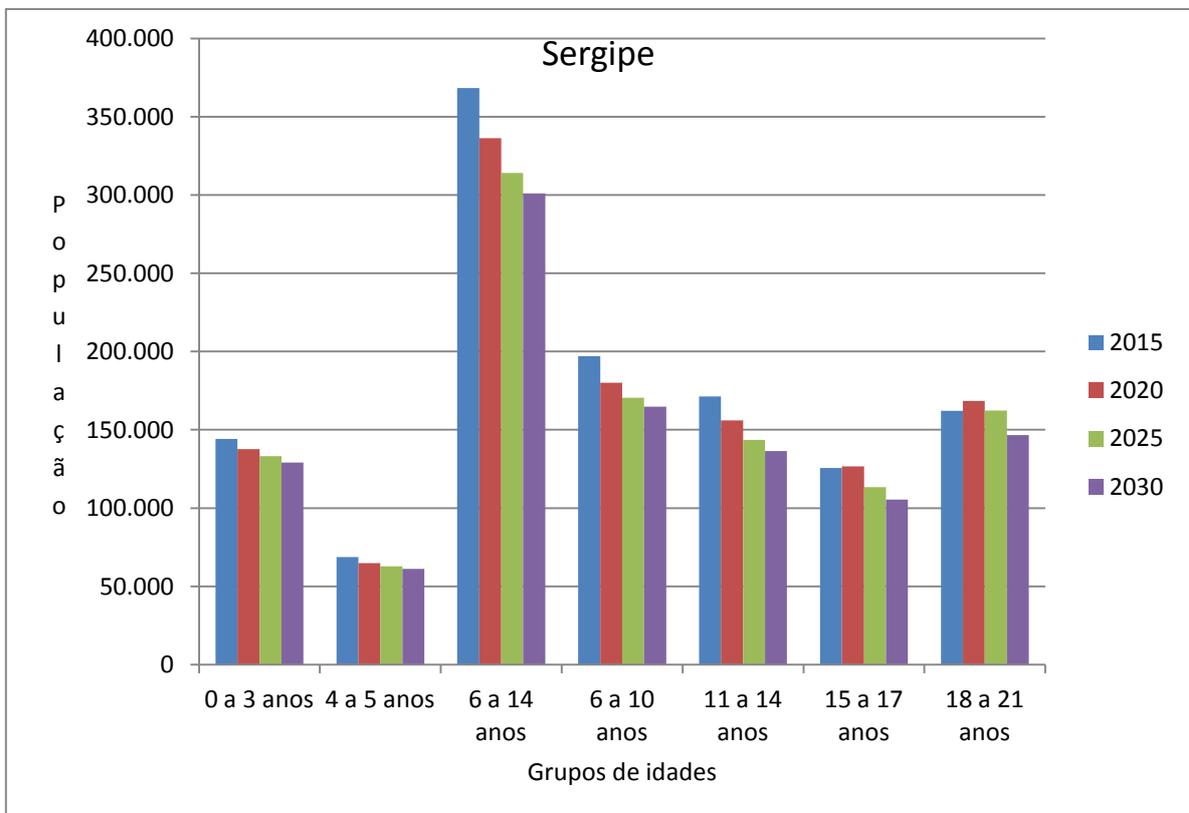
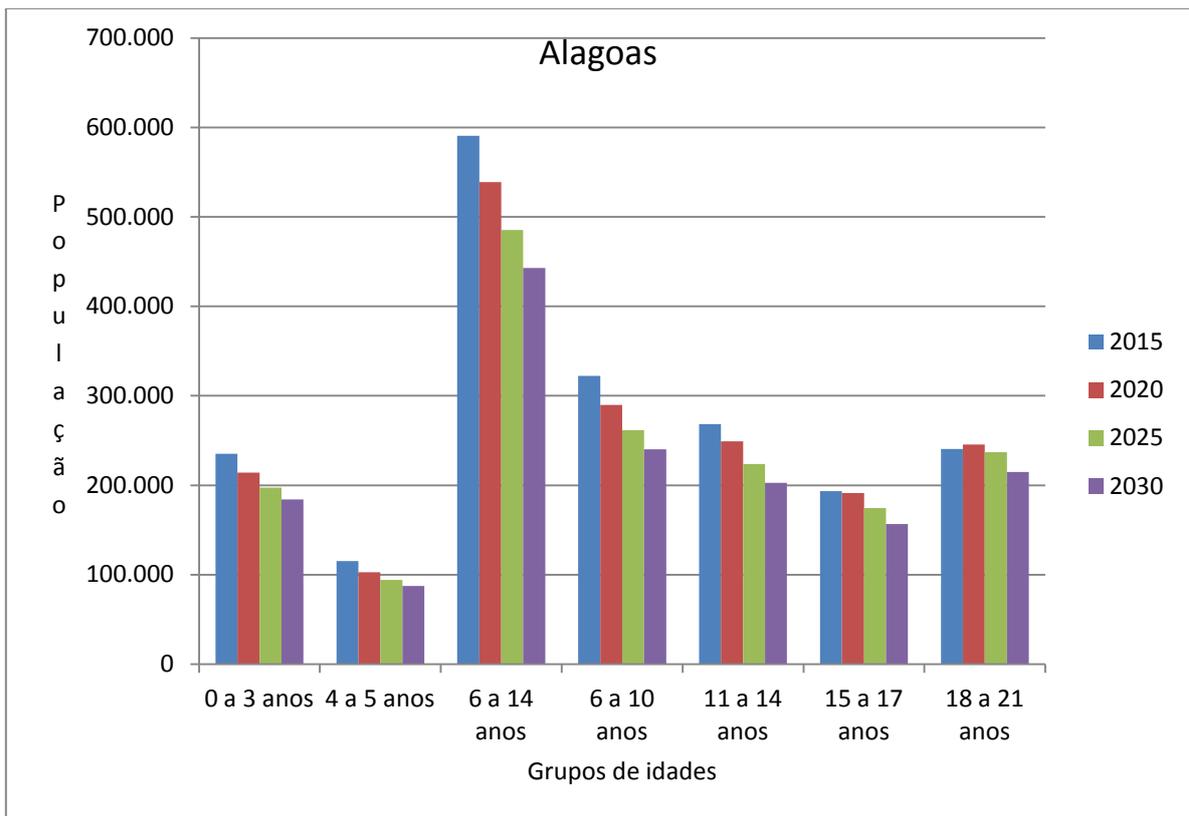
Fonte: Tabela 51

Gráfico 24- Paraíba e Pernambuco – População em idade escolar segundo grupos de idades – 2000/2030



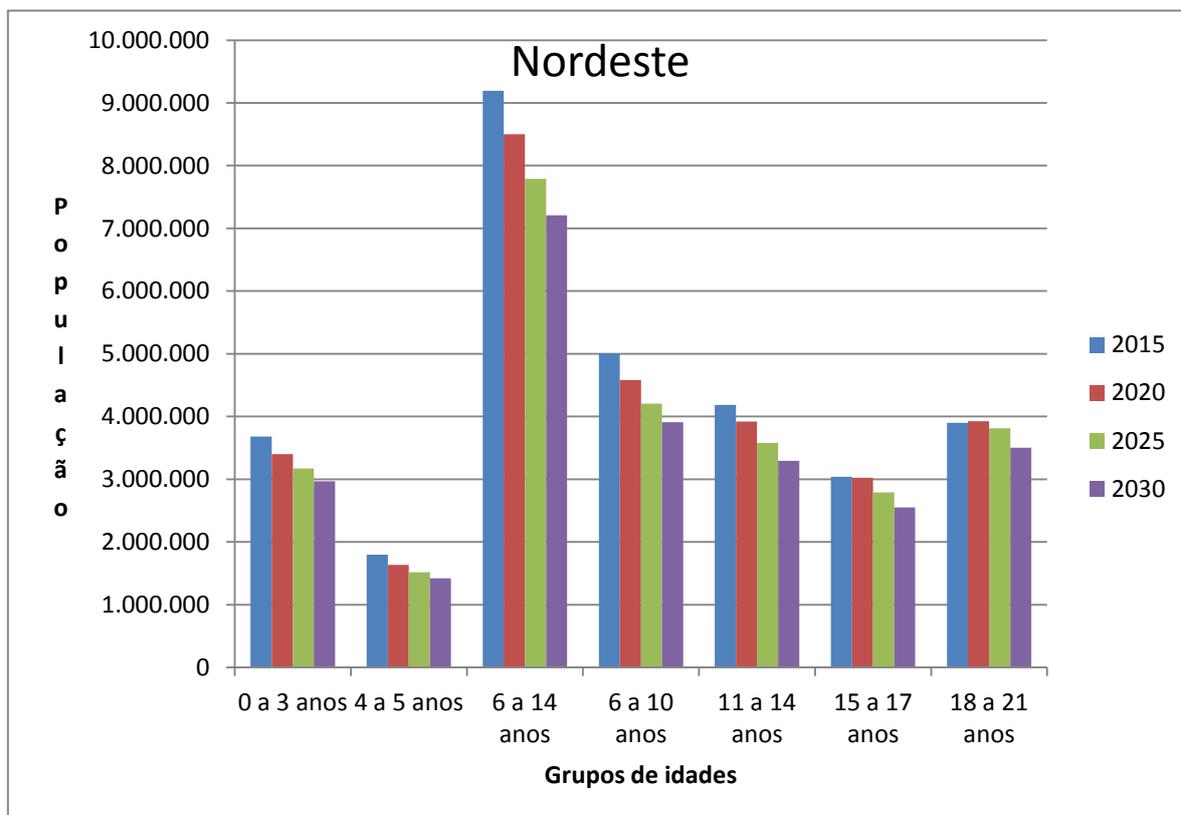
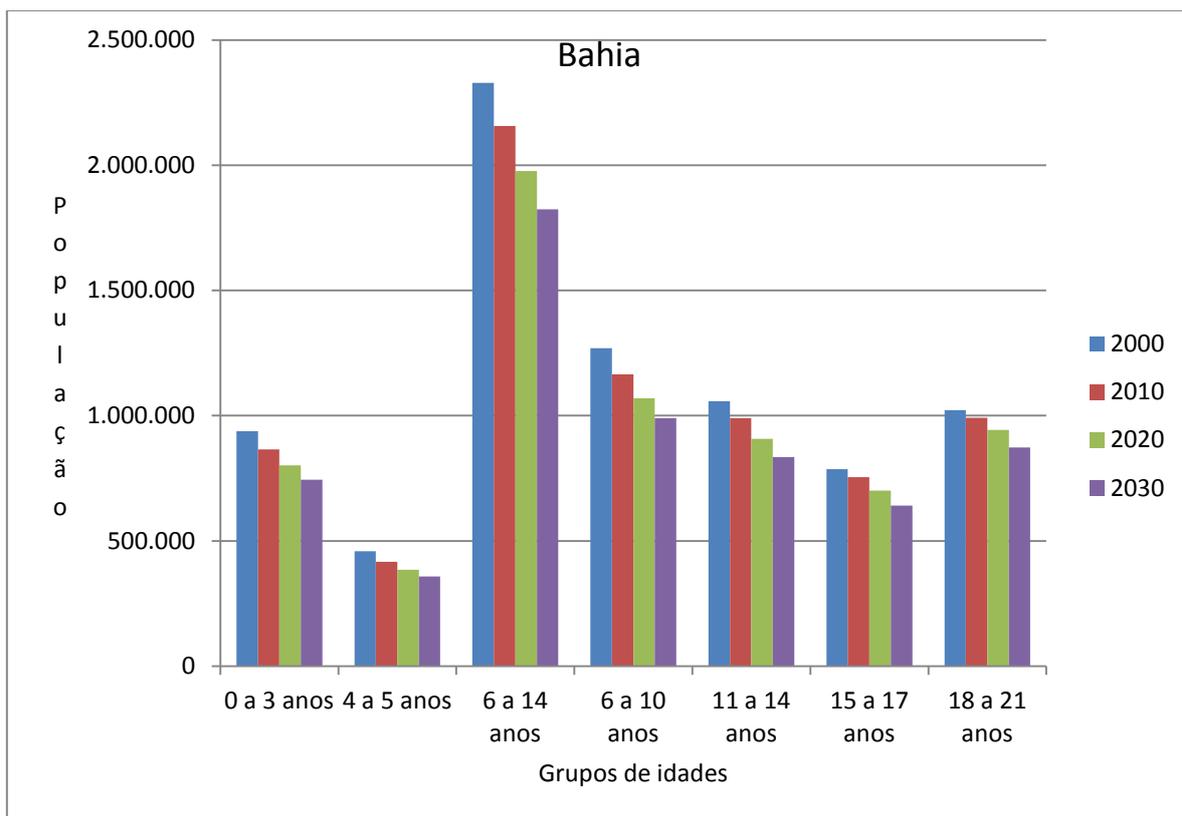
Fonte: Tabela 51

Gráfico 25 – Alagoas e Sergipe – População em idade escolar segundo grupos de idades – 2000/2030



Fonte: Tabela 51

Gráfico 26 – Bahia e Nordeste – População em idade escolar segundo grupos de idades – 2000/2030



Fonte: Tabela 51

As populações em idades escolares nas quais ocorrerão menores variações relativas são as de nível universitário: no Maranhão ela, inclusive, aumentará em termos absolutos, ainda que em valores relativamente discretos (em torno de 2000 pessoas), e na Paraíba e Rio Grande do Norte, declinarão. As menores variações em termos absolutos concentram-se no Maranhão, na população de 18 a 21 anos, como já afirmado, e, a seguir, na população de 4 a 5 anos em Sergipe, de 18 a 21 anos na Paraíba.

Visto em termos de cada grupo de idades em separado, apenas aqueles de 15 anos e mais, em algum momento e para alguns estados, apresentam crescimento absoluto. No caso específico do grupo 15 a 17 anos, o crescimento corre apenas para os cinco anos iniciais da série (entre 2015 e 2020) e circunscrito aos estados do Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Sergipe.

No grupo 18-21 anos, em todos os estados, exceto Ceará e Bahia, há crescimento da população entre 2015 e 2020. Maranhão e Paraíba são os únicos estados a prolongarem o aumento dessa população até 2025.

A evolução do grupo 0-3 anos é negativa para todos os estados em todos os momentos, sendo de maior expressão relativa no Maranhão, que ademais, a despeito de uma população que muito se assemelha à cearense e à pernambucana, tem uma retração, em termos absolutos, quase 40% maior do que a cearense e mais de 30% superior à pernambucana. A menor variação relativa e absoluta ocorre em Sergipe.

No Grupo 4-5 anos a situação repete a do grupo 0-3 anos. A maior queda ocorre no Maranhão, mas a diferença entre os estados de população similar é maior ainda: quase o dobro da do Ceará e 70% maior do que a de Pernambuco. Sergipe experimenta a menor variação absoluta e relativa.

No grupo 6-14 anos a maior queda se dá no Piauí e a menor no Rio Grande do Norte, sendo que ambas as populações dessas idades são razoavelmente semelhantes em termos numéricos.

## SÍNTESE E CONCLUSÕES

A população nordestina, desde muito, constitui-se num termômetro da população brasileira. Pela dimensão de seu contingente populacional, a dinâmica demográfica do Nordeste, juntamente com a da região Sudeste, comanda a trajetória da população brasileira. Mas, enquanto uma região que se diferencia do Sudeste, apresentando níveis de desenvolvimento relativo aquém da mesma, tem sido o Nordeste a região determinante dos níveis das variáveis demográficas em nível nacional. Usualmente, em tempos defasados, a região assume níveis vigentes anteriormente na região Sudeste e estabelece os níveis nacionais das variáveis demográficas.

Os anos mais recentes mostram variações significativas dos níveis de fecundidade, mortalidade e migração que fazem do Nordeste, principalmente pelos níveis vigentes no Sudeste e Sul, a líder da trajetória da população brasileira. O ritmo com que a fecundidade declinará no Nordeste nos próximos decênios estabelecerá a trajetória cadente da população brasileira, antecipando ou retardando, o inevitável declínio da população brasileira em termos absolutos.

A evolução da população nordestina mostra queda acentuada dos níveis de fecundidade, tendo já em 2015 a região atingido níveis de reposição, com alguns dos estados na situação de fecundidade abaixo da reposição, exceto o Maranhão que o alcançará pouco antes de 2020.

No que se refere à mortalidade muito ainda há que reduzi-la. Os ganhos observados na região têm sido expressivos, em especial pós-2000, particularmente quanto à mortalidade infantil e na infância, mas a distância entre o Nordeste e as regiões de mais baixa mortalidade brasileira ainda se mantém.

As migrações, em que o Nordeste sempre se apresentou como perdedor líquido de população, perdem expressão em termos de volume e, nos últimos decênios, mostram um movimento de retorno significativo, em resposta ao dinamismo econômico experimentado na região em contraste com as menores oportunidades de emprego nas regiões de maior absorção da população nordestina migrante.

A população projetada até 2030 incorpora todo esse conjunto de variações nas componentes demográficas e como resultado a população regional cresce a

taxas decrescentes no período da projeção. Quando os dados da projeção são desagregados segundo as unidades da federação, são observadas taxas de crescimento mais altas nos estados de menor população, exceto no Piauí, que no quinquênio final do período apresenta decréscimo populacional.

Todas as mudanças nas componentes demográficas, entretanto, não mudam de forma significativa a posição dos estados nordestinos quanto aos níveis das variáveis demográficas e tamanho, composição e distribuição da população.

## REFERÊNCIAS

- ABEP. FUNDAJ. SUDENE. **Seminário: Nordeste: diferenciais demográficos regionais e seus determinantes**. Recife, fevereiro, 1984.
- ALBUQUERQUE, Fernando Roberto P. de C.; SENNA, Janaína Reis Xavier. **Tábuas de Mortalidade por sexo e grupos de idade – Grandes Regiões e Unidades da Federação – 1980, 1991 e 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2005. Textos para discussão, 20.
- ARAÚJO, Tânia Bacelar de. Nordeste: diferenciais demográficos regionais e seus determinantes. **Caderno de Estudos Sociais, Recife**, v.3, n.2, p. 167-192, jul./dez. 1987.
- \_\_\_\_\_. Industrialização do Nordeste: Intenções e resultados. In: **Ensaio sobre o desenvolvimento brasileiro: heranças e urgências**. Rio de Janeiro: Revan/Fase, 2000a. p. 143-154.
- \_\_\_\_\_. Nordeste, Nordestes: Que Nordeste? In: **Ensaio sobre o desenvolvimento brasileiro: heranças e urgências**. Rio de Janeiro: Revan/Fase, 2000b. p. 165-196.
- \_\_\_\_\_. Nordeste: heranças, oportunidades e desafios. **Revista Teoria e Debate: São Paulo**, n. 77, 2008.
- ARRUDA, José Maria; MORRIS, Leo; FERRAZ, Elizabeth Anhel; GOLDBERG, Howard. Tendências Recentes da Fecundidade e do Planejamento Familiar na Região Nordeste-1980-1986. In: **VI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1988, Olinda**. Anais. Belo Horizonte: ABEP, 1988, v.4, p.189-136.
- BAENINGER, Rosana. Rotatividade migratória: um novo olhar para as migrações internas no Brasil. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, Brasília**, v.20, n.39, p.77-100, dez. 2012.
- \_\_\_\_\_. Novos espaços da migração: tendências nacionais e do Nordeste. In: BARBOSA, Lára de Melo (Org.) **Questões contemporâneas da dinâmica populacional do Nordeste**. Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 2006.
- BARBOSA, Lára de Melo. **O Sinasc como fonte de informações no Nordeste**. **Dissertação de mestrado em Demografia**. Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG, 1999.
- \_\_\_\_\_. Avaliação da qualidade das informações do SINASC: níveis e padrões de fecundidade no Nordeste. In: **XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2000, Caxambu**. Anais. Belo Horizonte: ABEP, 2000.
- \_\_\_\_\_. A dinâmica da epidemia da AIDS nas regiões Nordeste e Sudeste. In: **XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2002, Ouro Preto**. Anais. Belo Horizonte: ABEP, 2002.

- \_\_\_\_\_. A vulnerabilidade social à infecção pelo HIV nas regiões Nordeste e Sudeste brasileiras. In: **II Foro en VIH/SIDA/ITS de América Latina y el Caribe, 2003, Havana**. Memorias Foro 2003, 2003.
- \_\_\_\_\_. Avaliação da qualidade das informações do SINASC no Nordeste, 1997-2000. In: **VII Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, 2003, Brasília**. Anais. 2003.
- \_\_\_\_\_. A disseminação recente do HIV/AIDS no Nordeste: uma análise espacial. In: **FUNDAÇÃO GILBERTO FREYRE. Seminário Quantos somos e quem somos no Nordeste?** 2004, Recife-PE. Anais. Recife: FGF, 2004.
- \_\_\_\_\_. Um panorama da fecundidade e das condições sociais nas microrregiões do Nordeste em 2000. In: BARBOSA, Lára de M. (Org.) **Questões contemporâneas da dinâmica populacional do Nordeste**. Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 2006, p. 27 – 48.
- \_\_\_\_\_. Uma análise da evolução da Aids na região Nordeste. In: **XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2010, Caxambu**. Anais. Belo Horizonte: ABEP, 2010.
- BARBOSA, Lára de Melo; MELO, Geraldo Henrique Nascimento de. Avaliação da qualidade das informações sobre fecundidade provenientes do SINASC no nordeste, 2000. **Revista Brasileira de Estudos de População, São Paulo**, v. 22, n. 1, p. 141-158, jan./jun. 2005.
- BARBOSA, Lára de Melo; SAWYER, Diana Oya. AIDS: a vulnerabilidade social e a evolução da epidemia nos municípios das regiões Nordeste e Sudeste do Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População, Campinas**, v. 20, n.2, p. 241-257, jul./dez. 2003.
- BARUFI, Ana Maria Bonomi. **Dimensões regionais da mortalidade infantil no Brasil**. Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo, 2010.
- BEMFAM - **Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil. Pesquisa sobre saúde familiar no Nordeste**. Rio de Janeiro: BEMFAM, 1992, 247 p.
- BRASIL, Marília C., Os fluxos migratórios na região Norte nas décadas de 70 e 80: uma análise exploratória. **Cadernos de Estudos Sociais, Recife**, v. 13, n. 2, p. 61-84, jan./jun., 1997.
- BRASILEIRO, Verônica Maria Miranda. **Indicadores demográficos e sociais e econômicos do Nordeste. Câmara dos Deputados. Consultoria Legislativa da Área XI, Meio Ambiente e Direito Ambiental, Organização Territorial, Desenvolvimento Urbano e Regional**. Brasília: jul. 2003.
- BRASS, William; COALE, Ansley J. **The Demography of Tropical Africa**. Princeton: Princeton University Press, 1973.
- BRASS, William. **Methods for Estimating Fertility and Mortality from Limited and Defective Data**. Chapel Hill, North Carolina – The Carolina North Center. 1975.

- BRITO, Fausto. Migrações Internas no Brasil: desafios teóricos recentes. In: V Congresso da ALAP, *Anais...Montevidéu*, ALAP, 2012.
- CABRAL, Benedita Edina da Silva Lima. Família e idosos no Nordeste brasileiro. *Caderno CRH*, Salvador, v. 11, n. 29, p. 49-67, jul./dez. 1998
- CAMARANO, Ana Amélia. Movimentos migratórios recentes na Região Nordeste. In: I Encontro Nacional sobre Migrações, 1997, Curitiba, p.189-208.
- \_\_\_\_\_. Tendências recentes da dinâmica demográfica brasileira a nível regional. **Boletim sobre População, Emprego e Renda no Nordeste**. Recife, v.3, n.3, p.273-283, set./dez. 1984.
- CAMARANO, Ana Amélia; MOREIRA, Morvan de Mello. A Fecundidade no Nordeste. **Revista Pernambucana de Desenvolvimento, Recife**, v.8, n.2, p. 217-239, jul./dez. 1981.
- \_\_\_\_\_. Dinâmica demográfica do Nordeste, 1960-1980. **Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza**, v.15, n.4, p.663-681, out./dez. 1984.
- CAMARANO, Ana Amélia; BELTRÃO, Kaizô Iwakami; ARAÚJO, Herton Ellery; MEDEIROS, Marcelo. **A dinâmica demográfica recente da região Nordeste**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. 1997.
- CAMARGO, Antônio Benedito Marangone. A Evolução da mortalidade por causas de morte: região Nordeste. In: BARBOSA, Lara de Melo (Org.) **Questões contemporâneas da dinâmica populacional do Nordeste**. Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 2006.
- CAMPOS, Jarvis; RIGOTTI, José I.; A. Migração de retorno no Brasil nos quinquênios 1986/1991, 1995/2000 e 2005/2010. In: **XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2012, Águas de Lindóia**. Anais. Belo Horizonte: ABEP, 2012, p. 1-20.
- CAMPOS, Luís Henrique Romani de; FUSCO, Wilson. Municípios nordestinos e crescimento populacional: correspondência entre migração e desenvolvimento. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, Brasília**, v. 17, n. 33, p. 79-100, jul./dez. 2009.
- CARVALHO, José Alberto Magno. Evolução demográfica do Nordeste brasileiro comparada com a evolução demográfica do Brasil – 1940/1970. In: HADDAD, Paulo, (ed.), **Desequilíbrios Regionais e Descentralização industrial, Rio de Janeiro**, IPEA/INPES, 1975, pp. 11-34.
- COELHO FILHO, João Macedo; RAMOS, Luiz Roberto. Epidemiologia do envelhecimento no Nordeste do Brasil: resultados de inquérito domiciliar. **Revista de Saúde Pública**, v.33, n.5, p. 445-453, 1999.
- CREMONESI, Maria Virginia Terán. Duração das primeiras uniões: uma análise dos riscos proporcionais da separação nas regiões São Paulo, Sul e Nordeste. In: **IX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1994, Caxambu**. Anais. Belo Horizonte: ABEP, 1994, v.2, p. 307-324.

- COSTA, Rubens Vaz da. Apresentação. **Revista Econômica, Fortaleza**, v. 1, n. 1, 1969.
- DINIZ, Clélio Campolina. O Nordeste e o contexto nacional. In: **VI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1988, Olinda**. Anais. Belo Horizonte: ABEP, 1988, v.4, p.57-85.
- FERREIRA, Inês Quental; PAIVA, Elizabeth Pereira. Intenções reprodutivas e prevalência anticonceptiva no Nordeste: atuação da BEMFAM. In: **VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1992, Brasília**. Anais. Campinas: ABEP, 1992, v.2, p11-22.
- FREIRE, Flávio Henrique Miranda de Araújo; AGUIRRE, Moisés Alberto Calle; MONTE-NEGRO, Ana Amélia de França; ARAÚJO, Kátia Lucianny de Souza. Casamento e Re-casamento: uma análise multivariada do mercado matrimonial no Nordeste. In: **XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2006, Caxambu**. Anais. Belo Horizonte: ABEP, 2006.
- FREIRE, Flávio Henrique Miranda de Araújo; ARAUJO, Kátia Lucianny de Souza; AGUIRE, Moisés Alberto Calle. Aspectos da Nupcialidade no Nordeste. In: Lára de Melo Barbosa. (Org.) **Questões contemporâneas da dinâmica populacional do Nordeste**. 1ed. Natal: EDUFRN, 2006, v. 1, p. 87-106.
- FREIRE, Flávio Henrique Miranda de Araújo; SPYRIDES, Maria Helena Constantino; AGUIRE, Moisés Alberto Calle; ARAUJO, Kátia Lucianny de Souza. Encontros e reencontros: um diagnóstico da dinâmica matrimonial no Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Estatística**, v. 71, p. 43-73, 2011.
- FUSCO, Wilson; DUARTE, Renato. Regiões Metropolitanas do Nordeste: origens, destinos e retornos de migrantes. In: **XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2010, Caxambu – MG**. Anais. Belo Horizonte: ABEP, 2010.
- FUSCO, Wilson; MOREIRA, Morvan de Mello. Migrações no Nordeste brasileiro na década de 2000. In: **XXXVIII Congresso ALAS 2011, 2011, Recife**. Anais. Recife: 2011. v. 1.
- FUSCO, WILSON; OJIMA, Ricardo. Migrações internas: a relevância dos nordestinos na redistribuição da população brasileira. In: **XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2014, São Pedro-SP**. Anais. Belo Horizonte: ABEP, 2014.
- GARCIA, Ricardo Alexandrino; MIRANDA-RIBEIRO, Adriana de. Efeitos diretos e indiretos da migração de retorno ao Nordeste brasileiro nos decênios 1970/1980, 1981/1991 e 1990/2000. In: BARBOSA, Lára de M. (Org.) **Questões contemporâneas da dinâmica populacional do nordeste**. Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 2006, p. 181 – 198.
- IBGE. **Banco de Dados Agregados. Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA**.
- \_\_\_\_\_. **Departamento da População e Indicadores Sociais. Evolução e perspectivas da mortalidade infantil no Brasil**. – Rio de Janeiro: IBGE, 1999.

- \_\_\_\_\_. **Censo Demográfico 2000: fecundidade e mortalidade infantil: resultados preliminares da amostra.** Rio de Janeiro: IBGE, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Censo Demográfico 2000: nupcialidade e fecundidade: resultados da amostra.** Rio de Janeiro: IBGE, 2003.
- IBGE. **Tendências demográficas: uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2000.** Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica Socioeconômica número 13.
- \_\_\_\_\_. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2000.** Rio de Janeiro: IBGE, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Indicadores sóciodemográficos prospectivos para o Brasil 1991-2030.** São Paulo: Arbeit, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Censo Demográfico 2010: nupcialidade, fecundidade e migração. Resultados da amostra.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010a.
- \_\_\_\_\_. **Censo Demográfico 2010: resultados gerais da amostra.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010b.
- \_\_\_\_\_. **Censo Demográfico 2010: características da população e dos domicílios: resultados do universo.** Rio de Janeiro: IBGE, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Projeção da população do Brasil por sexo e idade para o período 2000/2060: projeção da população das unidades da federação por sexo e idade para o período 2000/2030.** Rio de Janeiro: IBGE, 2013a.
- \_\_\_\_\_. *Projeções da população: Brasil e unidades da federação.* Rio de Janeiro: IBGE, Série Relatórios Metodológicos, 2013b.
- \_\_\_\_\_. **Tábuas Abreviadas de Mortalidade por Sexo e Idade: Brasil, grandes regiões e unidades da federação 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2013c. (Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômico número 30).
- IBGE/DPE/Coordenação de População e Indicadores Sociais – COPIS. Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica – GEADD. Projeto UNFPA/BRASIL (BRA/02/P02). **População e Desenvolvimento. Sistematização das medidas e indicadores sóciodemográficos oriundos da projeção da população por sexo e idade, por método demográfico, das Grandes Regiões e Unidades da Federação para o período 1991-2030.** Arbeit, São Paulo, 2006.
- MIRANDA-RIBEIRO, Adriana de; GARCIA, Ricardo Alexandrino. **Nordestinos no Brasil: caracterização e localização dos naturais da região Nordeste em 1980, 1991 e 2000.** In: BARBOSA, Lára de M. (Org.) **Questões contemporâneas da dinâmica populacional do nordeste.** Natal: EDUFRRN – Editora da UFRN, 2006.
- MOREIRA, Morvan de Mello. **Considerações sobre a fecundidade no Nordeste.** In: **IV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1984, Águas de São Pedro.** Anais. São Paulo: ABEP, 1984. p. 451-469.

- \_\_\_\_\_. Diferenciais de Mortalidade no Nordeste Por Sub-regiões. **Boletim Sobre População, Emprego e Renda no Nordeste**, v.5, n.1/3, p. 103-118, jan./dez. 1986a.
- \_\_\_\_\_. Registro de óbitos no Nordeste: estimativas de cobertura. In: **V Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1986, Águas de São Pedro**. Anais. São Paulo: ABEP, 1986b p. 123-139.
- \_\_\_\_\_. Nordeste: evolução populacional e questão social. In: **VII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1990, Caxambu**. Anais. Belo Horizonte: ABEP, 1990, p. 387-409.
- \_\_\_\_\_. A Transição demográfica no Nordeste do Brasil. In: **IV Conferencia LatinoAmericana de Población, 1993, Cidade do México. La Transición Demográfica em América Latina y el Caribe**. Anales. Ciudad de México: INEGI-IISUNAM, 1993. v. 2. p. 315-331.
- \_\_\_\_\_. Relações de gênero e fecundidade: Nordeste, 1991. In: **BEMFAM. Fecundidade, anticoncepção e mortalidade infantil; pesquisa sobre saúde familiar no Nordeste, 1991**. Rio de Janeiro: BEMFAM/DHS, 1994, p.81-91.
- \_\_\_\_\_. Os determinantes próximos de Bongaarts no Nordeste. **Cadernos de Estudos Sociais**. Recife, v.11, n.2, p.261-282, jul./dez. 1995.
- \_\_\_\_\_. Nascimentos no Nordeste: os dados do Sinasc. In: **XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2010, Caxambu**. Anais. Belo Horizonte: ABEP, 2010.
- MOREIRA, Morvan de Mello; FUSCO, Wilson. Mapeando a fecundidade nordestina. In: **XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2012, Águas de Lindóia**. Anais. Belo Horizonte: ABEP, 2012.
- MOREIRA, Morvan de Mello; SANTOS, Taís de Freitas. **Pensando o futuro da população nordestina. P&S: População no Mundo de Expressão Portuguesa**. Recife, v. 1, p. 181-192, 1991.
- MOURA, Hélio Augusto de. Consumo alimentar no Nordeste urbano. **Revista Econômica**. Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 18-48, 1969.
- \_\_\_\_\_. Expansão demográfica do Nordeste: perspectiva até 1980. *Revista Econômica do Nordeste*, Fortaleza, v. 1, n. 4, p. 5-23, abr./jun. 1970.
- \_\_\_\_\_. Nordeste: crescimento demográfico – 1940/1970. **Revista Econômica do Nordeste**. Fortaleza, v. 2, n. 10, p. 32-53, out./dez. 1971b.
- \_\_\_\_\_. As variações migratórias no Nordeste: 1940/1970. **Revista Econômica do Nordeste**. Fortaleza, v. 4, n. 14, p. 20-47, out./dez. 1972.
- \_\_\_\_\_. Migrações para as grandes cidades do Nordeste: intensidade e características demográficas. **Revista Econômica do Nordeste**. Fortaleza, v. 6, n. 1, p. 5-49, jan./mar. 1975.

- \_\_\_\_\_. A dinâmica populacional do Nordeste. **I Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1978. Anais.** Campos do Jordão: ABEP, 1978, p. 475-484.
- \_\_\_\_\_. O balanço migratório no Nordeste no período 1950/70. **Revista Econômica do Nordeste.** Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 47/86, jan./mar. 1979.
- \_\_\_\_\_. Nordeste: Migrações Internas e Desequilíbrios Regionais. **Revista Pernambucana de Desenvolvimento.** Recife: Condepe, v.9, n.2, p.191-217, jul./dez. 1982.
- \_\_\_\_\_. A Recente Dinâmica Demográfica do Nordeste; seus determinantes e implicações. **Revista Econômica do Nordeste.** Fortaleza, v. 16, n.2, p. 155-181, 1985.
- \_\_\_\_\_. Impactos das mudanças demográficas sobre as demandas sociais nas metrópoles do Nordeste. **Cadernos de Estudos Sociais.** Recife, v.3, n.3, p. 241-268, jul./dez. 1987.
- \_\_\_\_\_. A nova dinâmica populacional do Nordeste e suas repercussões. In: MEDEIROS, Amaury de S. (org.). **O Planejamento Familiar e o Nordeste.** Recife: MEDSI, 1990, p. 7-22.
- \_\_\_\_\_. Novas tendências do crescimento e distribuição espacial da população nordestina. **Cadernos de Estudos Sociais.** Recife, v. 9, n. 2, p. 223-258, jul./dez., 1993.
- \_\_\_\_\_. A Migração Nordestina em Período Recente – 1981/1996. **Cadernos de Estudos Sociais.** Recife, v. 15, n.1, p. 101-148, jan./jun. 1998.
- \_\_\_\_\_. (Org.) **Quantos Somos e Quem Somos no Nordeste? 2004, Recife.** Anais. Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2005.
- MOURA, Hélio Augusto de; COELHO, José Olímpio M. Migrações para as grandes cidades do Nordeste: intensidade e características demográficas. Fortaleza: BNB/ETENE, 1975. 112p. (BNB. ETENE. Estudos Econômicos e Sociais, 1). Reproduzido em MOURA, H. (Org.). **Migração interna; textos selecionados.** Fortaleza: BNB, 1980.
- MOURA, Hélio Augusto de; HOLDER, Carmem Susana da Cunha; SAMPAIO, Aidil. **Nordeste: migrações inter e intra-regionais 1960/1970.** Recife: SUDENE, 113p. 1975a.
- \_\_\_\_\_. **Regiões metropolitanas do Nordeste: diferenciais de renda e de educação entre naturais e migrantes – 1970.** Recife: SUDENE, 1975b. 144 p. II.
- MOURA, Hélio Augusto de; MOURA, Heber José de. Crescimento da população urbana do Nordeste 1940/70. **Revista Econômica do Nordeste.** Fortaleza, v. 5, n. 18, p. 37-56, out./dez. 1973.
- MOURA, Hélio Augusto de; SANTOS, Taís de Freitas. **Dinâmica demográfica recente dos estados e microrregiões: Nordeste 1960/1980.** Recife: FJN/DESPO. 1986.

- \_\_\_\_\_. Nordeste: A Dinâmica populacional recente e as novas perspectivas de crescimento da população para 1980/2005. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 21, n.3/4, p. 385-442, 1990.
- MOURA, Hélio Augusto de; TEIXEIRA, Pery. **Tendências recentes do crescimento populacional; Dossiê Nordeste I**. São Paulo: Estudos Avançados, v.11, n.29, p. 95-126, jan./abr. 1997.
- OLIVEIRA, Kleber Fernandes de; JANNUZZI, Paulo de Martino. **Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste padrões etários, por sexo e origem/destino**. São Paulo em Perspectiva, v. 19, n. 4, p. 134-143, out./dez. 2005.
- OLIVEIRA, Luís Antônio Pinto de. As Tendências recentes do crescimento populacional do Nordeste. In: **Fundação Gilberto Freyre. Seminário Quantos somos e quem somos no Nordeste? 2004, Recife-PE. Anais**. Recife: FGF, 2004.
- PAES, Neir Antunes. Diagnóstico da qualidade dos registros vitais do Nordeste brasileiro: cenários regionais prospectivos. In: **IV Congresso ALAP, Anales. 2010, La Havana, La Havana**, 2010.
- PAES, Neir Antunes, SANTOS, Carlos Sérgio Araújo dos; GOUVEIA, Joseilme Fernandes. Os eventos vitais do nordeste brasileiro em 2000: recuperação dos dados e cenários regionais. In: **XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2008, Caxambu**. Anais. Belo Horizonte: ABEP, 2008.
- PATARRA, Neide. Tendências e Modalidades Recentes das Migrações Internas e Distribuição Populacional no Brasil: um olhar para o Nordeste. In: **FUNDAÇÃO GILBERTO FREYRE. Seminário Quantos somos e quem somos no Nordeste? 2004, Recife-PE**. Anais. Recife: FGF, 2004.
- PERPÉTUO, Ignez Helena Oliva. **Esterilização feminina: a experiência da região Nordeste, 1980-1991**. Tese (Doutorado em Demografia). Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, 1996.
- \_\_\_\_\_. Contracepção e declínio da fecundidade na Região Nordeste, 1980-1996. **Revista Brasileira de Estudos de População**. Brasília, v.15, n.1, p. 43-56, 1998.
- PINHEIRO, Silvia de Menezes Gama. Tendências recentes da dinâmica demográfica nordestina: migração. In: **VI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1988, Caxambu**. Anais. Belo Horizonte: ABEP, 1988, p.163-176.
- QUEIROZ, Silvana Nunes de; SANTOS, José Márcio dos. Saldos Migratórios: uma análise por estados e regiões do Brasil (1986-2006). **Revista Econômica do Nordeste**. Fortaleza, v. 42, n. 2, p 310-332, abr./jun. 2011.

- RIBEIRO, José Teixeira Lopes. **Estimativa da migração de retorno e de alguns de seus efeitos demográficos indiretos no nordeste brasileiro, 1970/1980 e 1981/1991**. Belo Horizonte: CEDEPLAR: Tese de Doutorado, 1997. 206 p.
- RIBEIRO, José Teixeira Lopes; CARVALHO, José Alberto Magno; WONG, Laura Rodríguez. Efeitos Demográficos da Migração de Retorno: uma proposta metodológica. In: **X Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Anais. ABEP, v.2, 1996, p.955-972.
- RIBEIRO, Luiz Cláudio; RODRIGUES, Roberto do Nascimento. Efeitos estruturais e de composição da mortalidade neonatal e pós-neonatal no Nordeste e no restante do Brasil. In: **XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2004, Caxambu**. Anais. Belo Horizonte: ABEP, 2004.
- RIEDEL, Osvaldo. Níveis de fecundidade e mortalidade no Nordeste – 1940/70. In: **I Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1978**. Anais. Campos do Jordão: ABEP, 1978, p. 73-98.
- RIEDEL, Osvaldo Hugo Montenegro; HOLDER, Carmen Suzana da Cunha. Dimensões e componentes do crescimento demográfico do Nordeste. In: **I Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1978**. Anais. Campos do Jordão: ABEP, 1978, p. 487-530.
- RIPSA – **Rede Interagencial de Informação para a Saúde. Indicadores básicos para a saúde no Brasil: conceitos e aplicações. Rede Interagencial de Informação para a Saúde – Ripsa**. – 2. ed. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2008.
- SAMPAIO, Aidil; ROCHA, Risalva Vasconcelos. **Tendência das Migrações no Nordeste, 1940/1980, apresentado no Seminário ABEP/FUNDAJ "Nordeste: Diferenciais demográficos regionais e seus determinantes"**. Recife, fevereiro, 1984 (mimeo).
- SANTOS, Taís de Freitas. Tendências recentes da fecundidade na Região Nordeste e Regiões Metropolitanas, Fortaleza, Recife e Salvador. In: **VI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1988, Olinda**. Anais. Belo Horizonte: ABEP, v.4, p.91-110.
- \_\_\_\_\_. **Breastfeeding, the health of children and infant mortality in northeast Brazil**. University of Southampton, 1996 (PhD thesis).
- SANTOS, Taís de Freitas; MOURA, Fernando A. Os determinantes da mortalidade no nordeste: aplicação de modelos hierárquicos. In: **XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Anais. ABEP, 1998, p.1873-1886.
- SANTOS, Taís de Freitas; MOREIRA, Morvan de Mello; MOURA, Hélio Augusto de. A população do Nordeste em face da transição demográfica. In: **VII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1990, Caxambu**. Anais. Belo Horizonte: ABEP, 1990b, p. 411-432.

- SILVA, Nadja Loureiro Pernes; OLIVEIRA, Luiz Antônio Pinto de; SIMÕES, Celso Cardoso da Silva. Os métodos anticoncepcionais como um dos fatores de redução da fecundidade nordestina na década de 80. In: **VI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1988, Olinda**. Anais. Belo Horizonte: ABEP, v.4, p.137-153.
- SIMÕES, Celso Cardoso da Silva. **A Mortalidade Infantil na Transição da Mortalidade no Brasil: Um Estudo Comparativo entre o Nordeste e o Sudeste**. 1997. Tese (Doutorado em Demografia) – Universidade Federal de Minas Gerais.
- \_\_\_\_\_. **Estimativas da mortalidade infantil por microrregiões e municípios**. Brasília: Ministério da Saúde, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Perfis de saúde e de mortalidade no Brasil: uma análise dos seus condicionantes em grupos populacionais específicos**. Brasília, 2002.
- \_\_\_\_\_. **A transição da fecundidade no Brasil: análise de seus determinantes e as novas questões**. São Paulo: Arbeit Factory e Comunicação, 2006.
- SIMÕES, Celso da Silva; VIANNA, Márcia Coelho de Segadas; OLIVEIRA, Zuleida L. Migração de retorno: Nordeste 1974-1975. In: **II Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1980, Águas de São Pedro**. Anais. São Paulo: ABEP, 1980, v.2, p.899-952.
- SIMÕES, Celso da Silva; OLIVEIRA, Luis Antônio Pinto de. Algumas indicações sobre a mortalidade infantil no Nordeste nos primeiros anos da década de 80. In: **VI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1988**. Olinda. Anais. Belo Horizonte: ABEP, v.4, p.155-162.
- SIQUEIRA, Liédje Bettizaide Oliveira de; MAGALHÃES, André Matos; SILVEIRA NETO, Raul da Motta. Tendências recentes da migração e o crescimento da migração de retorno no Brasil: como o movimento de retorno tem afetado o fluxo de migração para o Nordeste? In: MOREIRA, Ivan Targino; MONTE, Paulo Aguiar do. (Org.) **Dinâmicas do mercado de trabalho do Nordeste**. João Pessoa: Editora Universitária, 2009, p. 73-83.
- SOUSA, Tanara Rosângela Vieira; MAIA, Sinézio Fernandes. Uma investigação dos determinantes da redução da taxa de mortalidade infantil nos estados da Região Nordeste do Brasil. In: **I Congresso da Associação Latino-Americana de População, 2004, Caxambu – MG. I Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población – ALAP**. Anais. Campinas: ABEP, 2004.
- MONTE, Paulo Aguiar do. (Org.) **Dinâmicas do mercado de trabalho do Nordeste**. João Pessoa: Editora Universitária, 2009, p. 73-83.
- TEIXEIRA, Pery. Mortalidade na infância no Nordeste dos anos trinta aos noventa: um estudo de tendências. In: **X Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1996, Caxambu – MG**. Anais Belo Horizonte, 1996. p. 1971-1986.

- \_\_\_\_\_. **Diferenciais Intra-Regionais e Sócio-Econômicos de Mortalidade na Infância nas Microrregiões Homogêneas do Nordeste, 1965-1975.** Tese (Doutorado), Universidade Federal de Minas Gerais, 1997.
- \_\_\_\_\_, (Org.) **Mortalidade infantil: fontes, metodologias e resultados.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana; 1998a.
- \_\_\_\_\_. Mortalidade na Infância, Relações Produtivas e Pobreza no Nordeste: Um Estudo Estatístico e Sócio-Econômico. In: **Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1998, Caxambu.** Anais. Belo Horizonte: ABEP, 1998b.
- TRUSSELL, T. James. **A re-estimation of the multiplying factors of the Brass technique for determining survivorship rates.** Population Studies, v. 19, n.3, p. 97-107, 1975.
- UNITED NATIONS. **Human Development Report 2005.** New York: UNDP, 2005.
- \_\_\_\_\_. **World mortality report 2013.** New York: United Nations, 2013.
- VALONGUEIRO, Sandra; AGUIAR, Marta Vaz de. Estimativa da Cobertura do Registro de Óbitos Através do Sim/MS para os Estados do Nordeste, 1991. In: **Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1998, Caxambu.** Anais. Belo Horizonte: ABEP, 1998.
- VERGOLINO, José Raimundo; DANTAS, Marcelo. Os determinantes do processo de urbanização da região nordeste do Brasil: 1970 – 1996. **Revista de Economia, Curitiba, v.31, n.2, p.7-33, jul./dez. 2005.**
- WILSON, Robert Hines. Crescimento populacional e urbanização no Nordeste do Brasil: 1940-1980. **Cadernos de Estudos Sociais, Recife.** v.5, n.2, p.245-283, 1989.
- WONG, Laura Lída Rodríguez. A transição da fecundidade no Norte e Nordeste do Brasil. In: SANTOS, Taís de Freitas (Org.) **Dinâmica populacional das regiões Norte e Nordeste: Questões atuais e emergentes.** Recife: FJN, 2000, p. 107-138.
- \_\_\_\_\_. A fecundidade no Nordeste – Perspectivas do seu nível no curto ou médio prazo. In: BARBOSA, Lára de Melo. (Org.). **Questões Contemporâneas da dinâmica populacional do Nordeste.** 1ed. Natal: EDUFRN, 2006, v. 1, p. 11-26.

## **Anexo 1 – Definições e Conceitos**

Emigrante – pessoa de uma determinada área que a deixa em direção a outra área com o objetivo de estabelecer uma nova residência permanente ou temporária.

Esperança de Vida à Idade  $x$  – Número médio de anos que uma pessoa espera viver após ter atingido uma determinada idade ( $x$ ), se as suas chances de morrer são aquelas dadas pelas taxas específicas de mortalidade que prevalecem no momento considerado.

Esperança de Vida ao Nascer – Número médio de anos que um recém-nascido espera viver, se as suas chances de morrer são aquelas dadas pelas taxas específicas de mortalidade que prevalecem no momento considerado.

Fecundidade – é a capacidade de gerar um nascido vivo.

Fecundidade de reposição – o nível de fecundidade que garante a reposição de uma mulher, em torno de 2,1 filhos por mulher entre 15 e 49 anos de idades.

Fertilidade – é a capacidade biológica de gerar nascimentos.

Geração – Duração média de uma geração – intervalo médio entre sucessivas gerações – é aproximadamente a idade média dos pais ao nascimento dos seus filhos – em torno de 30 anos.

Grau de Urbanização – proporção da população urbana em relação á população total.

Idade – o tempo transcorrido desde o nascimento de uma pessoa. A Idade exata de uma pessoa é o número de dias, meses e anos passados desde o nascimento da mesma.

Idade completa – o número de anos completados pelo indivíduo em seu último aniversário.

Idade reprodutiva – para as mulheres, período entre a menarca (puberdade – entre os homens) e a menopausa (andropausa – entre os homens). Em demografia considera-se o período reprodutivo feminino entre os 15 e os 50 anos incompletos, uma vez que, estatisticamente, é nesse intervalo que se concentra a quase totalidade dos nascimentos.

Imigrante – pessoa de uma determinada área que adentra outra área com o objetivo de estabelecer uma nova residência permanente ou temporária.

Índice de Envelhecimento ou índice de Idosos – proporção da população idosa em relação à população jovem, usualmente expressa como a relação entre a população de 65 anos e mais e a menor de 15 anos de idade.

Migração – é a mudança de uma pessoa de uma determinada área em direção a outra área com o objetivo de estabelecer uma nova ou temporária residência.

Nascido Vivo – nascimento vivo é a expulsão ou extração completa de um produto de concepção do corpo materno, independentemente da duração da gravidez, o qual, depois da separação, respire ou dê qualquer outro sinal de vida, tal como batimentos do coração, pulsações do cordão umbilical ou movimentos efetivos dos músculos de contração voluntária, estando ou não cortado o cordão umbilical e estando ou não desprendida a placenta. (OMS)

Natalidade – total dos nascidos vivos.

Nível – referente à posição de uma curva no gráfico.

Óbito – É o desaparecimento definitivo de algum sinal de vida em qualquer momento posterior ao nascimento, qual seja, a cessação das funções vitais sem a possibilidade de ressuscitação. (OMS)

Padrão – referente ao formato de uma curva no gráfico.

Pirâmide Etária – Distribuição etária ou Composição etária ou Estrutura etária ou Pirâmide populacional – composição em termos absolutos ou distribuição proporcional (normalmente percentual) da população total por idade (ou grupos de idade) e sexo.

População – Um grupo de indivíduos que coexistem, em um determinado momento e definido de acordo com variados critérios. O termo população usualmente refere-se ao conjunto de habitantes de uma área específica (estado, município, cidade, etc.), mas também é utilizado em relação a subpopulações de uma dada população – por exemplo, população feminina ou população estudantil. (PRESSAT, 1985).

População Aberta – população com fluxos migratórios não nulos.

População Rural – População residente em perímetros não definidos como urbanos pelas autoridades municipais.

População Urbana – População residente em perímetros definidos como urbanos pelas autoridades municipais.

Razão de Sexo – relação entre a população masculina e feminina total ou em determinada idade ou grupos de idades.

RIDE – Região Integrada de Desenvolvimento – instituída por legislação federal específica, formada por municípios de mais de uma unidade da federação integrantes de um mesmo complexo social e geoeconômico, com objetivo de articular e harmonizar ações federais, estaduais e municipais.

Saldo Líquido Migratório – Diferença entre Imigrantes e Emigrantes, em uma unidade de tempo, em uma determinada população.

SIDRA – Sistema IBGE de Recuperação Automática – Sistema de Informação desenvolvido pelo IBGE que visa facilitar aos administradores públicos e à sociedade em geral, através da Internet, a obtenção gratuita dos dados agregados de estudos e pesquisas realizados pelo IBGE.

Taxa Bruta de Natalidade – número anual de nascidos vivos em relação à população de uma determinada área no meio do ano.

Taxa Bruta de Mortalidade – número anual de óbitos que ocorrem em uma determinada população em relação a esta população no meio do ano.

Taxa de Crescimento Populacional – variação geométrica média anual da população em um intervalo de tempo.

Taxa Específica de Fecundidade – número anual de nascimentos vivos que ocorrem entre as mulheres de uma determinada idade ou grupos de idade em relação às mulheres dessa idade ou grupo etário.

Taxa Específica de Mortalidade – Número anual de óbitos que ocorrem em uma população de uma determinada idade ou grupos de idade em relação à população dessa idade ou grupo etário no meio do ano

Taxa de Fecundidade Total – Número médio de filhos que uma mulher que sobrevive por toda a sua vida reprodutiva terá, se experimentar o conjunto de taxas específicas de fecundidade por idade que prevalece no momento considerado.

Taxa de Fecundidade de Reposição – o número de filhos que assegura a reposição das mulheres, aproximado como 2,1. Esse valor se deriva de que a cada 2,05 nascimentos, aproximadamente um será de mulher, ao qual se soma uma fração adicional contabilizando a possibilidade do óbito feminino ocorrer antes da mesma adentrar o período reprodutivo.

Taxa Líquida de Migração – Saldo Líquido Migratório observado em uma unidade de tempo em relação à população em observação no meio do período

Taxa de Mortalidade Infantil – Número anual de óbitos de menores de um ano de idade em relação a cada 1000 nascidos vivos durante este mesmo ano.

Taxa de Urbanização – Variação do Grau de Urbanização em um dado intervalo de tempo.

## Anexo 2- Dados por Estados

Tabela 52 – Maranhão – População por sexo segundo grupos de idades – 1970/2010

Grupos de Idades	Homens					Mulheres				
	1970	1980	1991	2000	2010	1970	1980	1991	2000	2010
0 a 4	254.578	354.078	368.118	351.026	322.910	254.658	349.613	361.736	342.366	313.617
5 a 9	232.681	293.914	382.437	343.121	343.569	227.549	288.005	374.431	338.222	329.957
10 a 14	197.485	261.723	342.438	370.550	367.682	196.414	263.285	344.666	365.778	357.650
15 a 19	163.909	218.924	267.634	359.321	342.969	174.302	226.084	268.948	350.593	339.382
20 a 24	127.272	163.565	203.449	276.080	326.801	136.066	175.640	211.496	270.286	329.327
25 a 29	101.325	130.590	163.708	198.883	293.407	104.096	139.873	176.811	205.063	301.630
30 a 34	89.007	109.238	137.573	170.305	245.775	88.035	111.953	147.844	180.525	254.663
35 a 39	76.729	95.227	119.387	150.907	197.718	77.096	98.573	127.768	161.933	205.686
40 a 44	66.130	88.721	103.791	127.276	173.463	61.166	85.422	104.884	136.862	182.567
45 a 49	49.418	68.454	83.610	108.397	147.658	46.066	64.895	84.164	113.809	157.652
50 a 54	42.238	56.452	71.249	88.349	123.486	38.400	52.586	70.806	90.097	132.832
55 a 59	31.516	42.728	56.330	73.083	103.269	30.089	39.293	58.422	78.849	113.463
60 a 64	26.691	33.350	45.627	63.827	83.281	24.718	33.129	45.763	67.071	89.314
65 a 69	16.207	32.367	40.515	49.527	67.678	14.943	31.435	39.466	50.459	69.397
70 a 74	9.461	22.288	28.231	34.803	51.424	10.212	21.771	28.582	36.147	54.534
75 a 79	4.188	12.369	18.217	23.967	33.998	4.295	13.684	19.756	24.561	36.981
80 ou mais	4.859	5.176	14.551	25.068	36.427	6.556	7.190	17.845	30.439	44.624

Fonte: IBGE. Censo Demográficos, 1970/2010 – Sidra.

Tabela 53 – Piauí – População por sexo segundo grupos de idades – 1970/2010

Grupos de Idades	Homens					Mulheres				
	1970	1980	1991	2000	2010	1970	1980	1991	2000	2010
0 a 4	151.758	179.680	172.532	153.554	126.224	150.382	178.057	168.695	148.247	122.169
5 a 9	135.512	158.555	184.608	153.406	138.837	133.087	156.109	180.316	149.560	133.177
10 a 14	114.426	147.499	175.344	176.456	157.977	115.426	150.166	177.578	173.389	151.454
15 a 19	90.192	125.002	147.650	174.571	152.138	97.307	131.159	153.084	170.717	149.871
20 a 24	68.298	84.645	105.730	136.185	148.930	76.213	95.455	117.393	139.567	152.956
25 a 29	51.425	64.453	89.054	100.848	135.131	54.778	73.245	100.041	107.516	140.465
30 a 34	43.243	54.921	73.101	90.434	120.013	46.675	60.264	82.166	98.578	126.611
35 a 39	35.915	46.733	62.591	82.524	100.098	39.320	50.148	70.083	90.625	106.392
40 a 44	32.772	41.777	54.867	70.188	90.863	33.367	44.633	59.695	77.193	98.826
45 a 49	25.991	33.062	45.230	59.132	80.829	25.580	35.310	48.251	65.155	88.646
50 a 54	21.297	29.662	37.763	50.193	67.264	22.430	30.652	40.532	53.885	75.969
55 a 59	19.217	23.213	30.434	39.917	56.666	18.980	22.745	34.152	44.569	65.082
60 a 64	14.316	17.738	25.943	35.411	47.143	14.244	19.350	27.930	39.502	51.940
65 a 69	9.804	17.327	21.838	25.697	36.157	9.438	17.907	22.322	30.115	41.319
70 a 74	6.094	12.011	14.809	21.068	29.139	6.304	11.736	15.745	23.101	33.291
75 a 79	3.295	7.714	10.795	14.387	18.358	3.426	7.717	12.134	15.710	23.128
80 ou mais	3.250	3.981	8.989	14.424	22.658	4.400	4.764	10.742	17.603	28.641

Fonte: IBGE. Censo Demográficos, 1970/2010 – Sidra

. Tabela 54 – Ceará – População por sexo segundo grupos de idades – 1970/2010

Grupos de Idades	Homens					Mulheres				
	1970	1980	1991	2000	2010	1970	1980	1991	2000	2010
0 a 4	379.218	402.286	421.840	408.829	329.246	373.027	396.368	410.628	394.506	315.455
5 a 9	342.129	365.793	421.174	418.512	354.667	337.752	359.621	414.644	404.384	341.710
10 a 14	274.113	359.502	396.397	436.642	431.182	278.914	361.110	396.412	430.043	416.282
15 a 19	228.897	313.166	338.232	411.331	425.388	249.055	327.898	350.924	410.139	421.265
20 a 24	181.041	204.383	269.281	335.237	406.469	205.601	236.705	295.715	347.531	416.392
25 a 29	128.963	160.928	239.874	273.281	364.404	147.968	186.911	266.110	291.368	378.568
30 a 34	115.103	142.644	185.473	253.848	320.119	130.394	161.173	209.038	275.373	337.976
35 a 39	91.219	118.589	156.422	231.925	277.660	104.138	133.836	180.426	251.232	298.600
40 a 44	89.436	110.954	141.986	177.957	258.887	96.632	123.987	160.375	201.138	282.238
45 a 49	75.281	82.244	113.024	149.326	228.540	76.284	94.127	127.147	170.330	250.651
50 a 54	58.213	81.195	99.521	130.768	172.439	59.384	89.240	113.268	146.574	201.189
55 a 59	50.563	67.643	76.738	101.655	144.991	50.882	69.497	91.493	120.266	168.847
60 a 64	40.854	47.368	69.147	91.965	124.147	40.177	50.739	80.370	109.065	142.333
65 a 69	28.668	44.908	62.129	66.024	93.054	28.275	46.521	68.051	80.298	113.271
70 a 74	20.949	31.807	40.834	57.152	75.849	22.089	32.492	44.415	69.653	95.052
75 a 79	11.694	21.956	30.398	42.637	48.599	12.338	23.316	34.202	49.495	64.232
80 ou mais	11.536	15.347	27.773	41.395	64.447	15.373	18.869	33.186	51.719	88.230

Fonte: IBGE. Censo Demográficos, 1970/2010 – Sidra.

Tabela 55 – Rio Grande do Norte – População por sexo segundo grupos de idades – 1970/2010

Grupos de Idades	Homens					Mulheres				
	1970	1980	1991	2000	2010	1970	1980	1991	2000	2010
0 a 4	133.209	140.060	152.053	141.860	120.334	129.963	137.730	148.672	136.668	115.502
5 a 9	120.229	127.532	156.023	145.098	130.533	120.413	125.192	152.909	140.803	125.350
10 a 14	95.824	127.010	146.015	158.096	149.651	99.470	127.714	145.979	155.428	143.979
15 a 19	77.038	113.841	128.481	155.086	149.873	84.695	118.172	131.201	153.727	147.365
20 a 24	62.183	76.871	110.269	129.870	155.008	72.959	84.877	115.204	130.893	154.457
25 a 29	44.086	55.942	96.507	106.743	142.876	51.859	64.991	105.147	112.039	145.247
30 a 34	38.116	51.286	75.875	101.948	124.046	45.732	58.729	82.433	108.139	129.107
35 a 39	31.052	41.927	59.040	93.068	108.557	36.153	48.112	66.927	99.758	115.149
40 a 44	32.180	37.975	53.807	70.602	103.594	35.358	43.810	61.350	78.025	111.387
45 a 49	28.795	28.038	42.149	55.323	91.273	29.642	32.347	47.692	62.754	99.905
50 a 54	24.446	29.541	36.566	50.476	68.876	24.134	32.216	42.068	56.485	78.153
55 a 59	20.310	25.984	27.034	37.824	52.604	19.216	26.779	33.044	45.958	61.760
60 a 64	15.884	20.799	25.933	33.169	47.136	14.448	20.946	30.131	40.396	56.292
65 a 69	11.982	19.701	24.722	23.189	33.996	11.172	19.027	27.065	28.592	42.251
70 a 74	8.761	13.396	18.428	22.216	27.558	8.640	13.437	18.799	26.267	34.304
75 a 79	5.110	9.315	13.527	17.152	16.632	4.850	9.431	14.275	19.095	23.266
80 ou mais	4.823	6.706	12.289	18.282	26.339	6.006	7.438	13.953	22.478	35.669

Fonte: IBGE. Censo Demográficos, 1970/2010 – Sidra.

Tabela 56 – Paraíba – População por sexo segundo grupos de idades – 1970/2010

Grupos de Idades	Homens					Mulheres				
	1970	1980	1991	2000	2010	1970	1980	1991	2000	2010
0 a 4	200.662	211.155	198.460	171.663	148.108	199.535	209.338	195.113	166.789	143.036
5 a 9	178.947	194.702	208.525	180.197	160.086	178.674	191.877	203.693	175.278	154.067
10 a 14	148.477	186.143	203.965	196.867	177.289	153.104	188.660	203.948	193.107	171.295
15 a 19	124.443	158.405	178.545	196.505	177.707	139.208	164.635	182.436	192.602	175.151
20 a 24	89.275	99.178	132.768	159.533	171.442	111.743	116.635	146.648	163.788	174.689
25 a 29	63.171	75.727	112.903	125.926	160.331	79.420	92.668	125.306	134.653	167.015
30 a 34	56.961	66.797	88.503	115.261	144.234	71.260	79.966	99.905	126.817	153.314
35 a 39	46.934	57.737	75.668	105.176	125.367	59.130	70.080	88.720	114.176	135.280
40 a 44	48.592	55.409	68.578	83.140	115.992	55.880	67.030	79.522	93.606	127.882
45 a 49	43.363	41.266	55.195	69.774	101.963	47.365	50.433	65.902	81.742	112.429
50 a 54	39.115	42.488	50.006	61.873	80.238	39.566	49.501	60.538	72.876	91.019
55 a 59	30.824	38.402	38.256	50.767	66.186	30.325	41.728	48.255	62.250	81.309
60 a 64	25.268	31.316	36.435	44.651	58.797	23.755	33.061	45.081	58.358	71.286
65 a 69	17.880	31.200	35.238	32.923	44.764	17.565	31.043	39.869	40.839	56.293
70 a 74	13.422	20.074	27.110	29.087	36.862	13.463	19.682	29.081	36.431	48.919
75 a 79	7.223	13.865	19.995	23.496	22.885	7.333	15.353	21.012	27.421	32.393
80 ou mais	6.946	9.755	16.407	25.612	32.129	9.350	11.371	19.528	31.608	46.772

Fonte: IBGE. Censo Demográficos, 1970/2010 – Sidra.

Tabela 57 – Pernambuco – População por sexo segundo grupos de idades – 1970/2010

Grupos de Idades	Homens					Mulheres				
	1970	1980	1991	2000	2010	1970	1980	1991	2000	2010
0 a 4	418.154	459.647	428.390	404.354	345.253	417.581	453.506	421.124	393.754	332.602
5 a 9	383.924	425.980	450.020	407.068	378.382	382.659	422.831	441.690	397.927	366.540
10 a 14	323.253	400.711	444.647	436.759	423.518	335.102	405.676	443.394	429.324	411.581
15 a 19	267.560	343.967	397.918	442.466	407.321	298.443	362.827	407.349	438.605	406.078
20 a 24	207.998	244.802	313.733	380.763	402.720	243.367	277.490	339.492	389.475	414.830
25 a 29	149.800	187.862	266.447	309.715	379.007	181.228	222.461	296.579	333.565	401.078
30 a 34	134.562	161.516	217.510	273.694	345.039	159.099	186.247	244.062	305.178	372.477
35 a 39	114.658	138.914	181.043	246.284	301.392	138.938	162.016	213.771	277.050	333.467
40 a 44	112.515	131.362	161.048	202.100	271.348	123.285	151.904	184.668	230.618	305.918
45 a 49	95.372	99.879	128.068	164.910	233.884	97.688	116.342	148.690	197.119	268.189
50 a 54	84.153	96.834	113.547	143.756	189.821	84.962	108.550	134.490	170.812	225.006
55 a 59	63.081	81.135	85.374	110.620	153.700	63.218	83.631	105.733	136.791	190.539
60 a 64	50.303	64.458	79.002	96.307	128.302	51.156	68.697	95.571	123.468	159.365
65 a 69	34.503	55.573	67.977	70.137	95.894	34.478	58.776	77.711	93.496	124.321
70 a 74	22.928	35.853	49.018	59.951	73.732	25.490	41.438	55.964	74.076	99.982
75 a 79	11.314	23.625	32.638	41.822	45.511	12.601	28.254	37.977	49.053	66.360
80 ou mais	10.558	13.855	26.336	40.675	55.857	16.093	19.865	36.874	57.459	87.435

Fonte: IBGE. Censo Demográficos, 1970/2010 – Sidra.

Tabela 58 – Alagoas – População por sexo segundo grupos de idades – 1970/2010

Grupos de Idades	Homens					Mulheres				
	1970	1980	1991	2000	2010	1970	1980	1991	2000	2010
0 a 4	137.030	163.276	168.109	169.254	138.341	137.835	164.313	166.681	166.582	134.144
5 a 9	120.482	145.219	173.754	163.939	152.700	121.042	145.016	172.185	161.541	147.599
10 a 14	101.281	133.283	164.677	166.212	170.849	103.454	134.152	166.859	166.243	167.019
15 a 19	86.551	108.682	143.266	165.412	156.145	94.692	114.400	148.752	165.253	156.806
20 a 24	67.108	79.766	113.288	136.735	140.410	72.628	87.717	121.912	140.682	149.294
25 a 29	49.164	63.968	92.188	105.392	131.143	54.761	69.685	99.581	113.356	141.271
30 a 34	40.301	52.485	74.045	93.700	117.927	44.170	55.882	80.319	102.714	128.946
35 a 39	34.229	45.205	63.533	81.866	99.880	40.324	48.953	70.440	89.847	111.709
40 a 44	32.343	39.463	55.324	66.844	91.157	33.708	42.259	57.646	74.462	102.115
45 a 49	26.462	29.807	43.399	56.517	76.413	25.754	33.422	46.039	62.522	85.210
50 a 54	23.769	26.606	34.994	48.017	61.408	23.900	29.225	38.111	50.722	71.684
55 a 59	17.779	21.730	26.104	35.386	51.957	16.782	22.031	31.631	41.291	60.200
60 a 64	16.547	18.087	22.947	28.905	42.436	16.034	18.846	27.386	35.085	46.746
65 a 69	9.724	18.905	19.368	21.980	30.675	9.568	18.746	21.081	26.934	36.506
70 a 74	6.925	12.233	14.394	16.742	21.360	7.177	12.584	15.436	19.487	26.598
75 a 79	3.091	7.292	10.466	11.529	13.216	3.362	7.382	10.930	13.276	20.648
80 ou mais	3.298	3.911	8.647	12.908	15.751	4.553	5.768	10.608	16.522	22.234

Fonte: IBGE. Censo Demográficos, 1970/2010 – Sidra.

Tabela 59 – Sergipe – População por sexo segundo grupos de idades – 1970/2010

Grupos de Idades	Homens					Mulheres				
	1970	1980	1991	2000	2010	1970	1980	1991	2000	2010
0 a 4	77.237	92.459	97.432	100.083	86.246	76.785	91.019	94.799	96.627	82.647
5 a 9	70.977	84.211	100.487	98.765	91.038	70.104	81.868	98.496	96.118	88.069
10 a 14	59.273	78.084	96.815	103.229	105.915	60.628	77.687	96.418	101.237	102.294
15 a 19	49.383	64.718	83.582	102.731	101.231	52.306	67.155	85.838	102.121	100.857
20 a 24	33.965	44.610	70.537	87.629	98.894	39.573	49.106	73.541	89.174	101.799
25 a 29	25.231	35.465	57.882	71.273	91.933	29.727	39.564	62.512	75.538	97.490
30 a 34	19.945	29.573	46.187	64.648	81.659	23.521	31.744	49.464	69.083	88.689
35 a 39	18.287	25.019	38.012	55.857	70.585	22.654	27.830	41.436	60.467	77.912
40 a 44	16.909	21.172	32.357	44.664	64.859	19.988	24.056	34.450	47.928	71.092
45 a 49	15.093	16.800	25.403	35.996	54.215	16.514	19.759	27.470	39.721	59.923
50 a 54	13.553	14.803	20.052	30.145	43.158	14.202	17.757	22.418	32.349	48.818
55 a 59	10.757	13.285	15.665	22.487	33.602	10.255	13.929	19.441	25.987	39.093
60 a 64	9.648	10.466	13.149	17.510	27.010	10.045	11.802	16.412	21.909	32.237
65 a 69	6.495	10.840	11.632	13.444	19.783	6.279	10.931	13.631	17.321	23.889
70 a 74	4.722	7.707	8.599	10.042	14.287	4.740	8.503	9.760	13.440	18.030
75 a 79	2.003	4.683	6.422	7.643	9.467	2.108	5.495	7.196	9.439	13.309
80 ou mais	2.306	2.955	6.292	8.836	11.157	3.832	3.944	8.089	11.389	16.828

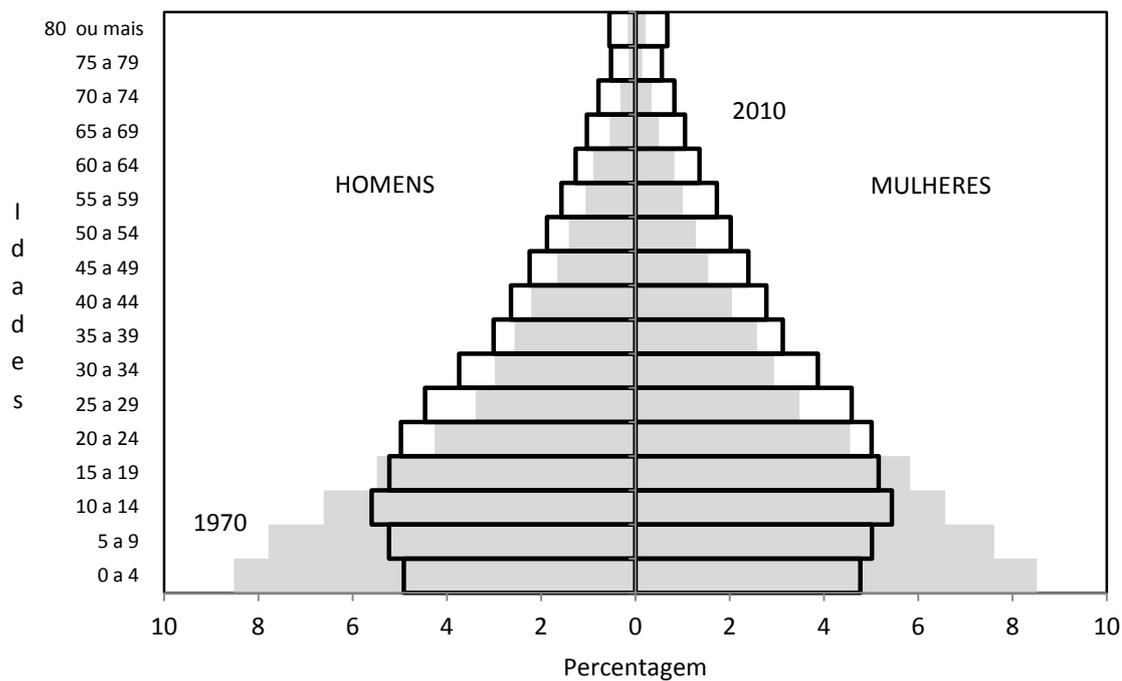
Fonte: IBGE. Censo Demográficos, 1970/2010 – Sidra.

Tabela 60 – Bahia – População por sexo segundo grupos de idades – 1970/2010

Grupos de Idades	Homens					Mulheres				
	1970	1980	1991	2000	2010	1970	1980	1991	2000	2010
0 a 4	637.186	775.565	734.184	669.958	539.406	626.321	763.358	716.440	650.053	522.234
5 a 9	576.984	684.987	831.166	699.390	606.662	568.768	669.494	810.301	677.249	584.494
10 a 14	489.007	628.735	813.873	756.991	681.776	497.541	627.055	804.257	738.154	657.784
15 a 19	390.300	523.837	669.378	803.120	667.977	431.846	542.760	672.464	784.122	658.343
20 a 24	299.404	396.003	526.994	661.891	646.448	344.262	423.623	547.050	652.942	657.261
25 a 29	228.527	303.508	436.538	499.473	642.836	262.104	326.301	462.705	518.217	666.365
30 a 34	191.514	254.780	370.419	449.355	573.233	214.091	269.644	391.102	473.931	598.062
35 a 39	169.970	217.077	302.534	403.888	478.266	194.264	234.757	326.236	424.803	504.427
40 a 44	161.792	198.959	268.061	344.376	439.256	165.506	207.948	277.438	362.624	464.361
45 a 49	128.596	153.193	211.435	276.323	378.517	127.765	164.798	223.752	293.134	402.448
50 a 54	115.479	139.761	177.116	231.299	318.190	112.820	143.749	188.224	248.755	347.058
55 a 59	89.798	108.193	134.494	182.681	251.642	83.885	106.941	154.940	203.310	279.851
60 a 64	71.361	87.916	117.424	152.483	205.355	71.886	90.613	132.736	175.872	230.346
65 a 69	45.174	82.240	98.175	115.150	158.504	44.816	84.876	105.716	137.662	183.109
70 a 74	30.121	54.884	71.031	91.220	118.810	34.308	58.133	78.365	108.524	143.570
75 a 79	14.156	31.509	50.627	61.832	77.053	17.014	35.827	57.446	72.183	102.759
80 ou mais	18.012	20.335	44.458	69.854	94.335	27.096	29.339	60.912	94.950	136.169

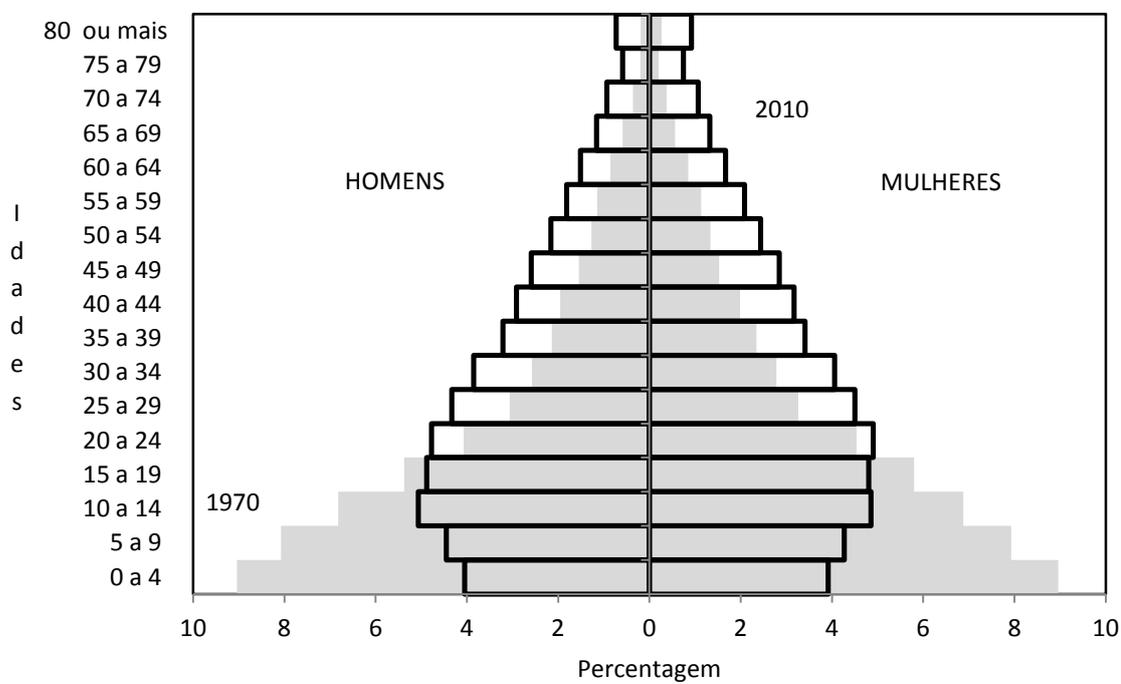
Fonte: IBGE. Censo Demográficos, 1970/2010 – Sidra.

Gráfico 27 – Maranhão – Pirâmide de Idades – 1970 e 2010



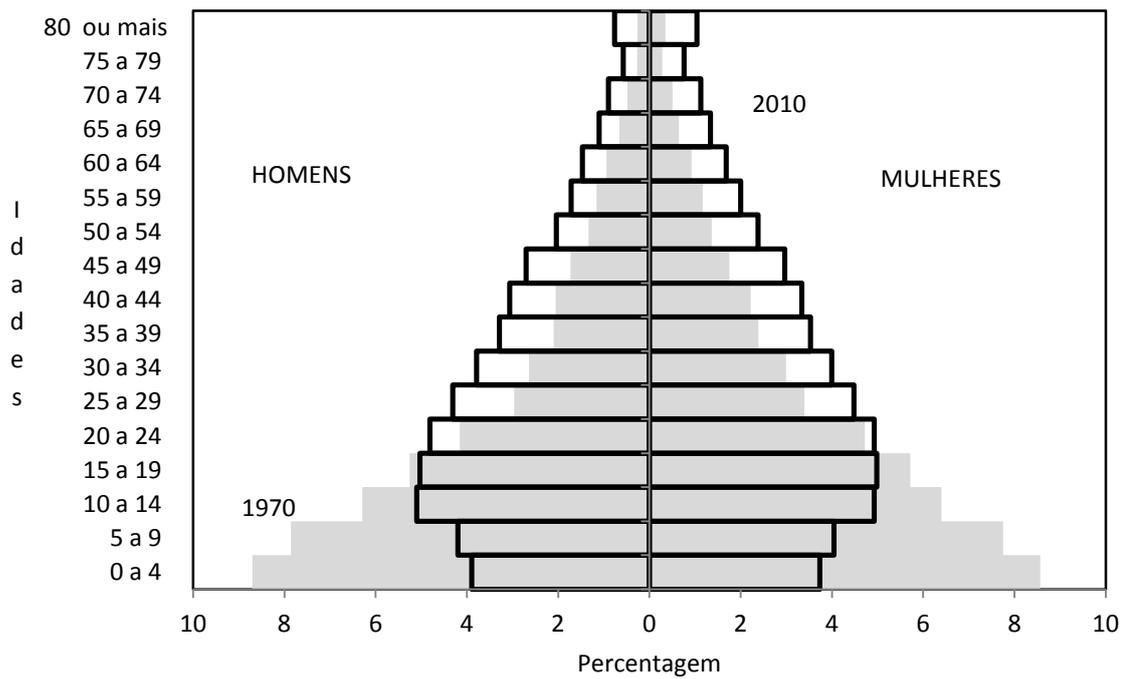
Fonte: Tabela 52

Gráfico 28 – Piauí – Pirâmide de Idades – 1970 e 2010



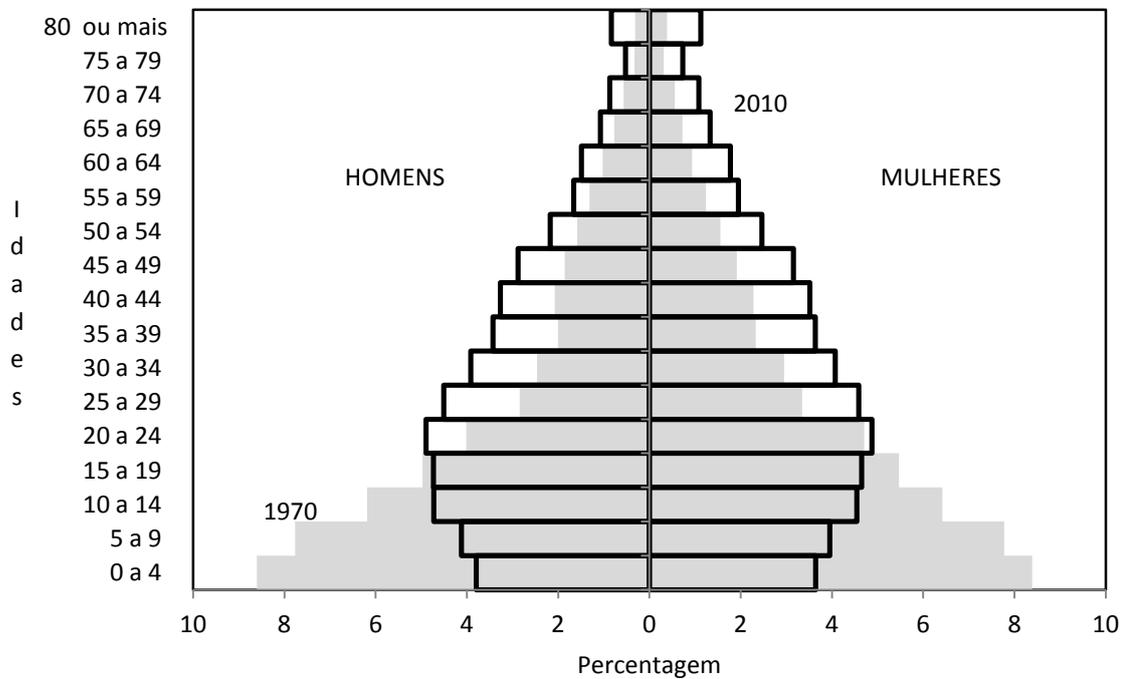
Fonte: Tabela 53

Gráfico 29 – Ceará – Pirâmide de Idades – 1970 e 2010



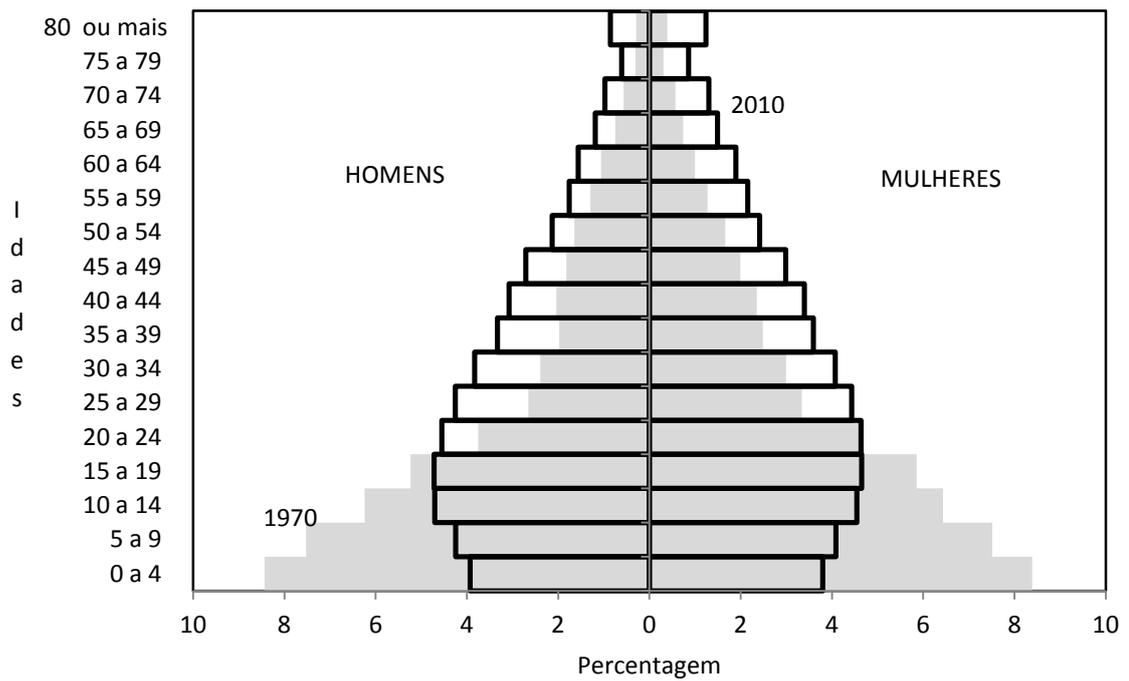
Fonte: . Tabela 54

Gráfico 30 – Rio Grande do Norte – Pirâmide de Idades – 1970 e 2010



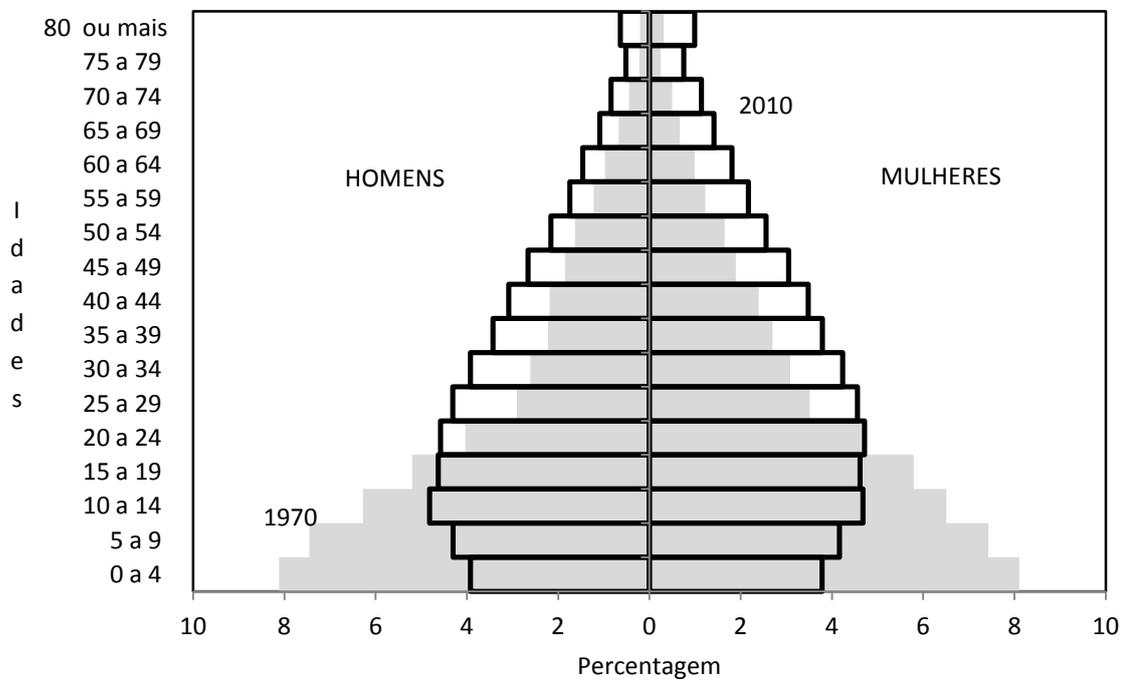
Fonte: Tabela 55

Gráfico 31 – Paraíba – Pirâmide de Idades – 1970 e 2010



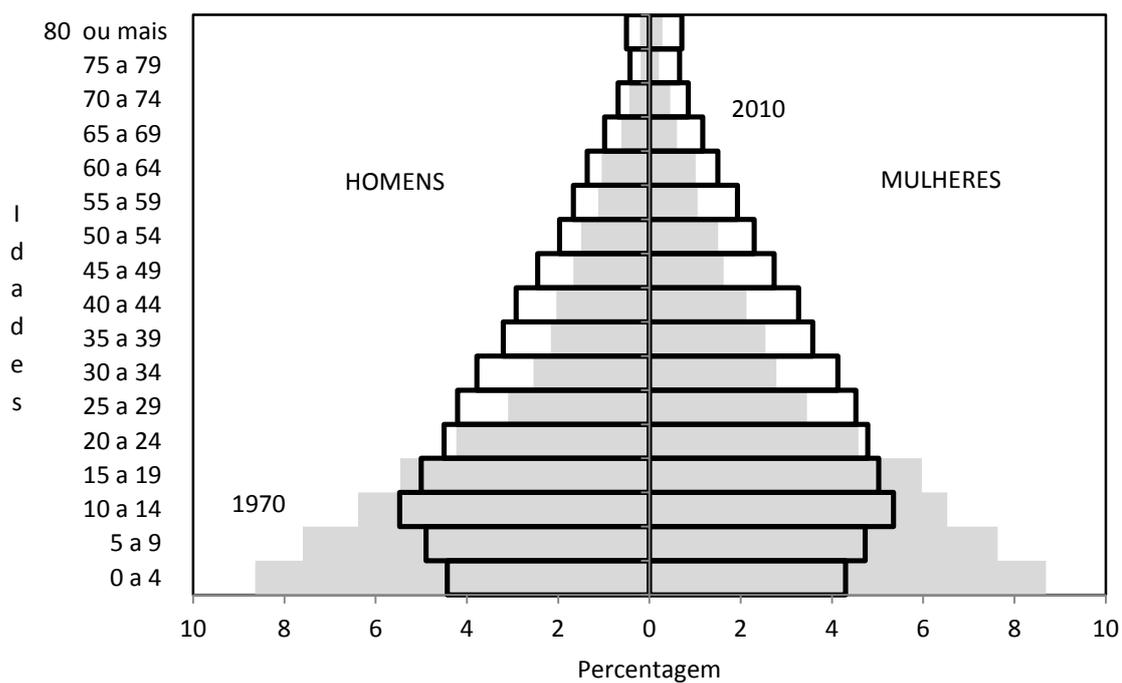
Fonte: Tabela 56

Gráfico 32 – Pernambuco – Pirâmide de Idades – 1970 e 2010



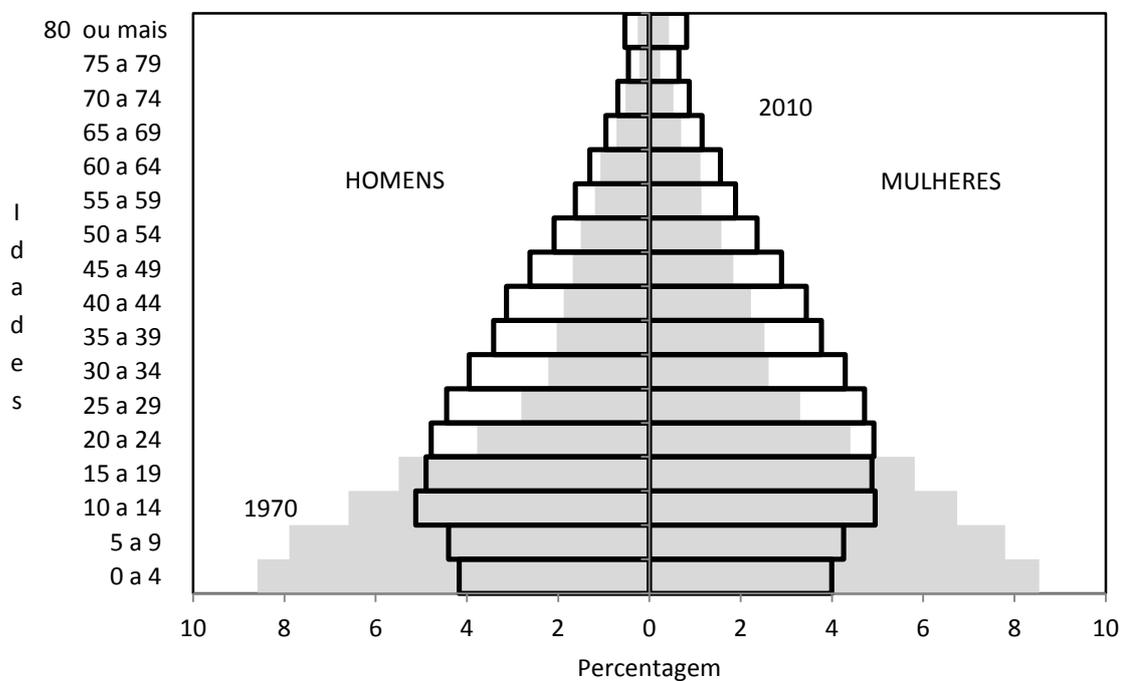
Fonte: Tabela 57

Gráfico 33 – Alagoas – Pirâmide de Idades – 1970 e 2010



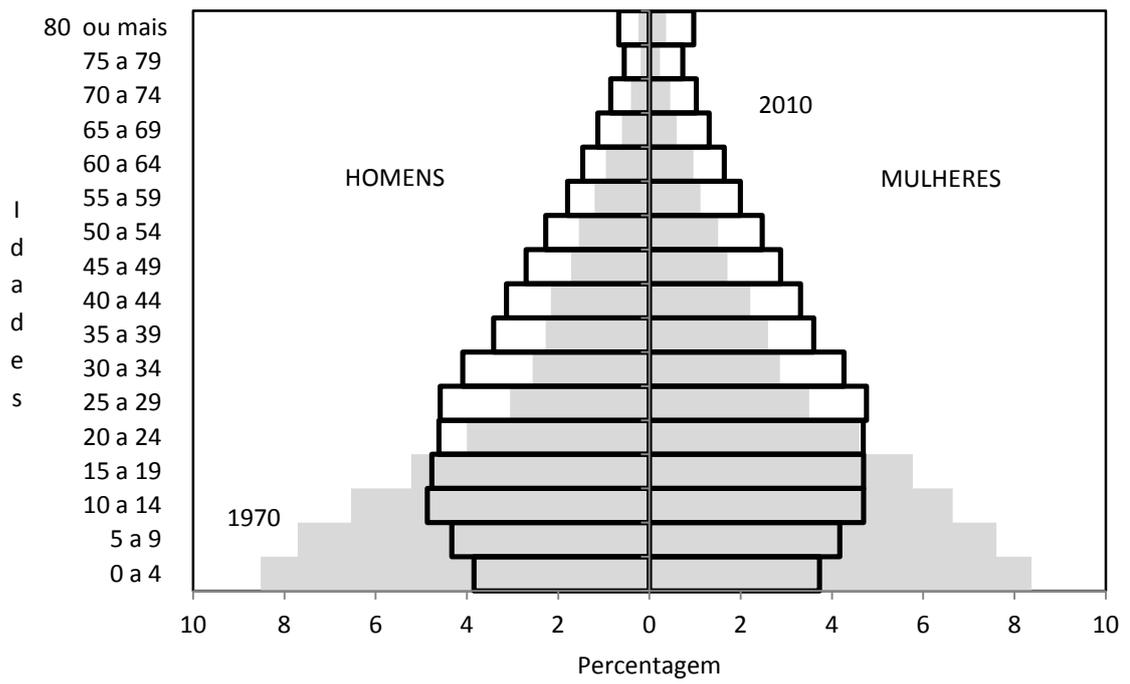
Fonte: Tabela 58

Gráfico 34 – Sergipe – Pirâmide de Idades – 1970 e 2010



Fonte: Tabela 59

Gráfico 35 – Bahia – Pirâmide de Idades – 1970 e 2010



Fonte: Tabela 60

Tabela 61 – Nordeste e Unidades da Federação – Esperança de vida ao nascer por sexo implícitos na projeção da população – 2015-2030

Região	Ano	Esperança de vida ao nascer			TMI	TFT
		Ambos	Homens	Mulheres		
Nordeste	2015	72,81	68,69	77,03	17,50	1,82
	2020	74,13	70,02	78,31	14,17	1,69
	2025	75,23	71,16	79,33	12,22	1,61
	2030	76,13	72,12	80,13	11,08	1,57
Maranhão	2015	70,28	66,56	74,25	22,37	2,17
	2020	71,67	67,96	75,57	17,81	1,93
	2025	72,93	69,24	76,74	14,81	1,76
	2030	74,04	70,39	77,76	12,88	1,65
Piauí	2015	70,87	66,79	75,10	19,72	1,77
	2020	71,76	67,47	76,17	16,98	1,65
	2025	72,60	68,15	77,13	14,89	1,58
	2030	73,38	68,83	77,99	13,30	1,55
Ceará	2015	73,62	69,69	77,62	15,07	1,76
	2020	74,68	70,75	78,65	12,31	1,64
	2025	75,60	71,70	79,51	10,70	1,58
	2030	76,37	72,54	80,21	9,77	1,55
R.G. do Norte	2015	75,48	71,49	79,54	15,34	1,74
	2020	76,57	72,60	80,56	12,68	1,64
	2025	77,41	73,52	81,29	11,38	1,58
	2030	78,04	74,26	81,81	10,74	1,55
Paraíba	2015	72,93	69,03	76,80	17,01	1,79
	2020	74,36	70,47	78,19	13,47	1,67
	2025	75,54	71,70	79,31	11,41	1,60
	2030	76,51	72,74	80,18	10,27	1,55
Pernambuco	2015	73,48	69,46	77,41	13,26	1,77
	2020	75,31	71,55	78,92	11,07	1,66
	2025	76,69	73,14	80,05	10,18	1,59
	2030	77,68	74,30	80,89	9,83	1,55
Alagoas	2015	71,23	66,53	76,07	20,86	1,94
	2020	72,98	68,26	77,76	15,56	1,77
	2025	74,45	69,80	79,09	12,78	1,66
	2030	75,65	71,13	80,11	11,40	1,60
Sergipe	2015	72,41	68,24	76,69	17,02	1,76
	2020	73,64	69,42	77,91	13,58	1,64
	2025	74,70	70,50	78,93	11,51	1,58
	2030	75,62	71,47	79,76	10,30	1,55
Bahia	2015	73,23	68,83	77,92	18,11	1,74
	2020	74,36	69,86	79,11	14,89	1,64
	2025	75,32	70,79	80,05	12,88	1,58
	2030	76,13	71,64	80,78	11,64	1,55

Fonte: IBGE. Projeção, 2013.

Tabela 62 – Maranhão – Indicadores selecionados – 2015-2030

Indicadores selecionados	2015	2020	2025	2030
Esperança de vida ao nascer – Total	70,28	71,67	72,93	74,04
Esperança de vida ao nascer – Homem	66,56	67,96	69,24	70,39
Esperança de vida ao nascer – Mulher	74,25	75,57	76,74	77,76
Taxa de Mortalidade Infantil	22,37	17,81	14,81	12,88
Taxa de Fecundidade Total	2,17	1,93	1,76	1,65
Taxa Bruta de Natalidade	19,1	16,54	14,67	13,27
Nascimentos	131.850	117.751	106.736	97.880
Taxa Bruta de Mortalidade	6,61	6,63	6,83	7,17
Óbitos	45.666	47.248	49.679	52.874
População 0 – 14 anos	2.135.833	1.979.696	1.788.377	1.617.593
População 15 – 64 anos	4.378.883	4.684.176	4.945.838	5.118.057
População 65 anos e mais	389.525	457.284	539.877	638.954
População total	6.904.241	7.121.156	7.274.092	7.374.604
Taxa de crescimento geométrico	0,89	0,62	0,42	0,27
Dependência Total	57,7	52	47,1	44,1
Dependência Jovem	48,8	42,3	36,2	31,6
Dependência Idosa	8,9	9,8	10,9	12,5
Índice de Envelhecimento	18,2	23,1	30,2	39,5

Fonte: IBGE. Projeções, 2013.

Tabela 63 – Piauí – Indicadores selecionados – 2015-2030

Indicadores selecionados	2015	2020	2025	2030
Esperança de vida ao nascer – Total	70,87	71,76	72,6	73,38
Esperança de vida ao nascer – Homem	66,79	67,47	68,15	68,83
Esperança de vida ao nascer – Mulher	75,1	76,17	77,13	77,99
Taxa de Mortalidade Infantil	19,72	16,98	14,89	13,3
Taxa de Fecundidade Total	1,77	1,65	1,58	1,55
Taxa Bruta de Natalidade	15,09	13,63	12,48	11,61
Nascimentos	48.347	44.066	40.473	37.517
Taxa Bruta de Mortalidade	7,25	7,61	8,13	8,77
Óbitos	23.232	24.626	26.357	28.343
População 0-14 anos	847.168	752.973	672.694	613.997
População 15 – 64 anos	2.133.242	2.219.651	2.262.002	2.255.715
População 65 anos e mais	222.852	261.267	307.795	362.618
População total	3.203.262	3.233.891	3.242.491	3.232.330
Taxa de crescimento geométrico	0,38	0,19	0,05	-0,06
Dependência Total	50,2	45,7	43,3	43,3
Dependência Jovem	39,7	33,9	29,7	27,2
Dependência Idosa	10,4	11,8	13,6	16,1
Índice de Envelhecimento	26,3	34,7	45,8	59,1

Fonte: IBGE. Projeções, 2013.

Tabela 64 – Ceará – Indicadores selecionados – 2015-2030

Indicadores selecionados	2015	2020	2025	2030
Esperança de vida ao nascer – Total	73,62	74,68	75,6	76,37
Esperança de vida ao nascer – Homem	69,69	70,75	71,7	72,54
Esperança de vida ao nascer – Mulher	77,62	78,65	79,51	80,21
Taxa de Mortalidade Infantil	15,07	12,31	10,7	9,77
Taxa de Fecundidade Total	1,76	1,64	1,58	1,55
Taxa Bruta de Natalidade	15,21	13,84	12,79	11,86
Nascimentos	135.485	127.055	120.192	113.487
Taxa Bruta de Mortalidade	6,44	6,65	6,99	7,49
Óbitos	57.372	61.029	65.700	71.632
População 0-14 anos	2.252.248	2.074.079	1.932.916	1.820.692
População 15 – 64 anos	5.993.395	6.333.629	6.559.739	6.648.958
População 65 anos e mais	659.582	770.655	906.605	1.096.413
População total	8.905.225	9.178.363	9.399.260	9.566.063
Taxa de crescimento geométrico	0,77	0,6	0,48	0,35
Dependência Total	48,6	44,9	43,3	43,9
Dependência Jovem	37,6	32,7	29,5	27,4
Dependência Idosa	11	12,2	13,8	16,5
Índice de Envelhecimento	29,3	37,2	46,9	60,2

Fonte: IBGE. Projeções, 2013.

Tabela 65 – Rio Grande do Norte – Indicadores selecionados – 2015-2030

Indicadores selecionados	2015	2020	2025	2030
Esperança de vida ao nascer – Total	75,48	76,57	77,41	78,04
Esperança de vida ao nascer – Homem	71,49	72,6	73,52	74,26
Esperança de vida ao nascer – Mulher	79,54	80,56	81,29	81,81
Taxa de Mortalidade Infantil	15,34	12,68	11,38	10,74
Taxa de Fecundidade Total	1,74	1,64	1,58	1,55
Taxa Bruta de Natalidade	14,77	13,45	12,42	11,54
Nascimentos	50.853	48.408	46.368	44.414
Taxa Bruta de Mortalidade	5,89	6,04	6,4	6,96
Óbitos	20.259	21.751	23.911	26.781
População 0-14 anos	841.551	787.597	743.314	708.722
População 15 – 64 anos	2.338.664	2.503.367	2.620.544	2.678.421
População 65 anos e mais	261.960	307.324	370.468	460.437
População total	3.442.175	3.598.288	3.734.326	3.847.580
Taxa de crescimento geométrico	1,06	0,89	0,74	0,6
Dependência Total	47,2	43,7	42,5	43,7
Dependência Jovem	36	31,5	28,4	26,5
Dependência Idosa	11,2	12,3	14,1	17,2
Índice de Envelhecimento	31,1	39	49,8	65

Fonte: IBGE. Projeções, 2013.

Tabela 66 – Paraíba – Indicadores selecionados – 2015-2030

Indicadores selecionados	2015	2020	2025	2030
Esperança de vida ao nascer – Total	72,93	74,36	75,54	76,51
Esperança de vida ao nascer – Homem	69,03	70,47	71,7	72,74
Esperança de vida ao nascer – Mulher	76,8	78,19	79,31	80,18
Taxa de Mortalidade Infantil	17,01	13,47	11,41	10,27
Taxa de Fecundidade Total	1,79	1,67	1,6	1,55
Taxa Bruta de Natalidade	15,17	13,61	12,42	11,5
Nascimentos	60.247	55.777	52.168	49.149
Taxa Bruta de Mortalidade	7,11	7,1	7,3	7,72
Óbitos	28.258	29.106	30.668	33.004
População 0-14 anos	1.002.374	937.087	867.215	807.229
População 15 – 64 anos	2.647.262	2.792.040	2.904.429	2.958.495
População 65 anos e mais	322.566	368.732	427.027	508.780
População total	3.972.202	4.097.859	4.198.671	4.274.504
Taxa de crescimento geométrico	0,79	0,62	0,49	0,36
Dependência Total	50	46,8	44,6	44,5
Dependência Jovem	37,9	33,6	29,9	27,3
Dependência Idosa	12,2	13,2	14,7	17,2
Índice de Envelhecimento	32,2	39,3	49,2	63

Fonte: IBGE. Projeções, 2013.

Tabela 67 – Pernambuco – Indicadores selecionados – 2015-2030

Indicadores selecionados	2015	2020	2025	2030
Esperança de vida ao nascer – Total	73,48	75,31	76,69	77,68
Esperança de vida ao nascer – Homem	69,46	71,55	73,14	74,3
Esperança de vida ao nascer – Mulher	77,41	78,92	80,05	80,89
Taxa de Mortalidade Infantil	13,26	11,07	10,18	9,83
Taxa de Fecundidade Total	1,77	1,66	1,59	1,55
Taxa Bruta de Natalidade	14,99	13,6	12,52	11,67
Nascimentos	140.118	131.200	124.023	118.025
Taxa Bruta de Mortalidade	6,48	6,4	6,61	7,06
Óbitos	60.541	61.762	65.443	71.417
População 0-14 anos	2.350.132	2.174.457	2.020.243	1.899.764
População 15 – 64 anos	6.312.051	6.662.219	6.905.820	7.020.762
População 65 anos e mais	683.420	813.928	981.418	1.192.269
População total	9.345.603	9.650.604	9.907.481	10.112.795
Taxa de crescimento geométrico	0,79	0,64	0,53	0,41
Dependência Total	48,1	44,9	43,5	44
Dependência Jovem	37,2	32,6	29,3	27,1
Dependência Idosa	10,8	12,2	14,2	17
Índice de Envelhecimento	29,1	37,4	48,6	62,8

Fonte: IBGE. Projeções, 2013.

Tabela 68 – Alagoas – Indicadores selecionados – 2015-2030

Indicadores selecionados	2015	2020	2025	2030
Esperança de vida ao nascer – Total	71,23	72,98	74,45	75,65
Esperança de vida ao nascer – Homem	66,53	68,26	69,8	71,13
Esperança de vida ao nascer – Mulher	76,07	77,76	79,09	80,11
Taxa de Mortalidade Infantil	20,86	15,56	12,78	11,4
Taxa de Fecundidade Total	1,94	1,77	1,66	1,6
Taxa Bruta de Natalidade	16,98	15,04	13,68	12,69
Nascimentos	56.716	51.416	47.549	44.609
Taxa Bruta de Mortalidade	6,52	6,55	6,78	7,18
Óbitos	21.783	22.413	23.584	25.241
População 0-14 anos	941.311	855.825	776.743	714.636
População 15 – 64 anos	2.194.732	2.316.003	2.399.816	2.436.212
População 65 anos e mais	204.459	247.861	299.453	363.266
População total	3.340.502	3.419.689	3.476.012	3.514.114
Taxa de crescimento geométrico	0,66	0,47	0,33	0,22
Dependência Total	52,2	47,7	44,8	44,2
Dependência Jovem	42,9	37	32,4	29,3
Dependência Idosa	9,3	10,7	12,5	14,9
Índice de Envelhecimento	21,7	29	38,6	50,8

Fonte: IBGE. Projeções, 2013.

Tabela 69 – Sergipe – Indicadores selecionados – 2015-2030

Indicadores selecionados	2015	2020	2025	2030
Esperança de vida ao nascer – Total	72,41	73,64	74,7	75,62
Esperança de vida ao nascer – Homem	68,24	69,42	70,5	71,47
Esperança de vida ao nascer – Mulher	76,69	77,91	78,93	79,76
Taxa de Mortalidade Infantil	17,02	13,58	11,51	10,3
Taxa de Fecundidade Total	1,76	1,64	1,58	1,55
Taxa Bruta de Natalidade	15,5	14,19	13,2	12,37
Nascimentos	34.761	33.383	32.332	31.347
Taxa Bruta de Mortalidade	6,14	6,31	6,63	7,1
Óbitos	13.777	14.838	16.238	17.986
População 0-14 anos	581.355	538.822	510.030	491.292
População 15 – 64 anos	1.525.237	1.646.734	1.734.399	1.787.116
População 65 anos e mais	136.345	166.651	205.135	255.785
População total	2.242.937	2.352.207	2.449.564	2.534.193
Taxa de crescimento geométrico	1,13	0,95	0,81	0,68
Dependência Total	47,1	42,8	41,2	41,8
Dependência Jovem	38,1	32,7	29,4	27,5
Dependência Idosa	8,9	10,1	11,8	14,3
Índice de Envelhecimento	23,5	30,9	40,2	52,1

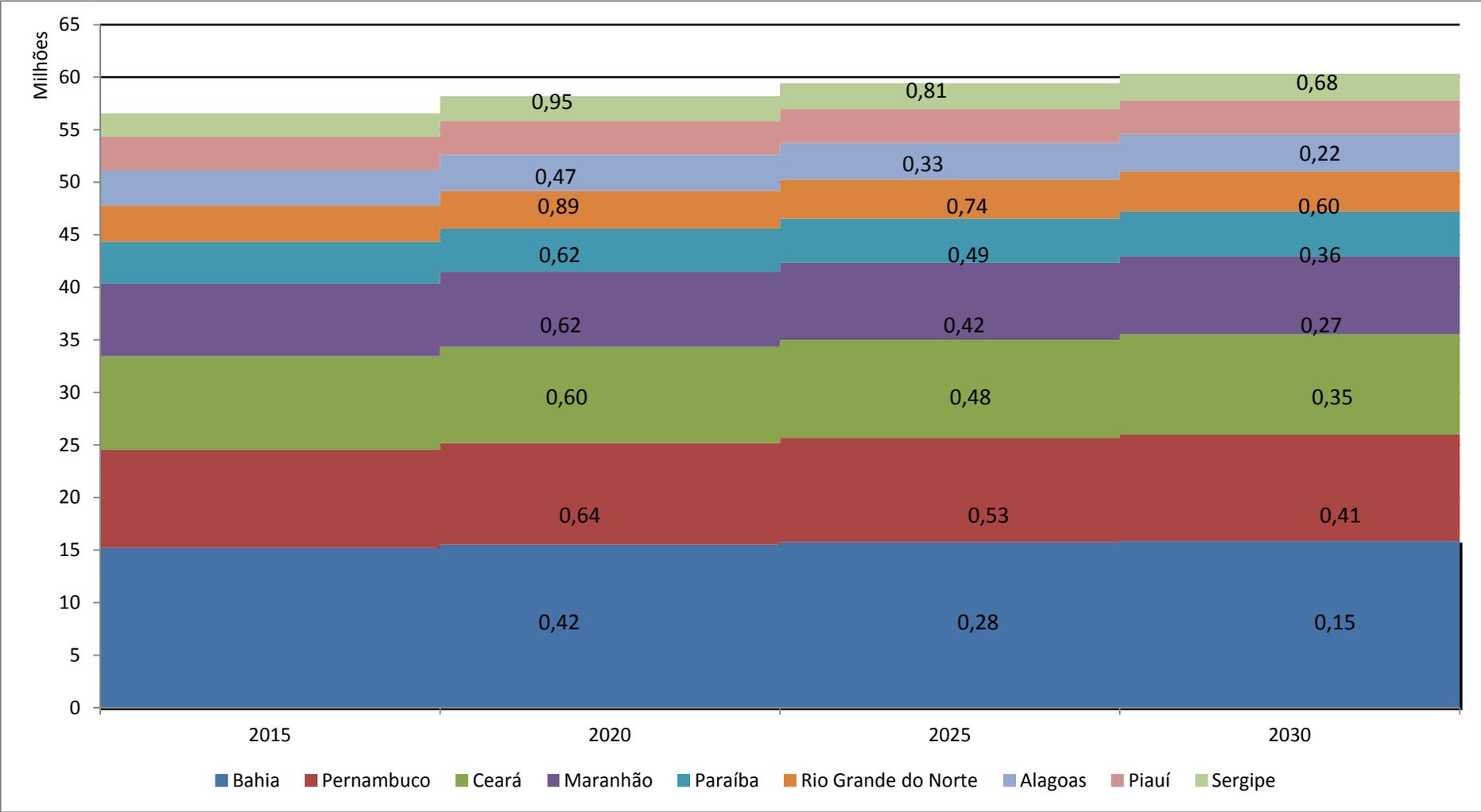
Fonte: IBGE. Projeções, 2013.

Tabela 70 – Bahia – Indicadores selecionados – 2015-2030

Indicadores selecionados	2015	2020	2025	2030
Esperança de vida ao nascer – Total	73,23	74,36	75,32	76,13
Esperança de vida ao nascer – Homem	68,83	69,86	70,79	71,64
Esperança de vida ao nascer – Mulher	77,92	79,11	80,05	80,78
Taxa de Mortalidade Infantil	18,11	14,89	12,88	11,64
Taxa de Fecundidade Total	1,74	1,64	1,58	1,55
Taxa Bruta de Natalidade	14,83	13,38	12,2	11,29
Nascimentos	225.541	207.716	192.129	179.109
Taxa Bruta de Mortalidade	6,56	6,84	7,27	7,88
Óbitos	99.706	106.099	114.485	125.019
População 0-14 anos	3.725.398	3.438.410	3.164.236	2.927.642
População 15 – 64 anos	10.367.919	10.761.857	10.979.540	11.023.416
População 65 anos e mais	1.110.617	1.322.588	1.598.298	1.912.543
População total	15.203.934	15.522.855	15.742.074	15.863.601
Taxa de crescimento geométrico	0,58	0,42	0,28	0,15
Dependência Total	46,6	44,2	43,4	43,9
Dependência Jovem	35,9	31,9	28,8	26,6
Dependência Idosa	10,7	12,3	14,6	17,3
Índice de Envelhecimento	29,8	38,5	50,5	65,3

Fonte: IBGE. Projeções, 2013.

Gráfico 36 – Evolução da população do Nordeste e unidades da federação – 2015/20130 – e taxas médias de crescimento populacional anual (em percentagem) – 2015/2020-2025/2030



Fonte: Tabela 50

Tabela 71 – Nordeste – Projeção da população por sexo e grupos de idade, em 1º de julho – 2015-2030

Grupo Etário	2015		2020		2025		2030	
	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>
Total	27.734.470	28.825.611	28.406.794	29.768.118	28.901.540	30.522.431	29.227.450	31.092.334
0-4	2.316.280	2.212.424	2.132.438	2.034.250	2.132.438	1.895.703	1.863.984	1.776.465
5-9	2.519.612	2.412.764	2.303.212	2.198.918	2.303.212	2.022.824	1.979.195	1.885.954
10-14	2.654.774	2.561.516	2.487.172	2.382.956	2.487.172	2.172.653	2.096.322	1.999.647
15-19	2.532.444	2.479.209	2.537.116	2.480.377	2.537.116	2.309.846	2.180.488	2.107.813
20-24	2.395.181	2.408.802	2.368.940	2.382.985	2.368.940	2.390.229	2.243.703	2.229.352
25-29	2.422.640	2.492.003	2.277.771	2.351.054	2.277.771	2.328.538	2.280.928	2.339.903
30-34	2.493.347	2.556.693	2.344.230	2.460.557	2.344.230	2.323.285	2.194.631	2.303.225
35-39	2.136.490	2.208.975	2.427.052	2.528.368	2.427.052	2.435.481	2.158.246	2.301.625
40-44	1.761.184	1.863.919	2.075.835	2.178.356	2.075.835	2.496.682	2.231.669	2.407.353
45-49	1.556.808	1.676.467	1.702.125	1.830.833	1.702.125	2.143.121	2.297.227	2.459.591
50-54	1.355.245	1.473.499	1.491.916	1.637.683	1.491.916	1.791.963	1.940.397	2.100.966
55-59	1.069.409	1.203.922	1.280.533	1.426.652	1.280.533	1.589.757	1.558.655	1.743.181
60-64	831.909	973.239	989.443	1.147.850	989.443	1.365.433	1.322.278	1.525.921
65-69	638.001	776.265	744.343	907.382	744.343	1.075.960	1.079.358	1.285.257
70-74	439.702	582.707	540.734	698.371	540.734	822.254	768.473	981.020
75-79	305.681	439.572	342.591	494.177	342.591	599.146	507.393	711.411
80-84	169.669	265.283	210.062	339.099	210.062	387.900	303.049	476.870
85-89	90.589	152.136	97.598	176.921	97.598	232.098	143.997	271.120
90+	45.505	86.216	53.683	111.329	53.683	139.558	77.457	185.660

Fonte: IBGE. Projeção, 2013.

Tabela 72 – Maranhão – Projeção da população por sexo e grupos de idade, em 1º de julho – 2015-2030

Grupo Etário	2015		2020		2025		2030	
	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>
Total	3.417.173	3.487.068	3.509.958	3.611.198	3.571.120	3.702.972	3.606.559	3.768.045
0-4	345.704	330.172	309.387	294.960	280.215	266.884	256.030	243.716
5-9	373.495	356.609	340.232	323.595	304.732	289.308	276.248	262.038
10-14	372.256	357.597	364.453	347.069	332.152	315.086	297.674	281.887
15-19	331.087	324.065	348.569	338.762	342.025	329.404	312.031	299.327
20-24	297.633	302.537	301.717	303.878	319.592	319.051	315.031	311.221
25-29	299.266	313.592	277.483	290.768	282.211	292.586	300.456	308.166
30-34	298.824	309.083	285.282	306.510	265.087	284.515	270.412	286.814
35-39	243.055	249.249	288.159	302.889	275.763	300.790	256.856	279.631
40-44	188.327	195.865	234.496	243.325	278.931	296.419	267.591	294.913
45-49	159.532	168.678	180.730	190.140	225.887	236.867	269.586	289.284
50-54	136.811	146.008	151.274	161.936	172.150	183.114	216.046	228.836
55-59	110.805	120.168	127.053	138.450	141.310	154.159	161.695	174.968
60-64	88.106	96.192	100.640	112.115	116.162	129.815	130.000	145.193
65-69	63.936	71.938	76.829	87.600	88.509	102.746	102.965	119.638
70-74	45.096	55.917	52.366	63.078	63.667	77.473	74.142	91.555
75-79	31.134	40.857	34.060	46.009	40.147	52.516	49.465	65.183
80-84	18.254	24.789	20.689	30.839	23.073	35.252	27.708	40.810
85-89	8.671	13.282	10.550	16.825	12.208	21.318	13.889	24.776
90+	5.181	10.470	5.989	12.450	7.299	15.669	8.734	20.089

Fonte: IBGE. Projeção, 2013.

Tabela 73 – Piauí – Projeção da população por sexo e grupos de idade, em 1º de julho – 2015-2030

Grupo Etário	2015		2020		2025		2030	
	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>
Total	1.566.411	1.636.851	1.571.589	1.662.302	1.565.709	1.676.782	1.550.633	1.681.697
0-4	128.458	122.556	115.207	109.809	105.939	100.939	97.829	93.198
5-9	146.060	139.616	127.146	121.141	114.066	108.581	104.932	99.857
10-14	158.186	152.292	143.112	136.558	124.631	118.538	111.869	106.312
15-19	142.019	138.859	147.370	144.026	133.554	129.314	116.446	112.349
20-24	128.155	128.912	127.088	128.186	132.839	133.681	120.853	120.331
25-29	138.740	143.994	117.182	122.162	116.464	121.614	122.515	127.436
30-34	144.003	148.129	131.096	140.471	110.745	119.214	110.253	118.826
35-39	121.127	127.312	138.554	145.033	126.263	137.672	106.739	116.894
40-44	94.475	101.856	116.931	124.569	133.971	142.140	122.235	135.074
45-49	84.556	93.132	90.974	99.735	112.773	122.171	129.409	139.609
50-54	75.464	84.342	80.682	90.931	86.960	97.547	108.001	119.672
55-59	61.286	70.900	70.522	81.439	75.570	87.997	81.675	94.597
60-64	48.323	57.658	55.581	67.119	64.153	77.360	68.967	83.834
65-69	37.074	44.470	42.448	53.216	49.015	62.257	56.796	72.064
70-74	25.938	33.102	30.717	39.323	35.348	47.409	41.048	55.829
75-79	17.375	24.408	19.312	27.143	23.053	32.646	26.747	39.771
80-84	9.034	14.251	11.024	18.118	12.399	20.506	14.993	25.054
85-89	4.346	7.637	4.623	8.871	5.735	11.594	6.563	13.451
90+	1.792	3.425	2.020	4.452	2.231	5.602	2.763	7.539

Fonte: IBGE. Projeção, 2013.

Tabela 74 – Ceará – Projeção da população por sexo e grupos de idade, em 1º de julho – 2015-2030

Grupo Etário	2015		2020		2025		2030	
	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>
Total	4.362.647	4.542.578	4.482.835	4.695.528	4.577.225	4.822.035	4.645.561	4.920.502
0-4	353.347	337.484	330.015	314.873	312.147	297.685	295.497	281.746
5-9	382.684	366.374	351.701	335.926	328.586	313.515	310.882	296.476
10-14	413.730	398.629	378.621	362.943	348.098	332.885	325.331	310.760
15-19	411.965	400.183	399.898	389.346	366.485	354.795	337.309	325.621
20-24	399.665	396.274	392.560	388.960	382.207	379.113	351.029	345.831
25-29	395.337	401.712	384.372	388.269	378.274	381.435	369.247	372.284
30-34	378.373	387.702	384.375	396.552	374.268	383.476	368.940	376.990
35-39	318.768	335.300	368.547	384.140	374.959	393.151	365.650	380.370
40-44	271.028	290.644	309.206	331.269	358.265	379.861	365.136	389.005
45-49	245.798	267.717	261.911	285.406	299.510	325.735	347.780	373.947
50-54	218.162	237.719	236.124	262.091	252.252	279.823	289.155	319.778
55-59	162.582	188.743	207.265	231.294	224.976	255.468	241.021	273.188
60-64	130.155	155.568	151.411	180.633	193.697	221.989	210.932	245.745
65-69	103.335	127.134	117.624	145.446	137.529	169.612	176.639	209.159
70-74	72.144	93.499	89.073	114.830	101.993	132.142	119.979	154.897
75-79	52.903	73.938	57.356	79.695	71.446	98.809	82.435	114.554
80-84	28.766	43.668	37.030	57.128	40.682	62.503	51.302	78.480
85-89	16.336	26.772	16.640	28.916	21.833	38.718	24.433	43.201
90+	7.569	13.518	9.106	17.811	10.018	21.320	12.864	28.470

Fonte: IBGE. Projeção, 2013.

Tabela 75 – Rio Grande do Norte – Projeção da população por sexo e grupos de idade, em 1º de julho – 2015-2030

Grupo Etário	2015		2020		2025		2030	
	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>
Total	1.695.769	1.746.406	1.769.591	1.828.697	1.833.378	1.900.948	1.885.912	1.961.668
0-4	132.417	126.932	125.273	119.894	120.081	114.817	115.100	109.987
5-9	142.809	137.511	133.011	127.723	125.826	120.614	120.598	115.476
10-14	153.511	148.371	143.577	138.119	133.708	128.268	126.455	121.106
15-19	150.348	144.957	152.878	148.402	143.038	138.154	133.239	128.302
20-24	149.538	146.191	148.557	144.448	151.210	147.919	141.588	137.731
25-29	155.544	153.928	148.229	145.944	147.380	144.223	150.133	147.732
30-34	152.757	151.657	154.530	154.107	147.374	146.133	146.631	144.438
35-39	129.287	130.332	151.205	151.698	153.100	154.195	146.141	146.231
40-44	110.193	114.456	127.435	130.091	149.257	151.471	151.312	153.998
45-49	103.028	108.357	108.228	113.800	125.385	129.449	147.033	150.794
50-54	91.029	97.797	99.848	106.977	105.145	112.493	122.070	128.086
55-59	66.366	74.732	86.755	95.600	95.437	104.741	100.772	110.285
60-64	49.322	58.845	62.252	72.383	81.656	92.784	90.099	101.806
65-69	40.915	51.119	44.984	55.997	57.082	69.106	75.142	88.744
70-74	27.763	37.432	35.675	47.229	39.478	51.962	50.393	64.338
75-79	19.887	29.082	22.503	32.929	29.148	41.813	32.496	46.238
80-84	10.932	17.166	14.185	23.247	16.283	26.669	21.321	34.153
85-89	6.600	10.971	6.429	11.767	8.525	16.290	9.978	18.994
90+	3.523	6.570	4.037	8.342	4.265	9.847	5.411	13.229

Fonte: IBGE. Projeção, 2013.

Tabela 76 – Paraíba – Projeção da população por sexo e grupos de idade, em 1º de julho – 2015-2030

Grupo Etário	2015		2020		2025		2030	
	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>
Total	1.925.643	2.046.559	1.980.643	2.117.216	2.023.774	2.174.897	2.055.073	2.219.431
0-4	159.106	151.837	146.502	139.763	136.842	130.532	128.566	122.618
5-9	173.190	165.951	159.901	152.999	147.237	140.805	137.520	131.472
10-14	178.794	173.496	171.983	165.939	158.811	152.988	146.263	140.790
15-19	164.480	163.522	171.492	169.371	165.207	162.118	152.722	149.547
20-24	161.764	164.512	154.698	158.060	162.049	164.131	156.557	157.324
25-29	169.428	175.657	154.911	162.073	148.452	155.797	156.041	161.980
30-34	173.846	179.549	165.334	175.192	151.459	161.721	145.393	155.514
35-39	148.099	158.051	171.041	179.121	162.996	174.868	149.552	161.483
40-44	121.418	133.319	145.346	156.935	168.168	177.999	160.521	173.883
45-49	109.895	123.280	118.319	131.701	141.994	155.249	164.630	176.288
50-54	97.213	108.731	105.982	121.259	114.517	129.786	137.828	153.210
55-59	74.233	87.340	92.393	105.857	101.173	118.332	109.760	126.916
60-64	59.423	73.502	69.331	83.624	86.693	101.720	95.329	114.017
65-69	48.894	62.202	53.598	68.808	62.962	78.715	79.143	96.150
70-74	34.413	47.640	41.897	56.030	46.324	62.479	54.854	71.955
75-79	25.496	37.751	27.348	40.292	33.692	47.999	37.627	54.047
80-84	13.826	21.327	17.841	28.602	19.477	31.164	24.354	37.766
85-89	8.048	12.499	8.107	13.597	10.713	18.868	11.940	21.099
90+	4.077	6.393	4.619	7.993	5.008	9.626	6.473	13.372

Fonte: IBGE. Projeção, 2013.

Tabela 77 – Pernambuco – Projeção da população por sexo e grupos de idade, em 1º de julho – 2015-2030

Grupo Etário	2015		2020		2025		2030	
	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>
Total	4.527.492	4.818.111	4.666.284	4.984.320	4.784.206	5.123.275	4.878.804	5.233.991
0-4	368.187	352.135	342.520	327.104	323.131	308.362	306.693	292.565
5-9	401.294	385.437	368.243	352.517	342.686	327.518	323.354	308.808
10-14	428.306	414.773	399.689	384.384	366.920	351.626	341.570	326.774
15-19	410.058	403.929	416.833	408.460	389.595	378.778	358.095	346.690
20-24	389.019	392.238	391.392	394.777	399.539	399.901	374.432	371.237
25-29	389.872	401.843	374.208	385.761	377.760	388.673	387.027	394.333
30-34	398.081	413.054	379.636	397.797	365.416	382.189	369.790	385.472
35-39	353.826	372.309	389.404	409.275	372.484	394.531	359.352	379.406
40-44	303.334	330.180	345.350	368.378	381.447	405.498	365.788	391.299
45-49	262.314	295.287	293.754	325.371	335.973	363.630	372.301	400.798
50-54	227.892	260.654	252.125	288.993	283.856	319.173	325.916	357.329
55-59	180.179	213.601	216.502	252.633	241.049	280.982	272.646	311.087
60-64	139.000	175.381	167.512	204.058	202.904	242.442	227.229	270.535
65-69	106.908	141.004	124.754	163.559	152.051	191.623	185.615	228.781
70-74	71.742	103.548	90.462	126.450	107.266	148.185	132.281	174.930
75-79	49.654	78.055	55.819	87.287	71.954	108.260	86.654	128.246
80-84	26.976	45.989	34.382	59.658	39.795	68.291	52.382	86.166
85-89	14.337	25.610	15.605	30.292	20.701	40.740	24.676	47.872
90+	6.513	13.084	8.094	17.566	9.679	22.873	13.003	31.663

Fonte: IBGE. Projeção, 2013.

Tabela 78 – Alagoas – Projeção da população por sexo e grupos de idade, em 1º de julho – 2015-2030

Grupo Etário	2015		2020		2025		2030	
	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>
Total	1.625.464	1.715.038	1.653.922	1.765.767	1.671.339	1.804.673	1.680.566	1.833.548
0-4	148.359	141.281	134.510	127.876	123.817	117.635	115.652	109.852
5-9	162.222	154.574	145.982	138.255	132.465	125.241	122.021	115.292
10-14	169.921	164.954	158.291	150.911	142.533	135.052	129.415	122.404
15-19	157.927	158.550	159.113	157.438	148.608	144.241	134.050	129.200
20-24	140.868	146.162	143.202	149.695	145.291	149.197	136.358	136.973
25-29	134.261	144.421	130.690	141.037	133.417	144.710	136.171	144.589
30-34	138.969	146.889	127.970	141.585	124.882	138.375	127.894	142.161
35-39	121.086	129.736	133.436	144.165	123.130	139.094	120.452	136.069
40-44	99.239	109.004	115.977	127.117	128.269	141.516	118.641	136.685
45-49	86.572	96.905	94.639	106.726	111.069	124.708	123.322	139.062
50-54	73.892	82.630	82.378	94.305	90.446	104.113	106.575	121.913
55-59	58.743	67.367	69.442	79.659	77.832	91.243	85.880	101.017
60-64	46.828	54.683	53.743	63.686	63.974	75.701	72.150	87.050
65-69	34.554	41.239	41.393	50.469	47.929	59.208	57.505	70.781
70-74	23.261	30.709	28.782	36.615	34.889	45.289	40.848	53.574
75-79	14.708	21.695	17.636	25.699	22.205	31.101	27.333	38.923
80-84	8.156	13.478	9.850	16.632	12.095	20.138	15.551	24.792
85-89	3.901	6.875	4.536	8.813	5.651	11.252	7.140	13.990
90+	1.997	3.886	2.352	5.084	2.837	6.859	3.608	9.221

Fonte: IBGE. Projeção, 2013.

Tabela 79 – Sergipe – Projeção da população por sexo e grupos de idade, em 1º de julho – 2015-2030

Grupo Etário	2015		2020		2025		2030	
	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>
Total	1.096.501	1.146.436	1.144.644	1.207.563	1.186.865	1.262.699	1.222.855	1.311.338
0-4	90.068	86.420	85.855	82.247	83.135	79.573	80.726	77.225
5-9	97.579	94.645	90.206	87.191	85.996	82.956	83.271	80.230
10-14	107.080	105.563	97.662	95.661	90.285	88.085	86.077	83.763
15-19	103.824	103.664	105.664	106.252	96.428	96.274	89.206	88.626
20-24	98.634	100.496	101.271	103.792	103.251	106.393	94.342	96.419
25-29	98.264	100.988	96.753	100.786	99.479	104.097	101.585	106.729
30-34	98.124	101.249	96.943	101.196	95.572	101.009	98.380	104.356
35-39	85.105	88.765	96.737	101.100	95.712	101.098	94.477	100.939
40-44	71.732	76.752	83.681	88.541	95.271	100.913	94.402	100.967
45-49	63.728	68.416	69.967	76.180	81.806	87.993	93.293	100.376
50-54	52.874	58.441	61.343	67.355	67.557	75.127	79.205	86.905
55-59	40.923	45.489	50.327	56.973	58.587	65.798	64.744	73.525
60-64	31.370	36.399	38.217	43.656	47.182	54.852	55.128	63.512
65-69	23.336	27.630	28.105	34.040	34.448	41.042	42.757	51.779
70-74	15.268	20.514	19.561	24.884	23.769	30.884	29.388	37.476
75-79	9.460	14.596	11.712	17.418	15.191	21.374	18.674	26.773
80-84	5.333	9.120	6.385	11.309	8.048	13.719	10.600	17.067
85-89	2.630	4.901	2.947	5.855	3.620	7.484	4.674	9.299
90+	1.169	2.388	1.308	3.127	1.528	4.028	1.926	5.372

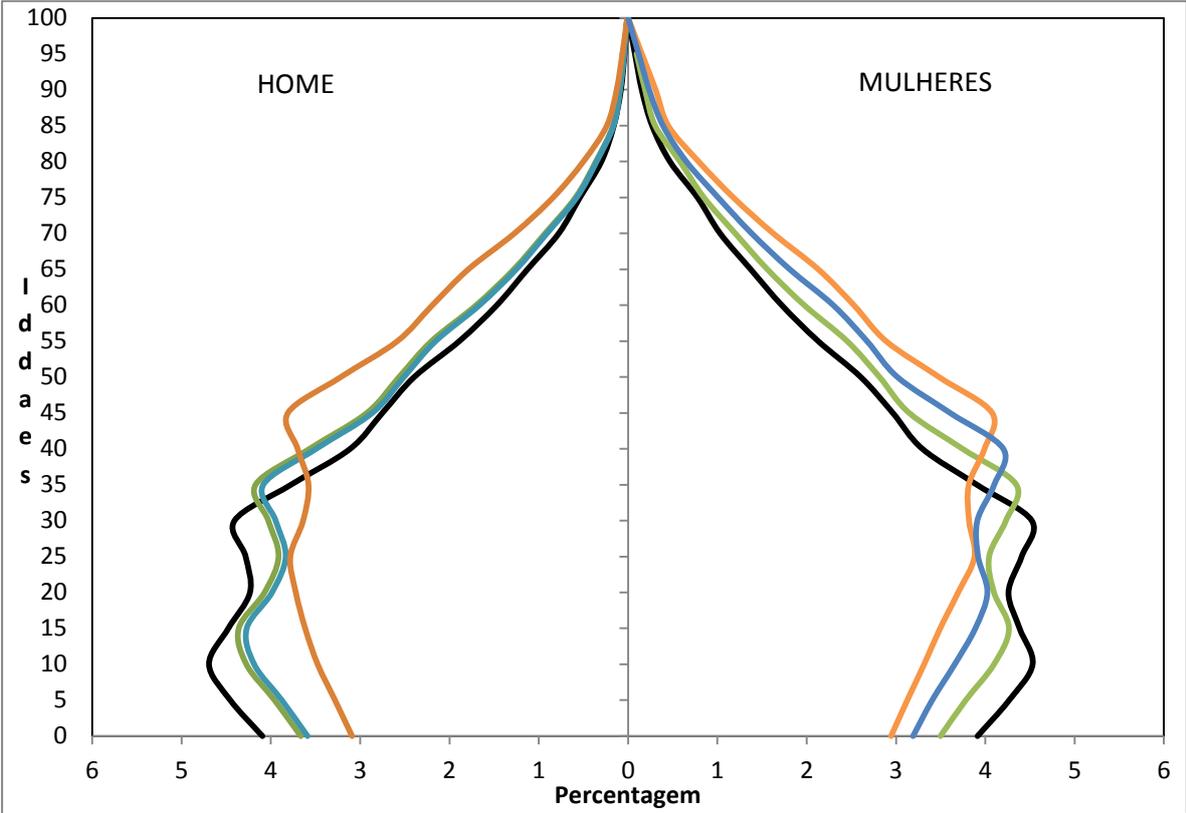
Fonte: IBGE. Projeção, 2013.

Tabela 80 – Bahia – Projeção da população por sexo e grupos de idade, em 1º de julho – 2015-2030

Grupo Etário	2015		2020		2025		2030	
	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>
Total	7.517.370	7.686.564	7.627.328	7.895.527	7.687.924	8.054.150	7.701.487	8.162.114
0-4	590.634	563.607	543.169	517.724	503.137	479.276	467.891	445.558
5-9	640.279	612.047	586.790	559.571	539.917	514.286	500.369	476.305
10-14	672.990	645.841	629.784	601.372	577.495	550.125	531.668	505.851
15-19	660.736	641.480	635.299	618.320	595.996	576.768	547.390	528.151
20-24	629.905	631.480	608.455	611.189	587.720	590.843	553.513	552.285
25-29	641.928	655.868	593.943	614.254	575.291	595.403	557.753	576.654
30-34	710.370	719.381	619.064	647.147	573.717	606.653	556.938	588.654
35-39	616.137	617.921	689.969	710.947	602.129	640.082	559.027	600.602
40-44	501.438	511.843	597.413	608.131	670.497	700.865	586.043	631.529
45-49	441.385	454.695	483.603	501.774	577.653	597.319	649.873	689.433
50-54	381.908	397.177	422.160	443.836	463.859	490.787	555.601	585.237
55-59	314.292	335.582	360.274	384.747	399.567	431.037	440.462	477.598
60-64	239.382	265.011	290.756	320.576	334.584	368.770	372.444	414.229
65-69	179.049	209.529	214.608	248.247	261.946	301.651	302.796	348.161
70-74	124.077	160.346	152.201	189.932	183.641	226.431	225.540	276.466
75-79	85.064	119.190	96.845	137.705	119.914	164.628	145.962	197.676
80-84	48.392	75.495	58.676	93.566	67.670	109.658	84.838	132.582
85-89	25.720	43.589	28.161	51.985	34.724	65.834	40.704	78.438
90+	13.684	26.482	16.158	34.504	18.467	43.734	22.675	56.705

Fonte: IBGE. Projeção, 2013.

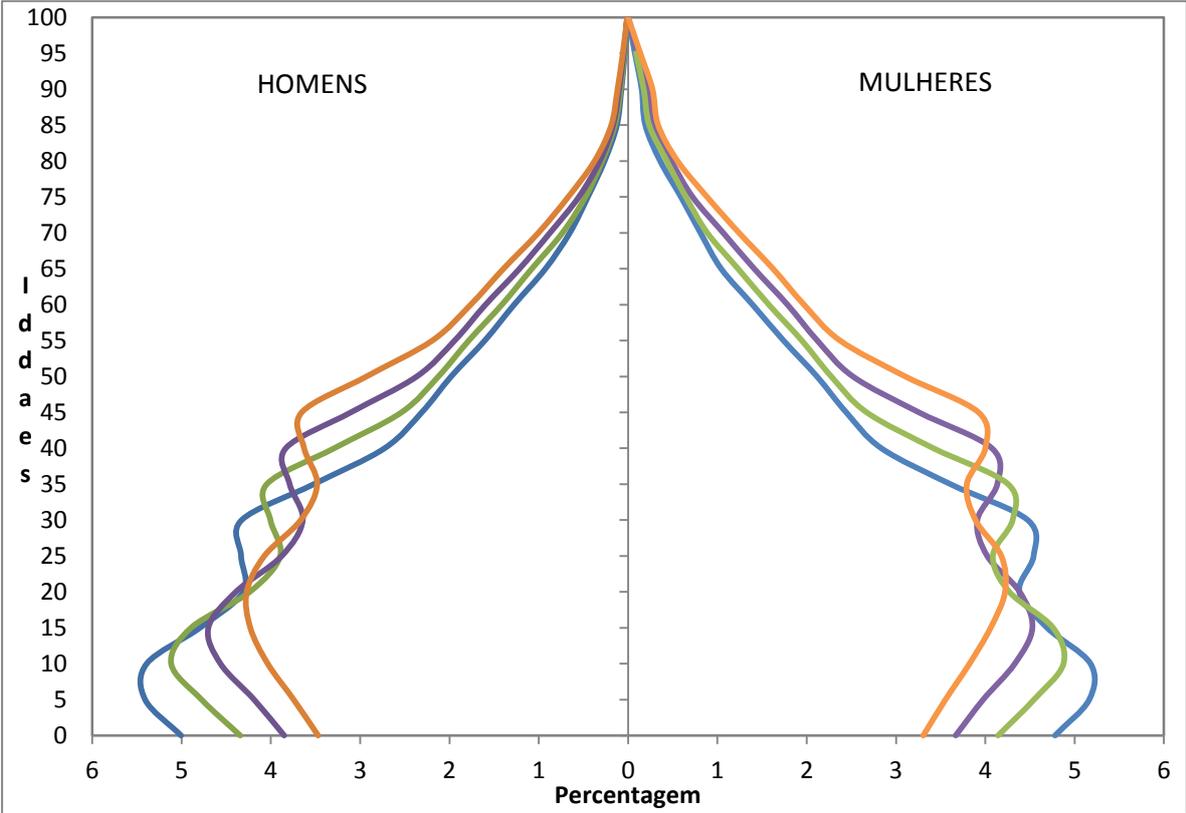
Gráfico 37 –Nordeste – Pirâmide de Idades – 2015-2030



Fonte: Tabela 71

Nota: Datas mais recentes ocupam as posições mais exteriores a partir da base

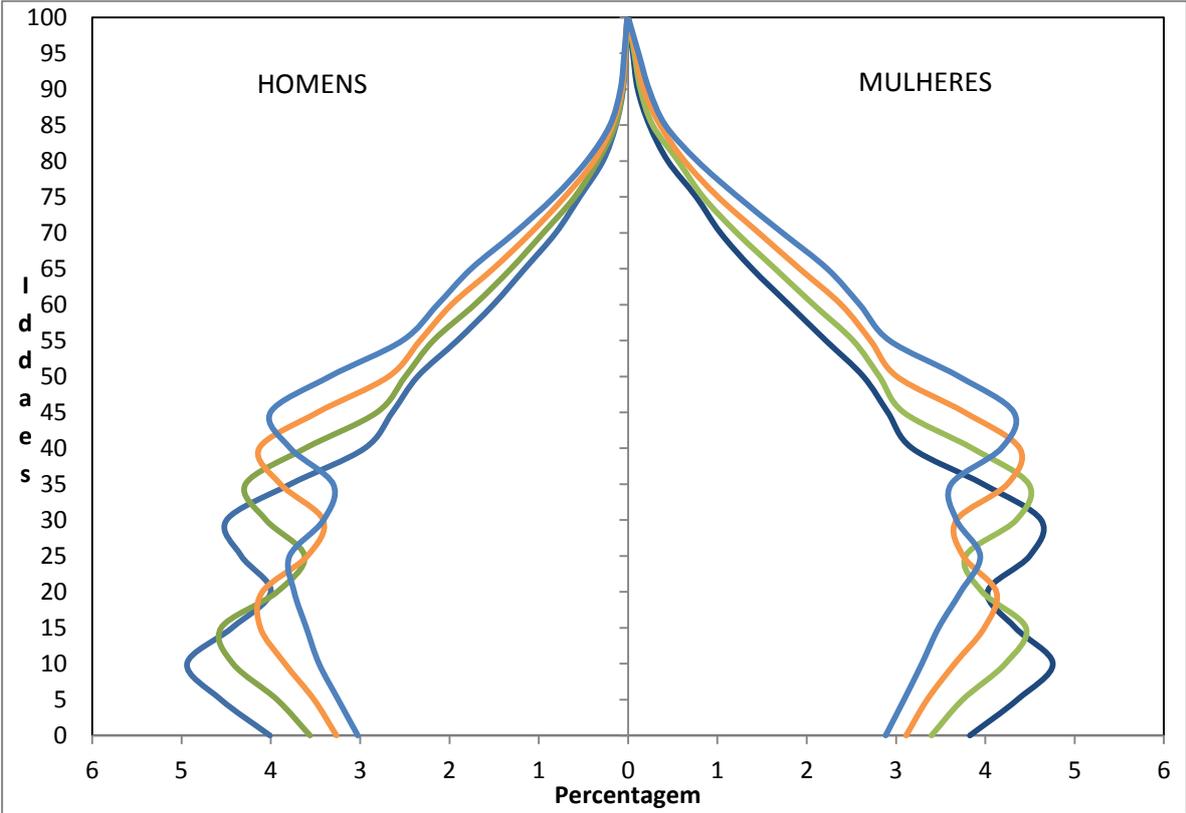
Gráfico 38 –Maranhão – Pirâmide de Idades – 2015-2030



Fonte: Tabela 72

Nota: Datas mais recentes ocupam as posições mais exteriores a partir da base

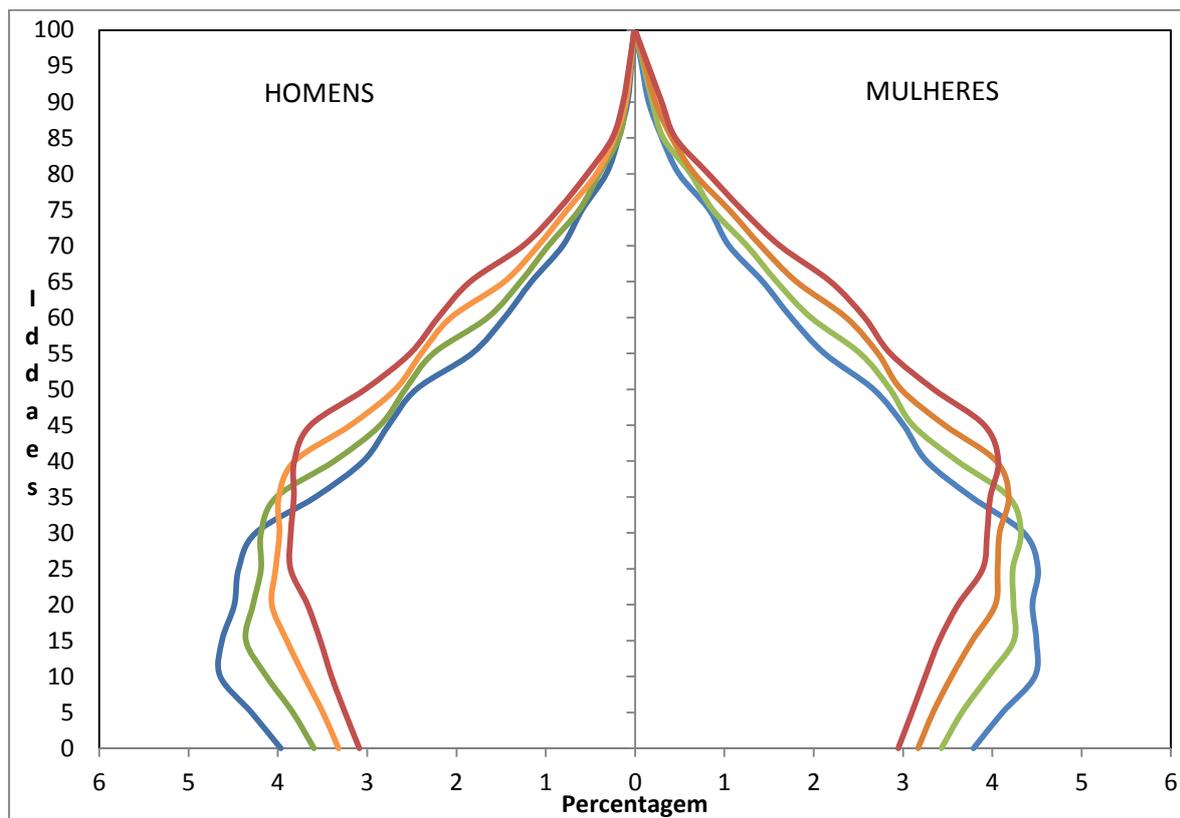
Gráfico 39 – Piauí – Pirâmide de Idades – 2015-2030



Fonte: Tabela

Nota: Datas mais recentes ocupam as posições mais exteriores a partir da base

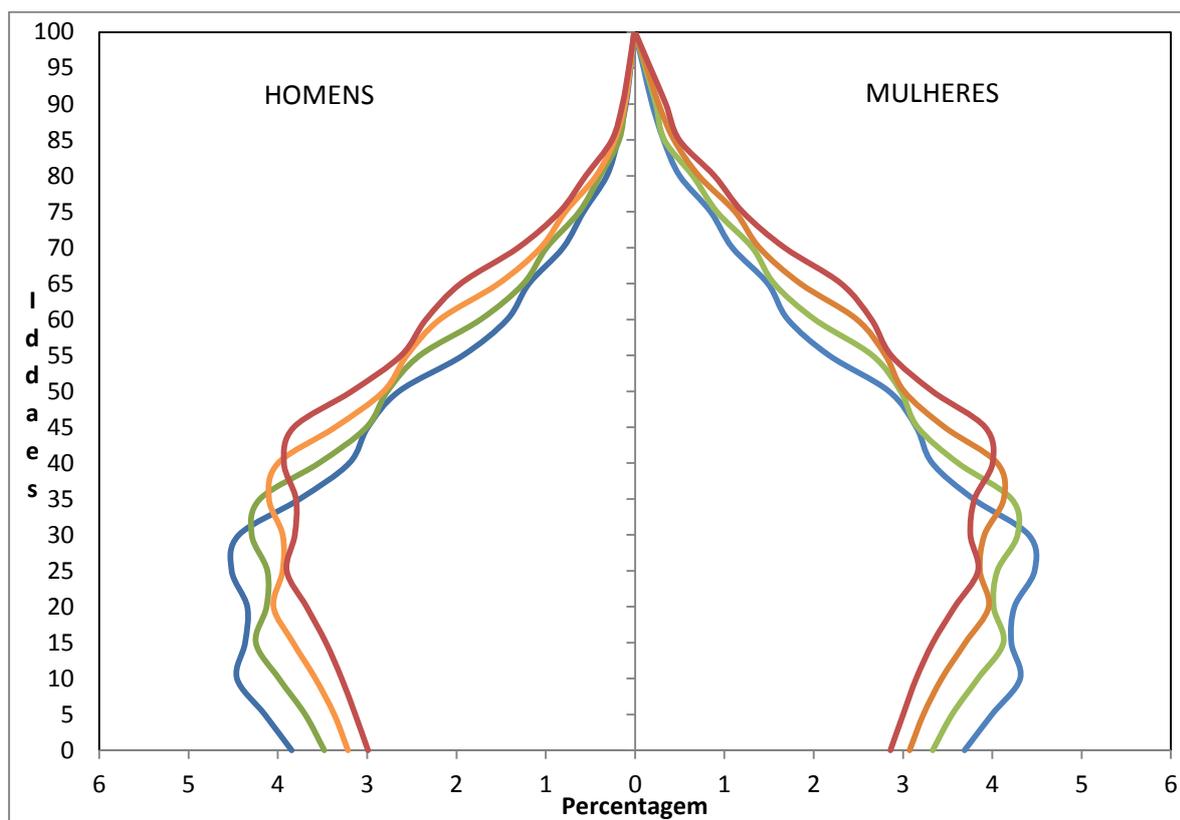
Gráfico 40 – Ceará – Pirâmide de Idades – 2015-2030



Fonte: Tabela 74

Nota: Datas mais recentes ocupam as posições mais exteriores a partir da base

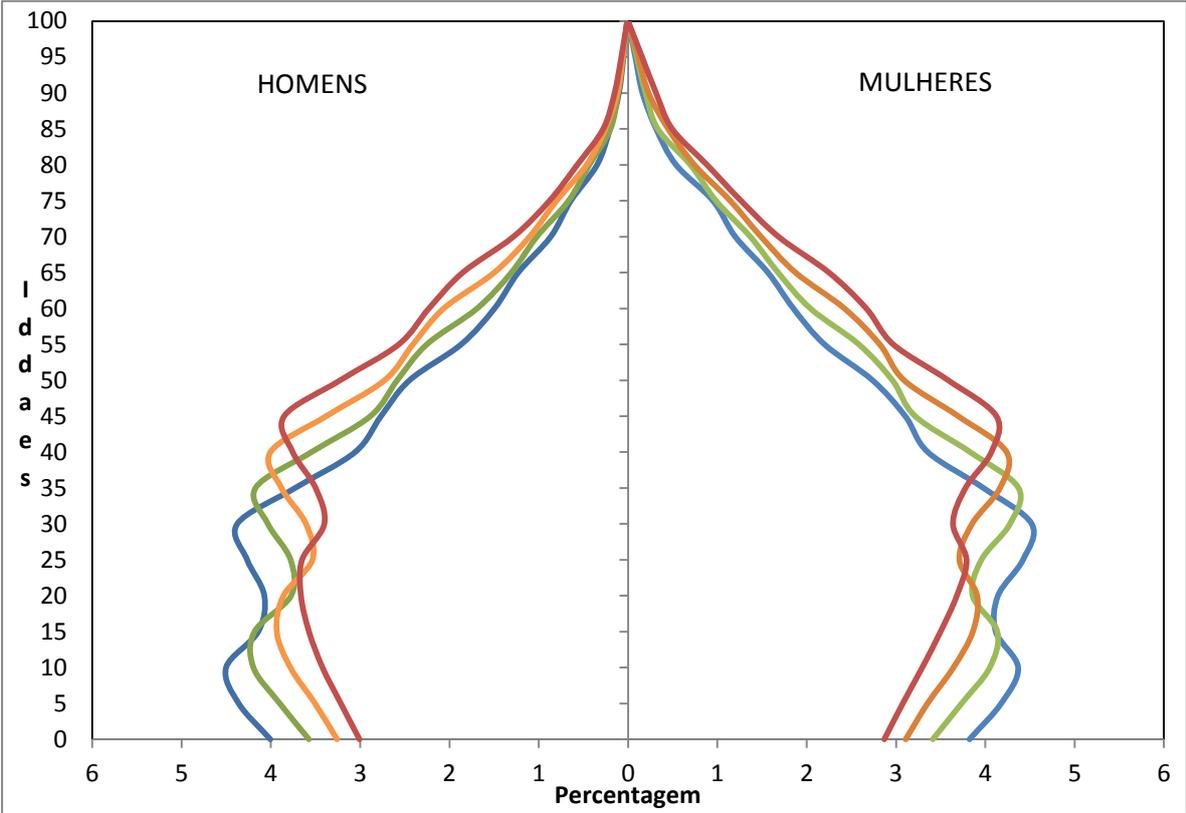
Gráfico 41 – Rio Grande do Norte – Pirâmide de Idades – 2015-2030



Fonte: Tabela 75

Nota: Datas mais recentes ocupam as posições mais exteriores a partir da base

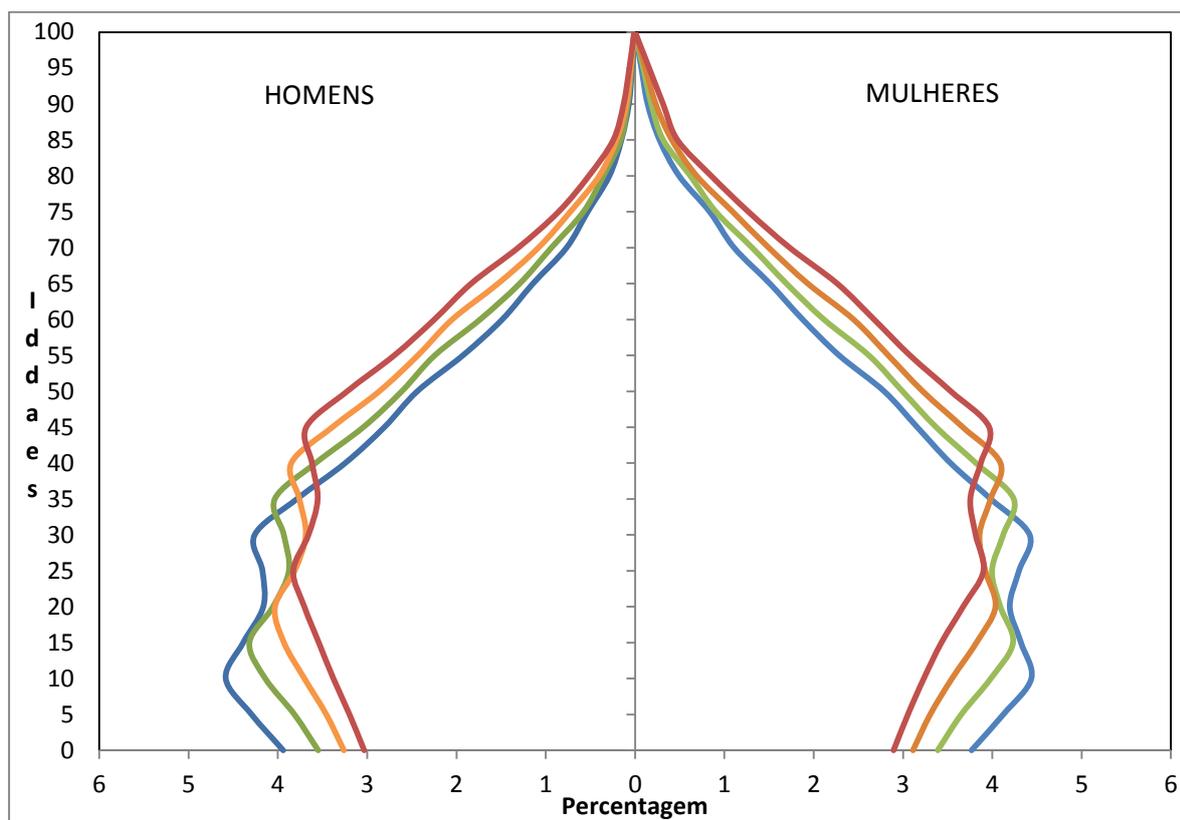
Gráfico 42 – Paraíba – Pirâmide de Idades – 2015-2030



Fonte: Tabela 76

Nota: Datas mais recentes ocupam as posições mais exteriores a partir da base

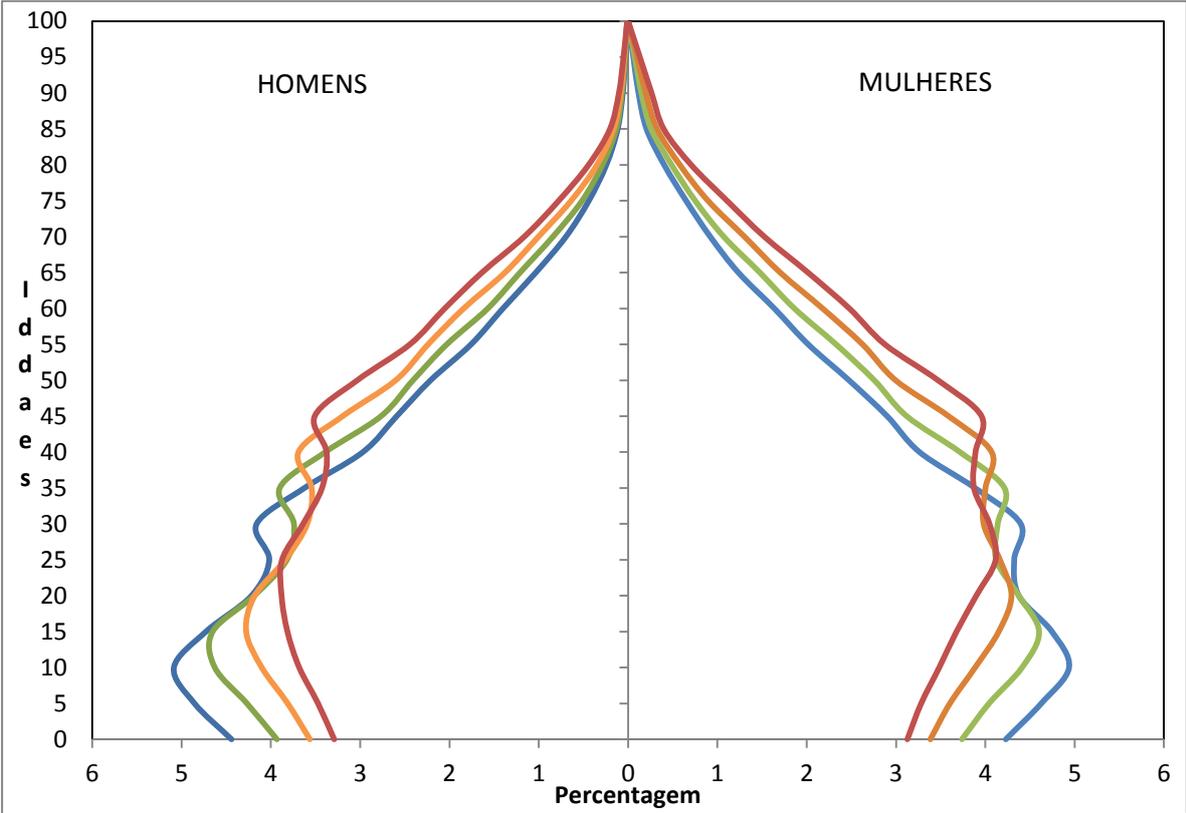
Gráfico 43 – Pernambuco – Pirâmide de Idades – 2015-2030



Fonte: Tabela 77

Nota: Datas mais recentes ocupam as posições mais exteriores a partir da base

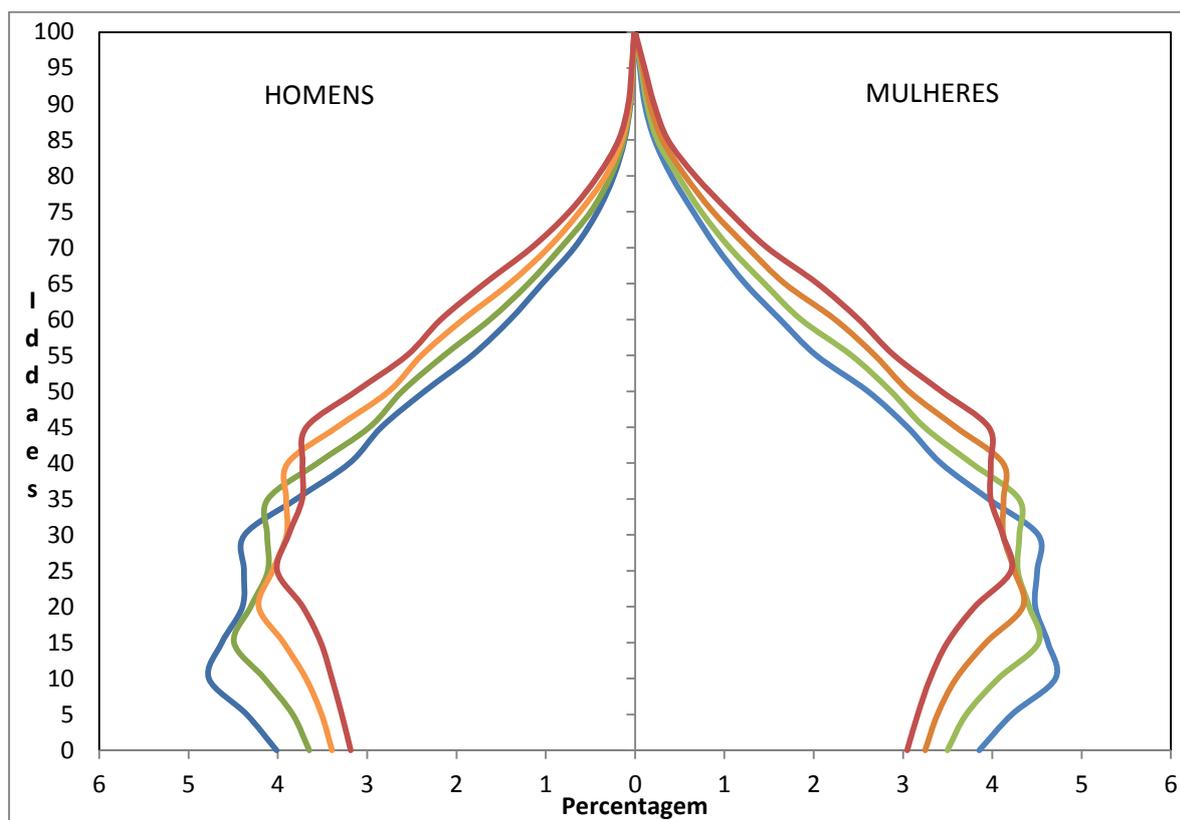
Gráfico 44 – Alagoas – Pirâmide de Idades – 2015-2030



Fonte: Tabela 78

Nota: Datas mais recentes ocupam as posições mais exteriores a partir da base

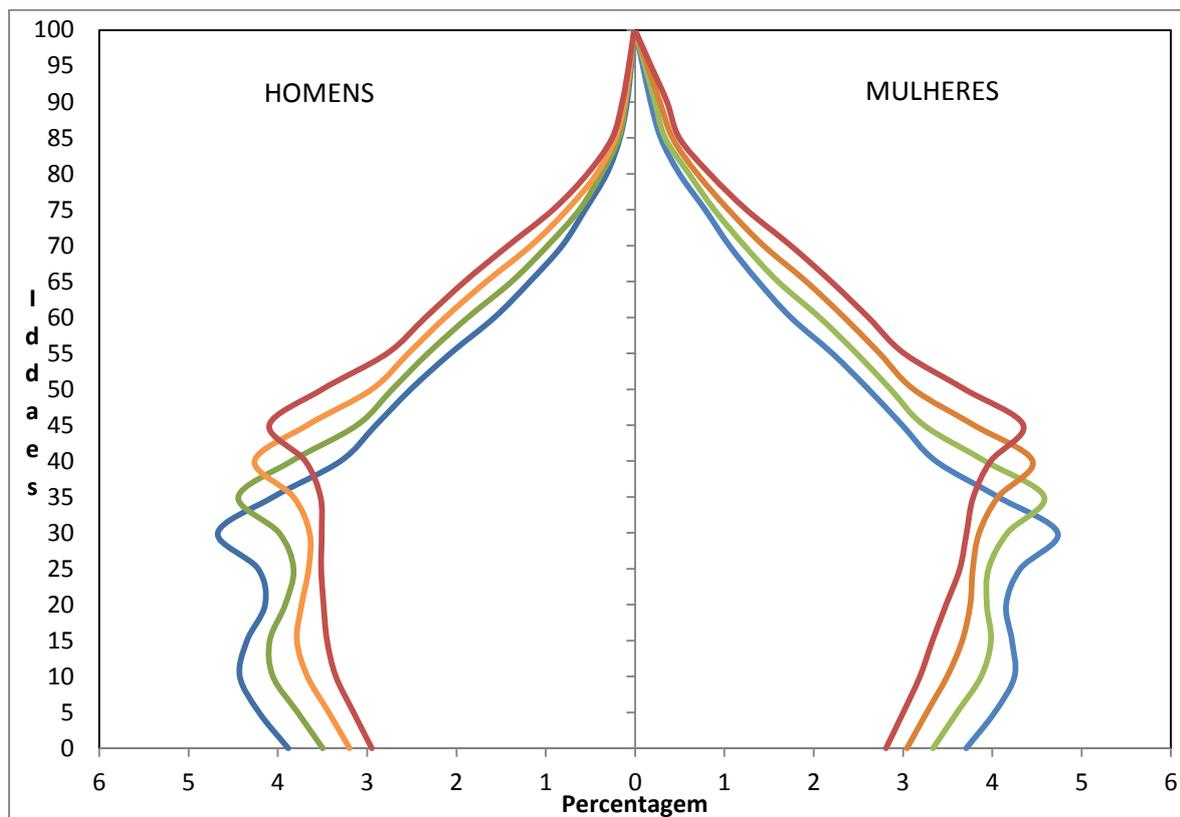
Gráfico 45 – Sergipe – Pirâmide de Idades – 2015-2030



Fonte: Tabela 79

Nota: Datas mais recentes ocupam as posições mais exteriores a partir da base

Gráfico 46 – Bahia – Pirâmide de Idades – 2015-2030



Fonte: Tabela 80

Nota: Datas mais recentes ocupam as posições mais exteriores a partir da base